UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

FRANCINI VENÂNCIO DE OLIVEIRA

Fantasma da tradição

João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana
em formação

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

FRANCINI VENÂNCIO DE OLIVEIRA

Fantasmata da tradição

João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana
em formação

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de doutora em Sociologia, sob orientação da Prof^a.
Dr^a. Maria Arminda do Nascimento Arruda

São Paulo
2012

Para Fábio e Diego,
meus meninos.

[...] Eu sempre sonho que uma coisa gera,

Nunca nada está morto.

O que não parece vivo, aduba.

O que parece estático, espera.

(ADÉLIA PRADO)

*Não há comodidade mais perversa
do que o esquecimento,
porque o apagamento do passado
amesquinha o presente.*

(FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA)

RESUMO

Este trabalho reconstitui e examina a trajetória intelectual de João Cruz Costa, um dos primeiros professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP) após o encerramento da missão francesa no curso de Filosofia da referida instituição. O objetivo principal da tese reside, assim, no exame do itinerário e da produção intelectual *cruzcostianas* de modo a apurar as redes de sociabilidade do referido autor e, ainda, refletir acerca do processo de formação e sedimentação da linguagem filosófica uspiana.

Voltada para as condições sociais e institucionais que enquadraram a trajetória de João Cruz Costa por quase trinta anos (1937 – 1965) na antiga Faculdade de Filosofia, a presente tese encontra-se dividida em duas partes: a primeira está articulada de maneira a pôr em diálogo a biografia de Cruz Costa e o cenário político-cultural do período, dadas as relações existentes entre o *grupo uspiano* ao qual pertencia o autor e a *tradição modernista* de São Paulo. Já a segunda, sedimenta-se nas relações de João Cruz Costa cultivadas com intelectuais latino-americanos que fizeram parte de uma rede intelectual formada em torno de Leopoldo Zea. Considerando-se as formas pelas quais a mesma se fez conhecida e ganhou adeptos em território ibero-americano, procurei estabelecer relações de todo esse movimento com o Brasil através da atuação exclusiva de Cruz Costa, atentando para o impacto e as consequências de tal aproximação em seu círculo de sociabilidade intramuros na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: João Cruz Costa, Universidade de São Paulo, Filosofia, processo de institucionalização, filosofias latino-americanistas.

ABSTRACT

The present work aims to trace back and examine the trajectory of João Cruz Costa, who was a Philosophy Professor at the beginnings of the FFLCH-USP, right after the end of the French mission that was responsible for establishing the Faculty of Philosophy at the Universidade de São Paulo. His writings and also his itinerary is examined in order to constrain his social network and to discuss the origin and consolidation of an USPian philosophical language.

This thesis focuses the social and institutional framework of João Cruz Costa along three decades (1937-1965) at the Universidade de São Paulo. The work is divided in two parts: the first one relates the biography of João Cruz Costa to the political and cultural scenario of his time, considering the role of the USpian group of intellectuals and the modernist tradition of São Paulo; the second part describes the relation of João Cruz Costa with a Latin-American network of intellectuals lead by Leopoldo Zea, which was particularly widespread in Ibero-American countries. João Cruz Costa was the only Brazilian philosopher connected to this network, and the present work analyzes the consequences of this connection inside the Faculty of Philosophy at the Universidade de São Paulo.

Key-words: João Cruz Costa, Universidade de São Paulo, Philosophy, institutionalization process, Latin-American philosophies

Retrato de João Cruz Costa, possivelmente pintado quando se tornou catedrático de Filosofia na Universidade de São Paulo, em 1954.

SUMÁRIO

Resumo	06
Abstract	07
Agradecimentos	11
Lista de siglas	15
Pra começo de conversa	16
I. A CULTURA FILOSÓFICA PAULISTA	
Ser diletante, ser paulista, ser brasileiro	37
Disputas em torno da filosofia legítima	72
<i>“Filósofos” versus “Filosofantes”</i>	92
II. SOBRE A FILOSOFIA NA AMÉRICA	
Filosofia para pensar a nação?	111
Contraponto portenho	125
<i>O “Husserl” de Martinez?</i>	134
III. DESDOBRAMENTOS FINAIS	
A chegada dos “jovens turcos”	144
IV. FONTES CONSULTADAS	
V. BIBLIOGRAFIA	
VI. ANEXOS	
Correspondência de João Cruz Costa com Eurípedes Simões de Paula (1944)	175

Correspondência ativa	176
Correspondência passiva	210

AGRADECIMENTOS

A presente tese foi pensada e gestada durante pouco mais de quatro anos, período no qual pude contar, sem dúvida, com a colaboração preciosa e inestimável de muita gente. A começar pelas professoras com as quais, ainda na UNICAMP, estabeleci diálogos e pude discutir os primeiros *insights* da pesquisa presentes em meu projeto de doutorado. Agradeço, assim, à Elide Rugai Bastos pela leitura cuidadosa que fez do mesmo, bem como pelas observações extremamente pertinentes feitas posteriormente na ocasião de meu exame de qualificação. Também agradeço à Heloisa Pontes pelas críticas valiosas dirigidas a um trabalho ainda muito incipiente que lhe entreguei em meados de 2007 - escrito, como ela bem sabe, em circunstâncias muito particulares.

Além de ter contado com a ajuda preciosa de ambas, também sou grata aos pesquisadores e colegas do Projeto Temático financiado pela FAPESP, “Formação do Campo Intelectual e Cultural no Brasil Contemporâneo”, com quem convivi durante praticamente todo o período de meu doutoramento. Devo agradecer a Sergio Miceli em particular devido à presença constante no acompanhamento deste trabalho, bem como pelos comentários honestos e desafiantes no meu exame de qualificação. Não poderia deixar de mencionar, ainda, o apoio que recebi de Luiz Carlos Jackson quando fui para a Argentina a fim de dar continuidade às minhas pesquisas – apoio este sem o qual eu não teria chegado à orientação precisa e gratificante de Alejandro Blanco durante o período em que permaneci em Buenos Aires. Alejandro foi, aliás, mais do que co-orientador, tamanha sua gentileza, bem como generosidade em ter colocado à minha disposição sua biblioteca particular, fator imprescindível para viabilizar toda sorte de pesquisa durante minha temporada na cidade.

Não encontro as palavras devidas para agradecer ao gesto caloroso e cordial de Antonio Candido por ter me recebido em sua casa para uma conversa informal sobre seu “grande amigo” Cruz Costa e, portanto, por ter me colocado a par de situações com ele vividas que jamais seriam encontradas em livros e/ou documentos existentes sobre o autor.

Também seria imperdoável não reconhecer a generosidade com que José Arthur Giannotti, Ruy Fausto e Oswaldo Porchat aceitaram dar depoimentos acerca da trajetória e do legado de Cruz Costa. A tese não seria a mesma sem o testemunho

honesto e sensível que todos eles me concederam. Sou grata, ainda, a Moacyr Novaes por ter intermediado o contato com Ruy e Porchat.

À Maria Arminda do Nascimento Arruda, devo mais do que simples agradecimentos. Além de ter me acolhido com a firmeza de suas observações sempre contundentes e necessárias, devo expressar ainda minha gratidão por toda sua dedicação e cumplicidade. Mais do que minha orientadora, nos últimos anos creio que estabelecemos um vínculo sincero de amizade, a partir do qual pude compartilhar momentos muitas vezes de angústia, mas também de alegrias em relação a este trabalho, entre outras coisas. Não tivesse ela me apoiado e confiado em meu potencial, cercandom-me de incentivos de variada ordem, talvez eu estivesse, agora, trilhando outros caminhos e quiçá a possibilidade de dar o encaminhamento desejado às pesquisas sequer existisse.

À Lidianne Soares Rodrigues, sou grata por ter me disponibilizado uma série de documentos imprescindíveis para a tese, tornando-se uma grande e estimada amiga. Desde 2009 vimos nos contagiando mutuamente, apaixonadas que sempre estivemos pelos nossos objetos de estudo que “se cruzavam” o tempo todo nas descobertas de uma e outra; juntas, trocamos materiais de pesquisa, bem como dividimos leituras e discutimos com entusiasmo nossas teses ainda em gestação. Além da recente e frutífera amizade, devo também lhe agradecer pelo cuidado e interesse dispensados na leitura de parte da tese.

Também sou grata a Wilson Mesquita por ter me colocado em contato com os trabalhos pioneiros de Daniela Maria Ferreira acerca do processo de autonomização da filosofia brasileira; assim como sou grata a Denilson Cordeiro, que me permitiu ter acesso à sua tese de doutorado sobre Jean Maugué quando ela sequer estava pronta.

A Rafael Benthien, querido amigo, agradeço ao apoio generoso e de última hora que foi capaz de me oferecer ao transcrever com urgência os comentários de Étienne Borne e Jean Maugué nos trabalhos de graduação de João Cruz Costa. Conhecedor exímio que é da língua francesa e pesquisador extremamente minucioso, ele bem sabe que eu não teria logrado “decifrar” sozinha, sem sua preciosa ajuda, o conteúdo presente em tais manuscritos.

Encontrei suporte institucional valioso ao travar contato com inúmeros funcionários da universidade - com muitos dos quais acabei estreitando laços, dada minha frequência em alguns lugares. Sou, assim, extremamente grata aos funcionários

do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH/USP), em especial à Beth e à Cida, pelo acesso a documentos valiosos presentes no arquivo de Eurípedes Simões de Paula, mas, sobretudo, pela amabilidade e presteza com que sempre me receberam. Também agradeço à Marie Marcia Pedroso por sua gentileza em me disponibilizar, quase às pressas, as imagens da antiga Faculdade de Filosofia, assim como ao SDI por ter me permitido a reprodução das mesmas. À Marisa Correia, diretora da biblioteca central da FFLCH/USP, sou grata por ter me permitido acesso ao arquivo de João Cruz Costa recém-chegado à universidade, ainda indisponível para consulta. Marli e Eliana, responsáveis pelo setor de obras raras da biblioteca, também foram de grande ajuda ao localizarem as pastas com centenas de correspondências do autor aqui estudado.

Seria imperdoável não mencionar meus amigos e familiares pelo amparo de sempre, afinal, foi com eles que pude dividir toda a ansiedade da pesquisa, as alegrias e os dissabores da escrita, bem como alguns “descaminhos” que marcaram estes anos dedicados quase que exclusivamente à vida acadêmica. Percurso às vezes bastante penoso e solitário, desconheço palavras que possam traduzir realmente a minha gratidão ao carinho e à cumplicidade de Hivy Damásio Araújo Mello, Jefferson Agostini Mello, Alexandro Henrique Paixão, Anderson Ricardo Trevisan, Ricardo Souza de Carvalho, Tamara Grigorowitschs, Flávia Camargo Toni, Gabriela Doll Ghelere, Márcia Cunha, Tatiana Vasconcelos dos Santos, dentre muitos outros que deixariam esta lista certamente interminável. A todos, enfim, meus mais sinceros agradecimentos, sobretudo pela compreensão de minha ausência em momentos valiosos nos quais não pude estar presente devido aos compromissos profissionais.

Gostaria de agradecer, ainda, à Cristina Garcia Prusas e à Cecilia Lotufo pelo acolhimento cheio de carinho que foram capazes de dar ao Diego junto aos seus nos últimos meses. Para finalizar a tese, o gesto de ambas foi dos mais preciosos ao me socorrer em algumas situações difíceis. Minha querida amiga Hivy Mello, embora ausente no período de finalização deste trabalho, também merece todo o meu carinho especial, sempre tão presente e tão cúmplice das maravilhas, mas também das dificuldades que envolvem a conjunção estudos e maternidade.

Aos meus pais, não sei bem ao certo como expressar o tamanho de minha estima e gratidão, já que as palavras são incapazes de traduzir a extensão exata de todo meu amor, admiração e afeto. Agradeço-lhes sobremaneira pelo apoio constante, bem como

pela generosidade com que souberam respeitar minhas escolhas, prova indubitável do mais nobre dos sentimentos que nos une.

Finalmente, ao Fábio e ao Diego devo muito mais do que meros agradecimentos. O termo, aliás, soa-me insuficiente para expressar o amor dedicado, leal e sincero que deles recebo dia-a-dia. Sem o apoio de ambos, e mais, sem a maturidade precoce do meu “filhote” – que soube respeitar, à medida do possível, as horas roubadas junto à mãe – eu não teria tido condições de me envolver tanto com este trabalho e sequer o teria finalizado. É sobretudo a eles que dedico estas páginas.

* Em tempo: agradeço ao CNPQ e à CAPES pelas bolsas concedidas durante todo o período em que realizei meu doutoramento (2008-2012).

LISTA DE SIGLAS

ANPOF: Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPH/USP: Centro de Apoio à Pesquisa em História da Universidade de São Paulo

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

F.C.E.: *Fondo de Cultura Económica*

FD/USP: Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

FEB: Força Expedicionária Brasileira

FFCL/USP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

FFLCH/USP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

IBF: Instituto Brasileiro de Filosofia

IEB/USP: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

IPGH: Instituto Pan-americano de Geografia e História

IPM: Inquérito Policial Militar

ISEB: Instituto Superior de Estudos Brasileiros

UBA: Universidad de Buenos Aires

PRA COMEÇO DE CONVERSA

Meus pés no chão

Como custaram a reconhecer o chão!

Por fim os dedos dessedentaram-se no lodo macio, agarraram-se ao chão...

Ah, que vontade de criar raízes!

(Mário Quintana)

Como talvez me fosse impossível ocultar, razões biográficas estão na origem deste conjunto de ensaios que ora apresento como tese de doutoramento, uma vez que dialogam com dimensões de minha própria trajetória acadêmica desde, pelo menos, meados da graduação. Portanto, não me parece de todo irrelevante começar explicitando-as ao leitor – ainda que ligeiramente e, assim, evitar possíveis mal-entendidos.

Em 1998, ao ingressar no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo, fui convidada para trabalhar no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) depois de aí ter realizado um estágio voluntário junto à equipe de Mário de Andrade. À época, tinha então 18 anos e, graças aos incentivos da musicóloga Flávia Camargo Toni, cheguei a desenvolver dois projetos de iniciação científica sob sua orientação. Ambos eram financiados pela FAPESP e voltados para o exame de crônicas do famoso modernista publicadas em jornais e revistas do país durante os decênios de 1930 e 1940, mas que versavam sobre a programação musical e artística brasileira – sobretudo a de concertos e óperas.

Tendo estudado piano dos dez aos dezessete anos em conservatórios do interior, decerto eu agia movida pelo apreço que sempre nutri pelas artes, assim como pelo desejo de não permanecer longe de meus estudos musicais após minha chegada em São Paulo. Contudo, tal experiência acabou me colocando em contato com outras áreas de

conhecimento e provocando interesses diversos do que poderia imaginar. Paralelamente à leitura que fazia de textos clássicos de filosofia durante meu bacharelado, eu também tomava nota de uma bibliografia que, até então, me era totalmente desconhecida: ao envolver-me com as pesquisas desenvolvidas no IEB, me aproximei de autores dedicados ao estudo das vanguardas e do modernismo no Brasil, sobretudo do ponto de vista de uma história das ideias comumente praticada e valorizada no referido Instituto. Trocando em miúdos, tal experiência fez com que eu procurasse, ainda na graduação, cursos e disciplinas que me levariam para ares distantes dos da Filosofia.

O afastamento, assim como a decisão de migrar para a Sociologia a fim de realizar meu mestrado, ocorreu quando cursei com tamanho interesse uma disciplina oferecida no Departamento de Ciências Sociais, intitulada “Formação do Pensamento Brasileiro” e oferecida, na época, pela minha atual orientadora, Maria Arminda do Nascimento Arruda. No período em que escrevi minha dissertação, tentei ao máximo dar continuidade a meus estudos sobre o modernismo e às minhas pesquisas sobre Mário de Andrade. Entretanto, o caminho percorrido durante os dois primeiros anos de minha pós-graduação foi em muitos momentos arduo, devido, justamente, à interdisciplinaridade do assunto no qual eu estava mergulhada, bem como aos meus diversos interesses que permaneciam desfocados – fato que, à época, obviamente culminou em uma certa ingenuidade de minha parte, somada ao tamanho de minhas pretensões. Talvez, por isso, um tom meio “esquizofrênico” tenha marcado a dissertação final, já que a estrutura da mesma permanecera demasiadamente indefinida para os “sociólogos de plantão”, mas também para os profissionais das demais áreas com as quais eu tentava avidamente dialogar, é preciso reconhecer.¹

Ao terminar o mestrado, comecei, enfim, a ministrar aulas de filosofia para o Ensino Fundamental e Médio. Com tal experiência, voltei a estudar e a me interessar enormemente pelos assuntos considerados filosóficos. Porém, sentindo-me amiúde

¹ Minha dissertação de mestrado, defendida em março de 2005, recebeu o seguinte título: “*Sejamos todos musicais: modernismo, música e política na crônica musical de Mário de Andrade (1938 – 1940)*” e, em linhas gerais, versa sobre o pensamento estético-musical de Mário de Andrade, mas não só. Tendo em vista o itinerário intelectual do autor e dessa produção em particular, procurei examinar as possíveis conexões entre a crítica empreendida por Mário no fim de sua vida e a política cultural vigente no Estado Novo, já que ao noticiar os acontecimentos musicais e artísticos da época as crônicas se tornaram uma importante fonte de documentação da vida artística brasileira em meados do XX, além de abarcar consigo o amadurecimento político por qual passara o escritor.

completamente despreparada, passei a questionar a formação que havia recebido de tal modo que achei prudente investigá-la, na tentativa de compreender e encontrar critérios para julgar os incômodos que a mesma havia me suscitado. Nesse ínterim, justamente no momento em que resolvera estudar as raízes sócio-históricas de minha formação (mas ainda ministrando aulas e, portanto, afastada do ambiente acadêmico), deparei-me com o livro de João Cruz Costa sobre a história das ideias filosóficas no Brasil², bem como com seus esforços no sentido de estruturar o curso de filosofia da FFCL/USP durante as primeiras décadas de sua existência.

Ora, ao tomar ciência de tal produção, chamou-me atenção a peculiaridade da mesma, se compreendida à luz das demais produções filosóficas uspianas: além de uma nítida influência sofrida pela ideias de modernistas como Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, o autor parecia destoar da visão de filosofia que me fora passada e que, de certa maneira, até hoje é defendida pela casa. Intrigada, fiquei com a sensação de que Cruz Costa dialogava não com seus pares na universidade, mas sim com os intelectuais que tentavam, justamente, dar conta de pensar e compreender o Brasil. Nesse sentido, minhas novas preocupações (que em princípio imaginei me levariam “de volta” à filosofia) acabaram por reacender antigos interesses e me fizeram reconhecer que eu estava, no fundo, interessada em formular questões de matiz agora diverso, voltadas à compreensão, bem como à reconstituição da trajetória de um dos primeiros “filósofos” que a Universidade de São Paulo havia “produzido” após o encerramento da missão francesa.

Em síntese, passei a me interessar bem mais pelas condições objetivas nas quais a prática da filosofia aqui se dava, isto é, com os limites e com as possibilidades de se fazer e/ou de se trabalhar com filosofia no Brasil. Tornou-se, pois, inevitável meu envolvimento com as ciências sociais, em especial com a sociologia – disciplina esta que tem se mostrado, sem sombra de dúvida, terreno fértil para a compreensão de fenômenos sociais plurais e controversos – como penso ser o caso das manifestações intelectuais brasileiras.

² *Contribuição à história das ideias no Brasil: o desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional*. RJ: José Olympio, 1956.

A título de exemplo, talvez caiba reconhecer como, nos últimos anos, alguns pesquisadores têm trabalhado o tema, chamando a atenção o modo original com que determinados fenômenos vêm sendo por eles enquadrados. Para ser mais clara, refiro-me a um conjunto de trabalhos que hoje se encontra relativamente disseminado e alicerçado na constituição e nos condicionantes sociais que sustentam a ação de nossas elites culturais, ou seja, às inúmeras iniciativas de um grupo de pesquisadores movidos pelo interesse em reconstituir, compreender e matizar a chamada “intelectualidade brasileira” a partir de reflexões urdidas amiúde no campo da sociologia da cultura e da história social. Arriscaria dizer que, tendo atingido certo destaque há pouco mais de uma década, tal linha de investigação expandiu-se de maneira considerável entre nós, produzindo debates que também vêm se proliferando numa escala que não deixa de chamar a atenção. É notável, por exemplo, a quantidade de livros recentemente publicados recuperando as trajetórias de figuras como Gilberto Freyre, Roger Bastide, Raymundo Faoro, Florestan Fernandes, dentre outros trabalhos que, enfim, comprovam a consolidação, bem como a maturidade com que os estudos acerca de nossa tradição intelectual alcançaram no país desde o decênio de 1990. Tal fato só fez aumentar o número de pesquisas envolvendo, também, a área do Pensamento Social Brasileiro - conforme ressaltam, aliás, Elide Rugai Bastos e André Botelho em artigo recente.³

Inserindo-se, em parte, nesta referida linhagem, a presente tese também se volta para a compreensão da vida e da produção de um autor que construiu uma trajetória bastante singular no cenário paulista, muito embora não tenha obtido o destaque e o reconhecimento intelectual dos demais, é preciso reconhecer. Não obstante, trata-se de uma figura central e de grande valia para se compreender a formação, bem como a *consolidação* de uma cultura que, entre nós, não deixa de aventar contornos muito particulares, qual seja: a cultura filosófica uspiana. Além de ter sido um dos primeiros alunos da então “nascente” Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, João Cruz Costa fora aí também um dos primeiros professores e, destarte, sua trajetória esteve muito atrelada às primeiras décadas de

³ Cf. “Horizontes das Ciências Sociais: Pensamento Social Brasileiro”. In: *Horizontes das ciências sociais no Brasil: sociologia*. Coord. Heloisa de Souza Martins. SP: ANPOCS, 2010. pp.475-496.

existência dessa instituição, confundindo-se com ela em muitos momentos, conforme atestam as palavras do antigo aluno e amigo Antonio Candido:

[...] o rapaz meio diletante, que se orientava na cultura segundo o capricho das veleidades, começava a viver uma coisa nova no Brasil, para ele e para tantos mais: a *carreira* no setor das Humanidades. Muito amigo de Jean Maugüé, professor vindo com a Missão Francesa, nascido com ele em 1904, começou em 1939 a ensinar ao seu lado, ao mesmo tempo que Lívio Teixeira. Dali por diante o seu destino se fundiu ao da instituição, à qual prestou os maiores serviços, contribuindo de maneira decisiva para desenvolver o ensino da filosofia em bases mais amplas e profundas, [...] graças ao sistema de relações culturais que estabeleceu com a França.⁴

Assim, na ocasião em que elaborei meu projeto de pesquisa, escrevi ser minha intenção principal reconstruir a trajetória intelectual desse “filósofo” e historiador das ideias tendo em vista analisar um processo que, inspirada sobretudo pela sociologia de Pierre Bourdieu, denominei *institucionalização* da linguagem filosófica uspiana - com o intuito, ainda, de compreender o projeto e o lugar do referido autor nesse ambiente entre os anos quarenta e sessenta. Tendo em mente tais objetivos, procurei convencer a Banca Examinadora de que desenvolver uma pesquisa voltada em certa medida para o campo da filosofia no Brasil implicava, já de início, considerar uma importante questão⁵; a qual exigia que eu me detivesse de modo mais minucioso para a experiência intelectual brasileira como um todo, marcada em muitos aspectos por uma suposta “falta” de horizontes que poderia ser sentida, por exemplo, nas seguintes observações de Bento Prado Jr.:

aqui também se faz marxismo, fenomenologia, existencialismo, positivismo, etc, mas quase sempre o que se faz é *divulgação*. Essas obras e esses trabalhos não se organizam no tempo próprio de uma tradição, nem se

⁴ Segundo ainda o que escreve Candido, Cruz Costa seria “um caso típico da sucessão harmoniosa de etapas na história da cultura superior brasileira”, pois “tendo iniciado a formação filosófica na fase do autodidatismo, completou-a, quando estava amadurecendo, pela aquisição do saber disciplinado”. (CANDIDO, A. “Lucidez de Cruz Costa”. In: *Recortes*. 3ªed. RJ: Ouro sobre azul, 2004. p.185)

Voltarei a esse ponto de maneira mais detalhada ao longo da tese, a fim de discutir a visão que o crítico literário constrói do amigo, mas também da própria FFCL/USP.

⁵ A pergunta era: *afinal, o que vem a ser o chamado “exercício filosófico” brasileiro?*

articulam no interior de um sistema próprio: é de fora, sempre, que lhe vem a sua coesão.⁶

As afirmações de Bento poderiam ter sido proferidas por uma série de outros autores que, muito antes do filósofo, coloriram o chamado pensamento brasileiro⁷. Não importa. O que cabe salientar é que, com base em tais observações, eu desejei provar que nessa suposta “falta” de horizonte intelectual residiria, certamente, um modo possível de tratar e descrever a situação da filosofia no Brasil, mostrando “como [nossos] pensadores assumem essa carência da cultura nacional e como interrogam, através dela, a possibilidade de sua própria filosofia”⁸. Era, pois, nesse sentido que João Cruz Costa apresentava-se como um intelectual extremamente interessante, uma vez que se tratava de alguém que levaria a sério a indagação acerca da “natureza” do exercício filosófico brasileiro e, através dele, tentaria explorar nossos chamados *problemas de formação*. Como já disse, em relação às demais “produções” filosóficas uspianas, chamava-me a atenção a particularidade da produção *cruzcostiana*, nitidamente influenciada pelas ideias de Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Sergio Buarque, Caio Prado Jr., entre outros. De modo que Cruz Costa parecia destoar da visão de filosofia ali disseminada ao pregar a necessidade de criação de uma “filosofia

⁶ PRADO JR., B. “O problema da filosofia no Brasil”. In: *Alguns ensaios*. SP: Ciência da Abelha, 1985. p.176

⁷ Note-se, por exemplo, as seguintes observações de Octavio Ianni: “A despeito da multiplicidade de aspectos da realidade histórico-social abordados e da diversidade das orientações teóricas evidentes nos escritos [do pensamento brasileiro], é possível observar a recorrência de alguns temas. São temas que se reiteram em diferentes autores, às vezes nos mesmos termos, mas com frequência enriquecidos com novos dados e elucidações. [...] Um exame crítico da maioria das interpretações revela que elas se aglutinam em certas orientações, linhagens ou ‘famílias’. Seriam vertentes predominantes, revelando tanto os desafios que se abrem no curso da história do país como filiações dos autores, alinhando-se segundo estilos de pensamento já constituídos ou em constituição”. (Cf. IANNI, Octavio. *Tendências do pensamento brasileiro*. *Tempo Social*. SP: USP, nov. 2000, pp.56-7)

⁸ PRADO Jr., Bento. *Op.cit.* p.176

Dante Moreira Leite chegou, aliás, a mapear esta “interrogação” de modo curioso, dividindo os intelectuais ligados à atividade filosófica no Brasil em dois grandes grupos, a saber: o primeiro, para o qual ‘a importação de ideias europeias seria apenas uma grosseira e inútil imitação, desnecessária para a vida brasileira’, e o segundo, para o qual o discurso filosófico ‘independe de condições históricas particulares e se refere a problemas universais do homem’. (Cf. LEITE, Dante M. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 4ª. ed. SP: Pioneira, 1983. p.338)

brasileira” que, argumentava ele, deveria se diferenciar da matriz europeia e servir aos propósitos do nosso jovem país, como é possível reconhecer, por exemplo, na seguinte passagem de um ensaio intitulado *A filosofia e a evolução histórica nacional*:

O espírito prático que decorre das condições do nosso meio, jovem e americano, e talvez ainda os traços que herdamos da experiência portuguesa, tem-nos afastado sempre das *soluções metafísicas* que certas correntes filosóficas modernas apresentam. Esse mesmo espírito, humano, prático, positivo está a nos indicar uma tarefa precisa e que é também altamente moral: [...] é mister que a reflexão cesse de ser um luxo, uma “fantasia sem proveito”, para ser um poderoso instrumento de criação de valores novos e matérias da Nação.⁹

João Cruz Costa almejava, assim, conceber uma filosofia “cujo nervo consistia [...] na sondagem da regularidade da idiossincrasia nacional”¹⁰, isto é, um *historicismo*¹¹ em prol de uma “filosofia da história da filosofia brasileira”¹². Tal ideia, aliás, encontra-se esboçada já no primeiro parágrafo do prefácio de sua mais conhecida obra e na qual o autor faz questão de salientar seu maior esforço enquanto professor da FFCL/USP: chamar a atenção de seus estudantes às coisas do Brasil. Buscava, sobretudo, direcionar-lhes o olhar “para as vicissitudes pelas quais passaram, em nossa terra, as correntes filosóficas estrangeiras e para a curiosa significação que elas têm apresentado no evoluir da nossa história”.¹³ Desde que assumira tal cargo no final da década de 30, era esta, enfim, uma das suas grandes preocupações.

Desejando defender melhor tal ponto de vista, ele então argumentara que uma experiência intelectual em país feito o nosso não poderia privar-se de um contato com a própria história e com os “problemas reais da vida” para, em seguida, perguntar-se:

⁹ COSTA, João Cruz. *A filosofia no Brasil*. POA: Livraria do Globo, 1945. pp.69-70

¹⁰ ARANTES, Paulo. *Um departamento francês de ultramar*. RJ: Paz e Terra, 1994. p.107

¹¹ Vale esclarecer que uso aqui termo cunhado por Bento Prado Jr. (*Op.cit.*) ao analisar a produção intelectual *cruzcostiana* e que será retomado logo mais no decorrer da tese, de modo a contextualizar sua utilização em meio aos embates e às disputas que tomaram conta da filosofia uspiana a partir de um determinado período.

¹² ARANTES, P. *Op.cit.* p.107

¹³ CRUZ COSTA, J. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. *Op.cit.*

que valor poderá ter uma cultura que não visa à compreensão do que nós somos, que se afasta das condições da terra e que não atenda às curiosas linhas do nosso destino? Sem renegar as culturas estranhas que expressam uma experiência histórica mais rica do que a nossa, - que é preciosa herança recebida – nelas devemos ir beber uma lição que nos permita, antes de mais nada, a compreensão daquilo que somos. *Seríamos mais do que ineficazes, seríamos ridículos, se depois da lição que essas culturas nos proporcionam, ainda nos mantivéssemos desatentos aos fascinantes problemas que de mais perto nos tocam.*¹⁴

As afirmações feitas pelo autor nesse pequeno excerto já poderiam, obviamente, suscitar debate e levantar questionamentos. Mas penso ser interessante observar, ainda, o fôlego com o qual o intelectual completara seu raciocínio:

[...] que somos nós, povos das Américas? Somos, em grande parte, descendentes de gente humilde que sofria na Europa. Vimos, quase todos, da aventura que a levou a procurar, no Novo Mundo, uma vida nova. Derivamos da Renascença, de uma consciência nova da Humanidade. *A nossa origem, as condições da nossa formação, a nossa experiência histórica nos afastam do acantilado das metafísicas e nos impelem para a meditação de realidades concretas e vivas, convidando-nos a refletir sobre as interessantes e contraditórias aventuras do nosso devir.*¹⁵

Ainda não entrarei nos detalhes de uma discussão que, sobretudo nos círculos intelectuais de São Paulo, a polêmica tese de Cruz Costa gerou, pois no momento interessa muito mais reconhecer que, à medida que eu examinava mais detidamente o conjunto da produção *cruzcostiana*, mais me envolvia com uma tradição intelectual que, sabemos, não nos é sem importância. Embora presente entre nós desde meados do século XIX, foi a partir da década de 30 do XX que essa tradição de “intérpretes do Brasil” trouxera-nos novos desafios ao discutir a cultura em nova chave.¹⁶ Nas palavras de Antonio Candido, o decênio de 1930 logo seria tomado como “um eixo em torno do

¹⁴ IDEM. *Ibidem*.

¹⁵ IDEM. *Ibidem*. Grifos meus.

¹⁶ Cf. ARRUDA, Maria Arminda do N. “Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação”. *Tempo Social*. vol.16, nº 1. SP, jun.2004. pp. 107-118

qual girou de certo modo a cultura brasileira, catalisando elementos dispersos para dispô-los numa configuração nova”.¹⁷ Maria Arminda do Nascimento Arruda também ressaltaria a particularidade com que a geração de 1930 teria enquadrado nossa problemática cultural ao mostrar como os chamados *intérpretes do Brasil*, “além de terem formulado e enquadrado as questões pertinentes ao tratamento da formação, enfrentaram, malgrado a diversidade que os caracteriza, o tema da construção da nossa modernidade nos termos da nova linguagem”¹⁸.

Em outras palavras, “vinha-se afirmando forte tendência para o ensaio, já nítida nos principais modernistas”¹⁹ e no qual ganhariam relevo autores hoje consagrados como Gilberto Freyre, Sergio Buarque, entre outros que se dedicaram ao estudo do Brasil e publicaram suas obras “sob influxo do movimento modernista”, como também observara o crítico português Abel Barros Baptista.²⁰

Logo, ciente da importância desta herança intelectual, bem como de toda a discussão que a acompanha e que se encontra urdida principalmente nas teias do já mencionado pensamento social brasileiro, eu tinha em mãos, certamente, uma possibilidade de desenvolvimento do projeto muito interessante, capaz de me levar a uma perspectiva de análise ancorada numa reflexão voltada em larga medida à compreensão de nossa formação intelectual e de nossas idiossincrasias. Um caminho, em suma, de exigências analíticas diversas daquelas que, de início, pensava iriam balizar minhas investigações. Porém, não era minha intenção abrir mão da análise do mencionado *processo de institucionalização* ou, se se preferir, do *processo de autonomização* que eu julgava ter sofrido a linguagem filosófica uspiana. Como, então, conciliar um caminho e outro? Seria possível construir uma análise que abarcasse, ao mesmo tempo, ambas as perspectivas? No fundo, perguntava-me sobre qual tratamento dar ao material reunido e sobre que contexto, afinal, *construir*.

¹⁷ CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3ª. ed. SP: Ática, 2000. pp.181-2.

¹⁸ ARRUDA, Maria Arminda. *Op.cit.* p.107

¹⁹ BAPTISTA, Abel B. “O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido”. In: *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas/SP: Edunicamp, 2005. p.45

²⁰ IDEM. *Ibidem*.

Nesse sentido, talvez seja de alguma valia esclarecer que, a partir de um período muito específico, o chamado *corpus* de meu trabalho crescera consideravelmente: no momento em que eu coletava as cartas de Cruz Costa enviadas ao historiador Eurípedes Simões de Paula, disponíveis no CAPH/USP, soube por meio dos funcionários deste centro de documentação que o acervo particular de João Cruz Costa havia sido doado à Universidade de São Paulo por uma de suas filhas. Na ocasião, iniciava meu segundo ano de doutoramento e, em meio aos trâmites burocráticos que pareciam infundáveis, somente depois de um ano (março de 2010, para ser mais exata) pude ter acesso ao arquivo e à biblioteca do filósofo, numa situação obviamente excepcional. Isto pelo fato de todo o material ali presente estar em condições precárias para a realização de pesquisas e consultas: os livros de sua antiga biblioteca (que, diga-se de passagem, somam quase 9 mil) não estavam sequer catalogados numa sequência que facilitasse, ainda que minimamente, a visualização das obras possuídas pelo antigo professor. Tampouco as inúmeras pastas contendo reportagens e correspondências de todo tipo estavam organizadas. Por isso, somente me foi possível consultá-las de acordo com o ano e, ainda assim, na ordem em que me chegavam, completamente aleatórias, devido à abertura dos caixotes onde estavam e foram doadas.

Não obstante tais dificuldades, tive acesso a documentos extremamente importantes, assim como pude consultar livros que considerei dos mais relevantes em sua biblioteca. O arquivo recém-chegado à FFLCH/USP pareceu-me valioso não somente do ponto de vista da recuperação da história dessa faculdade em especial, como também no que diz respeito à história da Universidade de São Paulo em geral, haja vista a quantidade de documentos que descortinam as alianças e amizades mantidas por João Cruz Costa, assim como as estratégias políticas por ele mobilizadas e que seriam apanágio do jogo de forças existente na universidade no período de 1944 a 1964.

A documentação ali existente certamente colocou novos e inesperados desafios à tese, bem como lhe impôs limites, dada a impossibilidade de cotejar todo o material coletado para análise a curto prazo, vale ressaltar. Em uma das pastas consultadas, por exemplo,²¹ embora eu tenha descoberto e coletado inúmeras correspondências de Cruz Costa trocadas com franceses das missões universitárias, tais como Fernand Braudel,

²¹ Trata-se da pasta contendo missivas que datam desde 1927 e se estendem até o ano de 1945.

Roger Bastide, Jean Maugüé, Émile Coornaert e ainda George Dumas, pareceu-me prudente privilegiar a análise de cartas enviadas por intelectuais latino-americanos, como Leopoldo Zea, Arturo Ardao e Francisco Romero, além de toda a correspondência mantida com o amigo e historiador Eurípedes Simões de Paula no ano de 1944. Tal procedimento se deu devido ao tempo que possuía para realizar meu doutoramento e por achar sensato analisar cartas que apresentassem um conteúdo similar àquele com o qual já vinha trabalhando. Contudo, não podia ignorar os trabalhos de graduação de Cruz Costa aí encontrados, com anotações e comentários preciosos dos professores *en mission* de quem o mesmo havia sido aluno.

Ora, carregando comigo estas e outras dificuldades, com o passar do tempo acabei construindo uma articulação que, a princípio, pareceu-me possível e repleta de sugestões, ou seja, recuperando conjuntamente dimensões da biografia de Cruz Costa, bem como do cenário político e cultural paulista no período estudado, na tentativa de construir relações primeiramente entre o *grupo uspiano em formação* ao qual pertencia o autor e a *tradição modernista* de São Paulo.²²

Também procurei reconstruir, à medida do possível, as redes de relações da atividade intelectual praticada por Cruz Costa em meio aos diálogos estabelecidos com os demais colegas. Mas não só: voltei-me, ainda, para as dimensões mais significativas de sua obra, bem como para algumas revelações e desabafos feitos por carta ao historiador e amigo Eurípedes Simões de Paula, a fim de melhor compreender as mudanças, assim como acompanhar as tensões que marcaram a Faculdade de Filosofia ao longo de suas primeiras décadas. Em resumo, num primeiro momento procurei refletir sobre as seguintes questões: que espécie de diálogo a filosofia uspiana travou, em seus primórdios, com a cultura modernista? Que relação, enfim, foi estabelecida entre *filosofia* e *ensaísmo*? E que mudanças poderiam ser sentidas nesse ambiente através da trajetória *cruzcostiana*?

²² É certo que muito já se publicou acerca das “raízes modernistas” da referida universidade, sendo a bibliografia a respeito muito rica e extensa. Como se sabe, são pioneiros os trabalhos de Sergio Miceli (1989), Fernando Limongi (1989), Heloisa Pontes (1999), Fernanda Peixoto (2000), dentre outros, acerca do assunto; por isso, serão retomados e devidamente contextualizados ao longo das próximas páginas.

Em síntese, no primeiro ensaio busquei refletir sobre a importância, bem como sobre as ambiguidades da cultura modernista intramuros na Faculdade de Filosofia. Melhor dizendo, ele se prende a uma tentativa de análise sobre a importância da cultura modernista *para a e na* Universidade de São Paulo nas suas primeiras décadas de existência, desde seu projeto de criação formulado pela elite local, às tentativas iniciais de produção acadêmica. Principalmente no que se refere ao *campo da filosofia no período de sua gênese e formação* – um campo, enfim, até o momento pouquíssimo explorado por sociólogos, historiadores e demais pesquisadores que, de modo geral, têm se voltado para o exame da vida intelectual brasileira.²³

Assim, guiada por uma perspectiva analítica que recupera o debate sobre os rumos e possibilidades do modernismo no Brasil, o texto se volta, inicialmente, para o momento em que se dá a criação da referida universidade e de inúmeras outras iniciativas que mudam o cenário da capital paulista. Daí o meu esforço em reconstruir

²³ É preciso esclarecer, contudo, que alguns trabalhos envolvendo a filosofia uspiana, bem como a formação de “filósofos” no Brasil foram recentemente defendidos. São eles: CORDEIRO, Denilson. *A formação do discernimento: Jean Maugué e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Tese de doutorado em Filosofia. SP: FFLCH/USP, 2008; GONÇALVES, Tânia. *João Cruz Costa educador: contribuições ao debate sobre a filosofia como formação cultural*. Dissertação de mestrado. SP: FE/USP, 2004; PÁDUA, Elisabeth Matallo M. de. *Ideologia e filosofia no Brasil: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a Revista Brasileira de Filosofia*. Tese de doutorado em Educação. SP: FE/USP, 1998; e, finalmente, FERREIRA, Daniela M. *Conversão e reconversão: a circulação internacional dos filósofos de origem católica*. Tese de doutorado em Sociologia. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 2007.

Embora me tenham sido valiosos do ponto de vista das informações coletadas, do ponto de vista analítico, as referidas teses pouco tinham a ver com o tipo de análise defendida neste trabalho. Se se considerar, por exemplo, a dissertação de Tânia Gonçalves, vale esclarecer que o objetivo da autora foi o de investigar as possibilidades, bem como as dificuldades da filosofia no Brasil enquanto disciplina de “formação cultural” no currículo de educadores, mapeando assim possíveis contribuições de João Cruz Costa a esse debate, não obstante sua preocupação em recuperar dimensões da biografia e da produção intelectual *cruzcostianas*. A tese de Elisabeth Marchesini de Pádua sobre o IBF segue diretrizes semelhantes, uma vez que sua análise se concentra no processo de construção do IBF e no desenvolvimento específico de suas atividades.

Já os trabalhos de Denilson Cordeiro e Daniela Ferreira caminham em sentido diverso e, sem dúvida, apresentam questões que se aproximam das minhas. Cordeiro apresenta um estudo interessante e bastante pioneiro acerca da trajetória, bem como da presença de Jean Maugué na FFCL/USP recém-fundada; já Ferreira realiza um trabalho inovador ao mapear a circulação internacional de filósofos brasileiros de origem católica, visando analisar as marcas de tal formação no estrangeiro, bem como as *reconversões* feitas quando começaram a atuar no Brasil, por volta dos anos 1960 e 1970 e, assim, transformarem-se em agentes importantes para a constituição e consolidação da profissionalização filosófica no país.

parte dessa ambiência, isto é, da São Paulo que aos poucos é transformada para atender às demandas de uma determinada fração da elite, alijada da cena política brasileira desde a ascensão de Vargas, bem como do acompanhamento das mudanças que vão colorindo, nos anos recentes de formação, a Faculdade que não por acaso tornar-se-ia um dos mais densos, efervescentes e complexos ambientes universitários do país.

Durante os primeiros anos de funcionamento da assim denominada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), as mudanças seriam sentidas desde as passagens por muitos casarões doados, à época, para sediá-la – conferindo-lhe um tom quase que permanente de “improvisação” ao que se poderia chamar de sua *conformação espacial* - bem como atingiriam as esferas institucionais e administrativas que, como hoje se sabe, acarretariam outras tantas alterações no seio desse microcosmo social e culminariam no surgimento de outro tipo de sociabilidade, de contornos muito particulares.

Mas, dado o contexto, talvez o leitor pudesse questionar: por que Cruz Costa e não qualquer outro intelectual? Ora, como será possível perceber logo mais, penso que na trajetória deste intelectual podem ser encontrados pontos que iluminam as tensões, bem como as disputas da filosofia uspiana num período muito importante e significativo de sua história, uma vez que, como já disse, trata-se de uma trajetória enraizada num período de transição da atividade intelectual. Nesse sentido, o itinerário de João Cruz Costa será revelador do tipo de relação que num primeiro momento foi possível se construir entre a chamada primeira geração de “filósofos” formados pela universidade com as demais, supostamente mais “científicas” e “técnicas”.

Na primeira parte da tese procuro, enfim, examinar como João Cruz Costa viabilizara seus projetos intelectuais e os recursos a partir dos quais se utilizara para tentar disseminar suas ideias considerando-se, ainda, as seguintes questões: com quais agentes entrara em disputa? E com quais intelectuais estabelecera parcerias para galgar uma posição de poder estratégica no chamado sistema cultural paulista? Tais questões direcionaram-me, é preciso salientar, também para o estudo da recepção de sua produção dentro e fora da universidade, assim como levaram-me a analisar as implicações dela decorrentes.

Se a origem da Universidade de São Paulo estava ligada aos interesses de um grupo importante da elite paulista que, sob diferentes formas, manteve-se vinculada aos projetos dos modernistas, cabe lembrar que seu desenvolvimento posterior se dera em outro sentido, “marcado que estava [...] pela autonomia em relação à política e pelos padrões acadêmicos fixados pela missão francesa”²⁴. Afinal, como será possível comprovar ao longo das próximas páginas - sobretudo e, especialmente, no caso da filosofia uspiana - a presença francesa na FFCL foi (e ainda é) muito ovacionada por ter instaurado novas formas de organização acadêmica e possibilitado o rompimento com o padrão intelectual amadorístico e bacharelesco então reinante no Brasil. Será nesse sentido, aliás, que saltará aos olhos a considerável autonomia política conquistada pela cultura paulista, principalmente se comparada com as formas de sociabilidade intelectual predominantes no Rio de Janeiro. Como observa Sergio Miceli,

em São Paulo, a hierarquia acadêmica que vai se constituindo nas duas primeiras décadas de funcionamento foi sendo modelada por docentes estrangeiros treinados nas regras e costumes da competição acadêmica europeia (e francesa em particular), todos eles empenhados em instaurar um elenco de procedimentos, exigências e critérios acadêmicos de avaliação, titulação e promoção. O acesso às posições de comando e liderança esteve invariavelmente condicionado à produção e defesa do doutoramento, ao concurso para livre-docência e à conquista de cátedra, preenchendo-se esses lugares de preferência com licenciados nativos que firmaram sua reputação pela excelência de sua produção intelectual, pela herança presuntiva das posições em aberto com o retorno dos estrangeiros, ou então, por uma combinação variável de ambos os fatores.²⁵

O que se perceberá em jogo será, pois, um processo de *racionalização* que toma conta das escolas paulistas e, no final das contas, desemboca numa alteração bastante significativa dos padrões acadêmicos iniciais.²⁶ No caso específico da filosofia uspiana,

²⁴ JACKSON, Luiz C. *A tradição esquecida: os parceiros do rio bonito e a sociologia de Antonio Candido*. BH;SP: UFMG, Fapesp, 2002. p.29

²⁵ MICELI, S. “Por uma sociologia das ciências sociais.” In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol.1. SP: Vértice; IDESP, 1989. p.81

²⁶ Na realidade, o que houve foi a desintegração do projeto inicial que dera forma à criação da universidade, sobretudo às funções atribuídas à FFCL, pois com o tempo os normalistas tornaram-se grande parte do público da mesma: no momento em que o governo do Estado passa a lhes oferecer bolsas de estudo, bem como possibilidade de progresso na carreira do magistério, o número de

Paulo Arantes esclarece que, instaurado pelos professores da missão francesa em meados da década de 30, tal processo correspondia, na verdade, à sua “certidão de nascimento”; e aceitá-lo compreendia defendê-lo enquanto *técnica intelectual* com fins propedêuticos e profiláticos, destinado a remediar os males de uma mentalidade cultural composta de vícios e apropriações intelectuais indevidas.²⁷

As afirmações de Arantes, embora desemboquem numa versão particular do que viria a ser o departamento, isto é, que acentua linhagens de sua predileção em detrimento de outras que concorrem na caracterização do conjunto, é mister reconhecer, não deixam de lançar luz à uma certa concepção de filosofia então disseminada em São Paulo no momento de criação da Universidade, bem como trazem para a discussão um dos nós, já anunciado, envolvendo o assunto em questão. A bem da verdade, este processo de racionalização com fins propedêuticos e profiláticos, cujo alvo era a intelectualidade brasileira, põe ainda mais em questão um legado intelectual que nos é muito idiossincrático e nos remete, como já se disse, às teias do pensamento social brasileiro ao levantar, no caso, a seguinte questão: *o que vem a ser, de fato, boa prosa de ensaio filosófico no Brasil?* Segundo o autor, eis aí “um problema de forma” que resumiria o “âmago de nosso desconforto” e, por isso, o método estrutural tornar-se-ia ao mesmo tempo “forma” e “fundo” da cultura filosofia uspiana. Ou, em outras palavras, um ponto de vista que nos fora emprestado como “o melhor que havia” para nos propiciar uma “real condição filosófica”, longe do nosso idiossincrático filoneísmo e “dos surtos, das vertigens súbitas, [da] febre novidadeira de algumas cabeças-de-vento”²⁸. Em suma, na visão de Arantes, o método teria sido recebido como “o melhor corretivo para a nossa falta de modos congênita”²⁹, leia-se, para nossa natural

estudantes aumenta consideravelmente; em contrapartida, tal abertura desemboca numa alteração do perfil social e econômico do corpo discente da Faculdade de Filosofia. A demanda por alunos e as ações realizadas nesse sentido atraem novos segmentos sociais, menos nobres e desprovidos de capitais que lhes permitissem, até então, acesso ao ensino superior. Vale, pois, ter em mente que, “a rigor, a consolidação institucional uspiana foi se construindo em meio a essa faixa de desencontro entre os objetivos do projeto original tal como fora definido pelos setores de elite por ele responsáveis e os rumos acadêmicos profissionalizantes pelos quais enveredou a universidade em resposta às demandas de sua base social de atendimento, os formados.” (MICELI, S. “Por uma sociologia das ciências sociais”, p.85)

²⁷ ARANTES, P. *Um departamento francês de ultramar. Op.cit.*

²⁸ IDEM. p.20;32-6

²⁹ IDEM. *Ibidem.*

“inclinação especulativa” e, deste modo, a filosofia paulista teria aos poucos ganhado ares de disciplina intelectual destinada a remediar os males da dependência. Seguindo à risca os princípios da escola francesa - que repudiava toda e qualquer forma de “literatice” - a filosofia uspiana teria, lentamente, desenvolvido o que se convencionou chamar de *filosofia do conceito*, exigindo de seus pares o “vácuo histórico” necessário, pregava-se, à leitura dos textos:

Como é sabido, um dos lugares comuns de nossa tradição cultural concerne o caráter progressista do interesse pelo assunto nacional, via de regra mascarado pela cortina de fumaça da novidade metropolitana, consumida sem critério pelo bovarismo das elites divorciadas do país real. [...] Contrariando a referida tradição, ocorre que a implantação de um curso superior de filosofia nos moldes franceses conhecidos estabeleceu uma divisão de águas inversa: a universalidade dos grandes temas [...] seria apanágio da filosofia universitária, mas rigorosa e politicamente avançada, [...] enquanto o localismo, tão acanhado quanto a inequívoca nulidade dos escritos filosóficos nacionais, ficava por conta dos espíritos mais retrógrados ou simplesmente mais despreparados.³⁰

Voltarei a essas questões de maneira mais detalhada na primeira parte da tese, sobretudo para contextualizar os tais “escritos filosóficos nacionais” praticados pelos “espíritos mais retrógrados” e/ou “despreparados” que, na prática, correspondia à forma pejorativa através da qual os estudantes de filosofia da FFCL comumente se serviam para julgar seus concorrentes no que diz respeito ao domínio dos assuntos filosóficos, isto é, quando o assunto eram os “aspirantes a filósofos” do Largo de São Francisco, reunidos em torno da figura emblemática de Miguel Reale. Contemporâneo de Cruz Costa, o famoso jurista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, da qual, inclusive, chegara a ser reitor por duas vezes, tivera uma trajetória multifacetada que não pode ser compreendida considerando-se somente sua atuação na área do Direito, pois amiúde fora reconhecido como “filósofo” no Brasil e fora dele. Portanto, em hipótese alguma seu itinerário pode aqui ser ignorado.

De modo a adiantar sua importância e o peso intelectual que conquistara, note-se que Reale fora o grande responsável pela criação do *Instituto Brasileiro de Filosofia* no ano de 1949, bem como co-fundador do *Instituto de Filosofia Brasileira de Lisboa*. De

³⁰

ARANTES, P. *Op.cit.* p.90

1950 a 2002, organizou e presidiu sete congressos ligados a temas filosóficos no país, além de ter sido convidado algumas vezes para dar conferências em organizações internacionais ligadas a essa área.³¹ Nesse sentido, penso que será curioso acompanhar as mudanças que paulatinamente o curso de Filosofia vai sofrendo em função das disputas existentes em torno de sua prática no período em questão, bem como das novas regras que passam a vicejar no interior da FFCL ao longo dos anos.

Para tentar esgotar ao máximo o assunto e dar devido destaque aos agentes envolvidos neste processo, escrevi um segundo ensaio, de modo a examinar os principais conflitos ocorridos no período envolvendo tal atividade em particular. Em *Disputas em torno da filosofia legítima*, o leitor poderá acompanhar os embates de João Cruz Costa travados com os intelectuais da Faculdade de Direito - assim como com o já citado IBF - mas não só. Como o próprio título revela, havia outras dificuldades e ambivalências para quem desejasse se envolver com filosofia em território brasileiro, a começar pelos temas reivindicados por esses autores e que se encontravam, sem dúvida, muito marcados pela posição ideológica de cada um deles.

Mas, de modo a não adiantar apressadamente ao leitor dimensões que se encontram melhor trabalhadas ao longo da tese, encerro este “começo de conversa” esclarecendo um último ponto: com o avanço de minhas investigações – sobretudo quando pude finalmente ter acesso ao arquivo e à biblioteca de Cruz Costa recém-chegados à Faculdade de Filosofia da USP, conforme mencionado - percebi que as influências recebidas não paravam por aí. Em sua trajetória, era também presença constante uma espécie de “filosofia da história” que, grosso modo, tornou-se apanágio de um movimento intelectual latino-americano que ganhara fortes projeções internacionais em meados do século passado. À medida que me aprofundava no assunto, principalmente através de textos saídos da pena de autores contemporâneos de Cruz Costa situados em outros países da América Latina, notei que sua produção estava, também, ligada sobremaneira aos projetos de tais intelectuais.

Elaborados por uma rede que se tornaria famosa a partir da década de 1940, e cuja origem remete à chegada de José Gaos e Ortega y Gasset a este continente, Cruz Costa

³¹ Note-se, por exemplo, a presença de Reale no VIII Congresso Interamericano de Filosofia, ocorrido em Brasília no ano de 1972; e no XVI Congresso Mundial de Filosofia (Alemanha, 1978) como conferencista especialmente convidado pela *Federação Internacional de Sociedades Filosóficas*, entre outros.

foi dos raros brasileiros a participar e a se envolver com os projetos da mesma; nesse sentido, manteve ao longo de sua trajetória diálogos com historiadores e filósofos latino-americanos de peso, tais como Leopoldo Zea, Francisco Romero e Arturo Ardao.

Tais intelectuais compreendiam a prática filosófica e definiam o *métier* do filósofo de modo bastante peculiar, colocando ambos a serviço de uma reflexão voltada para o contexto específico da América Latina – e que aos poucos levava o grupo a um processo de reflexão culturalmente enraizado e ancorado na história social e política desse continente. João Cruz Costa, na condição de único representante do mesmo no Brasil, como mencionado, fora assim o grande responsável pela circulação de tais ideias no país.

Ora, tal fato direcionava-me para outras nuances da trajetória *cruzcostiana* e, sem sombra de dúvida, obrigava-me a repensar o suposto lugar ocupado pelo filósofo na Universidade de São Paulo, assim como a reconsiderá-lo sob nova perspectiva, uma vez que a visão de filosofia defendida por Cruz Costa parecia convergir com as concepções e prática da mencionada rede – fato que, em última instância, poderia ter constrangido ainda mais a forma desconfiada com que sua produção intelectual fora recebida no círculo de sociabilidade uspiana. Em resumo, tal influência se mostrava algo decisivo para a compreensão da vida e obra do autor em questão, já que não somente parecia orientar seus temas como, ainda, corroborar sua posição dentro e fora do país, uma vez que chegara a ser membro do Comitê de História das Ideias do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (México), bem como Conselheiro da *Congress Library* (Washington) por indicação do diretor da *Hispanic Foundation* e do secretário da *Sociedade Americana de Filosofia*, em 1948. Como, então, lidar com esses matizes de sua trajetória?

Para investigar tudo isso de forma mais acentuada, desenvolvi um estágio de cinco meses na Argentina com o objetivo de analisar tais influências, assim como a circulação dessas ideias em princípios da década de 40. Além da análise do movimento, o estágio também me permitiu o levantamento de dados muito interessantes acerca do processo de autonomização do campo filosófico argentino - processo esse que, se comparado àquele ocorrido em meados do século XX na filosofia paulista, revelou-se totalmente diverso.

Durante o período em que permaneci em Buenos Aires, chamaram-me a atenção as condições históricas e institucionais (completamente diversas do caso paulista) de desenvolvimento da filosofia portenha – condições essas que a levariam a ocupar uma posição de relativo destaque, considerando-se a situação e o desenrolar da mesma nos demais países do Cone Sul. Devido ao peso que a Argentina ganhara, por exemplo, com a presença de Ortega y Gasset nesse país, bem como devido à atuação notável de Francisco Romero em meados do XX, foi de extrema valia atentar para as condições que permitiram aos argentinos essa posição de prestígio, como já se disse, em meio às vicissitudes filosóficas dos demais países latino-americanos - com exceção do México, vale dizer.

As diferenças com o caso brasileiro revelaram-se gritantes e foram, ademais, extremamente úteis para repensar as particularidades do desenvolvimento da filosofia em solo brasileiro, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento e consolidação da linguagem filosófica uspiana. Além disso, as “descobertas” do estágio suscitaram-me novas perguntas envolvendo o trânsito de João Cruz Costa por toda a América Latina. Diferentemente do que eu imaginava e, portanto, diversamente do que vinha sustentando em meu projeto, a trajetória *cruzcostiana*, se pensada em relação à trajetória de filósofos argentinos dele contemporâneos, revelou-se totalmente anacrônica. E em muitos momentos levou-me a compará-lo e a vinculá-lo a filósofos positivistas do XIX que, ao menos nos países do chamado Cone Sul, já haviam sido superados. Como, então, pensar tal anacronismo de Cruz Costa *dentro e fora* do país?

O objetivo da segunda parte da tese é, pois, apresentar e discutir alguns conceitos-chave cunhados por essa importante rede intelectual de modo a situá-los e contextualizá-los na trajetória do autor em questão. Mas não só: procuro refletir também sobre os problemas e, ainda, sobre as possibilidades de construção de um pensamento filosófico culturalmente enraizado e ancorado sobremaneira na história social e política da América Latina – história esta inseparável da questão da *identidade* de nossos países, tampouco da formação dos nossos estados nacionais. Em outras palavras: seria possível pensar a cultura filosófica latino-americana a partir de sua filiação a uma suposta *tradição ibérica* de pensamento e, portanto, capaz de legitimá-la em suas idiossincrasias e prática?

Buscando apreender os passos de uma personagem muito singular, comprometida “dos pés à cabeça” com a Faculdade e que, enfim, considero paradigmática à compreensão desse estilo de trabalho que então começava a ganhar fôlego na capital paulista, convido meus leitores a acompanhar parte desta história nas páginas que se seguem.

A CULTURA FILOSÓFICA PAULISTA

SER DILETANTE, SER PAULISTA, SER BRASILEIRO

Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo, pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais.

(Mário de Andrade, em carta a Carlos Drummond de Andrade)

[...] A esse papel, de imensa projeção no cenário nacional, é que se reserva o futuro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Será a retorta miraculosa em que se operará a transformação. Dos seus anfiteatros, dos seus gabinetes, [...] das suas salas de conferência é que sairão as gerações destinadas à renovação cultural e a colocar bem alto o Brasil no círculo dos povos civilizados.

(Antonio de Almeida Prado, *Discurso de Abertura* da FFCL/USP)

Mil novecentos e trinta e sete, bairro dos Campos Elíseos, São Paulo. O palacete da Alameda Glete, situado em frente à antiga sede do Governo do Estado de São Paulo e inicialmente propriedade da família do renomado médico e industrial Jorge Street³², acabava de se tornar patrimônio do Estado, após ter sido adquirido pela importância de 850 contos de réis. Iniciadas as devidas reformas, encontrava-se pronto para abrigar parte das instalações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, criada em 25 de janeiro de 1934 pelo decreto-lei nº. 6.283 e, desde então, provisoriamente abrigada em salas das Faculdades de Direito e Medicina.³³

³² Empresário formado médico pela antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1886) e de grande importância na cena política brasileira, sobretudo durante as décadas de 1910 e 1920. Após acumular fortuna no ramo da tecelagem, passou a se destacar e exercer grande influência também na cidade de São Paulo, notabilizando-se, por exemplo, pela criação da famosa vila operária Maria Zélia, onde hoje se situa o bairro do Belenzinho. (Cf. GOMES, Celso de Barros (Org.). *Geologia USP 50 anos*. SP: EDUSP, 2007)

³³ Cf. ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS (1939-1949), vol.1. *Resumo Histórico*.

Da rua, a arquitetura do edifício talvez chamasse a atenção de quem por ali passasse. Porém, aos que o visitavam e/ou frequentavam seu interior, a lembrança é certamente de outra ordem:

[...] o palacete [...] se destacava internamente pela bela concepção do seu *hall* de entrada e da escadaria em mármore e, em especial, pelos dois salões sociais – interligados e finamente decorados com espelhos de vidro lapidado, paredes e portas de madeira trabalhada e lustres importados. [...] Ainda como atrativo possuía um pequeno elevador com porta pantográfica, muito possivelmente um dos primeiros do gênero a ser instalado na cidade de São Paulo.³⁴

A ambiência requintada da mansão, de aposentos luxuosos e contendo móveis “de fina produção artesanal”³⁵ iria, assim, dar lugar a uma atmosfera completamente diversa, transformados que foram seus distintos aposentos em salas de aula, biblioteca, museus, laboratórios, do mais novo espaço universitário do país.

Vista da fachada do Palacete.

³⁴ IDEM. *Ibidem*.

³⁵ GOMES, Celso de Barros (Org.). *Op.cit.* p.18

Vista do saguão da entrada principal do palacete, ainda na fase de ocupação residencial do imóvel, destacando-se a escadaria com pisos de mármore, guarda-roupa e corrimão de ferro fundido e forjado, e decorações em latão.

Vista do saguão da entrada principal do palacete, com o imóvel já ocupado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A primeira porta à esquerda do piso superior dava acesso ao laboratório de geocronologia, instalado em 1964.

Vista do luxuoso salão de jantar da mansão, com destaque para os lambris de jacarandá, todos de fina produção artesanal.

Vista do luxuoso salão grande, com destaque para o lustre de cristal e as paredes envidraçadas, com cristal bisotado.

Os dois ambientes anteriores, agora (1937), transformados, respectivamente, em sala da congregação e salão nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Mais tarde, eles seriam destinados à instalação do Museu de Mineralogia.

Independentemente de a mais nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo ter funcionado em diversos locais espalhados pela cidade desde o momento de sua criação (1934) até 1969, ano a partir do qual é alocada definitivamente na cidade universitária,³⁶ as fotografias agrupadas nas páginas anteriores me parecem muito sugestivas se enquadradas considerando-se o possível espaço de sociabilidade disponível a professores e alunos nos primeiros anos da referida FFCL/USP. A foto do salão nobre, por exemplo, local de futuras defesas de tese, bem como de algumas conferências públicas ministradas pelo seu corpo docente até então bastante incipiente, nos leva a imaginar um grupo seleto de pessoas a frequentá-lo. Devido à limitação espacial, bem como ao número restrito de cadeiras, é fácil inferir não serem muitas as pessoas que acompanhavam e participavam das atividades da recente faculdade – suposição que, vale observar, o conhecido depoimento de Fernando de Azevedo só faz confirmar, não obstante ter crescido o número de alunos matriculados nos novos cursos com o passar dos anos, cabe reconhecer.³⁷

³⁶ “A Faculdade iniciou as suas atividades em diferentes cenários. Matemática começou na Escola Politécnica, em seu prédio da rua Três Rios; a Casa de Arnaldo forneceu salas de aula e laboratórios para a iniciação dos cursos de Ciências Sociais, Zoologia e Filosofia; a Física ficou na Brigadeiro Luiz Antonio; a compra do palacete Jorge Street, na alameda Gleite, permitiu a instalação da História Natural; atrás dele, construiu-se um prédio para as Químicas. [...] A dispersão ainda continuava pela rua São Luiz, pela Brigadeiro Luiz Antônio. Contudo, o Grêmio, extremamente ativo, [...] funcionava como centro de atração e promovia a convergência dos alunos.” (Cf. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. “Memória da Faculdade de Filosofia (1934-1994)”. In: *Revista de Estudos Avançados* 8(22), 1994. pp.170-172)

Cabe lembrar que foi somente em 1949 que parte dos cursos da faculdade foi parar nas instalações do prédio da rua Maria Antônia, espaço que viria a marcar sobremaneira as gerações posteriores, como se sabe, e da qual tanto se tem registro: “em 1949, muitas seções de Ciências e Letras reuniram-se nos prédios do antigo Liceu Rio Branco, na rua Maria Antônia, comprados pelo governo estadual. Durante 20 anos, uma segunda geração de alunos lá viveu em comunidade integrada que os marcou profundamente.” (IDEM. *Ibidem*)

Vinte anos depois, com a Reforma de 1969, a Faculdade se desmembraria novamente e surgiriam os chamados institutos (de Psicologia, Educação, etc.); a antiga FFCL se tornaria, enfim, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas que então hoje conhecemos.

³⁷ Refiro-me às seguintes revelações do educador sobre a política de comissionamento que viria a ser adotada: “Abertas as inscrições para os cursos na Faculdade de Filosofia verificou-se, com decepção para muitos, ser insignificante o número de candidatos, inferior ao número de professores já contratados e por contratar no estrangeiro. Alarma-se, não sem razão, Júlio de Mesquita Filho com a indiferença com que parecia ser acolhida a grande iniciativa. Pede-me sugestões e, em resposta, solicitei a necessária liberdade de ação para resolver o problema de momento. Era o mês de fevereiro em que começava a realizar-se no Instituto de Educação, de que era diretor, as provas de admissão dos candidatos inscritos. Percorrendo, uma por uma, as salas em que se encontravam em exames, professores normalistas,

A presença de novos códigos emergindo nos círculos sociais e políticos de São Paulo talvez possa ser captada, ainda, pelas reformas realizadas nesses ambientes retratados, que deixam transparecer o enxugamento de certos exageros então presentes na mobília e nos objetos que adornavam a antiga residência, de maneira que o casarão parecia refletir agora um ar bem mais sóbrio, a começar pelo *design* dos novos móveis e a retirada de chamativos enfeites, como era o caso do garboso lustre de cristal a ornamentar os ares do antigo salão.

Em outros termos, penso que tais imagens permitem reconhecer – ainda que de maneira pouco trivial – prováveis dinâmicas de sociabilidade desse mais novo reduto intelectual da capital paulista durante seus primeiros anos de existência. Grosso modo, parece-me que a partir de tais fotografias podemos apreender um pouco do espírito que balizara a cena cultural e política da São Paulo dos anos 30, a ponto de o ambiente nelas retratado ser sintomático de como setores da sociedade paulista aglutinaram-se a fim de criar uma universidade com a finalidade de “preparar trabalhadores intelectuais para o exercício de altas atividades culturais”³⁸, concebida que fora para ser “uma duradoura ressonância de atuação nos destinos do país.”³⁹

Para um *real* estudo do Brasil, diria um de seus mentores, era necessário formar homens capazes de fazê-lo, já que um empreendimento de tal ordem, “de excepcional grandeza patriótica”, envolveria “severa antecipação cultural”⁴⁰. Era a esse papel a que

inscritos para cursos de aperfeiçoamento e especialização, falei-lhes da Faculdade de Filosofia, do seu papel no sistema universitário, da variedade de seus cursos e das perspectivas que abriam para novos estudos, em diversos domínios de conhecimentos. Que estavam em tempo de escolher entre os cursos do Instituto, a que afluíram candidatos, e os da Faculdade, a que se apresentaram em número extremamente reduzido”. (AZEVEDO, Fernando, 1958, p.222. Apud LIMONGI, Fernando. “Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo”. In: MICELI, S. (Org.) *História das ciências sociais no Brasil*. Vol. 1. SP: Vértice; IDESP, p.158)

Patrick PETITJEAN observa que, após tais iniciativas, o perfil discente passa a ter características diversas das iniciais, isto é, mais jovem e proveniente de segmentos sociais até então destituídos dos capitais culturais distintivos daqueles mais abastados - falando, por exemplo, menos ou quase nada o francês. Para maiores detalhes, consultar: “As missões universitárias francesas na criação da USP”. pp.259-330. In: HAMBURGUER, A. *et al.*(Org.) *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. SP: EDUSP, 1996.

³⁸ Cf. ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA (1939-49). *Op.cit.*

³⁹ PRADO, Antonio de Almeida. “A função cultural do ensino”. *Discurso Inaugural*. In: ANUÁRIO DA FFCL/USP. *Op.cit.* p.22

⁴⁰ IDEM. p.18

se reservava o futuro – acreditavam – da mais nova faculdade. Seria dos seus anfiteatros, gabinetes, bem como de suas salas de conferência que sairiam “as gerações destinadas à renovação cultural e a colocar bem alto o Brasil no círculo dos povos civilizados” ⁴¹. A *função* da disseminação do ensino universitário estaria, pois, na promoção do “instinto comum de brasilidade” ⁴² em todo o território nacional.

Como se sabe, em suas linhas mestras, o projeto de criação da USP almejava fazer da instrução o ponto de apoio sobre o qual se assentaria o dispositivo que haveria de “levantar o nível mental e cívico das novas gerações à altura dos povos mais civilizados” ⁴³, de maneira que as expectativas do grupo eram, de fato, grandes. Não há nisso qualquer novidade. Ainda assim, penso ser interessante recuperá-lo na medida em que tais ações, geradas por expectativas políticas específicas da elite local, trouxeram mudanças significativas não somente para a cidade de São Paulo, bem como para todo o país, tornando-se pioneiras na configuração de experiências sociais até então inéditas e que culminariam na formação de um universo intelectual de feições muito singulares.

Segundo observa Maria Helena Trigo, “a instalação de um novo espaço de ensino superior onde os objetivos iniciais [...] eram transmitidos através de meios bastante elitizados” ⁴⁴ atraiu num primeiro momento alunos portadores de capitais sociais e culturais expressivos, capazes de responder à novidade de uma universidade planejada em moldes diversos das escolas já existentes. Seduzida, essa parcela da sociedade paulistana, de perfil tradicional e diletante, acompanhava as aulas em grande parte movida pela novidade que o fato representava para a cidade. Era, assim, “uma clientela formada de pessoas já diplomadas ou inscritas em algum dos cursos superiores já existentes, o que os dispensou de exames vestibulares” e que muito provavelmente se mobilizara no sentido de não “ficar de fora” dessa atividade que, entre outras coisas, lhes possibilitaria contato direto com o que vinha da Europa. ⁴⁵

⁴¹ IDEM. *ibidem*.

⁴² PRADO, A. *Op.cit.* p.24

⁴³ IDEM. *Ibidem*.

⁴⁴ TRIGO, M. H. B. *Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)*. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 1997. p.66

⁴⁵ IDEM. p.67

Ora, o ingresso de João Cruz Costa na Faculdade, primeiramente como aluno e depois como professor, se explica em parte nesses termos. Filho de pai português e descendente de italianos por parte de mãe, nascera num lar de situação financeira avantajada.⁴⁶ Embora não descendesse de famílias provenientes de segmentos sociais tradicionais, isto é, de origem agrária, Cruz Costa vivera segundo as regras de educação e convivência que vicejavam naquelas: filho único de um núcleo familiar abastado, como disse, passou boa parte da mocidade na França, onde chegou a frequentar a *Sorbonne*, bem como o *Collège de France*. Tendo, enfim, recebido uma formação de prestígio no exterior, com pleno domínio do francês, não somente nutria-se de uma densa e variada cultura intelectual fora do país, como também criara laços duradouros de amizade com a chamada elite política e cultural de São Paulo.

Em meados do decênio de 1920, chegou a estudar medicina e, embora tenha abandonado a ideia por ser “meio inconstante e por não precisar trabalhar”⁴⁷, convém observar que esse intuito primeiro de seguir carreira médica o levava de volta à França para cursar o preparatório da Faculdade de Medicina de Paris, pois já havia ali estabelecido vínculos profícuos de amizade.⁴⁸ Estando num rico centro humanístico,

⁴⁶ Cruz Costa nasceu no dia 13 de fevereiro de 1904 e faleceu no dia 10 de outubro de 1978.

⁴⁷ “O professor Cruz Costa era sobretudo um homem muito cordial. Era muito bem educado, de família muito rica, de modo que ele teve uma juventude de rapaz muito rico. Era rico e filho único de um comerciante português muito rico que, segundo ele me contou, era um homem também instruído. Ele era um imigrante que chegou a fazer o liceu português, que era ótimo! Nunca tivemos no Brasil um liceu como esse. De modo que o pai dele era um homem com uma instrução muito boa, representante [comercial] aqui dessas cadeiras Thonet. O Brasil inteiro comprava essas cadeiras! Inteiro! Muito culto, Cruz Costa tinha uma biblioteca extraordinária! A biblioteca dele era muito grande. Ele sendo um rapaz rico, podia comprar livro à vontade. Quando eu o conheci, ele morava com a mãe dele aqui na rua São Carlos do Pinhal, perto da Avenida Paulista. Era, pelo menos pros meus padrões, um palacete! Era uma casa muito chique. Mas eu digo a você que ele era um pouco inconstante. Ele começou a estudar medicina, fez três anos de medicina, me parece, não sei, dois ou três... Aí largou porque não precisava trabalhar. (Depoimento de Antonio Candido a mim concedido em março de 2009)

⁴⁸ Tal fato pode ser comprovado consultando-se a correspondência de Cruz Costa mantida com George Dumas antes mesmo de seu ingresso na Faculdade de Filosofia. (Cf. Arquivo de João Cruz Costa / Pasta de correspondência 1927 – 1945. Biblioteca FFLCH/USP), assim como através de consulta a algumas cartas trocadas com o historiador Eurípedes Simões de Paula, em anexo. Numa delas, por exemplo, Cruz Costa dividia com o amigo a notícia de que receberia em sua casa os amigos franceses para jantar e, na ocasião, lamentava a partida de Maugué para o *front*. (carta de JCC a ESP, 28/08/1944). Em outra, pedia ao historiador (que estava na Europa, pois havia sido convocado para lutar na Segunda Guerra) notícias de Braudel e Émile Coornaert : « [...] V. deve andar atarefado e com trabalho. Veja em todo caso, antes de voltar, se sabe notícias do Braudel e do Coornaert ». (carta de JCC a ESP, 15/03/1945)

passou também a estudar filosofia, desviando aos poucos seu foco de interesse, como ele próprio chegaria a reconhecer:

[...]comecei estudando medicina, revelando assim um interesse prático pelo homem, se não por ele, por sua saúde. Eu fizera aqui uns vagos estudos de filosofia com meu saudoso amigo, prof. Henrique Geenen, para satisfazer as exigências dos preparatórios. Para ingressar na Faculdade de Medicina éramos obrigados a prestar exame de psicologia e lógica, que o meu amigo e professor da Faculdade de Medicina, o professor Guilherme Bastos Milward chamava de psicologia ilógica. Fui depois para a França em 1923 e entrei no curso preparatório da Faculdade de Medicina de Paris. Um dia, num grupo de brasileiros, encontrei o prof. George Dumas, que era grande amigo do Brasil, que me perguntou qual a especialização que eu iria fazer na medicina. A minha resposta foi: a psiquiatria. O velho Dumas, que era médico e *agrégé* de Filosofia, aconselhou-me então que fizesse estudos de filosofia e convidou-me para assistir às suas divertidas aulas aos domingos, no Asyle de St'Anne. Inscrevi-me como ouvinte nos cursos à Sorbonne, assistindo às aulas dos profs. Brunschvicg, Lalande, assim como as de Pierre Janet no Colégio de França.⁴⁹

Ao voltar ao Brasil – e já tendo desistido da psiquiatria - encantou-se com o projeto de criação da FFCL/USP. Próximo que se encontrava de seus mentores, Júlio de Mesquita Filho e Armando de Salles Oliveira, envolveu-se o quanto pôde com a novidade, tornando-se o aluno “número um” inscrito no curso de filosofia - onde, por fim, construiria sua carreira: ao se formar em 1936, já no ano seguinte se tornaria assistente de seu mestre e amigo Jean Maugué, doutorando-se em 1942⁵⁰. De 1945 a

Antonio Candido e José Arthur Giannotti também foram categóricos ao falar da amizade de Cruz Costa cultivada com os intelectuais franceses em depoimentos a mim concedidos. Giannotti, aliás, salienta a estima de Cruz Costa para com Braudel e Maugué afirmando que era muito amigo de ambos e chamou minha atenção para o fato de ele ser extremamente próximo de praticamente todos “aqueles franceses [que vieram para a USP]”: “Quando eu cheguei em 56 [na França], a maioria daqueles franceses tinha passado pelo Brasil e ele conhecia todo mundo!” (J.A. Giannotti, em entrevista realizada em novembro de 2009)

⁴⁹ COSTA, J. C. “Sobre o trabalho teórico”. (Entrevista). *Revista Transformação*, 1974. p.87-8

⁵⁰ Demais doutorados defendidos na filosofia, sob orientação de Jean Maugué: *Nicolau de Cusa: estudos dos quadros históricos em que se desenvolveu seu pensamento e análise dos livros I e II do ‘De docta ignorantia’*, de Lívio Teixeira (em 1944); e *Introdução ao estudo de alguns problemas metodológicos da Psicologia*, de Cícero Christiano de Souza (também em 1942). Cf. Anuário da Faculdade de Filosofia, 1939-1949. Vol.1

1954, tornar-se-ia então professor contratado da faculdade e, finalmente, conquistaria a posição de catedrático no ano de 1954, cargo ocupado até o momento de sua aposentadoria, isto é, 1965.

A formação filosófica recebida anteriormente, contudo, não desapareceria. Antes, viria a se somar à formação que receberia na recém-criada universidade. Os “estudos vagos” de filosofia realizados quando estava na casa dos vinte anos com o “saudoso amigo Henrique Geenen” e Guilherme Milhaud para satisfazer as exigências dos preparatórios da Faculdade de Medicina, assim como o contato, na França, com a obra de Léon Brunschvicg e Lalande, pesariam enormemente na sua trajetória, acentuando ainda mais o caráter diletante e de rasgos naturalistas de sua formação ou, se se preferir, de grande “coleccionador de ideias”, como prefere caracterizá-lo José Arthur Giannotti:

Basicamente, ele era um positivista francês: Brunschvicg, Lalande...tanto assim que a base do curso dele, embora ele fizesse muitas divagações, era Cuvillier. E tanto que quando eu fui seu assistente ele me disse: “Não saia do Cuvillier!” E obviamente que eu não lhe obedeci, certo! Mas, enfim, ele era um professor que tinha tido a influência dos franceses e conhecia muito bem a França... e estava nessa linha do pensamento positivista francês moderno. Tinha informações gerais da história da filosofia, *mas* não tinha nenhum interesse pela História da Filosofia. Ele sabia as coisas e tal, mas metafísica pra ele era bobagem. [...] Cruz Costa era basicamente um coleccionador de ideias e tinha ótimas relações com a França.⁵¹

O contato com a biologia, assim como o interesse por questões de fundo psiquiátrico marcarão, sem dúvida, suas leituras filosóficas e talvez possam explicar seu namoro intenso com o positivismo, assim como com filosofias próximas, justamente, das discussões caras às ciências naturais contemporâneas.⁵² Mas, autodenominando-se

⁵¹ Entrevista realizada com José Arthur Giannotti em novembro de 2009.

⁵² Basta notar, por exemplo, o mote perquirido pelo autor nos trabalhos de graduação, desenvolvidos a pedido dos franceses *en mission*, Étienne Borne, Paul Arbousse-Bastide e Jean Maugué. Ao todo, foram cinco trabalhos entregues nos dois primeiros anos de funcionamento do curso. Em 1934, Cruz Costa entregara a Borne duas pequenas monografias cujos temas, propostos pelo professor, giravam em torno da psique humana. O primeiro trabalho tinha como mote discutir os supostos fundamentos da liberdade partindo-se da tese defendida por Spinoza de que a liberdade do homem estaria fundada na ignorância das causas que a fazem existir. Já o segundo, versava sobre o papel do inconsciente para a vida afetiva. São as monografias entregues a Maugué, no entanto, sucessor de Borne, que mais chamaram minha atenção, uma vez que os temas propostos pelo famoso *normalien*

um *filosofante*, Cruz Costa nunca admitiu ter um projeto teórico que o orientasse e, segundo costumava dizer, fora influenciado por tudo o que lia e lhe caía nas mãos na juventude.⁵³

Sem se envolver com as grandes especulações metafísicas, reconhecia, porém, que suas intenções sempre tiveram um caráter muito “prático”⁵⁴, tendo feito parte, por exemplo, da chamada *Sociedade de Filosofia e Letras de São Paulo*, fundada por volta de 1930 com o objetivo de oferecer aulas não somente de filosofia, como também de economia, história social, entre outros assuntos que soavam caros aos setores mais ilustrados da elite paulista.

Sem reconhecimento oficial, mas tendo galgado o apoio prestigioso do “velho” Dumas⁵⁵, os cursos dessa *Sociedade* praticamente desconhecida traduziam bem o espírito da cultura local à época, significativos que eram do ponto de vista do

descortinam a visão *cruzcostiana* da própria atividade filosófica. Além desses trabalhos, Cruz Costa ainda entrega a Paul Arbousse-Bastide um texto sobre prestígio intelectual, em maio de 1935.

Como o leitor poderá observar em uma outra ocasião, a marca naturalista desses trabalhos é fortíssima e evidencia nitidamente à qual linha filosófica Cruz Costa mais se aproximava: ele era, sem dúvida, um entusiasta do realismo filosófico. (Cf. Arquivo João Cruz Costa; Biblioteca Central FFLCH/USP)

⁵³ “Em 1920 eu ainda não me *situava* [sic]. Sofria influência do que lia. Creio que a maioria dos da minha geração estava no mesmo caso. Li todo o Eça de Queiroz, todo o Anatole France, muita coisa do Balzac, de Camilo, de Fialho, de Machado de Assis. Foi a viagem à Europa que me abriu os olhos para outras realidades... 1930, seja lá como for, foi uma encruzilhada para a cultura brasileira e eu me encontrava, com muitos outros de minha geração, nessa encruzilhada.” (Cf. “Sobre o trabalho teórico”. *Op.cit.* p.89)

⁵⁴ IDEM. *Ibidem*.

⁵⁵ Veja-se, por exemplo, a seguinte carta de Dumas enviada a Cruz Costa em meados de 1932: “Cher collègue en Philosophie : votre lettre m’a beaucoup touché. Je suis très heureux de recevoir des amitiés du Brésil et des amitiés philosophiques. Ma santé n’a jamais été en grand danger. [...] Je vous que la transmette mes bons souvenirs a mes collègues de la Société de Philosophie et Lettres de São Paulo ». (Carta de Georges Dumas enviada a João Cruz Costa em 11/06/1932. Pasta de correspondência 1927 – 1945. Arquivo JCC. Biblioteca FFLCH/USP)

Sobre a centralidade de Dumas nas relações Brasil-França, consultar : LEFEBVRE, Jean-Paul. “Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944)”. In: *Cahiers du Brésil Contemporain*, 1990, n°12; PEIXOTO, Fernanda. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. Campinas. Unicamp Dissertação de Mestrado, 1991; PETITJEAN, Patrick. *Op.cit.*; SUPPO, Hugo. “A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias”. *Revista de História*, n. 142, 2009.

amadorismo intelectual que vicejava em São Paulo, bem como da carência de estudos filosóficos e sociais considerados “sérios” aos olhos das frações mais bem educadas da cidade. Ao menos para uma parcela de sua elite, a solução viria alguns anos depois, na busca meio exasperada de parceria com aqueles que então deveriam ser levados em maior consideração: os franceses (ainda que alguns italianos, bem como norte-americanos viessem colaborar com tal empreitada). Não só porque a presença francesa em São Paulo é, como se sabe, de longa data - mas, sobretudo, porque seria ela a impulsionar a ruptura com os padrões vigentes na cultura nacional, considerada bacharelesca e superficial. Também porque, nos anos 30, será novamente ela a fornecedora do modelo e da concepção de universidade que deveria ser cultivada por aqui. Considerando-se a situação em que se encontrava São Paulo em relação aos demais estados da federação, bem como a quantidade de estrangeiros nos quadros de sua população, não custa lembrar que “em âmbito paulista, a questão nacional e a pedagógica eram faces da mesma moeda”.⁵⁶

É esta, enfim, a estrutura de sentimentos que marcará toda a primeira geração intelectual que viria a se formar nos quadros da recém-criada faculdade, de modo que não se poderia esperar outra coisa senão o tom concorde e afinado de João Cruz Costa com a mesma. Como já se viu, dono de um capital social que o fazia transitar com segurança por entre os membros da elite político-cultural, assim como o permitia desfrutar de amizades importantes no exterior, sobretudo na França, Cruz Costa jamais escondeu o fascínio que sentia pela criação da universidade e a esperança que nela depositava para “nos fazer crescer” intelectualmente. Quando a FFCL completara dez anos de existência, ele chegou a dizer a um amigo, por carta, que estávamos já “quase fora do jardim da infância” e que “dentro de um século” seríamos um “colosso”. Ao menos era essa a sua maior ambição, não se preocupava em esconder.⁵⁷

⁵⁶ RODRIGUES, Lidiane S. *Mestres, Discípulos e um Seminário em São Paulo (1958 – 1978)*. Tese de doutorado em história social. SP: FFLCH/USP, 2011 p.256

⁵⁷ “Enfim, a nossa Faculdade fez 10 anos e já está quase fora do jardim da infância. Vai já fazendo as primeiras operações. Dentro de um século, será um colosso. É o que se quer: nós ficaremos a planar, como espíritos, a ver que ainda há muita gente que crê na instrução”. (Carta de João Cruz Costa a Eurípedes Simões de Paula, escrita em outubro de 1944). Para maiores detalhes, consultar anexo.

É de se notar, enfim, o tamanho de seu envolvimento com a mesma, empenhado que sempre estivera em aparelhar a Faculdade de Filosofia no melhor sentido do termo, a fim de permitir que gerações futuras à sua pudesse, de fato, ter condições reais de deixar à nossa quase inexistente cultura filosófica um legado mais promissor e acorde às nações modernas e nelas depositar “esperanças no sentido de alavancar uma nova época para a realidade cultural brasileira”.⁵⁸

Colação de grau de uma das primeiras turmas de formandos da FFCL/USP (1938).

Penso que essa tendência de Cruz Costa ganha melhor sentido se se tiver em mente quão próximo da chamada geração de “intérpretes do Brasil” ele se encontrava; destarte, é oportuno não perder de vista o peso da cultura modernista que nele moldaram certas disposições teóricas e práticas. Apostando seguramente na superação de um padrão intelectual considerado bacharelesco e ornamental, visando formar gerações mais técnicas e especializadas, Cruz Costa fazia coro a algo a que os modernistas já haviam se antecipado, isto é, a “essa espécie de responsabilidade de interpretar e mesmo

⁵⁸

GONÇALVES, Tânia. *Op.cit.* p.99

de construir uma identidade para a nação, em projetos e propostas que revelam matrizes diferentes de concepção do ser nacional e/ou do ser moderno”⁵⁹.

Daí, enfim, o tom nos discursos que proferira ter sido o mesmo de seus amigos-patronos ao afirmar, por exemplo, na condição de orador da primeira turma de formandos (1936), que “uma reforma se impunha no nosso aparelhamento educativo, uma reforma que viesse criar a coordenação das vocações que aqui não podiam germinar, crescer, que não encontravam terreno onde se pudessem fixar”.⁶⁰ Esse terreno era, obviamente, a Universidade de São Paulo - que finalmente viria efetivar os “nobres ideais de uma vocação e de uma cultura sã” às novas gerações que haveriam de chegar “engrandecendo nossa Pátria” e de maneira a não mais sermos uns “desarraigados” dentro do nosso próprio “torrão” e, portanto, de maneira que deixássemos de ser “saudosistas de outras regiões mais privilegiadas e felizes”.⁶¹

Em 1939, já na condição de professor-assistente de Jean Maugué, o tom é o mesmo. Cruz Costa dizia-se emocionado ao relembrar aquele dia “solene” no qual surgiam os primeiros graduados da universidade e, em particular, os primeiros bacharéis da “aduela de fecho” que representava a faculdade – local onde, segundo ele, receberiam “formação adequada e conveniente os intelectuais, os pesquisadores e os professores do ensino secundário, peças preciosas [...] ao serviço e à propagação da cultura”:

na noite de 25 de janeiro de 1937, um punhado de moços brasileiros recebia, pela primeira vez em nosso país, um grau universitário oficial que não os habilitava para nenhuma das profissões liberais consagradas na tradição do ensino superior do país. Destinavam-se aqueles novos graduados na Universidade de São Paulo à pesquisa científica, à investigação literária, histórica e filosófica e ao magistério secundário. *Era alguma coisa de novo que se passava em nosso país e a nossa turma constituía o marco inicial de uma fase nova da inteligência nacional. Toda uma velha concepção dos*

⁵⁹ IDEM. p.89

⁶⁰ COSTA, João Cruz. “Discurso de Orador”. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*, 1936.

⁶¹ IDEM. *Ibidem*.

*problemas culturais ficava para trás, para se iniciar conosco – assim ingenuamente acreditávamos – uma nova era na cultura brasileira.*⁶²

[...] A oração do nosso paraninfo de 1937, o Sr. Dr. Júlio de Mesquita Filho, constante e valoroso amigo da nossa Faculdade, e as palavras do licenciado de então, que é vosso paraninfo de hoje, foram dois hinos de esperança, duas profissões de fé nos destinos da nova Universidade. É sempre assim, parece, que se exprime a alegria originada na confiança que se projeta para o futuro. Aliás, alguém já observou – e com justeza – que nós, homens da América, vivemos na projeção do futuro. Desde o século XVI, o nosso Continente é uma terra de projetos, sede daquela tão sonhada Utopia da Renascença que os europeus também nos transmitiram com a sua civilização. Animados, pois, por esse sentimento de esperança que é um misto de incerteza e de desejo, os discursos de 1937 delineavam, numa vaga veleidade de profecia, os possíveis e esplêndidos resultados que a nova Faculdade estaria destinada a trazer a uma cultura que já se arrastava tolhiça e um tanto anêmica.[...] Animados daquele sentido imperial das Bandeiras que, no dizer de um escritor, constitui a vocação nacional dos paulistas, Armando de Salles Oliveira e seus companheiros de 1934, plantaram aqui a flana nova, destinada a iluminar com mais claridade a inteligência brasileira.

[...] Até então, como sabeis, o ensino superior do nosso país era marcado apenas pelo sentido utilitário. Existiam grandes escolas. [...] Faltava, porém, uma Faculdade de Ciências e Letras – aduela de fecho de uma verdadeira Universidade – onde recebem formação adequada e conveniente os intelectuais, os pesquisadores e os professores do ensino secundário, peças preciosas que também são e altamente úteis, ao serviço e à propagação da cultura. Até então, e em estéril isolamento [...] aqui se estiolavam e perdiam preciosas energias de uma nação. Era mister, de outro lado, que o nocivo autodidatismo tivesse fim, pois, mostrara-se incapaz de resolver problemas graves da educação e da cultura nacional. Impunha-se, desse modo, a reorganização dos quadros formadores da intelectualidade brasileira, a abertura e o desenvolvimento de novas perspectivas e de novos horizontes às vocações, e a estimulação e coordenação dos esforços individuais.

*Foi a esse complexo conjunto de necessidades que exigia mais séria e perfeita formação cultural, que estivesse em relação com o amadurecimento da consciência dos povos americanos e principalmente do nosso, que correspondeu, meus caros amigos, à criação da vossa Faculdade e a organização universitária de 25 de janeiro de 1934.*⁶³

Apesar de extenso, o excerto acima é extremamente sugestivo do ponto de vista do sentido dado à iniciativa de um projeto feito a USP por parte dos agentes aí envolvidos, bem como por desnudar a verve modernista fortemente presente nos

⁶² COSTA, J. C. “Discurso de paraninfo”. *Op.cit.* p.298

⁶³ COSTA, J. C. *Op.cit.* p.299-301. Grifos meus.

argumentos do autor, como já ressaltai. As sessões solenes de formatura da faculdade, como se sabe, não reuniam apenas a comunidade intelectual *strictu sensu*, mas também autoridades políticas, além de outras figuras públicas; na prática, funcionavam como meio de consagração e distinção social dessa elite desejosa de “servir de exemplo” *ilustrado* às futuras gerações. Fossem de formatura, abertura e/ou de encerramento de um curso determinado, tais cerimônias representavam, pois, verdadeiros rituais de interação social a partir dos quais “personalidades públicas, diretores, mestres e alunos” se confraternizavam e acolhiam novos membros de acordo com sua causa maior, qual seja, a “do esclarecimento e sua conversão em processo civilizador”.⁶⁴

Ora, se compreendido nesses termos, o discurso de Cruz Costa revela-se interessante sob dois aspectos. Primeiramente, pela identificação escancarada do autor com os projetos desta elite – fato que, por si só, denuncia a origem social do mesmo ao se sentir parte das transformações operadas pelo grupo ou, se se preferir, é indicativo do quanto ele se mostrava habitado pela estrutura das relações sociais de que era fruto. Nesse sentido, não é casual que seu itinerário intelectual esteja em diálogo com determinadas linhagens do chamado pensamento social brasileiro, sobretudo com aquele situado em princípios do XX.

Talvez o fato possa parecer banal por não soar como novidade. Ainda assim, vou insistir no mapeamento de algumas medidas tomadas pela elite paulista devido ao significativo conjunto de transformações que acarretaram à cidade e que tiveram, pois, consequências de peso para a cultura local e que, a meu ver, são significativas para se compreender a forte conjunção existente no período entre *praticar ciência* e *fazer política*. A começar pela criação, em princípios do decênio de 1930, da chamada “Liga de Defesa Paulista”, marcada por uma atuação muito ativa de figuras como Tácito de

⁶⁴ BONTEMPI Jr., B. “As sessões solenes da Faculdade de Filosofia: rituais da comunidade intelectual uspiana”. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIV, n.2, p.169.

Miriam Leite (*Op.cit.*) já tinha brilhantemente observado que “ao registro da vida cotidiana e de suas transformações, acrescentam-se os rituais de iniciação e de passagem. A análise temporal e espacial das aparências e dos participantes recuperam lembranças ou despertam comparações entre diferentes episódios. Alguns dos planejadores, diretores e professores nos legaram livros de memórias. Nestes, como nos memoriais hoje exigidos nos concursos [...], descortinam-se os móveis de atração da Faculdade de Filosofia, engrenados às aspirações individuais e coletivas de aperfeiçoamento ou de afastamento.” (p.169)

Almeida, Alfredo Ellis Jr., Rubens Borba de Moraes, entre outros descendentes do movimento modernista que desejavam criar instituições que ensinassem ciências puras e aplicadas até então inexistentes no Brasil, tais como Sociologia, Política, Estatística, etc. Nesse sentido, não somente a USP era tributária das ideias modernizadoras do grupo, mas também a Escola Livre de Sociologia e Política que, conforme se sabe, surgira em São Paulo de maneira vanguardista um ano antes de a FFCL/USP ser fundada. Segundo um interessante depoimento de Rubens Borba de Moraes,

[...] nas discussões daquele pessoal que sobrava da Liga, nós pensávamos, partindo dessa ideia, que estava tudo errado; o que se tinha feito para a renovação do sistema político brasileiro, estava errado por uma só razão: não havia gente informada sobre política, sobre sociologia, sobre economia, sobre, enfim, novas ideias de administrar e de conduzir a política de um país. E não havendo essa gente, naturalmente qualquer movimento de renovação fracassaria ou cairia como nós tínhamos caído nas mãos dos velhos políticos, os políticos profissionais.

Então surgiu a ideia de fundarmos uma instituição que ensinasse coisas modernas que não eram ensinadas no Brasil. [...] E resolvemos fundar uma escola. [...] Entusiasmados pelas nossas ideias, nós resolvemos reunir um grupozinho para concretizar uma escola desse gênero e resolvemos adotar esse nome de Escola de Sociologia e Política de São Paulo e fizemos um manifesto lançando a escola [...] no jornal *O Estado de S. Paulo*, pois Julinho [sic] Mesquita estava muito conosco nessas ideias. Ele nos apoiava muito, de tal maneira que disse: “meu jornal está à disposição de vocês”.⁶⁵

A Escola Livre de Sociologia e Política surgia, assim, “como um centro de estudos voltado para a compreensão científica da realidade brasileira e que visava formar quadros técnicos qualificados em ciências sociais para atuarem nas nascentes instituições públicas de planejamento econômico e desenvolvimento social”⁶⁶, com ênfase em pesquisas da vida urbana – ação esta que, em diversos momentos, contou com o apoio e incentivos de Mário de Andrade através da Divisão de Estatística e Documentação Social do Departamento Municipal de Cultura do qual era diretor e, que, *mutatis mutandis*, também havia sido criado com essa mesma finalidade. Enquanto a

⁶⁵ In: KANTOR, I. et al. (Org.) *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. SP: Escuta, 2001. p.128

⁶⁶ IDEM. p.14

Universidade de São Paulo - juntamente com a Escola Livre de Sociologia e Política, cabe reconhecer - em parte forneceria a mão de obra seletiva capaz de exercer os cargos públicos de maior interesse ao Estado, ao Departamento de Cultura ficaria a incumbência de colocar em prática as ideias que daqueles centros adviriam. Caberia ao Departamento não só a reorganização urbanística e populacional da capital que crescia em proporções até então nunca experimentadas no país, mas também o remanejamento das atividades artísticas e de lazer.⁶⁷

Segundo o que escreve Helena Bomeny, o Departamento de Cultura ganhara, na realidade, tom de laboratório – tornando-se uma das mais significativas expressões do “compromisso que nascia da consciência do papel do Estado na montagem do ambicioso projeto cultural”⁶⁸:

havia, portanto, um projeto de agregar em inventário comum, através de metodologia científica, tudo aquilo que integra o acervo cultural: os sentimentos, a arte, as manifestações linguísticas coloquiais, as emoções. Não se tratava de recuperar a tradição, dado que estava acometida das imperfeições da ‘moléstia’; não era o caso também de tomar indiscriminada e imprecisamente o que a cultura continha armazenado. Tratava-se, ao contrário, de construir um projeto sistemático de apropriação por artifício da análise, da razão, e não por uma espécie de espontaneísmo recolhedor do que já se apresentasse como legado de uma tradição constituída.⁶⁹

A questão de se inventar *outra tradição*, apontada acima pela socióloga, soa aqui extremamente interessante e parece-me estar em sintonia com a análise que Abel Barros Baptista realiza acerca do movimento modernista no Brasil, ou melhor, acerca da formação do cânone construído e imposto a partir da famosa manifestação de 22. Sob diversos ângulos, observa o crítico português, o cânone modernista encontrou respaldo

⁶⁷ Para maiores detalhes, consultar: BOMENY, H. *Op.cit.*; DUARTE, P. *Mário de Andrade por ele mesmo*. SP: Hucitec, 1977; RAFFAINI, P. *Esculpindo a cultura na forma Brasil: o Departamento de Cultura de SP*. SP: Humanitas, 2001; MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. SP: Cia das Letras, 2001; BARBATO JR., R. *Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o departamento de cultura de São Paulo*. SP: Annablume; FAPESP, 2004; NOGUEIRA, A. G. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de inventário*. Tese de doutorado. PUC/SP, 2002.

⁶⁸ BOMENY, Helena. *Op.cit.* p.97.

⁶⁹ IDEM. *Ibidem*.

em poderes institucionais de variada ordem “para se declarar e impor”. Sua construção esteve, assim, assentada “num gesto de exclusão do passado”⁷⁰ porque em nome do moderno, do novo, mas também em nome de um nacionalismo agora ancorado e dependente sobremaneira de uma dimensão institucional ocultada. Trocando em miúdos, não teria sido acidente “a famosa Semana de Arte Moderna ter decorrido no primeiro centenário da Independência do Brasil”, sendo que

[...] o significado comemorativo surgiria mais tarde de forma clara: o movimento de 22 tinha vincado caráter nacionalista, vinha animado de um projeto construtivo *para a nação* e a bem dizer quase se tornaria, nas décadas seguintes, ideologia oficial do Estado brasileiro no domínio das artes e da cultura.⁷¹

Em síntese, esse momento específico do modernismo paulista foi responsável por configurar um tipo de intelectual com feições muito marcadas pela ambiência da cidade, que já se encontrava em amplo processo de transformação. Uma das consequências teria sido, enfim, o surgimento de uma cultura intelectual fortemente instilada por padrões urbanos de sociabilidade⁷² que nela então se desenhava, mas que, ao mesmo tempo, coincidia com a emergência de um sentimento de valorização do *nacional*.

Ora, se a criação da Universidade de São Paulo nos remete a essas redes e a esses padrões de sociabilidade que marcaram a cidade em princípios do XX, é fácil imaginar quão próximo dela estavam os tais modernistas “canônicos”, em especial (e uma vez mais) Mário de Andrade, afinal, como se sabe, Mário teve um papel de destaque na política de aproximação entre o novo ambiente universitário paulista (USP e ELSP) e o sistema cultural mais amplo – fato que, como se viu, pode ser comprovado “pela

⁷⁰ BAPTISTA, Abel B. “O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido”. In: *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas/SP: Edunicamp, 2005. p.43

⁷¹ IDEM. *Ibidem*.

⁷² Cf. ARRUDA, M. A. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru/SP: Edusc, 2001.

política cultural empreendida pelo poeta na direção do Departamento de Cultura de São Paulo”⁷³.

Mário foi, sem dúvida, uma “liderança cultural hegemônica nesse momento-chave de transição” da história intelectual brasileira, como bem observa Sergio Miceli ⁷⁴. É curioso observar o modo como muitas vezes essa liderança era exercida, isto é, através de missivas e outras formas de correspondência às quais o escritor recorria amiúde para dar conselhos e fazer julgamentos quase sempre em tom professoral aos “pupilos” que ele então elegia e “adotava”. Nesse sentido, penso que uma confissão em particular, feita ao poeta Carlos Drummond de Andrade numa das primeiras correspondências trocadas entre ambos, merece ser posta em relevo:

A língua que escrevo, as ilusões que prezo, os modernismos que faço são pro Brasil. E isso nem sei se tem mérito porque me dá felicidade. [...] Foi preciso coragem, confesso, porque as vaidades são muitas. Mas a gente tem a propriedade de substituir uma vaidade por outra. Foi o que fiz. A minha vaidade hoje é de ser transitório. Estraçalho a minha obra. Escrevo língua imbecil, penso ingênuo, só pra chamar a atenção dos mais fortes do que eu pra este monstro mole e indeciso ainda que é o Brasil. Os gênios nacionais não são de geração espontânea. Eles nascem porque um amontoado de sacrifícios humanos anteriores lhes preparou a altitude necessária de onde podem descortinar e revelar uma nação.⁷⁵

⁷³ PEIXOTO, F. “Mário e os primeiros tempos da USP”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Nº. 30, 2002. p.158

⁷⁴ MICELI, Sergio. “Mário de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro”. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia (Org.) *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. SP: Cia das Letras, 2009. p.162. Miceli ressalta que o legado do modernista pode ser medido pela volumosa correspondência mantida com inúmeros escritores e artistas brasileiros. O sociólogo escreve que, “entre seus destinatários favoritos” incluíam-se “maiorais do surto modernista nos estados – Carlos Drummond de Andrade em Minas Gerais, Manuel Bandeira no Rio de Janeiro; poetas contemporâneos – Ribeiro Couto, Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa [...] editores de revistas literárias prestigiosas – Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto; [...] dirigentes da política cultural oficial, Augusto Meyer, Rodrigo Melo Franco de Andrade”, etc. (Cf. MICELI, S. *Op.cit.* p.162)

Helena Bomeny também ressalta que “Mário ligava pessoas, estabelecia conexões, criava um círculo de amizade e de troca intelectual, aquecido especialmente pela enorme correspondência que cultivava com intelectuais e amigos de diversos pontos do país, fortalecendo o sentido e a importância de integrar uma geração”. (Cf. BOMENY, H. *Guardiões da razão: modernistas mineiros*. RJ: Ed. UFRJ; Tempo Brasileiro, 1994. p.90)

⁷⁵ Cf. ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*. 2ª. ed. RJ: Record, 1988. p.23.

O depoimento de Mário de Andrade traz à baila um dos problemas mais candentes para sua geração, qual seja, o dilema da língua – afinal, situada em um país considerado excêntrico e, portanto, à margem do campo literário dominante, a questão da língua se lhes apresentava a partir de uma tripla dimensão de dominação: política, linguística (tendo em vista a condição de ex-colônia) e literária (tendo em vista a posição ocupada em relação ao centro da “república mundial das letras”).⁷⁶

Embora muito se tenha a dizer a respeito de tal questão⁷⁷, não pretendo aqui explorá-la, pois o que interessa é salientar como Mário se saíra o grande precursor de um modelo de erudição acadêmica⁷⁸ que, grosso modo, a USP só fez retomar. Tendo reunido um capital que o permitia “não apenas jogar as cartas”, como também ditar “as regras do jogo”⁷⁹, ele fora, portanto, o mentor intelectual de toda uma geração, isto é, da primeira geração de professores que ocuparam os postos docentes na Universidade de São Paulo, sobretudo após a saída dos franceses e da qual Cruz Costa fazia parte. Este último não escapou, assim, dos debates pautados por esse modernista de peso – citando –o, aliás, a perder de vista.⁸⁰

Em outra carta endereçada a Drummond, Mário completaria que “o que nós todos queremos (o que pelo menos imagino que todos queiram) é obrigar este velho e imoralíssimo Brasil dos nossos dias a incorporar-se ao movimento universal das ideias”. (IDEM. p.29)

⁷⁶ Cf. CASANOVA, P. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. SP: Estação Liberdade, 2002.

⁷⁷ Para um exame mais bem detalhado a respeito, vale a consulta à obra de Pascale Casanova acima citada, sobretudo aos capítulos da segunda parte, “Revoltas e revoluções literárias”. (CASANOVA, P. *Op.cit.*).

⁷⁸ MICELI, Sergio. *Op.cit.* p.169

⁷⁹ Cf. PONTES, H. *Destinos Mistos*. *Op.cit.* p.46

⁸⁰ Giannotti é categórico ao falar de tais afinidades, me diz ele: “O interessante é que você tinha essa paixão pelo Mário e, portanto, uma enorme desconfiança do Cruz Costa em relação ao Oswald, afinal eram água e vinho! Tinha uma cena que ele gostava muito e contava sempre: estava o Lévi-Strauss contando pro Mário o que fazia e tal, e o Mário olhando com cara de gozação. [*Isso porque*] o Cruz Costa achava que o que Lévi-Strauss estava fazendo era besteira! Valia as coisas do Mário: folclore e tal, essas coisas. Estruturalismo era uma bobagem.” (Entrevista realizada com o filósofo em novembro de 2009)

Em *Contribuição à história das ideias no Brasil*, por exemplo, Cruz Costa dedicou páginas e páginas ao literato para professar que o movimento modernista teria ajudado a dar forma “a um novo sentido da história do pensamento brasileiro”⁸¹. Teria sido, em última instância, um “toque de alarme” soado por São Paulo - região que, “embora caipira de serra acima”, estava em contato com a “atualidade do mundo”:

[...] ‘Todos acordaram e viram perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia’. [...] É interessante notar que o movimento partiu de São Paulo, pois São Paulo ‘era espiritualmente muito mais moderna, fruto necessário da economia do café e do industrialismo consequente. Caipira de serra-acima, conservando até agora um espírito provinciano servil, bem denunciado pela sua política – São Paulo estava no mesmo tempo, pela sua atualidade comercial e sua industrialização, em contato mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo. [...] Embora ele ainda não tivesse encontrado o rumo positivo de sua orientação, alguma coisa de profundo havia sido alterada. Era o marco nítido do fim de uma cultura. A encruzilhada bem viva que devia desvanecer o predomínio de uma elite de letrados puros, de diletantes do conhecimento, de amadorismo vago e dispersivo’. O movimento de 1922 não foi, pois – e reconhece isso o próprio Mário de Andrade – o fator das mudanças políticas sociais posteriores a ele no Brasil. Foi um sinal de *alarme*, uma expressão da desagregação de um estado de espírito e de uma situação que já não valia. A reforma ia se fazer em breve. Ou melhor: a pretendida reforma iniciava em breve uma nova fase histórica que prosseguiria pelos anos adentro, sem haver ainda terminado...’⁸²

Em um momento anterior, no já citado ensaio *A Filosofia e a evolução histórica nacional*, Cruz Costa corroboraria de tal forma a tese *marioandradina* de que seríamos uma imundície de contrastes a ponto de dizer que imitávamos as modas e os costumes da Europa para nutrir o solo “fraquinho” de nossa terra e lhes dar a devida seiva para fazê-la prosperar intelectual e culturalmente, mas sempre de modo a adaptar tal imitação “ao nosso modo especial de considerar as coisas”:

Nós somos, dizia o autor de *Macunaíma*, uma imundície de contrastes. A nossa história cultural abre-se às mais variadas inspirações. Estas, porém,

⁸¹ COSTA, J. C. *Contribuição à história das ideias*. *Op.cit.* p.403

⁸² IDEM. pp. 404-406.

só tomam forma quando, na própria terra, podem encontrar seiva que as faça prosperar. Não sendo assim, fenecem e morrem. *Imitamos – é certo – o que os outros povos fizeram, mas adaptamos sempre os modelos ao nosso modo especial de considerar as coisas.* Sempre procuramos seguir aquelas inspirações que melhor casavam com os nossos interesses, com as nossas tendências. Mal andam aqueles que, por imitação, têm a mania de não imitar... [...] A nossa época se orienta para a liberação e nós não devemos nos iludir com o culto religioso das tradições. *Se volvemos o nosso olhar para a história do passado é precisamente para melhor nos libertarmos dele e para iniciar, com o mundo novo que se anuncia, uma etapa nova e desta vez decisiva: a da verdadeira cultura nacional.*⁸³

As afinidades são muitas, como é possível perceber. Contudo, o que importa é ver em que medida Cruz Costa retoma o pensamento de Mário de Andrade para enquadrar a filosofia no Brasil levando em alta conta as nossas idiossincrasias nacionais. Servindo-se da visão de Mário, dirá que para melhor compreender a atividade filosófica e cultural do país nossos aspirantes a filósofos deveriam se servir de instrumentos intelectuais emprestados, não obstante, da tradição europeia considerada “universal”: fazia-se necessário ao intelectual brasileiro o conhecimento analítico “daquilo que somos”.⁸⁴

Através de ensaios hoje consagrados e que por certo se tornaram referência da história intelectual brasileira, Cruz Costa iria balizar boa parte de seus estudos, apoiando-se, ainda, nas ideias de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., entre outros constantemente citados pelo autor. É de se notar, por exemplo, o eco da tipologia buarquiana em seus textos, de modo a “auxiliá-lo” no exame de algo que realmente lhe era caro: o sentido de nossa colonização. Recuperando uma espécie de “psicologia” do caráter português, Cruz Costa retoma os tipos de portugueses que teriam aportado no Brasil (i.e. o “aventureiro” e o “letrado”) de maneira a apresentar e justificar o contexto histórico do qual éramos resultado.

⁸³ COSTA, J. C. “A filosofia e a evolução histórica nacional”. In: *A filosofia no Brasil. Op.cit.* p.41-71/2. Grifos meus. Também na entrevista que concedera aos alunos da Faculdade de Filosofia da UNESP de Assis, Cruz Costa explicita o legado: “Desde muito cedo a minha principal preocupação foi a de chamar a atenção dos moços para a aplicação da reflexão à realidade brasileira. [...] Era, como se diz, a minha mania. Não me foi difícil o caminho, pois a Semana de Arte Moderna já o preparara em grande parte. Desse modo, o meu trabalho nada teve de especulativo.” (“Sobre o trabalho teórico”. *Op.cit.* p.88)

⁸⁴ *Contribuição à história das ideias. Op.cit.*

Também há, seguramente, um elogio ao suposto “realismo” e pragmatismo lusitano que o diferenciaria da colonização espanhola, já que os portugueses seriam de mais fácil adaptação às dificuldades e aos entraves da terra, diferentemente do caráter do espanhol, mais voltado para os devaneios de sua imaginação. Em outras palavras, não havia como ignorar o fato de pertencermos à história de Portugal, o país que teria sido pioneiro na mudança de eixo do comércio europeu (do Mediterrâneo para o Atlântico) e que havia inaugurado uma nova concepção do mundo e do homem. Para Cruz Costa, o espírito português seria avesso às elucubrações metafísicas e, portanto, teria um caráter *essencialmente prático* e positivo da vida. Nesse sentido é que, “muito mais cedo do que os outros povos europeus, os ibéricos, e principalmente os portugueses” ⁸⁵ teriam sentido o “apelo do Oceano” ⁸⁶. A aventura das navegações seria o resultado de uma nova concepção do mundo, logo, de uma nova filosofia:

Não é a Razão Pura, mas o homem que pensa, o homem que sente, que age, o homem vivo, que interessa o português. Nunca foi a contemplação o principal característico da alma portuguesa. Miguel de Unamuno, no seu “Sentimento Trágico da Vida”, define admiravelmente o espírito da filosofia dos peninsulares: “*se um filósofo não é um homem, é tudo, menos um filósofo. É, sobretudo, um pedante, isto é, um arremedo de homem. O cultivo de uma ciência qualquer, a química, a física, a geometria, a filologia pode ser obra de especialização. A filosofia, porém, como a poesia, ou é obra de integração, de harmonia ou então é filosofice, erudição pseudo-filosófica*”. Esta concepção profundamente humana da filosofia é precisamente o oposto do abstracionismo da razão pura, do escolasticismo que se alheia dos problemas vivos da existência. A filosofia portuguesa é viva e não entende o homem como uma das muitas fórmulas que se encontram, eternas e imutáveis, no mundo de fórmulas fechadas, perfeitas, que a razão pura constrói. Não é essa a índole do pensamento português.⁸⁷

A citação vale para denunciar uma vez mais as fontes utilizadas pelo filósofo amador, assim como serve para corroborar a visão humanista e anti-metafísica que o mesmo tinha da linguagem filosófica, como sustentado desde seus trabalhos de

⁸⁵ “A filosofia e a evolução histórica nacional”. *Op.cit.* p.24

⁸⁶ IDEM. *Ibidem.*

⁸⁷ IDEM. p.25-6

graduação – diga-se de passagem.⁸⁸ A referência a Miguel de Unamuno, aliás, expõe seu interesse por autores espanhóis da chamada geração de 98, interesse esse que marcaria, ainda, sua tese de doutoramento, intitulada *Ensaio sobre a vida e a obra do filósofo Francisco Sanchez*.⁸⁹

A tese de Cruz Costa, como o título nos deixa saber, não configura grande feito e sequer soa como trabalho original. A impressão que causa é, antes de tudo, a de uma exaustiva reprodução das ideias dos autores que se tornaram referência nos estudos sobre o mesmo. Nesse sentido, ao longo do texto, ele parece se perder em “pecuinhas” desnecessárias e conjecturas acadêmicas dispensáveis, tal como atesta o espaço dado às discussões sobre o local e a data exatos de nascimento do referido filósofo.

Já nas primeiras páginas é possível captar o tom descritivo que balizará a tese – fato que, diga-se de passagem, os títulos dos capítulos só fazem corroborar: “A vida de Francisco Sanchez”; “As obras de Francisco Sanchez”; “As influências do momento” e assim por diante. Por outro lado, a tese deixa patente o recorte analítico que será

⁸⁸ Cabe notar, por exemplo, o uso que Cruz Costa faz de seus conhecimentos das ciências naturais (i.e. física e medicina psiquiátrica) para tratar questões propriamente filosóficas, como o problema do livre-arbítrio e da liberdade humana. Em um dos primeiros trabalhos sugeridos por Étienne Borne, cujo tema girava em torno do conceito de liberdade segundo Baruch Spinoza, Cruz Costa resolveu abordá-lo a partir de uma perspectiva cara às ciências naturais e com a qual, talvez, estivesse mais acostumado. Para Cruz Costa, embora o problema da liberdade fosse capital à filosofia, o mesmo não deixava de se ligar a problemas inerentes ao campo científico, remetendo à questão da “causalidade”. Até que ponto não estaríamos, também, ligados a determinadas “leis causais” professadas, por exemplo, pela psicologia do período? Como delimitar os limites do que obedece às leis da física/biologia e o que é, propriamente, da ordem do “psíquico”? O caminho analítico escolhido pelo autor levantaria críticas, obviamente, por parte do *normalien* francês. Apesar de elogiá-lo, Borne faz questão de apontar suas discordâncias em relação à maneira como o “aprendiz de filósofo” elegera trabalhar o tema. Escreve ele « *Sur l'ensemble* »: *Travail sérieux, personnel, plein de choses intelligentes, réfléchies, pénétrantes. L'ensemble témoigne d'une culture philosophique solide. Vous écrivez un français clair, limpide, sûr, nuancé ; et je vous félicite de cette maîtrise de la langue philosophique française. C'est votre méthode [sic] que je discuterais le plus volontiers. Ce n'est pas le physique qu'éclaira le psychologique, mais le psychologique qui éclaira le physique. Vous ne faites peut-être pas assez confiance dans l'expérience immédiate de la conscience et c'est sans doute la raison d'un relativisme d'allure honnête et courageuse. Étienne Borne* ». (Cf. Arquivo de João Cruz Costa, presente na biblioteca central da FFCL/USP)

⁸⁹ (SP: Boletins da FFCL/USP, nº.1, 1942). Nascido em 1550, nos arredores de Braga (Portugal), Sanchez era também médico e matemático. Contemporâneo de Montaigne (1533-1592), sua obra principal, intitulada *Quod nihil scitur*, é considerada por alguns autores (Joaquim de Carvalho (1955); Moreira de Sá (1947), entre outros) a grande pioneira do ceticismo renascentista – tese esta que, conforme veremos, será corroborada por João Cruz Costa.

perseguido pelo autor e que viria a se tornar uma de suas marcas registradas, isto é, trazer para o primeiro plano de análise o contexto histórico no qual as obras eram elaboradas e a partir do qual a atividade filosófica se dava.⁹⁰

Embora o trabalho que João Cruz Costa escreve nesse momento sobre Sanchez, filósofo de origem hispânica e de pouco valor às correntes filosóficas legitimadas (francesa e alemã), tenha sido criticado devido ao tratamento descritivo e sem qualquer originalidade dado ao mesmo, penso que ele tem o seu valor se compreendido em outra chave, a julgar pelas fontes aí utilizadas que, a meu ver, claramente denunciam a tradição intelectual ao qual mostrava-se filiar. Sob esse prisma em particular, a obra revela-se bastante interessante, já que traz à baila não somente as afinidades de Cruz Costa com o positivismo – patente, no caso, na maneira como compreenderá os períodos históricos - como também deixam entrever as influências recebidas de intelectuais hispano-americanos.⁹¹ Sob esse prisma, aliás, penso que as fontes utilizadas por Cruz Costa são de grande valia e muito significativas para refletir, inclusive, sobre o anacronismo de sua trajetória.

A disposição “prática” de Cruz Costa, por exemplo, inculcada muito provavelmente nos anos dedicados à medicina, talvez o tenha levado a se afinar, intelectual e filosoficamente, com o ceticismo e o humanismo do século XVI. Parece-me que autores como Montaigne, mas principalmente Sanchez, Menendez y Pelayo e, ainda, o argentino José Ingenieros, o estimularam nesse sentido. Contudo, não se pode menosprezar o peso que as ideias de León Brunschvicg, defendidas em *Le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale*, também tiveram nas justificativas encontradas pelo autor ao longo da tese, assim como à escolha do tema: Sanchez interessa porque, antes mesmo de Descartes, é pioneiro na condução da filosofia a uma outra direção. Para Cruz Costa, seria o primeiro filósofo a fazer uma “penetrante crítica” à ciência tradicional, muito embora o fizesse de modo confuso e “impotente” devido às

⁹⁰ Consultar, por exemplo, os seguintes artigos reunidos em *A filosofia no Brasil (Op.cit)*: “Humanismo e Cosmopolitismo” e “Um naturalista português do século XVI”, posteriores à sua tese de doutoramento, mas que evidenciam o quanto lhe era caro o assunto.

⁹¹ Influências tais que, cabe adiantar, conduzirão o autor à defesa de uma visão da filosofia muito particular. Para maiores detalhes, consultar a segunda parte da presente tese.

condições da época em que vivera. Historicamente, não lhe era possível realizar a transformação que vislumbrava:

[...] Para acabar de colocar Sanchez no seu momento e para conhecer quais as outras influências que se fizeram provavelmente sentir sobre as suas ideias, mister é ‘que abordemos o estudo dos filósofos espanhóis e portugueses do século XVI que, pelo seu racionalismo positivo, exerceram sobre ele uma influência mais profunda ainda’.[...] Lamentamos não possuir os textos destes filósofos espanhóis, que tão altamente contribuíram para o advento da filosofia moderna com o seu agudíssimo espírito crítico. *Lamentamos ainda não poder alargar neste trabalho, o lugar que aqui deveria ocupar a opulenta cultura ibérica do século XVI, tão marcada de vivíssimas contradições. Como muito bem nota o pensador argentino José Ingenieros, a península ibérica é uma das regiões mais interessantes para a história da filosofia. É preciso não esquecer, - escreve ainda Ingenieros -, que ‘os filósofos muçulmanos da Espanha, em maior projeção que os do Oriente, introduziram na Europa o aristotelismo, preparando a renovação da escolástica cristã.’ [...] Temos infelizmente descuidado, talvez mais do que devíamos, o estudo das história dessas duas culturas que estão na base da nossa formação e que, pela afinidade de língua e de evolução histórica, acompanham os destinos da América Latina*”.⁹²

O itinerário intelectual *cruzcostiano* certamente ganha nova dimensão se visto do ângulo da importância que o pensamento de alguns autores ibéricos teve para sua produção. A citação de tais autores alicerça, por exemplo, seu esforço meio insosso em fazer de Francisco Sanchez um dos precursores da filosofia moderna, devido ao seu “espírito atilado” e afeito à observação.⁹³ Por outro lado, parecem ajudá-lo a antecipar a

⁹² COSTA, J. C. *Op.cit.* p.52-6. Grifos meus

⁹³ Escreve ele que “[...] este ceticismo do século XVI constitui, sobretudo, uma arma de combate, um instrumento de destruição do dogmatismo dos autores antigos, principalmente de Aristóteles e dos autores medievais. Todo o esforço dos ‘céticos’ do século XVI visa destruir uma forma dogmática e vã da ciência e preparar o terreno para que nele se possa construir uma ciência sólida. Sanchez, no seu livro, vai fazer também do seu ceticismo, uma máquina de guerra contra o dogmatismo dos autores antigos. A fórmula inicial – *nada se sabe* – em uma época em que todas as noções eram absolutas, a crença, a autoridade temporal, a natureza e a vida, era a proposição altiva e destemida da *relatividade* dos conhecimentos humanos. Nesta via positiva, Sanchez vai buscar a forma do conhecimento às ciências, e trata de estabelecer a noção de ciência como um conhecimento superior, que resulta do perfeito ou completo conhecimento. [...] Patenteada a vaidade das ciências e a precariedade do espírito humano, o que os pensadores do século XVI, os chamados “céticos” vão fazer, é procurar, dentro da relatividade das cousas, um método que possa dar conta, de uma maneira relativamente provável, tendo em consideração a fragilidade humana, do poderio do homem sobre a natureza. Para isso, guardam, todavia, suficiente confiança na razão. Há, sem dúvida, para todos eles, uma arte de bem pensar, uma regra para a direção do espírito. É o problema do método. E, todo o *Quod nihil scitur*, como havemos de verificar mais adiante, não visa outra cousa. ‘O ceticismo e o criticismo – escreve Menendez y Pelayo -, vistos

tese defendida posteriormente em *Contribuição à história das ideias filosóficas no Brasil*, qual seja, a do caráter prático do português, preso aos domínios da experiência: em *Contribuição...*, o que se percebe, no fundo, é um alargamento da ideia de que o povo latino seria portador desse pragmatismo que atribui à experiência a fonte de todo tipo de conhecimento. Sanchez interessa porque faz a crítica, tão cara a Cruz Costa, da silogística e do pensamento escolástico. Seu desejo de construir uma ciência que estivesse próxima à realidade faz dele um pioneiro do empirismo moderno, haja vista que “apenas os sentidos” poderiam dar o conhecimento mais aproximado da realidade.

Esses dados, embora possam parecer caros a uma historiografia das ideias num primeiro momento, são aqui extremamente interessantes porque, como já disse, sua visão de Sanchez ajuda a compreender, num certo sentido, os dilemas da própria trajetória *cruzcostiana*; assim como ajuda a iluminar as tensões de todo o período de transição intelectual que vivera, experimentado seguramente num registro em que se notava um esforço de redimensionamento entre um capital cultural herdado (e que, enfim, persistia como modelo de trabalho) com novos paradigmas e experiências sociais inéditas a surgir na capital paulista.

Penso que esta tensão pode ser sentida a partir de diferentes perspectivas, a começar pelo diletantismo do autor, bem como pelos diversos diálogos estabelecidos com autores da tradição modernista do país e, ainda, com certa linhagem do pensamento social latino-americano. De ambas, Cruz Costa herdara questões voltadas sobremaneira para o *sentido* de nossa formação, de modo que pensar a filosofia que então se queria semear na Universidade de São Paulo era, antes de tudo, pensá-la a partir de nossas singularidades e da contribuição real que pudesse ter à nossa intelectualidade tão mal-acostumada a pensar por conta própria e que, além de tudo, não se ocupava com as particularidades de nossa história.

serenamente e à distância, não devem ser estimados, segundo geralmente são julgados, como filosofias puramente negativas e dissolventes, mas como momentos obrigatórios da evolução filosófica, como pontos de parada em que o espírito se detém para fazer exame de consciência e prosseguir com mais alento para a frente. Tomam, em geral, uma forma violenta, como de desafio ao sentido comum, à autoridade e à tradição; costumam nascer de um excesso de dogmatismo imposto por largos séculos e que, de um modo ou de outro, suscitam rebeliões e protestos, nos quais, a troco de negar o valor da ciência oficial, se chega até a negação de toda a ciência'. (COSTA, J.C. *Op.cit.* p.45)

Embora eu não tenha aqui a intenção de aprofundar o tema, gostaria, porém, de destacar como a questão do iberismo, por exemplo, assim como a valorização dessa herança, é assunto do qual Cruz Costa se ocupa por diversas vezes. Penso que a referência frequente a Miguel de Unamuno - assim como a Azorín - é significativa por desnudar algumas das questões mais candentes ao autor brasileiro: a não separação dos valores éticos daqueles de ordem intelectual. Conforme esclarece Elide Rugai Bastos, uma das características da tradição ibérica de pensamento corresponde, justamente, a essa espécie de “estímulo moral” que preside a reflexão, de modo a “pedir” dos intelectuais o empenho direto na ação.⁹⁴ Haveria, pois, a valorização de um realismo a culminar numa intervenção missionária do intelectual, muito embora essa tradição também estivesse marcada “tanto pela liberdade de expressão, como pela ausência de fórmulas canônicas de pesquisa e, principalmente, pela não separação das experiências de vida e de escritura”.⁹⁵

É de se notar, ainda, que é em parte devido a esses estudos e interesses que Cruz Costa voltar-se-á para a gênese histórica da colonização brasileira. Segundo muito bem observa Tânia Gonçalves, seu interesse pelo século XVI lusitano, “período marcado pela indecisão entre a cultura medieval e os novos valores que caracterizariam a modernidade”, marca sua busca pela história brasileira, pois “é nesse período que Cruz Costa identifica o colonizador aventureiro e o jesuíta”, os dois tipos, enfim, que forjariam e estariam na raiz do nosso caráter.⁹⁶

Como disse, não pretendo esgotar a questão. Interessa-me, antes, ressaltar quão embebido desse espírito Cruz Costa estava, a ponto de sustentar que seria a partir da trama portuguesa que encontraríamos “alguns dos fios do desenho complicado que vimos bordando há quatro séculos”⁹⁷. Porém, isso estava longe de significar que

⁹⁴ Cf. BASTOS, E. R. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso el Bueno*. Bauru/SP: EDUSC, 2003. p.175

⁹⁵ IDEM. p.59

⁹⁶ GONÇALVES, T. *Op.cit.* p.57

⁹⁷ COSTA, J.C. “A filosofia e a evolução histórica nacional”. *Op.cit.* p.19

existissem filosofias consolidadas no território brasileiro. Era, afinal, muito cedo ainda para que tal atividade do espírito pudesse existir “em nossa terra”⁹⁸.

A meu ver, as identificações que Cruz Costa estabelecera com Mário e outros autores de verve modernista corroboram o perfil múltiplo e diletante de seu percurso intelectual. Tendo sido, do ponto de vista intelectual, um amador, Cruz Costa apenas enunciaria um programa de filosofia à brasileira, deixando-o todavia em aberto para que dele pudessem se ocupar as gerações futuras, a partir de direções e vertentes variadas. No mais, a grande questão era preparar o terreno para que tivéssemos, enfim, outras possibilidades – mais frutíferas e desejáveis. Ainda assim, o “filosofante” estaria exposto a inúmeras críticas. Algumas delas, inclusive, feitas por amigos chegados e que lhe “frequentavam”. Falo de Antonio Candido, que não demorou muito para reagir contra esse “nacionalismo duvidoso” defendido por Cruz Costa, muito embora apreciasse o esforço do amigo feito no sentido de chamar a atenção de seus estudantes às coisas do Brasil.

Em um pequeno artigo que escreveu para o *Diário de S. Paulo* em 1945⁹⁹, Candido pôs em questão o “desvanecimento” de Cruz Costa para com o utilitarismo português e disse não achar possível “explicar a ausência de filosofia em nossa raça apenas pela aplicação das energias em campos mais tangíveis.”¹⁰⁰ Mesmo porque, continua ele, “o tal pragmatismo lusitano” teria se revelado quixotesco se considerada a “incapacidade mostrada pelos portugueses em construir um império colonial”¹⁰¹ que fosse sólido. Em outros termos, Portugal não havia criado um *estilo* capaz de se manifestar nas artes e na cultura tal como o havia criado, por exemplo, a Holanda – país, enfim, que teria absorvido “em magnífica floração prática as possíveis energias especulativas”:

⁹⁸ “A filosofia no Brasil viveu sempre, é certo, sujeita às chegadas dos paquetes da linha da Europa. Mas por que havemos nós de nos entregar à apagada e vil tristeza da inquietação quando verificamos que os nossos filósofos nunca se mostraram originais? É talvez cedo ainda para que possa existir filosofia em nossa terra”. (IDEM. *Ibidem*.)

⁹⁹ Trata-se do artigo “A filosofia no Brasil”, publicado na seção “Notas de Crítica Literária” do jornal supracitado, em 22/11/1945. O mesmo pode ser encontrado na coletânea que Vinicius Dantas preparou do crítico. Cf. *Textos de intervenção*. SP: Duas Cidades; Ed.34, 2002. pp.258-265

¹⁰⁰ IDEM. p.260

¹⁰¹ IDEM. *Ibidem*.

Portugal – um D. Quixote que se metesse a mercador – é mais complicado e menos imponente. A sua cultura não revela transposição de energia, mas, antes, arrancos nem sempre coordenados e uma incapacidade construtiva que nos passou, como tara gentil. Penso, assim, que a interpretação do prof. Cruz Costa vale apenas por um lado, não bastando para explicar a nossa fraqueza especulativa.¹⁰²

Candido contestou, ainda, a tese *cruzcostiana* de que as ideias devem sempre servir a algo coletivo. Além de perigosa, Cruz Costa poderia estar, no entender do crítico, declarando a morte da filosofia “reduzindo-a à reportagem inteligente e, de qualquer modo, à submissão ao imediato.”¹⁰³

A tensão à qual Cruz Costa ficaria exposto por conta dessa herança intelectual também pode ser captada pelas primeiras impressões que Bento Prado Jr. formara das ideias do antigo professor quando lhe caíram nas mãos os textos do mestre.¹⁰⁴ Em um de seus famosos ensaios, Bento Prado tomou a iniciativa de descrever, mostrando-se interessado no assunto, a situação da filosofia no Brasil partindo da tese de que um dos erros maiores de Cruz Costa estaria na sua tentativa de buscar construir a filosofia brasileira (e, portanto, o que ela *deveria* ser) com base num “nacionalismo duvidoso” - concluindo que, “nessa busca do tempo perdido” haveria “algo de patético, algo como uma Nação à procura do seu próprio ‘espírito’”¹⁰⁵.

¹⁰² IDEM. *Ibidem*.

¹⁰³ IDEM. p.261

¹⁰⁴ Digo “primeiras impressões” porque anos depois Bento Prado se “corrige” em relação a esse primeiro ensaio sobre o livro de Cruz Costa com um outro texto, assumindo um ponto de vista diferente: refiro-me ao artigo “Cruz Costa e a história das ideias no Brasil”, publicado em 1982, ou seja, catorze anos após ter escrito “O problema da filosofia no Brasil” ao qual faço referência na tese.

Embora não me tenha sido possível descobrir a fonte original na qual o texto de 1982 fora publicado, o mesmo fora reunido e republicado por R. MORAES no livro *Inteligência Brasileira*. SP: Brasiliense, 1986. pp.101-124.

¹⁰⁵ PRADO JR., B. “O problema da filosofia no Brasil”. *Op.cit.* p.190

A ideia de filosofia nacional recobre habitualmente dois preconceitos nem sempre discerníveis: um preconceito psicologista e um preconceito historicista. A filosofia é aí pensada como a *expressão* de uma alma ou de um espírito cuja natureza permanece inalterada ao longo da História. É a identidade do espírito que garante a continuidade da História e que faz com que as várias filosofias pareçam suceder-se dentro de um mesmo tempo, como as frases sucessivas de um único discurso. A ênfase no eixo diacrônico e a tese da expressão estão intimamente entretecidas na raiz dessa idéia de filosofia nacional. Mas, *na cumplicidade entre esses pressupostos, o que se perde é a autonomia da história da filosofia e a natureza do próprio discurso filosófico.*¹⁰⁶

Na obra de João Cruz Costa existe inegavelmente um projeto filosófico de caráter prático que toma a jovem civilização americana como “algo a mais do que uma simples imaturidade”¹⁰⁷, afinal, apoiando-se em uma linhagem particular do pensamento brasileiro, Cruz Costa visava destacar, pois, a “súbita inversão” ocorrida na cultura americana, “onde o negativo passa a positivo”:

Se examinarmos globalmente a interpretação que Cruz Costa nos oferece da história das ideias no Brasil, verificaremos que ela é comandada essencialmente por uma dialética que opõe formalismo a realismo, especulação a pragmatismo, transoceanismo a radicação da cultura nacional, metafísica a crítica social. Este sistema de oposições define, é claro, não apenas o fio condutor da interpretação do passado, mas projeta também uma concepção da própria filosofia, seu ideal e seu programa. [...] *O que era pensado como carência e vazio cultural, passa a ser pensado como liberdade diante do peso da tradição. A metafísica – ruptura com os estímulos da ação ou esquecimento de origem -, fruto de uma consciência serva da tradição, dificilmente pode florescer no novo continente.*¹⁰⁸

Se acompanharmos o movimento de análise de Cruz Costa, “verificamos que o pragmatismo herdado da cultura portuguesa vem finalmente transformar-se numa filosofia *engagée*, que não quer esquecer a sua radicação na *praxis*”.¹⁰⁹

¹⁰⁶ IDEM. p. 174. Grifos meus.

¹⁰⁷ PRADO Jr., B. *Op.cit.* p.182

¹⁰⁸ IDEM. *Ibidem*. Grifos meus.

¹⁰⁹ IDEM. *Ibidem*.

Este traço, digamos, “pragmático” de sua filosofia e que em muitos momentos dialoga com as teses de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque acerca do “caráter” do português, como o leitor pode ver, com o tempo se transformará no calcanhar de Aquiles de Cruz Costa dentro do universo uspiano. A defesa da aproximação do discurso filosófico com a cultura nacional explica, em parte, o ostracismo intelectual ao qual ele fora denegado, não obstante a relevância política que sempre tivera para as demais e sucessivas gerações. A meu ver, o diálogo estabelecido com a tradição modernista acentuara ainda mais a “falta de lugar” do filósofo amador em meio à linguagem científica que então se desenhava na faculdade e a criar, enfim, condições institucionais diversas à vida acadêmica, transformando por completo os critérios de produção do saber.

Sob tal perspectiva, parece-me, enfim, que os comentários de Bento encontram-se claramente inseridos numa “questão de princípio”¹¹⁰ do que viria a suceder no universo filosófico uspiano, no qual os agentes pautar-se-iam sobretudo por um tecnicismo cujos discursos deveriam ser esmiuçados por um trabalho exaustivamente disciplinar e, ainda, de exigências puramente conceituais. Alinhado, em parte, a essa nova tradição disseminada intramuros na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Bento não podia aceitar de todo certo “utilitarismo” que seguramente marcava as reflexões *cruzcostianas* - o qual, de fato, terminava por enquadrar a maneira do mestre pensar filosoficamente. Aos olhos da nova geração, parecia, pois, condenável a defesa de uma filosofia que estivesse ancorada na utilidade que pudesse ter aos nossos intelectuais. Que servisse, em suma, para refletir acerca da realidade do país.

Ora, conforme ressalta Maria Arminda do Nascimento Arruda, os novos critérios acadêmicos eram apanágio de uma prática intelectual até então inexistente nesse cenário e que passou a valorizar, justamente, o discurso de caráter mais “autônomo” e “universalista” em oposição ao diletantismo e amadorismo da geração anterior. Ao analisar os percalços, bem como as marcas e conflitos vividos pelos cientistas sociais oriundos de São Paulo nesse período de transição, sobretudo Florestan Fernandes, a socióloga desvenda de maneira reveladora como, enfim, em meados do XX, a linguagem científica tornou-se a tônica das práticas e discursos valorizados pelos chamados uspianos. Modulada por “uma forma de exposição cujo traço marcante refere-

¹¹⁰

ARANTES, P. *Op. cit.* p.95

se à apresentação de um discurso não apenas permeado por conceitos, mas no qual a precisão da linguagem científica é o principal elemento ordenador”¹¹¹, a escola de sociologia liderada por Florestan Fernandes dará vez e voz ao especialista treinado nos quadros exclusivos da universidade, em oposição ao autodidatismo que então era apanágio das gerações anteriores:

A modificação central ocorrida deve-se a um modelo de exposição das ideias, ligado a um intelectual que organiza rigorosamente seu texto, sobre o qual ele exerce um controle racional. O domínio da teoria confere-lhe as condições indispensáveis para encaminhar a análise em direção aos terrenos seguros da verificação. Daí, nos momentos nos quais uma disciplina inicia o processo de edificação dos seus espaços, é comum a ênfase nas discussões teórico-metodológicas. E é por esse motivo, também, que a crítica passa a incidir sobre o ensaio, visto ser uma forma estranha à regra do jogo da ciência e da teoria organizada.¹¹²

Mutatis mutandis, a emergência dessa nova forma de discurso também ajuda a compreender o que ocorrera na Filosofia por volta do mesmo período. Penso, aliás, que a legitimação dessa nova linguagem permite aquilatar o modo como Cruz Costa paulatinamente vai se tornando um intelectual *démodé*, terminando à margem desse processo de autonomização. De que maneira, pois, esse deslocamento foi ganhando contornos cada vez mais precisos a ponto de mudar o eixo do sistema de linhas de força que então vicejava na faculdade? A meu ver, o (tímido) legado intelectual de João Cruz Costa não pode ser de todo compreendido se se ignorar as condições objetivas que o lançaram a uma posição anacrônica e marginal.

Por vários anos, fiquei a ponderar que espécie de “tradição” filosófica era esta que se consolidara em São Paulo, capaz de acantoná-lo e denegá-lo a um quase completo esquecimento. E por que, enfim, o silêncio das demais gerações em torno de sua própria história? Simples questão de método que não se ocupa do contexto, por ser este o domínio de outras disciplinas? A verdade é que eu não estava de todo convencida da tradição que então me fora transmitida em detrimento de outra que, simultaneamente, me era negada.

¹¹¹ ARRUDA, M. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru/SP: EDUSC, 2001. p.212

¹¹² ARRUDA, M. *Op.cit.* p.212-3

DISPUTAS EM TORNO DA FILOSOFIA LEGÍTIMA

...Era de um lado a falta de jeito do Lívio Teixeira, e de outro a eloquência brasileira do século XIX.

(Ruy Fausto)

Da esq. p/ a dir.: Jlio Stamato, Edgar Radesca, Jean Gag, Joo Cruz Costa e Eurpedes Simes de Paula.

Em meados da dcada de 1930, uma srie de iniciativas culturais ganhava terreno na cidade de So Paulo e ia, aos poucos, por ela se espraiando. O clima de mudana, embora no se soubesse com clareza o que iria provocar, marcava o compasso da sociabilidade poltica e intelectual paulistana. Entre 1933 e 1934, por exemplo, com a criao da Escola Livre de Sociologia e Poltica, bem como com o decreto que fazia

surgir a Universidade de São Paulo, o “tiro” inicial havia sido dado.¹¹³ Porém, apesar das mudanças que viriam cada vez mais a passos largos, o certo é que se buscava, ainda, a tônica capaz de harmonizar o conjunto. Muito estava por ser feito. E o que tinha início era, na realidade, puro artesanato.

Iniciado em 1934 e sob a direção de Étienne Borne, antigo aluno da Escola Normal Superior de Paris, o ensino de Filosofia da FFCL/USP abarcava, a princípio, três cadeiras: Filosofia, História da Filosofia e Psicologia. Todas ministradas por este único professor que ficou somente um ano no Brasil. Borne, que viera a pedido de George Dumas e em caráter de urgência para que a FFCL pudesse ser inaugurada, logo seria substituído por Jean Maugué – quem, enfim, haveria de ser o grande responsável por estabelecer as diretrizes e bases do curso de filosofia na recém-criada faculdade.¹¹⁴

Como se sabe, a chamada primeira missão francesa possuía uma delegação de caráter provisório e improvisado, pois a maior parte dos professores contratados não tinha intenção de se estabelecer no Brasil.¹¹⁵ Era o caso de Étienne Borne, um *normalien* de origem católica que precisava, à época, retornar a Paris para terminar seu

¹¹³ O clima de renovação cultural experimentado em São Paulo desde, pelo menos, o movimento modernista seria responsável pela germinação de mudanças também do ponto de vista da instrução e da educação e que resultariam, enfim, na campanha pela criação de instituições acadêmicas de feição como a Escola de Sociologia e Política e a própria USP: “[...] a Semana já estava feita, já tinha se realizado. Mário de Andrade já era célebre, Oswald também, as nossas ideias já tinham, pode-se dizer, triunfado, ninguém mais discutia modernismo, aceitava-se ou não, mas ele existia. [...] Nós resolvemos que era preciso agir culturalmente em São Paulo.” (MORAES, Rubens Borba de. “Da Semana de Arte Moderna à Fundação da Escola Livre: no calor de 1932”. In: KANTOR, I. et al. (Org.) *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. SP: Escuta, 2001. p.132)

¹¹⁴ O texto que Jean Maugué escrevera nesse sentido, “O ensino da Filosofia e suas diretrizes”, presente no primeiro anuário da Faculdade, é considerado amiúde a “certidão de nascimento” da filosofia uspiana. Para maiores detalhes, cf. ARANTES, P. *Um departamento francês de ultramar*. Op.cit.; e CORDEIRO, D. *A formação do discernimento: Jean Maugué e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

¹¹⁵ Para maiores detalhes, consultar os trabalhos de PEIXOTO, F. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. Op.cit.; PETITJEAN, P. “As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940)”. In: HAMBURGUER, A. et al. (Org.) *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. SP: EDUSP; FAPESP, 1996. pp.259-330; e, ainda, RODRIGUES, L. S. *Mestres, discípulos e um seminário*. Tese de doutorado em história social. Op.cit.

doutorado.¹¹⁶ A segunda missão, ocorrida entre os anos de 1935 e 1937 estava, por sua vez, caracterizada pela figura típica do professor de um liceu de província, distante, portanto, dos quadros acadêmicos de maior prestígio na França.¹¹⁷ Maugüé, todavia, possuía um itinerário um tanto quanto peculiar. Verdade que um normalista típico - era professor efetivo de Letras, tal como Paul Hourcade e Michel Berveiller¹¹⁸ - porém também *agrégé en philosophie* e próximo de Jean Paul Sartre e Raymond Aron. Segundo um interessante depoimento dado a Patrick Petitjean, Maugüé teria sido convidado a vir para o Brasil por George Dumas, a quem conhecia devido às aulas a que assistira do mesmo no Hospital *Saint-Anne*, em 1927 - e tal como João Cruz Costa, diga-se de passagem.¹¹⁹ Tendo em mente a ascensão da própria carreira em seu país de origem, Maugüé

¹¹⁶ Tudo indica que, ao voltar para França, Étienne conseguiu um posto no famoso liceu *Luis-le-Grand*, chegando a dar aulas para figuras que se tornariam famosas no ambiente acadêmico francês, como seria o caso de Pierre Bourdieu. Em um livro no qual o sociólogo toma por objeto seu próprio percurso intelectual, há um momento em que ele escreve que, no liceu Louis-le-Grand, em fins do decênio de 1940, sempre se destacava nos concursos de filosofia presididos por Étienne Borne, “um dos representantes reconhecidos do personalismo cristão” e com o qual viria a se desentender em muitas ocasiões anos mais tarde. (Cf. BOURDIEU, P. *Esboço de auto-análise*. SP: Companhia das Letras, 2005. p.124)

¹¹⁷ Como se sabe, as estratégias para constituir as missões foram diversas e, segundo sugere Patrick PETITJEAN, a missão de 1935 rompe radicalmente com as tradições até então mantidas na cooperação Brasil-França por meio do *Groupement* e, portanto, da figura central de George Dumas. Para maiores detalhes, consultar o trabalho do próprio PETITJEAN (*Op.cit.*), bem como as teses de Fernanda Peixoto e Lidiane Soares Rodrigues às quais também já me referi anteriormente.

¹¹⁸ Cf. PETITJEAN, P. *Op.cit.* Denilson Cordeiro esclarece, ainda, que as primeiras experiências docentes de Maugüé na França ocorreram na cidade de Tulle, no ano de 1932, e posteriormente em Montluçon, de 1933 a 1934. (Cf. CORDEIRO, D. *Op.cit.*)

¹¹⁹ Aqui, talvez caiba revelar ao leitor uma hipótese que tenho (mas que ainda não pôde ser confirmada) a respeito da amizade de Cruz Costa com Jean Maugüé, qual seja: a de que eles se conheceram muito antes de o famoso *normalien* ter aportado no Brasil para dar aulas na Faculdade de Filosofia. O material que pude consultar no arquivo de João Cruz Costa até o momento, causou-me a impressão de que ambos se conheceram, justamente, através de Dumas, na própria França. Alguns comentários de Maugüé encontrados, por exemplo, nos trabalhos de graduação de Cruz Costa caminham nessa direção. Contudo, somente poderei confirmar (ou não) o fato, quando puder coletar e examinar todas as cartas de Maugüé presentes nas inúmeras pastas de correspondência mantidas pelo brasileiro e que, recentemente, foram doadas à Universidade de São Paulo pela família do autor.

conta que George Dumas queria professores em princípio de carreira porque ninguém queria vir, salvo Braudel, ninguém estava atraído por um semelhante exílio. Ele vinha então com a obsessão de escapar do ensino dos liceus de província, e o propósito de voltar à França com a carreira assegurada.¹²⁰

Muito embora tenha encarado a iniciativa tendo em vista a progressão na carreira, como era de praxe aos egressos da *École*,¹²¹ sabe-se que ele jamais levara o plano adiante ao regressar para a França.¹²² De perfil distinto do católico Borne, Maugüé – que se tornaria um mestre “famoso” por meio do grupo *Clima* - era de esquerda e de origem protestante. Chegara a São Paulo junto com outros normalistas *en mission* que ficariam conhecidos internacionalmente - caso, por exemplo, de Fernand Braudel e Claude Levi-Strauss.¹²³ Uma vez no Brasil, Jean Maugüé seria o grande responsável pelas três cadeiras do curso de Filosofia da FFCL/USP como único mestre até 1939; mas ministraria aulas até o ano de 1943, quando finalmente parte para o *front* – Argélia – unindo-se às tropas de De Gaulle.

Segundo o testemunho de alguns ex-alunos, o jovem normalista ministrava suas aulas de filosofia e psicologia a partir de um assunto qualquer, muitas vezes extraído de uma notícia de jornal. Com muita propriedade e cioso de si, falava de arte, teatro, cinema, enfim, de coisas que lhe eram familiares para, a partir delas, chegar propriamente às questões mais candentes da filosofia. Cursos, em suma, dos mais

¹²⁰ IDEM. *Ibidem*.

¹²¹ Como se sabe, os egressos da *École* desfrutavam de grande prestígio social e profissional, de modo que não eram poucos os que chegavam a ocupar os postos mais altos da elite intelectual francesa após a conclusão da chamada agregação. Sobre o assunto, consultar, por exemplo, os livros de Pierre Bourdieu: *Meditações Pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. RJ: Bertrand Brasil, 2001; e *Esboço de auto-análise*. *Op.cit*.

¹²² Para um exame detido da trajetória de Maugüé, consultar a tese de Denilson Cordeiro já citada, assim como o livro de memórias do normalista, *Les dents agacées*, com dados bastante interessantes a respeito de seu itinerário.

¹²³ Além desses, viriam ainda: Paul Arbousse-Bastide, Roger Bastide, Paul Hugon e Pierre Monbeig.

concorridos nos corredores da faculdade - e que pareciam deixar o público meio embasbacado.¹²⁴

Étienne Borne, 1º professor de Filosofia (1934); e Jean Maugué, que ficou no Brasil de 1935 a 1944.

O que importa ressaltar, no entanto, é o fato de o jovem *agrégé* ter trazido na bagagem “um repertório formativo e erudito respeitável”,¹²⁵ que certamente inaugurava “uma espécie de plataforma intelectual organizada”¹²⁶. Plataforma esta reverenciada sobremaneira por setores da elite local, desejosos de formar um Brasil de *tipo paulista*¹²⁷, por meio de uma expansão cultural na qual, cabe reconhecer, os franceses teriam influência decisiva, a fim de formar uma consciência nacional mais

¹²⁴ PETITJEAN nota que todos os seus antigos alunos parecem insistir no fato de que teria havido o chamado “estilo” Maugué, o qual se diferenciava, inclusive, dos métodos perquiridos pelos demais colegas franceses (PETITJEAN, P. *Op.cit.* p.304). A esse respeito, vale ainda a consulta ao conhecido texto de Gilda de Mello e Souza, “A estética rica e a estética pobre dos professores franceses”. In: *Exercícios de leitura*. SP: Duas Cidades, 1980. pp.211-220

¹²⁵ CORDEIRO, D. *Op.cit.* p.57

¹²⁶ IDEM. *Ibidem.*

¹²⁷ CARDOSO, I. *A universidade da comunhão paulista*. SP: Autores Associados; Cortez, 1982.

autonomizada, embora à primeira vista isto soasse como um paradoxo. O espírito francês – pregava a elite ilustrada – era algo necessário para semear em território nacional condições de superação da dependência em que vivíamos, isto é, que nos possibilitasse ultrapassar o estágio da simples imitação, mera cópia servil:

O projeto de expansão francesa vinha a calhar com o gosto local de uma parcela importante da sociedade brasileira à qual Mário de Andrade enquadrava sob a rubrica de nossas “elites despaisadas”. [...] Isso quer dizer que a nossa elite órfã de uma nação buscava pelas vias tortas da confusão entre universal e estrangeiro, entre inspiração e submissão, entre colaboração e dependência, o lugar ideal que lhe permitisse adentrar no sonhado mundo da *modernidade*.¹²⁸

Daí, portanto, a profilaxia defendida por Maugüé em suas “diretrizes de ensino”- em prol de nos corrigir os modos e nos ensinar a estudar e a ler filosofia *comment il faut*. Texto redigido exclusivamente para o curso de Filosofia da FFCL recém-criado e que, portanto, visava fixar as condições de seu ensino no mais novo espaço acadêmico do país, o jovem normalista defendia, assim, a conhecida máxima kantiana: *a filosofia não se ensina; ensina-se a filosofar*.¹²⁹

Contrariamente a outras disciplinas, Maugüé desejava sustentar a tese de que em filosofia não haveria um saber, ou melhor, um corpo de verdades inquestionáveis e já constituídas que pudessem ser transmitidas objetivamente. Aqui, “o ensino vale o pensamento daquele que as ensina”, pois “a *filosofia é o filósofo*” – não havendo, conforme já salientado, um objeto que lhe fosse próprio.¹³⁰ Sendo reflexiva e possível somente a partir do desenvolvimento dos demais saberes, mas ancorada na história, ela seria, segundo o jovem professor, uma espécie de esforço reflexivo sobre o próprio pensar, sobre a própria atividade científica e suas respectivas orientações. “Sendo a mais abstrata das atividades do homem”, a filosofia seria a atividade intelectual “mais

¹²⁸ CORDEIRO, D. *Op.cit.* p.45

¹²⁹ MAUGÜÉ, J. “O ensino da Filosofia: suas diretrizes”. In: ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS, 1934-1935. p.25

¹³⁰ IDEM. *Ibidem*. Nas palavras de Maugüé: “Uma cátedra de Filosofia é pura e simplesmente um filósofo”.

próxima da verdade total”¹³¹ – em suma, a rainha coroada de todo e qualquer tipo de saber.

Isto posto, seriam três as condições necessárias para que a atividade filosófica pudesse germinar por aqui devidamente. A saber: o cultivo, em primeiro lugar, de um saber vasto e erudito, afinal o ensino da filosofia não deveria ser anterior à aquisição da cultura. Em segundo lugar, a preocupação com as questões da atualidade, de modo a não esquecer seu caráter “concreto” e vívido e, por fim, a oferta ao estudante do contato com os próprios textos filosóficos, a fim de se familiarizar com o raciocínio e os argumentos de cada um dos filósofos. Daí a importância, conclui Maugüé, da própria história da filosofia como elemento formador do espírito filosófico. Para o jovem *en mission*, uma boa aula de filosofia não poderia prescindir do conhecimento dos clássicos.

[...] Enfim, quando dizemos que a filosofia deve repousar sobre o conhecimento da história, é necessário que nos entendamos. A história não é uma recapitulação de doutrinas, uma espécie de lista de nomes ilustres aos quais se distribuiria, segundo uma justiça universitária, o elogio ou a censura. A história da filosofia consiste na retomada de contato, na comunhão com os grandes espíritos do passado. Platão, Santo Tomás de Aquino, Descartes, Spinoza ainda são vivos nos seus textos. [...] A filosofia se trai a si mesma quando negligencia aqueles que efetivamente a representaram.¹³²

Obviamente, todos estes “preceitos”, assim como a própria concepção de filosofia do jovem normalista precisam ser relativizados. A começar pela formação recebida na *École* – instituição que, bem se sabe, ocupava uma posição de destaque no sistema intelectual francês. Assim como também os filósofos que, nele, indubitavelmente desfrutavam de grande prestígio em relação às demais ciências na França daquele período. A visão de filosofia que Maugüé trazia na bagagem não

¹³¹ IDEM. p.27

¹³² MAUGÜÉ, J. *Op.cit.* p.29

deixava, certamente, de ser apanágio de uma tradição de ensino que, grosso modo, traria também para o Brasil suas consequências.¹³³

Também não se pode perder de vista o público para o qual ele dirigia a palavra: àquela altura, em meados de 1930, a lição se dirigia a alunos diletantes, provenientes em sua maioria dos setores tradicionais, bem como da burguesia paulista, cujas disposições intelectuais caminhavam em sentido contrário àsquelas do próprio Maugüé.¹³⁴ Destarte, não causa surpresa a crítica que então vinha acompanhada de tais “medidas profiláticas”: a seus olhos, o Brasil precisava descobrir a “verdadeira” filosofia e parar de julgá-la “segundo a sua novidade ou segundo a sua utilidade prática”¹³⁵, tal como ocorria na América do Norte. Contrariamente a essa concepção, argumentava ele, a tradição francesa tinha por costume “amalgamar todo novo estilo às arquiteturas já conhecidas” e tendia “a encontrar em toda ideia nova o que os clássicos já haviam pressentido”¹³⁶. Não se tratava, segundo o jovem *normalien*, de uma atitude conservadora, mas sim, precavida e cautelosa:

¹³³ Pierre Bourdieu é categórico ao falar da hegemonia exercida pelos filósofos em meados do XX em vários de seus livros. Bem sei que me refiro aqui a um momento anterior a este ao qual o sociólogo faz menção, isto é, as décadas de 1940 e 1950. Contudo, não me parece equivocado sustentar que tal liderança já estava posta nas décadas anteriores pelo simples fato de, na França, o campo filosófico ter se constituído (com exceção talvez da História) muito antes de qualquer outro. Ademais, a autonomização de áreas do saber tais como a psicologia e a sociologia se deram, em certa medida, a partir e contra a hegemonia da atividade filosófica – atividade que sempre fora, enfim, uma espécie de *célula-mater* das demais. Para Bourdieu, a tradição de ensino ao qual Maugüé estava ligado era uma tradição em tudo “escolástica”, que praticava leituras conceituais completamente estéreis ao recusar-lhes a gênese (“anamnese de origem”) e as formas específicas de produção desses conceitos:

“Em suma, que faz a leitura escolástica? Ao ignorar, em proveito de genealogias estéreis, o espaço dos possíveis em relação ao qual um conceito se afirmou, o que poderia dar uma ideia mais justa de sua função teórica, ela acentua, levando-a até o limite, ao absurdo, o aspecto que o conceito já deveria ter acentuado, por vezes com algum excesso, para romper com a(s) representação(ões) dominante (s) ‘ao entortar o bastão em outra direção’”. (Cf. *Meditações pascalianas. Op.cit.* p.78)

¹³⁴ Segundo dados recolhidos nos anuários, o curso de Filosofia tinha, em seu primeiro ano de funcionamento, 46 alunos matriculados no mesmo, caindo para pouco mais da metade (27) no ano seguinte, sendo que dos 46 que haviam iniciado o bacharelado em 1934, apenas 12 dariam seguimento ao curso. Em 1936, o número de matrículas cairia ainda mais: 10 no primeiro ano e apenas 11 (daqueles 46) para realizar o terceiro e último. Cf. “Seções da FFCL”. In: Anuários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934-1935); (1936)

¹³⁵ IDEM. *Ibidem*.

¹³⁶ IDEM. p.30

[...] a tendência brasileira parece ser, exatamente, a contrária. [...] É um prazer para quem chega ao Brasil observar como aqui são acolhidas as ideias novas, como são incorporadas com um arrojo que não existe nos velhos países. Mas parece também que já chegou a hora, para o Brasil, de filtrar a sua imigração espiritual. E eis a razão pela qual consideramos que a base da filosofia no Brasil é a história da filosofia. Pode-se perguntar qual o interesse que há para um país novo em reavivar o seu trato com velhos pensadores como Platão ou Leibniz. São eles, todavia, que nos dão, por contraste, um sentido à nossa época. Serão eles que a tornarão consciente. [...] Em navegação, a posição e as novas rotas são dadas em referência a certos astros, considerados fixos. *Os filósofos clássicos são os pontos fixos da história. Se o presente não se situar exatamente em relação ao passado, será como um navio que perdeu a rota. A leitura de um filósofo clássico sugere ideias e imagens que serão fatalmente atuais. [...] A primeira necessidade do estudante brasileiro é adquirir o sentido, o tato histórico.*¹³⁷

Eis a lição que ficaria, pois, às primeiras gerações de estudantes da Faculdade de Filosofia, sobretudo aos dois ex-alunos que trabalhariam com ele nas cadeiras de Filosofia e História da Filosofia por cerca de dois anos, João Cruz Costa e Lívio Teixeira. Na condição de professores-assistentes, ambos ensaiariam levar adiante os ensinamentos do mestre, embora cada qual a seu modo. O primeiro, enfatizando as questões mais prementes da atualidade e ancorando-se, sobremaneira, naquele referido e necessário “tato histórico”. O segundo, fazendo prevalecer a leitura e a exegese dos textos clássicos de filosofia.

¹³⁷

MAUGÜÉ, J. *Op.cit.* p.30. Grifos meus.

Trabalhos de graduação de João Cruz Costa entregues a Étienne Borne, Jean Maugué e Paul Arbousse-Bastide nos anos de 1934, 1935 e 1936.

Maugué daria aulas na Faculdade de 1935 a 1943. Mas a colaboração francesa somente seria retomada no ano de 1947, quando Gilles Gaston Granger passou a dividir a cadeira como professor contratado pela FFCL/USP. Na sequência viriam, ainda, Martial Guérault (1948-1950), Claude Lefort (1955-1959), Gérard Lebrun (1960-1966 / 1973-1980), entre outros que ajudariam a constituir a nova feição da filosofia uspiana.¹³⁸ A vinda de Granger, assim como a de Guérault, seria de fundamental importância para que ocorresse uma virada no ambiente em questão – tal como seria, ainda, a presença de Victor Goldschmidt que, mesmo em Rennes, foi considerado um dos responsáveis pela mudança no padrão dos trabalhos da casa.¹³⁹ Entretanto, convém

¹³⁸ Além destes, viriam também Jean Gallard, François Warin e Francis Wolf. Para maiores detalhes, consultar quadro histórico disponível no sítio do próprio departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo: <http://www.graduacao.fflch.usp.br/node/19>

¹³⁹ Segundo o que escreve Denilson Cordeiro, “[...] ainda que não tenha sido professor em São Paulo, Victor Goldschmidt, na Université de Rennes, foi professor de vários dos professores e pesquisadores provenientes do Departamento de Filosofia da USP e que constituíram a nova feição filosófica da universidade. Um desses alunos, Oswaldo Porchat Pereira, trouxe para o Brasil e publicou uma tradução especial [do texto] “Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos”, que com o “*Le problème de l’histoire de la philosophie*”, de Guérault, seriam considerados

observar que, nesse ínterim, ou melhor, até que voltassem os franceses, muito se deu intramuros na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Com o novo regimento federal de 1939, o qual exigia o desmembramento das cadeiras e, por consequência, a contratação de mais professores, Jean Maugué indicaria o amigo e antigo aluno Cruz Costa para reger a primeira delas (Filosofia), depois de este já ter sido seu assistente por dois anos e de ter já ministrado algumas aulas no Colégio Paulistano durante a graduação, assim como convida Lívio Teixeira para a cadeira de História da Filosofia. É evidente que ambos seriam contagiados pelo sedutor *normalien*, embora de maneira distinta. Nos cursos que Cruz Costa viria a ministrar, por exemplo, encontraríamos as marcas de leituras sugeridas pelo francês (i.e. Brunschvicg), bem como tentativas de aplicação dos mesmos métodos de ensino. Um depoimento ofertado pelo próprio Cruz Costa em 1960 soa ilustrativo do que acabo de mencionar:

Quando eu era professor de Filosofia no Colégio Paulistano, costumava iniciar as minhas aulas falando aos estudantes de um problema de Psicologia. Dava como exemplo, digamos, o sentimento do já visto à paramnésia. Em alguns casos, obtinha resultados. Em outros, o que dava certo era a explanação elementar de uma questão como a da origem da vida. [...] Em outros surtia efeito a narrativa das feiras medievais, núcleo do capitalismo; em outros, ainda, o comentário de um filme. [...] Nunca me esquecerei das palavras de agradecimento que me dirigiu nesse ano um dos meus alunos e que traduzem, na sua ingenuidade – e eu digo sem modéstia – o resultado que obtive com aquela classe. Na sua simplicidade, foi esse o agradecimento: “*ao menos, professor, aprendemos a ver cinema!*”...

Não fiquei magoado com o ao menos! Ao contrário, regozijou-me ouvir aquele: ‘aprendemos a ver cinema’. Quer dizer, já não assistiriam apenas aos filmes: refletiriam sobre o que viam e isso já era caminho para a filosofia, pois que a estrada que conduz à sabedoria é a simplicidade.¹⁴⁰

Mas, que não se engane o leitor. A despeito das tentativas de se inspirar no famoso mestre, o fato estava longe de significar sucesso semelhante ao do normalista francês, pelo contrário: a fama das aulas de Cruz Costa era das piores e, quiçá, ter de

por ele como os dois momentos mais altos da metodologia científica em história da filosofia”. Cf. CORDEIRO, D. *A formação do discernimento. Op.cit.* p.154

¹⁴⁰

COSTA, J. C. *Panorama da História da Filosofia no Brasil*. 1960, pp.119-120

suceder o talentoso Maugüé deixasse a situação ainda mais embaraçosa a quem, como se dizia, se sentia mais à vontade fora da sala.¹⁴¹

Ora, até a década de 1950, era comum ver o corpo discente assumir postos didáticos logo após encerrarem o bacharelado. Isso ocorreu até pelo menos as quatro primeiras turmas de formandos da FFCL - como, aliás, já observara Fernando Limongi.¹⁴² E tal seria o caso, conforme se viu, de João Cruz Costa (que conquistara de imediato a posição de professor no curso de Filosofia), assim como também de Lívio Teixeira (1902 – 1975), um dos poucos colegas de turma do primeiro e o único de profissão durante alguns anos.

Primeira turma de formandos da FFCL/USP, em 1936. João Cruz Costa é o 5º (da esq. p/ a dir.), à frente; e Lívio Teixeira o 2º (da dir. p/ a esq.), mais atrás.

¹⁴¹ Sobre os constrangimentos que, ao que tudo indica, Cruz Costa sofria devido às suas dificuldades no trato com as aulas e os cursos que tinha que dar - não sendo, portanto, “grande professor” - Antonio Candido revela que ele “parecia meio intimidado, hesitava entre os diversos caminhos possíveis, falava baixo e acabava frequentemente optando pela conversa”, de modo que se sentia mais à vontade exercendo um magistério de caráter mais “informal”. (CANDIDO, A. “Prefácio” ao livro de João Cruz Costa, *Pequena História da República*. *Op.cit.* p.vii)

José Arthur Giannotti, por sua vez, confessa, num texto de homenagem póstuma, que o mestre jamais conseguira dar uma “aula magna”, enquanto Ruy Fausto registra que, apesar de “simpático” e de ter lá suas qualidades, “não se aprendia muito com ele”. (Cf. GIANNOTTI, J. “João Cruz Costa”. In: *Discurso*. Revista do Departamento de Filosofia. SP: FFLCH/USP, nº. 9, nov.1978. pp.7-8; Entrevista de Ruy Fausto concedida a Marcos Nobre. In: *Conversas com filósofos brasileiros*. SP: Ed.34, 2000. p.148)

¹⁴² LIMONGE, F. “Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo”. *Op.cit.*

Lívio, ao contrário de Cruz Costa, provinha de um núcleo familiar vinculado aos setores médios da cidade e reunia atributos opostos ao do colega de sala. Filho de um pastor protestante, formou-se em teologia e na mocidade chegou a tentar seguir os passos do pai, mas depois desistira em prol da carreira universitária. Por volta de 1938, um ano depois de ter sido convidado para ser professor-assistente de Jean Maugué, tentou se aproximar de uma igreja protestante de cunho mais liberal. Porém, com o tempo resolveu abandonar em definitivo “o púlpito pela cátedra”¹⁴³ para, dali em diante, se entregar por completo à vida universitária da FFCL, trazendo na bagagem a experiência de ter sido professor de português no Colégio Mackenzie. Em 1936, ainda estudante, teria publicado o ensaio “Mecanismo e finalidade na *evolução criadora* de Bergson” no primeiro número da revista *Filosofia, Ciências e Letras*¹⁴⁴ – já dando mostras de seu fôlego para reflexões de cunho mais abstrato e metafísico, diferentemente da verve historicista *cruzcostiana*. Tal inclinação marcaria, ainda, sua tese de doutorado, defendida em 1944 sobre Nicolau de Cusa. Também teria sido nesse registro que em meados dos anos 50 Lívio defenderia sua tese de livre-docência sobre a “doutrina dos modos de percepção e o conceito de ‘abstração’ na filosofia de Baruch Espinosa”.¹⁴⁵ Para Marilena Chauí, Lívio Teixeira teria, assim, inaugurado “entre nós” o “estilo de trabalho que orientou as pesquisas”, no âmbito da História da Filosofia, praticadas até hoje no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo:

[...] O “professor Lívio”, como o chamávamos, foi o mestre de pelo menos cinco gerações de estudantes que, entre os anos 1950-1960, passaram por seus cursos de História da Filosofia Antiga e História da Filosofia Moderna, descobrindo com ele que aprender a ler é também aprender a pensar. Em suas aulas, ensinava-nos a paciência para desentranhar o sentido dos conceitos, a pertinácia para não desistir diante das dificuldades, a dedicação ao trabalho do pensamento de um outro com o qual aprendíamos a pensar, a

¹⁴³ MATTOS, O. “Em memória de Lívio Teixeira: do púlpito à cátedra”. In: *Revista de História*. anoXXVII, vol. LIII, abril-junho, 1976. p. 484

¹⁴⁴ Trabalho de classe publicado, como disse, no primeiro número da revista supracitada: ano I, nº.3, setembro de 1936. pp.57-62

¹⁴⁵ Refiro-me às seguintes teses: *Nicolau de Cusa: estudos dos quadros históricos em que se desenvolveu seu pensamento e análise dos livros I e II do “De docta ignorantia”*. Tese de doutoramento sob a orientação do prof. Jean Maugué; *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. Tese para livre-docência da Cadeira de História da Filosofia da FFCL/USP. *Boletim* nº. 199, História da Filosofia nº 1 da FFCL, 1955, 136 p.

permanência das dúvidas e da interrogação como condição de nosso próprio pensar.¹⁴⁶

Num tom semelhante ao de Marilena Chauí, Oswaldo Porchat também reconhece as supostas qualidades de Lívio ao afirmar que o mesmo havia lhe dado um curso muito bom sobre Platão quando ainda era aluno de graduação, “excelente pesquisador e professor”¹⁴⁷ que era. Bento Prado Jr., por sua vez, chegou a encontrar na personalidade discreta do mestre, bem como no “rigor de sua prosa” a qualidade “de uma linguagem que não enrola a si mesma” e que permanecera distante das “modas intelectuais dominantes” a comprometer o espírito crítico da Filosofia:

O que aparece como austeridade da linguagem logo denuncia algo mais profundo, que envolve a própria ideia da filosofia. A recusa do jargão, de toda e qualquer cumplicidade com as modas intelectuais dominantes (por que não dizê-lo com a ideologia?), tal é o nervo da obra. É esta recusa, esta concepção essencialmente crítica da filosofia que explica o privilégio atribuído à história dos sistemas filosóficos na estratégia geral do pensamento. Tudo se passa como se, por uma feliz convergência, Lívio Teixeira estivesse desde sempre preparado para receber a influência de Martial Guérout que, quando de sua estada em São Paulo, oferecia o mais alto modelo de uma historiografia filosófica rigorosa. Com esse encontro, era uma tradição que se criava em São Paulo e que, felizmente, perdura até hoje no trabalho dos mais jovens. E que não se veja nesse privilégio atribuído à História algo como o esquecimento da natureza própria da Filosofia.¹⁴⁸

Em todos esses relatos oficiais, responsáveis por guardar e assegurar uma memória respeitosa desse outro mestre fundador – há, no geral, o reconhecimento do homem de caráter enobrecido e de princípios elevados; ao mesmo tempo, o enaltecimento da seriedade e do rigor com que Lívio preparava suas aulas, pondo em

¹⁴⁶ Apresentação de Marilena Chauí ao número especial da revista *Cadernos Espinosanos*, em homenagem a Lívio Teixeira (1902-1975), p.ix

¹⁴⁷ Oswaldo Porchat. Discurso de Professor Emérito da FFLCH-USP. In: *O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat* / editado por Michael B. Wrigley e Plínio J. Smith (Org.). Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 2003. p. 22

¹⁴⁸ PRADO JR., B. “Em memória de Lívio Teixeira”. In: *Estudos Avançados*, nº. 22, 1994. p.245-6

relevo sua sensibilidade no trato com as questões propriamente filosóficas, em forte contraste às lembranças então tímida e oficialmente disseminadas acerca dos cursos ministrados pelo seu par que em tudo lhe era o oposto: diferentemente de Cruz Costa, Lívio era alto, magro e dono também de uma sisudez que em nada se assemelhava ao humor piadista e às ironias cultivadas pelo colega “baixinho e roliço”¹⁴⁹.

Estudioso e metódico por um lado, por outro, Lívio estava longe de possuir as boas relações, bem como a extroversão do colega – o que certamente sugere a importância, senão exata, mais próxima da realidade exercida por Cruz Costa na faculdade: “Se não fosse Cruz Costa, o departamento teria outra história”, me diz Porchat durante uma conversa informal¹⁵⁰; “Le pauvre Lívio”, dizia Guéroutl meio às escondidas e para os mais chegados, me confessa Ruy Fausto.¹⁵¹

Não obstante a beleza do gesto de Marilena e Bento em conferir-lhe tamanha homenagem no momento de seu falecimento, parece-me, contudo, forçoso e anacrônico sustentar a aproximação do chamado “estilo” de Lívio Teixeira com a escola estruturalista francesa legitimada anos depois nesse específico ambiente - sendo, portanto, pouco convincente o argumento de que Lívio teria sido “o primeiro” a propor uma nova direção para os estudos sobre o cartesianismo” devido à originalidade com que explorara “o papel decisivo da vontade na moral de Descartes”, como o quer Chauí.¹⁵² Tampouco se sustenta a tese de Bento de que, “por uma feliz convergência,

¹⁴⁹ Segundo depoimento de José Arthur Giannotti a mim concedido em novembro de 2009. Paulo Arantes também chegou a afirmar que, “gordo e baixinho”, Cruz Costa não podia aspirar à condição de “filósofo maior”, já que não possuía nem mesmo o *physique du rôle* para tal: “[Cruz Costa era um] filósofo menor, quem sabe, porque tinha o tamanho fluminense do Brasil. E como sabia muito bem disso, não devia ser tão pequeno assim. Sendo, aliás, gordo e baixinho, não podia aspirar à condição de filósofo maior, não tinha nem mesmo o *physique du rôle*. Quanto a nós, seus netos uspianos, que não sabíamos nada disso nem queríamos saber, sequer desconfiávamos do estado de paródia involuntária em que vivíamos. [...] Ora, Cruz Costa, que tinha um olho clínico para esses arremedos, desenvolvera um gênero de piadismo filosófico, mais para a chalaça portuguesa do que para a ironia enconberta que, sem ser um argumento, era uma advertência cuja força profilática derivava do fato de se apresentar espontaneamente estruturado à imagem e semelhança das dissonâncias nacionais.” (Cf. ARANTES, P. *O fio da meada*. RJ: Paz e Terra, 1996. p.15)

¹⁵⁰ Depoimento a mim concedido em novembro de 2011.

¹⁵¹ Em uma das muitas conversas que tivemos em fins de 2011.

¹⁵² Apresentação de Marilena Chauí. “Homenagem ao Prof. Lívio Teixeira”. *Op.cit.*

Lívio Teixeira estivesse desde sempre preparado para receber a influência de Martial Guérout”¹⁵³. Bento, aliás, chega a sugerir que fora a partir de tal encontro que toda uma (nova) tradição filosófica emergira em São Paulo e que, “felizmente”, perdurava até os dias atuais.¹⁵⁴

Ao passo que Cruz Costa jamais teria conseguido dar uma “aula magna”, Lívio teria perseguido a carreira preparando cursos de maneira muito séria e criteriosa. Se, de fato, assim o foi, não importa muito; pois o que cabe observar diz respeito à forma como a trajetória de ambos foi e é comumente (*re*)*construída* pelas gerações seguintes. Na memória coletiva do Departamento, muitas vezes Lívio parece ser lembrado para dar sentido à história oficializada da filosofia uspiana – *constructo*, afinal, de uma tradição intelectual específica e que seria, pois, reconhecida como a tradição legítima pelas gerações posteriores. Para uma parcela delas, talvez fosse melhor dizer. Em termos de legado intelectual, parecia então mais coerente eleger Lívio e não Cruz Costa de modo a resguardar a memória oficial do Departamento de Filosofia e capaz de permitir a *illusio* necessária para que uma ponte entre duas tradições filosóficas distintas entre si e provenientes de experiências sociais totalmente diversas pudesse, em suma, ser estabelecida – quando, na realidade, a situação era bem outra.

Lívio, tal como Cruz Costa, também estava exposto a certos constrangimentos, porém de natureza diversa que aqueles enfrentados por seu colega. Se, ao contrário de Cruz Costa, “com quem não se aprendia muito”,¹⁵⁵ Lívio “sabia lá uns três ou quatro

¹⁵³ Bento Prado Jr. “Em memória de Lívio Teixeira”. *Op.cit.* p.246

¹⁵⁴ “Tudo se passa como se, por uma feliz convergência, Lívio Teixeira estivesse desde sempre preparado para receber a influência de Martial Guérout que, quando de sua estada em São Paulo, oferecia o mais alto modelo de uma historiografia filosófica rigorosa. Com esse encontro, era uma tradição que se criava em São Paulo e que, felizmente, perdura até hoje no trabalho dos mais jovens. Que não se veja nesse privilégio atribuído à História algo como o esquecimento da natureza própria da Filosofia. A isto, pode-se responder dando a palavra a Lívio Teixeira: ‘*Il est certainement difficile d’accéder à l’objectivité en histoire de la Philosophie. Beaucoup d’historiens n’ont fait que philosopher sur la philosophie d’autres philosophes, ce qui est tout à fait acceptable, mais ne constitue pas une histoire de la philosophie. En vérité, comme l’historien doit avoir un sprit philosophique pour bien comprendre les philosophes, il passe facilement de la compréhension à l’interprétation. Et l’histoire de la philosophie ne vaut pas une heure de peine si elle ne nous conduit pas à la réflexion personnelle. Cela dit, l’historien doit rester fidèle au philosophe qu’il étudie*’. » (IDEM. *Ibidem.*)

¹⁵⁵ Cf. Depoimento de Ruy Fausto. *Op.cit.*

filósofos”¹⁵⁶ que ele dava cioso de seus critérios e métodos, por outro lado não desfrutava do prestígio político e da segurança institucional vivida por Cruz Costa. Como já disse, Lívio doutorou-se em 1944 de posse de uma tese sobre a “douta ignorância” no pensamento de Nicolau de Cusa e se tornou livre-docente com um estudo sobre “os modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa”, em 1954. No ano seguinte, prestou o concurso de cátedra apresentando um trabalho sobre “a moral de Descartes”, publicado em livro em 1990.¹⁵⁷ Portanto, tornou-se titular da cadeira de História da Filosofia um ano depois de Cruz Costa - o que dava a este último certas vantagens que, penso, não podem ser ignoradas, por exemplo: o fato de ter podido articular e estar presente na banca do colega.

Representante, à época, da Congregação da FFCL, Cruz Costa pôde ser membro da Comissão Examinadora do próximo concurso de cátedra na Filosofia. É o que revela, aliás, uma das cartas de João Cruz Costa enviadas a Arthur Versiani Velloso,¹⁵⁸ um professor de Filosofia de grande poder institucional em Belo Horizonte e que ocupava posição análoga à de Cruz Costa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais, futura Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.¹⁵⁹

¹⁵⁶ Segundo testemunho de José Arthur Giannotti, a mim concedido em novembro de 2011: “o Lívio é muito diferente, outra história! O Lívio é um protestante, professor do Mackenzie, muito sério e um liberal [politicamente]. Sabia lá uns três ou quatro filósofos que ele dava sem nenhuma inventividade [sic]. Mas bem mais técnico [que o Cruz Costa], pois a aula do Cruz Costa não tinha nenhum critério! Ele pegava [e dizia]: “nosso tema hoje é tal. Ah, fulano, você sabe? tem um [livro] do “cabrobó” [sic] que é um negócio muito interessante” e aí ia embora!”

Pergunto-me se não estaria aí mais um exemplo da influência de Maugüé exercida sobre o amigo-aluno... tentativa por certo frustrada de imitá-lo na forma de conduzir as aulas. Faltava-lhe certamente o *mis-en-scène*, bem como a sedução inerentes ao francês para que tivesse, enfim, um retorno minimamente favorável.

¹⁵⁷ TEIXEIRA, L. *Ensaio sobre a moral de Descartes*. 2ª.ed. Apresentação de Bento Prado Jr. SP: Brasiliense, 1990.

¹⁵⁸ Cf. Arquivo de João Cruz Costa. Pasta de correspondência referente ao ano de 1955. Biblioteca central da FFLCH/USP.

¹⁵⁹ Arthur Versiani Velloso nasceu no município de Ouro Preto em 1908. Professor de Filosofia, como disse, e um dos fundadores da futura FAFICH/UFMG, dela também chegou a ser diretor. Bacharel em Direito, tornou-se doutor na área de Filosofia apenas em 1949. Faleceu em Belo Horizonte no ano de 1986. Cf. <http://www.fafich.ufmg.br/dcs/departamento/p.h.p>

Velloso fora, justamente, um dos convocados por Cruz Costa para arguir a tese do concurso de cátedra de Lívio Teixeira, intitulada *Ensaio sobre a moral de Descartes*. Na missiva em que o professor de Minas Gerais acusa o recebimento do referido convite, o mesmo não esconde certas desavenças teóricas para com o candidato, deixando entrever, inclusive, a sua dificuldade em compreender a filosofia praticada por Lívio, muito “técnica” e “pouco humana”, diria ele. Velloso confessa, ainda, estranhar o fato de os dois jovens e promissores assistentes de Cruz Costa – Ruy Fausto e José Arthur Giannotti – não estarem participando do concurso e, dando sinais de conhecer Lívio de longa data, logo dispara contra o candidato:

[a tese de Lívio] é tese de protestante: textos, textos, textos, picuinhas, delgadezas e impertinências da “Reforma”... Mas como as outras duas não prestam para nada a dele sobressai. Mas por que o Schützer, o Fausto e o Giannotti não entraram ao menos para fazerem seus títulos? Qualquer deles faria melhor que o Pinheiro Machado e o Manoel (Isaac) Shermann! A impressão que tenho de Lívio, esgueiriço, sotrancão e sorumbático repleto de complexos (está na cara e nos modos) é a de um homem desviado para estes assuntos filosóficos, que ele estuda, mas não “vive”. Estuda-os por obrigação, por acaso, por ofício. [...] Ele se espraia, vai às picuinhas, delgadezas e impertinências de texto exatamente porque não tem nada para dizer: é exatamente aquele desespero do protestante, de catar, catar, catar, ESPIOLHAR... e depois rezar, como dizia o outro, ovos de aranha em balanças feitas com asas de mosquito. E como é cacete! Não nego o mérito desse trabalho, mas isso não é filosofia, é um trabalho subalterno auxiliar. E tresanda a exegese bíblica. [...] Maçador e aborrecido! Pouco humano! Ressequido...

[...] O Lívio parece-me em estado de danação permanente. Parece-me constitucionalmente infeliz. É dos tais a quem nada absolutamente nada fará encontrar-se consigo mesmo: nem posição, nem dinheiro, nem cátedras, nem Psicanálise, ou novo casório. Tudo será inútil. Vê-se-lhe o esforço, a paranoia, a mania de perseguição. Deve de ter sido o traumatismo de Otto Rank. É aquela rigidez, rigidez cadavérica: hirtó, inteiriçado, MORTO. No que faz e no que escreve. [...] O valor do Lívio é o valor do esforço. Louve-se-lhe, pois, o esforço. Ademais é honesto. (Protestantemente honesto). Muito que bem. Acresce que não é nenhum tolo. Em religião como em Filosofia, por via das dúvidas, fica dos dois lados (como ficou com o I.B.F e + “realada”). E como não cometa os erros de Vernáculo dos Sterman [sic] e Cia., e lê, e estuda, (vê-se logo que o G. Pinheiro Machado não é do “métier!”) sua tese dele se avanta às demais. Tempo virá em que, uma vez o meio preparado, (o fato é que ainda não estamos bem maduros ainda para estes estudos, para essa cultura de luxo) jamais em concursos surgirão Stermans, Johas, Prados de Mendonça, Pinheiros Machados, Meirelles Padilhas... e os Lívios sofrerão lá as suas quartas de medo como escrevia o Desembargador Diogo Pacheco Teixeira no seu estudo, do sec. XVI, sobre

os Leões: - “O Leão, com ser o Rei dos animais lá sofre também as suas quartas de medo...”¹⁶⁰

Como é possível perceber, a carta de Velloso põe em xeque o suposto reconhecimento intelectual de Lívio, construído e desejado por alguns de seus ex-alunos. Contudo, o que mais chama atenção nessa longa missiva são as artimanhas dos arranjos institucionais operados por Cruz Costa que somente eram possíveis porque o mesmo já havia acumulado um capital político e social suficientes para lhe ofertar tamanho poder intramuros na FFCL/USP. Também chama a atenção o fato de praticamente os mesmos atributos acionados pelos supostos herdeiros de Lívio (a atenção ao detalhe, às minúcias) terem recebido agora tratamento diverso, de maneira inclusive, estigmatizada e desdenhada, tornando-se até mesmo motivo de chacota.

A correspondência mantida com Velloso durante as décadas de 50 e 60 se mostrou, por sinal, extremamente valiosa do ponto de vista das estratégias políticas, assim como dos arranjos operados por ambos em prol de bancas de concursos, de defesas de teses que, enfim, dialogassem com seus respectivos interesses e ao que tudo indica, para que pudessem atuar em todo o território nacional em oposição aos intelectuais ligados à filosofia no país que se situavam politicamente à direita, como a

¹⁶⁰ Velloso ainda diria ao encerrar a missiva: “Reli toda a tese [de livre-docência] do Lívio sobre Spinoza: é aquela mesma ‘arrumação’, aquela mesma ‘técnica’ da bagatela com rabugice misturada (o que mata é o tom, o tom geral...) a teoria da migalhice, do és-não-és (repare bem) do figo passado, veja *Mesnard* – “*Essai sur la Morale de Descartes*” (Boivin, 1936), que acabamos de ler em aula. É a piolhice, a zarandalha, o *ridiculus mus*. É muito dele isso. [...] De fato a escolha do tema retrata o homem: perfeição do inútil ou lenteria cerebral. Navegação de Costeagem. Veja o *Mesnard*. Lá já diz ele: “*on ne s’étonnera pas du choix de ce sujet...*” e há 30 anos passados eu já havia lido em Leonel Franca: “em moral, Descartes não chegou a formular um sistema completo e original. Não oferece por isso, neste ponto, nenhum interesse em particular”... – Por que não “Descartes Físico”, ou o “Deus de Descartes”, ou Descartes fundador do idealismo? (apud Alfred Fouillé – “*L’idealisme cartésien*”).”

“[...] Do que li, gostei: como curiosidade. Mas prefiro o *Mesnard*... Todavia repito-lhe: diante das teses do Pinheiro Machado e do Sterman a dele é obra-prima. É óbvio que o julgamento tem de ser relativo e ‘em função de’. Aliás, o Lívio terá pela frente mais um concurso *proforma*, com esses pintos ao lado e com as suas qualidades de docente protestantemente correto. Está aprovado de antemão. Só os títulos!... Um abraço do Velloso e mil desculpas pela longa.” (Carta de Arthur Versiani Velloso a João Cruz Costa, datada de 11/09/1955. Cf. Arquivo de JCC, pasta 1955, Biblioteca FFLCH/USP)

Em tempo: os concorrentes de Lívio nesse concurso para provimento efetivo da cátedra de História da Filosofia eram, respectivamente, Manoel Sterman e Geraldo Pinheiro Machado. Sterman era advogado e Pinheiro Machado era bacharel em filosofia pela PUC do Rio de Janeiro. Mais tarde, este viria a construir carreira acadêmica na PUC de São Paulo, chegando aí ao cargo de professor titular de Filosofia. (Cf. http://www.pucsp.br/cedic/colecoes/geraldo_pinheiro_machado.html)

maioria dos padres e juristas. Em outras palavras, ambos pareciam atuar fortemente amparados pelas instâncias acadêmicas e pelos poderes institucionais de que desfrutavam em suas cidades e em seu círculo de sociabilidade.¹⁶¹

Cabe lembrar, no entanto, que Cruz Costa também haveria de sofrer “as suas quartas de medo” - e de modo muitas vezes mais embaraçoso do que aquelas vividas por Lívio Teixeira. Consciente, talvez, de sua falta de jeito, na ocasião em que sua tese de doutoramento é publicada, por exemplo, o autor claramente se encontrava num misto de alvoroço e ansiedade para, através dos boletins da própria FFCL/USP, explicar a seu público em potencial que, a bem da verdade, tratava-se de um “trabalho complexo, para não dizer menor e/ou fraco”. Após tentar convencer o leitor de tais prerrogativas, terminava a nota explicativa com um apelo dirigido à própria banca examinadora, solicitando a sua “benevolência [...] para as muitas e reconhecidas fraquezas” de seu trabalho, bem como esperando que “outras gerações, mais aprestadas, possam dar-lhe o lustro que este seu antigo aluno não conseguiu.”¹⁶²

Em outra ocasião semelhante a essa, quando foi convidado por José Olympio a publicar sua tese de livre-docência e que viria a se tornar sua obra mais conhecida, Cruz Costa revelava as mesmas inseguranças, chegando mesmo a escrever no prefácio à *Contribuição à história das ideias no Brasil* que tal obra era “resultado das notas que colhera” e, *se não era trabalho original e profundo*, talvez fosse “de alguma utilidade para aqueles que tentam compreender o pensamento nacional”¹⁶³:

¹⁶¹ Em uma carta enviada a Cruz Costa em abril de 1961, por exemplo, Arthur Versiani Velloso escreve: “[...] envio-lhe pela D. Aída Costa longo recado e rogo-lhe, e aos amigos, providenciarem... [a banca], vocês agora têm de me ajudar. E não há pressa: são 23 cadeiras em concurso, todas elas exatamente para 30 de abril de 1962 (inscrição). Vocês têm, pois, um ano para pensar e orientar quem mandarão. [...] O Tocary entra agora dia 30 de abril com a sua inscrição para “Política” (livre-docência), ele e um mancebo jornalista daqui regularmente analfabeto. E agora ouça Cruz Costa, o Tocary pede a seguinte banca: você, Lourival Gomes Machado ou Fernando de Azevedo, Ivan Monteiro de Barros Lins e daqui Dr. Orlando de Carvalho e Dr. Camilo Alvim. O concurso será a 15 de agosto de 61, portanto, ainda este ano. Tocary é o grande favorito. E já aprovei esta Banca. Espero sua resposta e conto com vocês de São Paulo”. (Cf. Arquivo JCC / pasta de correspondência 1961, Biblioteca FFLCH/USP.)

¹⁶² COSTA, J. C. *Vida e obra do filósofo Francisco Sanchez. Op.cit.* p.6-7.

¹⁶³ COSTA, J. C. *Op.cit.* s/p. Grifos meus.

Este trabalho, aparecido anteriormente em limitada tiragem, foi a tese que apresentei ao concurso da cadeira de filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. É reeditado agora, acrescido de mais um capítulo e de algumas modificações. Desde 1937, quando assumi o cargo de assistente da cadeira de filosofia, ocupada então pelo meu prezado amigo Prof. Jean Maugué, julguei que devia chamar a atenção dos nossos estudantes para as vicissitudes pelas quais passaram, em nossa terra, as correntes filosóficas estrangeiras e, sobretudo, para a curiosa significação que elas têm apresentado no evoluir de nossa história.

[...] Não era minha intenção, de início, estudar assunto tão vasto e tão suscetível de discussões. Das notas que colhi, de caminho, resultou esta obra que, se não é trabalho original e profundo, é talvez de alguma utilidade para aqueles que tentam compreender o pensamento nacional. Possa ele corresponder à minha intenção.¹⁶⁴

Todos esses constrangimentos são tanto mais interessantes se se tiver em mente quão marcado se encontrava o período em questão por conflitos característicos do processo de constituição da autonomia universitária – o qual, como já notado por Lidiane Soares Rodrigues, envolvia “quadros da nova instituição e agentes ligados à elite dirigente, mesclado à disputa pela definição da atividade filosófica legítima a ser realizada no Brasil”.¹⁶⁵ Para ser mais clara, não era somente por entre os corredores da FFCL que pululavam alguns embates típicos em torno de uma concepção “legítima” da atividade filosófica a ser seguida como cartilha. Havia, ainda, a disputa desses intelectuais oriundos da Faculdade de Filosofia então recém-criada, com outras instâncias acadêmicas que desfrutavam já de um prestígio social e intelectual conquistado há mais tempo e que há muito galgavam uma posição de destaque e de reconhecimento. A Faculdade de Direito do Largo de São Francisco era uma delas e, vale dizer, foi protagonista de uma das maiores brigas envolvendo a FFCL em meados do XX, ou melhor, dos “filósofos” *strictu sensu* recém-diplomados pela Universidade de São Paulo. Falo, especificamente, do primeiro concurso aberto para a cátedra de Filosofia no ano de 1949 e no qual Cruz Costa correria como candidato único, porém não antes de passar por uma série de constrangimentos.

“Filósofos” versus “Filosofantes”

A fama e o reconhecimento da filosofia uspiana conquistados por volta da década de 60, e que de certa forma se mantêm até os dias atuais, talvez deem a impressão, aos

¹⁶⁴ IDEM. *Ibidem*.

¹⁶⁵ RODRIGUES, L. S. *Op.cit.* p.57

menos familiarizados com a tradição cultural paulista, de que ela teria inaugurado por aqui a prática filosófica, de tal modo que o cultivo e a disseminação desse saber na cidade de São Paulo seriam corolários da criação, bem como da sedimentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Ocorre que a tradição filosófica, no caso de São Paulo, não tem início em 1934 com a criação da FFCL, pois ela já existia desde, pelo menos, 1827 - quando da fundação da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Assim como também estava presente nas instâncias religiosas e católicas, sobretudo a partir de 1908, com a criação da Faculdade de Filosofia de São Bento por frades alemães – faculdade esta que seria, enfim, a *célula mater* da futura Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Eis os “viveiros”, escreve Alfredo Bosi, “da nossa cultura letrada até aquele momento”.¹⁶⁶

Muito embora se deva reconhecer a importância que o núcleo do Colégio de São Bento teve para a constituição da filosofia em São Paulo, cujos alunos tinham seus diplomas reconhecidos pela Escola de Louvain, na Bélgica¹⁶⁷, foi sobretudo na Faculdade de Direito que se formara uma tradição de discussões propriamente filosóficas e já um tanto apartadas da teologia e/ou das filosofias antigas e medievalistas. Em meados do XIX, por exemplo, alguns estudantes (dentre eles, Álvares de Azevedo) decidiram fundar uma *Sociedade Filosófica* e chegaram a editar uma revista. Inaugurada em 1850, a ideia era discutir alternativas ao ecletismo de Cousin, tão em voga àquela época. Desde então, o Largo se tornou um dos espaços onde a filosofia podia ser “praticada” e debatida em suas muitas vertentes (do Kantismo ao positivismo), a ponto de conformarem a cátedra mais tarde conhecida como “Filosofia do Direito”. Sem dúvida, disciplina esta através da qual a linguagem filosófica marcava presença na referida faculdade. Segundo observa Elisabeth Marchesini de Pádua,

é na Faculdade de Direito que vai se formando uma tradição filosófica, voltada para discussões das ideias positivistas, do Kantismo e do tomismo que, de certa forma, foram modelando o que se entendia como conteúdo da disciplina Filosofia do Direito; é da Faculdade de Direito que se

¹⁶⁶ BOSI, A. “Editorial”. In: *Estudos Avançados*. 60 anos de USP. Vol.08, nº. 22, set-dez, 1994.

¹⁶⁷ Para maiores detalhes a esse respeito, consultar a tese de doutoramento de Daniela Ferreira. *Conversão e reconversão: a circulação internacional dos filósofos de origem católica*. Op.cit.

originam doutrinas sobre o homem e a sociedade, que serviram de “guia” político aos bacharéis que, paulatinamente, iam ocupando cargos de responsabilidade no governo, nas instituições públicas e privadas, nas escolas.¹⁶⁸

Os bacharéis do Largo eram, enfim, até então uma das referências nos estudos filosóficos realizados em São Paulo, mas também no país. Residia na Faculdade de Direito da USP, justamente, um dos núcleos da cultura retórica e filoneísta que tanto se desejava combater a partir da criação e sedimentação do novo espaço acadêmico - o qual vinha se firmando com programas de formação totalmente diversos, conforme já se viu. Mas o que importa registrar diz respeito ao incômodo que a nova Faculdade de Filosofia gerou para os tradicionais juristas e bacharéis, bem como os embates que daí em diante estes tiveram de travar na tentativa de garantir o antigo *status* e brigar pela legitimidade que até então possuíam (verdade que junto com a Igreja) diante dos temas filosóficos; legitimidade esta que, não obstante, lhes estava sendo contestada.

Ora, até maios ou menos o decênio de 1950, os cursos de filosofia não dispunham de uma real autonomia, dominados que estavam pela cultura jurídica, bem como pela teologia. A prática filosófica, como muito bem observou Daniela Ferreira, até então subordinada às lutas políticas, por um lado, e à Igreja, por outro, encontrava-se de certa forma marginalizada no ambiente das práticas e pesquisas acadêmicas que começavam a surgir e a ganhar contornos mais nítidos no país:

Antes da formação das primeiras gerações de filósofos universitários, a filosofia não passava de um *affaire* de intelectuais, autodidatas, juristas e religiosos que não haviam recebido uma formação em filosofia no sentido estrito do termo. No que diz respeito às ciências jurídicas, por exemplo, a função da filosofia nas Faculdades de Direito era pensar a organização do Estado, pois nessas faculdades se formavam os quadros administrativos, legislativos e da diplomacia brasileira. Já nas escolas e seminários católicos, o ensino da filosofia contribuía para a reflexão dos membros da Igreja, frente às transformações históricas. Dessa maneira, até 1950, década em que as primeiras turmas de professores universitários de filosofia se formaram, essa disciplina foi considerada completamente subordinada aos embates da luta política, quer cívica, quer religiosa.¹⁶⁹

¹⁶⁸ PÁDUA, Elisabeth. *Ideologia e filosofia no Brasil*. Op.cit. p. 15

¹⁶⁹ FERREIRA, D. Op.cit. p.37

Em outras palavras, antes da criação do curso de Filosofia da FFCL/USP havia escolas consolidadas e cada qual ligada a uma tradição particular da atividade filosófica. Não se tratava, portanto, de instituí-la em solo nacional, já que tanto os juristas quanto os teólogos tiveram seu peso na constituição do debate acadêmico filosófico no Brasil,¹⁷⁰ mas sim de criar condições para que tal linguagem pudesse, enfim, se apartar das esferas jurídica e teológica, de maneira a tornar seu discurso mais autonomizado e a fazê-lo ocupar, em relação àquelas, uma posição menos marginalizada.¹⁷¹

Nesse sentido, penso que o referido concurso para provimento da primeira cátedra do curso de Filosofia da USP é o que há de mais significativo no que diz respeito aos embates que os intelectuais da FFCL tiveram, pois, que travar: além de representativo dos conflitos implicados na conquista da autonomia universitária e da afirmação da mesma perante as demais escolas da universidade, ele também é revelador das disputas ocorridas entre esses grupos pela mais “nobre” e “legítima” concepção da atividade filosófica.

Resistente às novas diretrizes da especialização e, portanto, aos novos códigos que começavam a ganhar terreno no país, a Faculdade de Direito sentiu-se, obviamente, ameaçada pela estrutura da nova faculdade da Universidade de São Paulo. Como bem notou Tânia Gonçalves, “a implantação da Faculdade de Filosofia mexeria com toda a estrutura das faculdades tradicionais”,¹⁷² pois muitos cursos por ela oferecidos também

¹⁷⁰ Note-se que o próprio Cruz Costa, em 1944, reconhecia o fato: em carta ao amigo Eurípedes Simões de Paula, diria ter consciência de que “filosofia cá na terra ainda é cousa de padre”. Em outra missiva endereçada ao amigo no ano seguinte, mostrava-se inclusive bastante inseguro em relação ao concurso de cátedra que teria de enfrentar para permanecer no cargo de professor até então exercido na FFCL – insegurança tal que se dizia convencido de que seu lugar iria para as mãos do padre Castro Nery: “[...] Que cousa “pau” essa tese! Uff! Enfim, a nossa medievalíssima Faculdade assim o exige! Mas tenho certeza de que meu lugar será do Pe. Castro Nery. Preciso cuidar de arranjar emprego, Simões”. Para maiores detalhes, consultar correspondência em anexo.

¹⁷¹ “Enquanto o campo da filosofia europeia se constituiu tentando a todo custo demarcar sua independência da teologia, [...] no Brasil, a formação desse campo foi marcada pela presença de professores de filosofia formados em instituições eclesiásticas e católicas. Nessas instituições, em que a filosofia e a teologia são consideradas consubstanciais, nenhuma elaboração filosófica é possível fora do dogma cristão que rege os modos de pensar e o modo de organização da existência concreta dos homens”. (FERREIRA, D. *Op.cit.* p.22)

¹⁷² GONÇALVES, T. *João Cruz Costa educador. Op.cit.* p.18

eram ofertados em algumas das outras instâncias universitárias, mas em nenhuma delas de maneira especializada tal como se queria instituir na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Logo, é curioso notar que, no mesmo ano em que a FFCL anuncia o concurso para a referida cátedra, intelectuais da Faculdade de Direito decidem fundar o chamado *Instituto Brasileiro de Filosofia*, vulgo IBF – guiados, obviamente, pelas mãos de Miguel Reale.¹⁷³

As diversas atividades desenvolvidas pelo instituto, aliás, lideraram por mais de uma década as práticas ligadas à filosofia fora do âmbito acadêmico e seu alcance institucional chama muito a atenção, devido ao modo como, na prática, os agentes aí implicados se articularam para disseminar seus objetivos, conseguindo atingir um público para além da esfera local. Liderados por Miguel Reale, jurista renomado e um dos teóricos da “Ação Integralista Brasileira”, o IBF acabou se firmando como um espaço de encontros dos intelectuais de perfil conservador e, destarte, pouco simpático às tendências políticas de esquerda, as quais comumente eram bem-vindas dentre os intelectuais da FFCL. Tendo sido criado em 1949, o instituto promoveu, enfim, uma série de iniciativas envolvendo a linguagem filosófica até então inéditas no país, adiantando-se na organização de seminários, congressos, cursos de extensão, embora instilados por um didatismo-pedagógico evidente. Tudo isso propagado e alardeado incessantemente através de seu órgão de imprensa oficial, qual seja, a *Revista Brasileira de Filosofia*, que conquistou relativo destaque na cena paulista desde o momento em que surgira, vale dizer, no ano de 1952:

[...] foi na realização de eventos como congressos, seminários, colóquios, que o IBF encontrou uma de suas formas mais permanentes de divulgação e uma estratégia eficiente para ganhar visibilidade e organizar grupos de apoio para as atividades propostas, incorporando, gradativamente, ao núcleo de intelectuais que tradicionalmente dele participavam, novos pesquisadores; isto [garantiu] a continuidade dos eventos e também a

¹⁷³

Reale nasceu em São Bento do Sapucaí (SP) no ano de 1910. Antes de ingressar na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, estudara no Colégio Dante Alighieri e tornara-se professor catedrático da faculdade supracitada em 1941. Em 1944, passara a ser membro do Conselho Administrativo do Estado, justamente no período em que a USP tornara-se uma instituição autárquica. Dela tornou-se reitor em duas ocasiões: de 1949 a 1950 e depois de 1969 a 1973.

concretização de novas parcerias, no Brasil e no exterior, sobretudo com institutos congêneres em Portugal.¹⁷⁴

Portanto, tal instituto – que, na verdade, era um núcleo estendido da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – tornou-se o principal contraponto dos embates entre os mais novos “filósofos” que surgiam diplomados pela Universidade de São Paulo com, então, os velhos “filosofantes” da cidade.

A disputa pela cátedra de Filosofia, como muito bem já observaram Rodrigues (2011) e Gonçalves (2004), mobilizou assim não só toda a Faculdade de Filosofia, bem como parte da Faculdade de Direito, justamente aquela liderada por Reale e prestigiada no IBF. Afinal, estava agora em questão a legitimidade da Faculdade de Direito enquanto porta-voz de uma tradição filosófica particular, que passou a ser questionada pela nova geração da Faculdade de Filosofia. Os incômodos eram, certamente, de variada ordem, mas o que mais salta aos olhos é a oposição que o IBF passou a representar em termos das linhas de força que nesse momento específico do processo de profissionalização da Filosofia em São Paulo estava em jogo.

Como é possível perceber, o núcleo presidido por Reale é, em suma, central para examinar os caminhos da cultura filosófica paulista – cultura esta que, cabe dizer, encontrava-se de certa forma isolada dos debates filosóficos que ocorriam em outros polos intelectuais do país – como, por exemplo, aqueles que mais tarde ganhariam corpo no ISEB e viriam acompanhados da tônica nacional-desenvolvimentista pautada pela agenda política do momento. São Paulo, isolada que estava de debates desse tipo, por essa mesma época sofria uma espécie de polarização teórica definida, na verdade, muito

¹⁷⁴ PÁDUA, E. *Ideologia e Filosofia no Brasil*. *Op.cit.* p.37. Para se ter uma ideia do alcance das iniciativas do assim chamado “Instituto Brasileiro de Filosofia”, note-se por exemplo que, a partir de 1952 a referida instituição começou a organizar cursos gratuitos de extensão cultural, em convênio com a Secretaria Municipal de Cultura, sendo que já no primeiro semestre havia contabilizado 86 aulas ministradas através de seus cursos regulares e que teriam sido frequentados por 812 alunos, segundo dados divulgados na própria *Revista* do instituto. Também foram realizados cerca de seis congressos entre os anos de 1950 e 1972, intitulados “Congressos Brasileiros de Filosofia”. Do primeiro deles, aliás, teriam participado desde Oswald de Andrade, Sergio Milliet, Vicente Ferreira da Silva, até mesmo Caio Prado Jr., reunindo mais de cinquenta pessoas, segundo depoimento do próprio Reale. Para maiores detalhes, consultar a tese de PÁDUA, E. M. *Op.cit.*

mais pelo posicionamento político dos grupos locais; e a proximidade ou não com o pensamento de esquerda representava, obviamente, uma linha de corte.

De modo algum isento de ideologias, embora ambos os lados gostassem de professar o contrário, a maior das disputas se dava, pois, na arena política. Assim sendo, penso ser necessário enxergar nos discursos e nas referidas ações dos intelectuais ligados a um e outro ambiente acadêmico algo além de uma mera disputa pela filosofia mais “legítima”: ora, Reale era um jurista importante, de renome já internacional e dono de grandes ambições políticas. Era também conhecido e considerado “filósofo” por muitos dentro e fora do país. É fácil, pois, de se imaginar o tamanho da pedra que os novos profissionais da “Filosofia” passaram a representar em seu caminho:

[...] sempre considerei a filosofia mais que mera disciplina acadêmica, um instrumento de autoconsciência nacional. [...] É essa a razão pela qual jamais me entusiasmei com a opção feita pelos mestres do curso de filosofia da Universidade de São Paulo no sentido de, após contribuições valiosas de João Cruz Costa e Laerte Ramos de Carvalho sobre o pensamento nacional, darem predominante, quando não avassaladora preferência pelos estudos dos textos clássicos, antigos e modernos, o que acabou convertendo, não obstante inegáveis méritos hermenêuticos, em uma espécie de sucursal da Sorbonne, com predomínio do pensador francês na moda. [...] Quando se fizer a história da filosofia da Universidade de São Paulo sem ideias pré-concebidas, não se poderá deixar de reconhecer que, à exceção dos estudos de Roque Spencer Maciel de Barros, na Faculdade de Educação, pode se dizer que foi a Faculdade de Direito que, graças à cátedra ou ao Departamento de Filosofia do Direito, se aprofundou na história das ideias no Brasil, sabendo manter salutar intercâmbio cultural com universidades brasileiras e estrangeiras através do Instituto Brasileiro de Filosofia. Coube, com efeito, ao IBF promover sucessivos seminários e congressos nacionais e internacionais de filosofia e de filosofia jurídica, deixando o Brasil de ser grande ausente nos eventos filosóficos mundiais’.¹⁷⁵

Em outra passagem muito interessante de suas “Memórias”, Reale professa:

[...] Nós, do IBF, através de discursos e proclamações sucessivas, afrontamos a indiferença de alguns e o sarcasmo de outros, levantando a bandeira da tentativa de um pensamento próprio, cujas raízes se afundavam,

¹⁷⁵ REALE, M. “Minhas memórias da USP”. *Estudos Avançados: 60 anos da USP*. vol. 8, nº. 22, 1994, p.34-5

é certo, no húmus da tradição mediterrânea, mas que devia estar pelo menos em consonância com nosso estilo de vida e a escala de nossas peculiaridades humanísticas. [...] Há, pois, que distinguir, tanto no Brasil como no estrangeiro, entre a filosofia professoral, ou acadêmica, que tem seus méritos peculiares quanto à análise de textos antigos e modernos, e a filosofia dos que se arriscaram e se arriscam a pensar por conta própria, dos que, com ironia, foram apodados entre nós, de *filosofantes*, denominação de que justificadamente nos orgulhamos.¹⁷⁶

Penso que fica fácil ao leitor imaginar de que forma o concurso para provimento da cátedra de Filosofia da FFCL/USP se transformou num capítulo à parte para a Universidade de São Paulo, sobretudo para a Faculdade de Filosofia, haja vista que seria o único aí a se arrastar por anos e a pôr em xeque, de maneira dramática, o percurso de afirmação da faculdade, “dentro de uma estrutura dominada pelas faculdades tradicionais”¹⁷⁷. Para começar, os conflitos a envolver ambas as instituições (FD e FFCL) geraram altos debates sobre a questão da *profissionalização* acadêmica “em áreas que até então poderiam ser supridas”¹⁷⁸ por profissionais de outras carreiras. Nesse sentido, a história do concurso certamente “diz muito acerca das velhas crises da Faculdade de Filosofia com outras esferas acadêmicas e com o poder político”.¹⁷⁹

E, muito embora as inscrições tenham se dado entre 1949 e 1950, através da correspondência de João Cruz Costa mantida com Eurípedes Simões de Paula, é possível atestar que tal constructo institucional começara muito antes, haja vista que os diálogos alimentados por carta, quando Eurípedes se encontrava distante do ambiente acadêmico, deixam evidente como as instâncias administrativas da universidade já cogitavam sua realização para o ano de 1945:

Simões amigo:

[...] tu não sabes que daqui a pouco serás catedrático. *Talvez, seria melhor dizer.* Talvez, pois a reforma do Ensino Superior ainda não foi publicada. *Vai se criar a carreira. Só será professor aquele que fizer*

¹⁷⁶ IDEM. p.92-4

¹⁷⁷ GONÇALVES, T. *Op.cit.* p.39

¹⁷⁸ IDEM. *Ibidem.*

¹⁷⁹ IDEM. *Ibidem.*

*carreira e nós já fizemos algumas das etapas mais importantes. Fala-se até em efetivação. Em todo caso, estão fora de possibilidade os tais paraquedistas. Só quem fizer carreira. É coisa muito boa. Logo que eu tenha notícias das minúcias da nova reforma, hei de te escrever contando tudo. E estou aqui firme. Se eu for catedrático, tu também hás de ir. Aliás, todos estão firmes na vigilância.*¹⁸⁰

As cartas trocadas ao longo dos anos de 1944 e 1945 com esse historiador que, diga-se de passagem, possuía forte capital político e institucional dentro da faculdade (e de quem Cruz Costa fora amigo íntimo), é o que há de mais revelador nesse sentido. Não só porque os receios e as incertezas desse intelectual se anunciam diante de um quadro político em processo de transformação, mas sobretudo porque o tipo de capital por ele acumulado, bem como a posição ocupada no interior da Faculdade de Filosofia são claramente denunciados, de modo que sua rede de sociabilidade é, também, aos poucos “descoberta”. A título de exemplo, numa das primeiras cartas enviadas ao amigo, Cruz Costa não esconde o entusiasmo, mas também certa apreensão, diante das mudanças institucionais que enfim atingiriam a Universidade de São Paulo. Considerando-se tais mudanças, é interessante notar, ainda, a nítida insegurança, bem como o sincero desabafo do remetente em uma das cartas seguintes:

Meu caro Eurípedes,

[...] A tal Reforma do Estado ainda não saiu e nada há ainda quanto aquela história dos interinos que contei a V. na minha última carta. Mas, esteja tranqüilo, pois estamos vigilantes no que se relaciona com a sua cadeira.

*O diretor convidou-me para fazer concurso em setembro de 45. Naturalmente aceitei, pois não podia dar parte de fraco. Não quero bancar o corajoso, mas creio que hei de ter grandes dificuldades e que talvez chegue mesmo a dizer adeus aos meus amigos. V. sabe, filosofia cá na terra ainda é coisa de padre. Enfim, irei até ver em que dão as cousas. Se não der certo, far-se-á outra coisa. O Brasil é grande. Depois, até setembro de 45, muita água ainda há de correr nos diversos rios deste e de outros continentes. [...] Eu ainda não tenho nem sequer um assunto. Prefiro coisa cá da terra e talvez estude o Positivismo, assunto que me interessa muito pelas ressonâncias que apresenta. É uma “gaita” perder um lugar, mas que fazer?*¹⁸¹

¹⁸⁰ Carta de JCC a ESP, datada de 14/08/1944. Grifos meus. (CAPH, arquivo/correspondência de ESP, nº1751, cx.23)

¹⁸¹ Carta de JCC a ESP, datada de 28/08/1944. Grifos meus. (CAPH, arquivo / correspondência de ESP, nº1757, cx.23)

Na mesma carta, Cruz Costa ainda lhe passa informações acerca dos demais concursos que estariam para acontecer com outros colegas da faculdade. Além dele próprio, o diretor também havia “convidado” Astrogildo Rodrigues de Mello, Aroldo de Azevedo, Mario de Souza Lima, Lourival Gomes Machado, Omar Catunda e Mario Schenberg a se lançarem candidatos às vagas. Dois meses depois, em outubro de 1944, volta a escrever ao amigo lhe confirmando o fato: Schenberg e Catunda, da Física e da Matemática, respectivamente, já eram catedráticos. Depois seriam “mais ou menos catedratizáveis o Souza Lima, o Aroldo” e, por fim, ele próprio - quem, ao que tudo indicava, iria “diretamente ao pau” em setembro de 1945, demonstrando ainda forte apreensão pela banca que poderia vir a ser montada:

Continuo a preparar muito lentamente a minha tese. Tropeços a toda a hora. Infelizmente minha Mãe está adoentada agora e eu pouco trabalho. Mas, vai indo assim mesmo. Há muita politicagem na Congregação e, às vezes, uma turma quer lançar contra a outra os pobres professores contratados como nós. Isso é terrivelmente cacete e eu não ando nada satisfeito com aquelas histórias. Afinal, se querem brigar, que briguem os catedráticos. Nós, nem brigar podemos...Mas a Faculdade vai indo. Lá estão todos, inclusive os franceses desfalcados apenas do Maugué que foi para a guerra e do Bastidão que passou para o serviço de imprensa da Embaixada.

Em outra missiva, reclama e se mostra uma vez mais inseguro com todo o *qui-pro-quo* burocrático já ocorrendo na faculdade:

[...] Esse negócio de concurso com o Conselho Universitário também é outra encrenca. Se na banca nós tivéssemos gente da Faculdade era bem melhor. Não ali um espírito novo, diferente e isso é importante para a exata compreensão do sentido do nosso trabalho. Enfim, o que for, será.

Eurípedes, então, tenta encorajar o amigo. E em diversas ocasiões dá dicas estratégicas que poderiam, enfim, ajudá-lo a “tirar de letra” o concurso. Em uma das cartas que envia a Cruz Costa, em novembro de 1944, escreve:

Já escolheste o assunto para tua tese? Qual é? Coragem, meu velho, concurso não é “bicho de sete cabeças”, tens grande tirocínio e a Congregação do teu lado. Meta o Roldão e o Fernando na banca, que sem dúvida te auxiliarão bastante. Se estiver por aí, por essa ocasião, conte comigo em “todos os terrenos”, até para por a “cobra para fumar”, isto é, dar uns “quebras” nos “cartolas” que te importunarem, porque a “45” que possuo fala direitinho e tirarei o “calo” d’algum “galego”. Desculpe a gíria militar, meu velho, pois o teu colega professor é agora “milica” 100%.

Na época, os concursos para provimento de Cátedra e Livre-Docência dos cursos superiores seguiam regulamento conforme ditado pelo decreto-lei de número 13.426, instituído em 23 de junho de 1945. Segundo este decreto, a Congregação da Faculdade que não possuísse 2/3 de professores efetivos tinha que delegar todas as suas atribuições referentes aos concursos ao Conselho Universitário. Tal decreto permitia, ainda, que se inscrevessem candidatos sem diploma de curso superior. Contudo, uma lei posterior (trata-se da lei 851, de 07/10/49) alterou a situação vigente até então, determinando que as congregações com menos de 2/3 de professores efetivos fossem completadas com professores de outras unidades “congêneres”, desde que possuíssem atividades familiarizadas com a especialidade da cadeira em concurso. Com tal dispositivo, visava-se assegurar a autonomia da Faculdade, sobretudo para fins de concurso. A já citada lei 851 havia instituído, ainda, outra mudança importante: os candidatos em concurso deveriam, a partir de então, apresentar diploma universitário “em cujo curso constasse a Cadeira de Filosofia”¹⁸².

Seguindo a nova lei, a Faculdade de Filosofia recebera, pois, a inscrição de apenas dois candidatos sem diploma superior e de maneira condicionada.¹⁸³ Porém, o Conselho Técnico-Administrativo seguiu apenas o decreto de 13.426 e acabou aceitando a inscrição de todos os candidatos, encaminhando o processo para a Reitoria da universidade - que por sua vez o submeteu à Comissão de Legislação e Recursos. Tal Comissão pronunciou-se favorável à inscrição dos candidatos e, com isso, gerou reações por parte da FFCL/USP. Fernando de Azevedo, que era patrono da cadeira 3, imediatamente solicitou a Miguel Reale, reitor da universidade no período, que elucidasse o fato também no papel de “jurisconsulto”. Reale, contudo, manteve a

¹⁸² Cf. “Histórico do concurso de filosofia”. In: ANUÁRIO DA FFCL, 1952.

¹⁸³ Tratava-se das candidaturas de Heraldo Barbuy e Luís Washington Vita.

decisão da Comissão e escolhera, assim, os membros e suplentes respectivos para a banca examinadora do concurso em voga. A Faculdade de Filosofia protestou mais uma vez enviando recurso, dessa feita, ao Conselho Nacional de Educação – que por fim o aprovava e considerava candidato inscrito apenas João Cruz Costa, o único com diploma de nível superior no curso demandado.

A história parecia encerrada. Contudo, obviamente insatisfeitos, os candidatos provenientes da Faculdade de Direito (quase todos, diga-se de passagem)¹⁸⁴ entraram com novo recurso e acionaram uma vez mais o Conselho Universitário. E novamente este deu provimento favorável aos demais candidatos. Em consequência, a Congregação da Faculdade questionou a suposta “equivalência” entre as cadeiras de Filosofia e Filosofia do Direito, atestando a diversidade dos programas de uma e outra, bem como também no que se referia à sua duração (a Faculdade de Direito ministrava somente um ano de Filosofia aos seus alunos, enquanto a FFCL Ihes oferecia quatro). Ainda assim, o Conselho estava do lado dos bacharéis do Largo de São Francisco. Como último recurso a ser tentado, a Faculdade de Filosofia resolveu apelar para o Exmo. Sr. Ministro da Educação e, para tanto, Eurípedes, então diretor da FFCL/USP, fora uma peça central – conseguindo, por fim, virar o jogo a favor do amigo: após quatro anos, Cruz Costa finalmente seria reconhecido como o único candidato a apresentar as exigências burocráticas cobradas no edital.

Trocando em miúdos, após o recurso enviado por Simões de Paula à tal instância superior, o Ministério da Educação se mostrou favorável à argumentação defendida pelo antigo reservista.¹⁸⁵ Vale observar, ainda, que algumas das sugestões feitas por carta ao

¹⁸⁴ Oswald de Andrade, Vicente Ferreira da Silva, Renato Cirell Czerna eram bacharéis em Direito e, com exceção de Oswald, todos eram colaboradores do Instituto Brasileiro de Filosofia, fundado e presidido por Miguel Reale, na época reitor da USP, bem como catedrático de Filosofia do Direito do Largo de São Francisco.

¹⁸⁵ Partindo da análise do artigo 84 do Estatuto da Universidade de São Paulo, bem como do voto do conselheiro Cesário de Andrade ao parecer de nº. 357-51 do Conselho Nacional de Educação, Eurípedes argumentara, referindo-se aos “usos” que a Faculdade de Direito fazia da filosofia: “Uma parte não é o todo. Quem sabe o todo pode ensinar uma parte, mas quem sabe apenas uma parte não pode ensinar o todo”. Cf. *Histórico do concurso*, 1952.

amigo também seriam acolhidas na prática, isto é, no que se refere a montar uma banca de amigos próximos de modo a não causar problemas.¹⁸⁶

A comissão julgadora do concurso, por sinal, teria aprovado João Cruz Costa “com distinção” entre os dias 24 e 28 de maio do ano de 1954; e o amigo diretor, Simões de Paula, imediatamente teria comunicado o resultado à reitoria solicitando providências para a nomeação do colega ao cargo de “professor catedrático”, em regime integral.¹⁸⁷

*

Eurípedes Simões de Paula era contemporâneo de Cruz Costa, mas não só: sua trajetória em muitos pontos se assemelha à do amigo, tendo ambos perseguido objetivos parecidos e que se cruzaram em muitos momentos.

Nascido em São Paulo em novembro de 1910, Eurípedes fora pré-alfabetizado no Colégio *Des Oiseaux* e depois aluno interno do Colégio São Bento, de 1917 a 1925. De 1926 a 1930, cursou o Ginásio do Estado; em seguida matriculou-se no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva. Em 1931, ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, bacharelando-se em 1935. Quando a “Revolução Constitucionalista de 1932” eclodiu, Eurípedes participou ativamente, chegando inclusive a ser preso e mandado para o presídio da Ilha das Flores. Aluno da primeira turma da FFCL, concluiu o curso de História e Geografia em 1936, assim como João Cruz Costa e, no mesmo ano, entra para o quadro de advogados da OAB. Em trinta e seis Eurípedes ainda se inscreve no curso de formação pedagógica de professor secundário do Instituto de Educação da universidade e, em 1937, é escolhido por Fernand Braudel para ser assistente adjunto de 1ª categoria da cadeira de História da Civilização, função da qual se desligara em abril de 1939 para se tornar “professor adjunto de História da Civilização Antiga e Medieval”, dadas as subdivisões da cadeira devido ao processo de federalização por que passam as faculdades. Também seu

¹⁸⁶ Eis a comissão julgadora do concurso de Filosofia: Milton da Silva Rodrigues, Fernando de Azevedo, Arthur Versiani Velloso, Orlando Villela e Arnulf Konrad Ansorge.

¹⁸⁷ Cf. *Histórico do Concurso*, 1952. p.61

doutorado é defendido no mesmo ano em que Cruz Costa apresenta sua tese, isto é, em 1942.¹⁸⁸

Eurípedes teve uma trajetória inteiramente dedicada à vida universitária. Não espanta, assim, o fato de seu nome estar comumente associado ao da referida faculdade. Como diretor, instituiu as bases de uma rede profissional com condições mais interessantes de produção acadêmica: criou periódicos como a *Revista de História*, incentivou encontros, congressos nacionais e internacionais, bem como fundou instituições que viessem a guardar a memória da história que ele e os demais construíam para a FFCL/USP. Segundo Rodrigues, parece existir em todas essas iniciativas algo daquele compromisso cívico experimentado num grau elevado quando de sua experiência na F.E.B, Itália. Para a historiadora, é, pois, “impossível dissociar seus intentos de um propósito de fundo afetivo: ser necessário na Faculdade para dela nunca mais se desvencilhar.”¹⁸⁹ As providências tomadas nos anos imediatamente posteriores a seu retorno da guerra explicitariam toda sua empreitada neste sentido:

Em 1945, ao retornar da guerra, desliga-se do exército e no ano seguinte presta o concurso para se tornar catedrático de História Antiga e

¹⁸⁸ Agradeço a Lidiane Soares Rodrigues por ter me disponibilizado dados preciosos acerca da trajetória de Eurípedes Simões de Paula. Em sua tese de doutoramento, constam ainda as seguintes informações a respeito do historiador: “Os anos seguintes à Revolução de 1932 parecem encerrar escolhas definidoras para Eurípedes, e é factível supor que ele tenha ficado entre o Direito e as incertas oportunidades da faculdade recém-fundada. Assim, chegou a ser nomeado “solicitador da comarca da capital” em outubro de 1933; em março de 1935, “estagiário junto a Promotoria de Resíduos” da mesma, cargo de que se exonerou a pedido em 27 de dezembro de 1937. Em 1933 inscreveu-se como solicitador-acadêmico da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em 1936, já formado, passa ao quadro de advogados. Como é notável, no final de 1937, Eurípedes parece ter abraçado a ideia de dedicar-se à História e Geografia, e, vale dizer, tal escolha se liga decerto às promessas entrevistas nas providências tomadas para o retorno de Fernand Braudel à França, então representante dos missionários nas negociações por contratação, e na arquitetura das cadeiras que já se vislumbrava. [...] Em 1942, ocorrem a reorganização da Faculdade e o doutoramento de Eurípedes Simões de Paula, com a tese “O comércio varegue e o Grão Principado de Keiv”, sob direção de Jean Gagé. No ano seguinte, convocado para o serviço ativo do Exército, como oficial da reserva, o jurista e historiador apresenta-se e é designado para o 6º Regimento de Infantaria em Caçapava (SP), seguindo com o 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que desembarcou em Nápoles. Na qualidade de 1º tenente no Pelotão de Morteiros do 1º Batalhão de Petrechos Pesados, fez a Campanha da Itália. A cátedra de Antiga e Medieval fica então, sob responsabilidade de Eduardo D’Oliveira França, que nomeia para sua assistência, o então licenciado Pedro Moacyr Campos. Em 1943, França divide suas energias entre a substituição de Eurípedes, a elaboração de sua tese de doutoramento e as aulas de história Greco-romana, na seção de Letras da FFCL, para as quais foi designado.” (RODRIGUES, L. S. *Op.cit.* p.251-7)

¹⁸⁹ IDEM. *Ibidem*.

Medieval, defendendo a tese “Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade”. Já em 1946, passa a ser membro do Conselho Técnico Administrativo (CTA) e representante da Congregação da FFCL no Conselho Universitário da Universidade de São Paulo, cargo ocupado até 1950, período no qual também é vice-diretor da FFCL. Nos quatro anos seguintes, é diretor da FFCL (1950-1954), figurando em episódios decisivos - como no concurso de seu amigo Cruz Costa, na crise das contratações docentes de Schenberg e Florestan Fernandes. Inicia, no mesmo ano desta conturbada diretoria, um dos empreendimentos mais bem sucedidos de seu percurso: funda a *Revista de História*, da qual será fundador-diretor até falecer. Considerando a modalidade de ascensão profissional, titulação e nível de envolvimento institucional, não surpreende que se refira, por vezes, à *FFCL como família, e aos alunos, como afilhados*. Sua ascensão em títulos e cargos implica rotação das posições de seus amigos.¹⁹⁰

Portanto, é preciso ter em mente que os conflitos envolvendo os grupos da FD/USP e da FFCL/USP, bem como certa rivalidade aí instalada, como se viu, diz muito acerca da constituição do campo da filosofia uspiana em formação, bem como das disputas que os novos profissionais formados pela Faculdade de Filosofia precisaram travar com os bacharéis e juristas do Largo:

A reunião das escolas mais antigas – Direito, Medicina, Engenharia – na nova configuração institucional que implicava o constructo universitário, em 1934, não se deu sem conflitos, azeitados pela centralidade intelectual atribuída à FFCL. Vale notar: os órgãos do poder universitário são tomados precisamente por tais escolas, cabendo à FFCL, do ponto de vista institucional, um papel subordinado, muito embora, em 1950 fosse já a segunda maior faculdade da USP quanto ao número de matrículas. Os embates deixaram evidente que disputas institucionais e intelectuais levaram as partes a recorrerem à letra da lei. Não parece casual que na reitoria de Miguel Reale e Ernesto de Moraes Leme, ambos da Faculdade de Direito, o jogo de forças pendesse desfavoravelmente para a FFCL – ainda que tudo estivesse sustentado pela legislação, cuja vigência é acionada ou ignorada de modo bastante flexível. Na reitoria de Luciano Gualberto, por outro lado, ficou evidente certa tentativa de imparcialidade, notável na revogação das deliberações do Conselho Universitário, quando este fazia as vezes de Congregação. Se ajustarmos, contudo, o foco procurando o espaço propriamente intelectual em que se moviam os agentes envolvidos nesses conflitos, ganha relevo não apenas a oposição entre as escolas – ciosas seja de sua tradição, seja de sua novidade/modernidade – mas também a disputa

190

IDEM. *Ibidem*.

entre “filósofos e filosofantes”, pela definição da atividade legítima, na busca por uma âncora institucional que a abrigasse.¹⁹¹

Em linhas gerais, se por um lado as cartas de Cruz Costa trocadas com Simões de Paula evidenciam o poder político e administrativo reunidos por aquele no interior da Faculdade de Filosofia, por outro corroboram e talvez ajudem a explicar sua fragilidade intelectual no tocante à produção e recepção de sua obra nesse ambiente em particular, como já mencionado.

A bem da verdade, sem uma verdadeira autonomia, a prática da filosofia era impensável se compreendida apartada da vida política. Conforme se viu, a filosofia no Brasil encontrava-se ainda muito subordinada aos embates políticos e ideológicos locais, assim como às instâncias religiosas, sobretudo católicas, que também não pouparam esforços para garantir (sobretudo após a década de 60) a sua participação na expansão e organização do sistema de ensino superior no país.¹⁹² A interseção de todas essas instâncias – que, a meu ver, embaralha o espaço da autonomização filosófica possível – ilumina, por outro lado, não somente os conflitos envolvendo a cultura filosófica paulista em torno da “filosofia legítima”, como também põe em relevo as dificuldades de sua profissionalização.

Como diria o próprio Cruz Costa, a Faculdade, envolvida em concursos e mais concursos, “coisinhas de cartolas” e, destarte, numa série de “pecuinhas”, começava, enfim, forçá-lo a sair, pouco a pouco, da arena pública e diletante que certamente lhe marcava os passos. “Tanta coisa a fazer” ainda pelo Brasil e ele “a dar, a dar na filosofia”. “*Pra quê?*” – perguntava a si mesmo já dando mostras do quanto se tornaria um *outsider* naquele seu ambiente acadêmico em particular. A seus olhos, quem de fato estava fazendo “História” era o amigo, que se encontrava do outro lado do oceano a fim de provar que o Brasil, aí sim, já não era mais “aquela criança saída do jardim da infância”.¹⁹³

¹⁹¹ RODRIGUES, L. *Op.cit.* p.268

¹⁹² FERREIRA, D. *Conversão e reconversão. Op.cit.*

¹⁹³ Consultar, na íntegra, as cartas em anexo.

SOBRE A FILOSOFIA NA AMÉRICA

Membros fundadores da famosa Editorial Losada: Enrique Pérez, Francisco Romero, Gonzalo Losada, Jesús Alonso Lago, Víctor Lanteri, Felipe Jiménez de Asúa e Lorenzo Luzuriaga

[...] A Europa ainda é nosso guia e por ela continuamos a manter o mesmo respeito, a mesma admiração que ela impõe. Mas os nossos interesses polarizaram-se agora em outro sentido.

(João Cruz Costa, “Experiência intelectual brasileira”, 1957)

Em um texto elaborado especialmente para a *Organización de los Estados Americanos* (OEA), em princípios da década de 1970, o intelectual argentino Arturo Andrés Roig constatava ser um fato evidente o “alcance institucional” que a chamada “filosofia latino-americana” havia alcançado ao longo dos decênios do século XX. Segundo Roig, os filósofos estavam, sem dúvida, a viver em plena forma uma etapa denominada por Francisco Romero de *normalização* da atividade filosófica. Esta, obviamente, não poderia ser tomada como algo casual, mas sim obra consciente de um grupo de homens que “abriram caminhos” construindo uma linha de trabalho por todo o continente latino-americano.¹⁹⁴

De fato, chamando a atenção pelo seu alcance e envergadura, esse momento especial captado na prática filosófica latino-americana talvez não possa ser devidamente compreendido se não se considerar a atuação dos agentes que, durante décadas, estiveram envolvidos em tal processo, sobretudo no que diz respeito aos denominados “fundadores” de uma rede que se formara e se consolidara no continente. Graças à atuação de filósofos como José Gaos e Leopoldo Zea, no México; Francisco Romero, Arturo Ardao e Arturo Andrés Roig, no chamado Cone Sul, a filosofia praticada em território latino-americano, embora amiúde associada a uma história das ideias, assumiu novos contornos que merecem a devida atenção.

Associada, também, a uma perspectiva nacionalista, esta rede de intelectuais tencionou praticar uma espécie de filosofia da história que ia “além de uma mera corrente ou vertente particular da História das Ideias”, como defende Eugenio de

¹⁹⁴ ROIG, Arturo. La filosofía en la Argentina. In: *Los fundadores en la Filosofía de América Latina*. Washington, D.C., 1970. pp.193-4

Carvalho¹⁹⁵. Com lastros, na verdade, em uma história da filosofia de caráter muito peculiar, o grupo logrou se articular a ponto de sua forma de organização em tudo chamar a atenção. Por volta das décadas de 40 e 50, criaram revistas e uma importante editora; bem como promoveram dezenas de congressos e encontros a fim de garantir a coesão da rede e, ainda, o engajamento de todos os seus integrantes. E nela, lá estava João Cruz Costa a representar o Brasil em tamanha empreitada.

O objetivo desta segunda parte da tese é, pois, examinar este momento-chave da supracitada rede “filosófica” latino-americana, de modo a situá-la e contextualizá-la na produção *cruzcostiana*. Ao longo das próximas páginas, também procurarei refletir sobre as possibilidades de construção de um pensamento filosófico culturalmente enraizado e ancorado, sobremaneira, na história social e política da América Latina – história esta inseparável da questão da *identidade* de nossos países e da formação dos nossos estados nacionais. Em outras palavras, seria possível pensar a cultura filosófica latino-americana a partir de sua filiação a uma suposta *tradição ibérica* de pensamento e, portanto, capaz de legitimá-la em suas idiossincrasias e prática?

¹⁹⁵ CARVALHO, Eugenio R. “O movimento latino-americano de História das ideias”. In: *Anais eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Campinas/SP, 2006. p.2

FILOSOFIA PARA PENSAR A NAÇÃO?

Las civilizaciones jóvenes que actúan en el escenario de una civilización más vieja no producen nada nuevo durante largo tiempo, por muy bien dotados que estén sus representantes.

(Keyserling)

O difícil não era construir um sistema brilhante, mas sim não se afogar, sob pretexto de amplidão de espírito, em um ecletismo abstrato e sem vigor. O difícil era ser historiador. Colocar-se inicialmente diante das realidades, das ideias pré-concebidas. Olhá-las de frente.

(Lucien Febvre)

Marcado por acalorados debates, bem como, ainda, pela presença de intelectuais europeus cujo impacto é comumente difícil de mensurar, do ponto de vista intelectual, o decênio de 1940 foi um período indubitavelmente muito frutífero para a América Latina. Grosso modo, a vinda dos franceses ao Brasil e, *mutatis mutandis*, dos espanhóis ao México e à Argentina, provocou grandes mudanças culturais em território latino-americano. Como será possível atestar logo mais, a presença desses intelectuais por aqui foi de grande valia, pois através da atuação de muitos deles - sobretudo de José Gaos e Ortega y Gasset nos países citados - emergiram novas formas de organização da cultura no interior dos campos nacionais. Também foram criadas condições objetivas capazes de fomentar projetos editoriais plurais e intercâmbios de ideias entre os diversos países da região. Em outros termos, novos agentes entravam em cena, com características bastante peculiares. E um novo campo disciplinar começava a ganhar, conseqüentemente, maior visibilidade.

Segundo Jorge Myers, as peculiaridades desse novo grupo em torno do movimento cultural e político da América Latina poderiam ser traçadas a partir de quatro dimensões muito específicas, a começar pelo conceito de “cultura” por ele utilizado e que estaria quase de todo atrelado às noções alemãs de *Kultur* e *Geist* - cuja ênfase estaria, justamente, no caráter espiritual e elitista das mesmas, e tal qual “havam

sido elaboradas no curso dos debates sobre a *Geistgeschichte*, a *Kulturgeschichte* e a *Lebensphilosophie* durante as primeiras décadas do século XX”.¹⁹⁶ O segundo ponto a chamar a atenção diz respeito à valorização de uma cultura concebida como sendo particularmente ibero-americana a ser compartilhada por todas as nações, não obstante as diferenças entre elas. Também a reivindicação de *continuidade* pregada entre a experiência cultural ibérica e os países do chamado Novo Mundo, escreve Myers, parecia efetuar “uma espécie de ‘normalização historiográfica’ do período colonial”.¹⁹⁷ O grupo ainda chamaria a atenção pela predisposição ao diálogo com outras áreas do conhecimento, amiúde cruzando fronteiras e estendendo o debate até, por exemplo, a Filosofia e a Antropologia – muito embora o chamado “centro de gravidade” da rede estivesse numa espécie de história das ideias de nossos países.

Se assim o foi, penso que vale, então, explorar mais detidamente as diversas conjunções que teriam ajudado a conformar e consolidar esta específica rede intelectual, assim como penso ser relevante explicitar a ascensão que uma espécie de “consciência filosófica latino-americana” ganhara no período. A meu ver, o fato de esta ascensão ser consequência mais ou menos direta da constituição e consolidação da citada rede, ou melhor, do modo específico com que, nas décadas de 1940 e 1950, tal grupo de filósofos se lançara à interpretação de nosso passado colonial, é algo muito relevante.

Ao que tudo indica, foi precisamente no ano de 1944 que estes intelectuais começaram a se articular e a chamar, de fato, a atenção. Ou seja, no momento em que a coleção *Tierra Firme* foi lançada, sob o selo da prestigiada editora mexicana *Fondo de Cultura Económica* (F.C.E.). Pode-se dizer que a partir daí eles deram início a uma projeção de alcance continental, estabelecendo dois pólos principais para difusão de seus projetos: o primeiro, no México, através da atuação do filósofo espanhol José Gaos e de seu “pupilo - herdeiro” Leopoldo Zea; o segundo, na Argentina - cuja responsabilidade recairia sobre o talentoso e também filósofo Francisco Romero, não por acaso herdeiro, em seu país, de intelectuais que, balançados com a presença de Ortega y Gasset, haviam iniciado um movimento de redefinição da linguagem filosófica

¹⁹⁶ MYERS, Jorge. “Gênese ‘ateneísta’ da história cultural latino-americana”. In: *Tempo Social*, vol.17, nº.1. São Paulo, jun.2005. p.2

¹⁹⁷ IDEM. *Ibidem*.

praticada até então nas universidades - como ilustra, por exemplo, a criação da “Cátedra Alejandro Korn” no *Colegio Libre de Estudios Superiores*.¹⁹⁸

Ora, conforme observa Rezende de Carvalho,

As ações pioneiras de Gaos e de Romero abriram as portas para o desenvolvimento da história das ideias na América Latina, seja por meio de suas contribuições paralelas do ponto de vista organizacional e de incentivo à produção e difusão de estudos nesse campo, seja por seus esforços simultâneos em lançar as bases e os fundamentos teórico-metodológicos que deveriam guiar a nova disciplina. A partir dos anos 40, as iniciativas de Gaos e de Romero iriam paulatinamente convergir e se integrar num amplo movimento [...] que logo alcançaria uma amplitude continental, não apenas pela ação direta desses dois filósofos, mas, sobretudo, pela ação coordenada de sucessivas gerações de seus discípulos [...] espalhados por vários países latino-americanos.¹⁹⁹

Foi em tal contexto que Leopoldo Zea exercera um papel dos mais importantes, já que fora o grande responsável pela articulação da rede. Devido às estratégias que foi capaz de estabelecer, criando mecanismos de consagração, bem como de consolidação em praticamente todo o continente, não causa surpresa que tenha atingido em pouco tempo uma posição de destaque e de grande projeção no cenário intelectual latino-americano. Como se tivesse sido o exemplo máximo e literal da “saída do filósofo ao mundo”, “tras la concreción de su anhelo americanista”, bem como “[tras] su fe en una América multirracial y multicultural, capaz de debatir su destino más allá de fronteras

¹⁹⁸ Em 1928, Luis Juan Guerrero, que havia regressado da Alemanha recém-doutor, ofereceu um curso sobre filosofia contemporânea alemã e logo ingressou na Faculdade de Filosofia da Universidade de Buenos Aires (UBA) como titular de Ética. Por essa época, também Ortega y Gasset realizava sua segunda viagem à Argentina, sendo apresentado aos alunos daquela faculdade pelas mãos de Coriolano Alberini, um dos professores responsáveis por expurgar o positivismo do sistema universitário portenho, introduzindo estudos sobre Keiserlyng e Waldo Franck. Francisco Romero e alguns outros intelectuais seriam frutos já desta nova ambiência e dariam o pontapé inicial à chamada *Sociedade Kantiana de Buenos Aires* – núcleo fundador do famoso *Colegio Libre de Estudios Superiores*, lugar onde importantes intelectuais do Cone Sul ministravam cursos e conferências, atendendo às demandas de um público novo e diverso que então se formava no cenário cultural de Buenos Aires. Para maiores detalhes, consultar “Contraponto portenho”, logo adiante.

¹⁹⁹ CARVALHO, E. R. *Op.cit.* p.4

[...] y áreas geográficas y políticas determinadas”, segundo escreve Nidia Burgo.²⁰⁰ Para esta historiadora, sua necessidade de indagar e compreender a história e a cultura latino-americanas o teria levado a cunhar formas bastante peculiares e inovadoras de refletir sobre todo o continente, “[poniendo] énfasis en lo peculiar y en las circunstancias particulares, previo a cualquier generalización”²⁰¹.

Independentemente das motivações que teriam levado Leopoldo Zea a dedicar-se aos estudos da cultura filosófica latino-americana, o que importa é examinar como essas inovações, no bojo das pesquisas e reflexões desenvolvidas, tornaram-se possíveis. Ao que tudo indica, foi precisamente em 1947, quando Zea tornou-se presidente do famoso “Comitê de História das Ideias na América”, criado por solicitação de Silvio Zavala quando este dirigia o Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH), que surgiram, em suma, as condições objetivas para que o filósofo pudesse colocar em prática os projetos desejados. Uma das intenções centrais do referido comitê seria, justamente, a de analisar a história das ideias nos países latino-americanos visando editá-las e colocá-las em circulação. Afinal, era imprescindível a esses intelectuais galgar apoios políticos e institucionais para, enfim, alcançarem posição de destaque capaz de projetá-los internacionalmente – internacionalização esta através da qual seria possível estabelecer alianças e criar estratégias para que estivessem sempre em contato uns com os outros.

Ora, como já observado por Pierre Bourdieu, não há como ignorar, em tal processo, as chamadas *instâncias simbólicas de consagração* da comunicação entre dois ou mais países, isto é, as diversas ações que são operadas em âmbito “oficial” de maneira a favorecer o suposto intercâmbio de ideias ou, se se preferir, a *importação - exportação* das mesmas - fazendo jus, agora, ao jargão do eminente sociólogo.²⁰² Portanto, parece-me valioso ter em mente os mecanismos sociais responsáveis pela

²⁰⁰ BURGO, N. “Ezequiel Martínez Estrada y Leopoldo Zea: dos pensadores de América”. In: SALADINO, Alberto *et al.* (Org.) *Visión de América Latina: homenaje a Leopoldo Zea*. México: F.C.E., 2003. p.22

²⁰¹ IDEM. p.20

²⁰² Cf. BOURDIEU, P. “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées”. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris: Le Seuil, 2002. pp.3-8.

“internacionalização”, bem como pelo intercâmbio de ideias entre os intelectuais que, neste caso, se aglutinaram em torno da figura de Leopoldo Zea:

Estimado amigo:

Pocos días después de haberle enviado por indicación del buen amigo Zea mi “Filosofía pre-universitaria en el Uruguay” – que supongo en su poder – tuve el placer de recibir su carta y sus libros.

Su tesis sobre Sánchez no la he leído todavía, aunque he podido apreciar que se trata de un trabajo documentado y concienzudo. He leído en cambio detenidamente su “A Filosofía no Brasil”. Me ha proporcionado una información del más alto interés. *Pero me ha proporcionado especialmente una gran afinidad con lo que a mí me preocupa: la emancipación de nuestra cultura por la conciencia reflexiva de nuestra personalidad en la naturaleza y en la historia. La falta de arraigo en lo nacional que Vd. Señala en el pensamiento brasileño del pasado, se aplica estrictamente a nuestro país. Es un mal de América. La historia de la filosofía en estos países está por eso llena de lecciones que es preciso extraer.* El actual movimiento historicista del continente, en el campo de la filosofía, revela sin duda un estado de espíritu general orientado en ese sentido. Su excelente libro es un ejemplo bien expresivo y confortante.²⁰³

A meu ver, a carta de Arturo Ardao enviada a João Cruz Costa é bastante interessante no que diz respeito ao processo de seleção, recepção e tradução das obras operadas pelo grupo. E, em termos estratégicos, a atuação de Zea foi crucial: em pouco menos de uma década, ele auferiu ao grupo um alcance institucional invejável, à frente que esteve na organização de seminários, comissões, bem como da criação de revistas e periódicos. Desde o início, seu pioneirismo se mostrou notável. Após receber uma bolsa de estudos do governo do México no ano de 1945, visando estender seus estudos sobre o positivismo, Zea se instalou por alguns meses nos Estados Unidos e, logo em seguida, iniciou sua “peregrinação” por alguns países da América do Sul.

As cartas trocadas com João Cruz Costa no referido ano não somente corroboram a determinação e a seriedade com que Zea levava adiante sua “missão”, como também revelam as dimensões reais de tal empreitada. Em agosto de 1945, quando chega a Buenos Aires, escreve ele ao colega brasileiro:

²⁰³

Carta de Arturo Ardao a João Cruz Costa, datada de 02/12/1945. Grifos meus.

Estimado amigo:

Es posible que el prof. Romero le haya informado de mi llegada. [...] Según me dijo, [...] está usted trabajando sobre el positivismo en su patria. No sabe cuanto me alegra saber ésto. Es la mejor forma para que nuestra América llegue a tomar el lugar que le corresponde en la cultura; debe empezar por esclarecer una tradición en todos los campos de la cultura, especialmente en el campo de las ideas.

Ahora lo que pretendo es extender mi propio trabajo comparando el positivismo de mi país con el que surgió en otros países de este continente. Creo que será interesante ver las diversas formas como se reaccionó frente a una misma ideología, las diversas formas como fue utilizado. Y también ver en que se semejava. *Esto puede llegar a darnos una unidad espiritual [...] autenticamente americana.* [...] Por ahora mi beca me autorizó a trabajar en Argentina y Chile, cerca de seis meses. Pero trataré de aprovechar una oportunidad para ir a su país, aunque en pocos días y visitarle; usted que trabaja el asunto podrá orientarme y darme sugerencias que completen mi trabajo.²⁰⁴

Ambos seguem se correspondendo por anos a fio, a ponto de se tornarem amigos e cultivarem estreitas relações. Mas o que importa salientar é que, ao se aproximar de Zea, a quem fora apresentado por Francisco Romero, Cruz Costa acabou seduzido pela rede que o filósofo mexicano liderava e foi, ao que tudo indica, o único brasileiro a participar e a se envolver com tais projetos - segundo o próprio Zea dá a entender em prefácio de um dos seus conhecidos livros²⁰⁵. E como também revelam os dados contidos em uma missiva posterior endereçada ao autor dos ensaios sobre *A filosofia no Brasil* - ensaios estes dos quais alguns ganhariam edição em língua espanhola, devido ao forte interesse que o líder mexicano por eles demonstrara:

²⁰⁴ Carta de Leopoldo Zea a João Cruz Costa, datada de 01/08/1945. Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Cf. Arquivo João Cruz Costa, pasta 1927-1945.

²⁰⁵ Em *Filosofia de la historia americana* (1978), ao citar os intelectuais com os quais ele havia estabelecido contato durante sua primeira viagem pelo continente, na condição de presidente do Comitê de História das Ideias do Instituto Panamericano de Geografia e Historia, Cruz Costa é quem aparece representando o Brasil na “quase” interminável lista de pesquisadores que teriam colaborado com as investigações almejadas pelo filósofo mexicano.

Querido amigo:

Perdone la tardanza en escribirle. Respecto a su libro me supongo que ya recibió la traducción para que pueda usted revisarla. Espero que la publicación se haga pronto. Como sabrá ya lo hará el Fondo de Cultura en colaboración con la Comisión de Historia. Su libro será uno de los que más interesarán. No deje de darme sus noticias sobre la traducción. [...] que prepara usted ahora? Por mi parte estoy metido en algo que quiero sea una especie de filosofía de la historia de nuestra América.²⁰⁶

Em outra carta, datada de 31 de março de 1955, Zea escreve ao amigo do Brasil:

Gracias por su carta. Me acaban de informar que ha llegado el original traducido. Ya se lo darán al traductor. Gracias por la dedicatoria que con mucho gusto acepto. Espero que su libro entre a prensa este año. Parece que hoy se cerró el trato para que edite la colección el Fondo de Cultura y entrar a prensa el primer tomo, el de Arturo Ardao, luego Francovich y luego usted.

Creo que su trabajo sobre *Moral do aventureiro* será muy importante. Espero que pronto lo pueda terminar.

Le saludo cordialmente, su amigo Leopoldo Zea.²⁰⁷

²⁰⁶ Carta de Leopoldo Zea a João Cruz Costa, datada de 02/05/1955. Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Cf. Arquivo João Cruz Costa, pasta 1955.

²⁰⁷ Carta de Leopoldo Zea a João Cruz Costa, datada de 31/05/1955. Biblioteca FFLCH/USP. Cf. Arquivo João Cruz Costa, pasta 1955.

Durante o período que tive acesso à biblioteca de Cruz Costa, localizei também alguns ensaios que foram publicados através da referida rede – muitos, inclusive, contendo dedicatórias afetuosas por parte dos autores, como, por exemplo, as do próprio Zea ao enviar ao brasileiro livros como *El positivismo en México* (1ª. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1943); *Apogeo y decadência del positivismo en México*, publicado no ano seguinte pelo Fondo de Cultura; *América en la historia* (México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1957), entre outros.

A consulta a tais obras me permitiu, ainda, perceber o interesse que as mesmas despertaram em Cruz Costa devido às suas marcas de leitura, principalmente quando o assunto era o positivismo na América. Notei um acirramento de grifos e anotações nos livros de Leopoldo Zea acima citados e, ainda, nos de Samuel Ramos e Arturo Ardao, intitulados *Historia de la filosofía en México* (México: Imprenta Universitaria, 1943) e *Filosofía pre-universitaria en el Uruguay* (Montevideo: Claudio Garcia, 1945), respectivamente.

Também pude localizar em sua biblioteca as seguintes obras:

Le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale, de León Brunschvicg; *La filosofía en Bolivia*, de Guillermo Francovich; *Discurso de Filosofía*, de José Gaos; *La evolución de las ideas argentinas*, de José Ingenieros; *Influencias filosóficas en la evolución nacional*, de Alejandro Korn; *Sobre la posibilidad de una filosofía nacional: ensayo pedagógico*, de Guillermo Ritter; e, por fim, *A history of*

Vê-se que Zea não titubeava em dividir ideias, tampouco em incentivar a produção dos colegas. Sua obra é, pois, tributária desses contatos estabelecidos, ao mesmo tempo em que testemunha e divulga os avanços de pesquisas realizadas nos demais países²⁰⁸.

Ora, no caso do Brasil, o grande responsável pela circulação das ideias do grupo fora João Cruz Costa, conforme já se disse. Fora, enfim, o “defensor” de uma visão de filosofia que não deixou de gerar certo desconforto e causar estranheza nos círculos de sociabilidade paulista, sobretudo na Universidade de São Paulo, onde a filosofia (como também as ciências sociais) caminhava em sentido contrário, já que os intelectuais ligados à referida universidade mostravam-se envolvidos com a construção de um saber de caráter mais “científico” e, portanto, isento de todo e qualquer tipo de engajamento.

A respeito da circulação de tal projeto em solo brasileiro, convém observar que, se Cruz Costa fora o grande responsável pela sua pulverização no Brasil de meados do XX, posteriormente seria Darcy Ribeiro quem iria dar continuidade a estas ideias no país. O que havia de comum era, justamente, a defesa de uma suposta “latino-americanidade” informada por posições políticas embebidas na crítica ao domínio norte-americano. Destarte, a construção da identidade ibero-americana, elidindo a diversidade das culturas, explicita-se na elaboração de um ideário político.

Contudo, não me parece relevante discutir, aqui, em que medida a cultura filosófica latino-americana de meados do XX estava ou não marcada por um nacionalismo político de caráter duvidoso; tampouco examinar, do ponto de vista do debate aí presente, seu grau de comprometimento ideológico. A meu ver, o que interessa é observar como, no bojo de tais demandas políticas, emergiram novas e específicas modalidades temáticas à atividade filosófica praticada no continente.

american philosophy, de Herbert Schneider. Todos, vale dizer, referências constantes na produção intelectual *cruzcostiana*.

²⁰⁸ “Zea motiva la producción de los otros y con ésta fecunda su propia producción: recoge material, se informa de las ideas de cada región, planta una semilla de interés por el pensamiento local, incentiva un trabajo conjunto, circula, comunicando a unos con otros. [...] Su obra es tributaria de las redes. Numerosos hilos del pasado y del presente se anudan. Su obra testimonia los avances de investigación sobre el pensamiento uruguayo, boliviano, brasileño producidos por personas que forman parte de un mismo proyecto y que se encuentran articuladas a él” (VALDÉS, Eduardo D. “Desde la periferia y para el mundo: a Leopoldo Zea en sus 90 años”. In: SALADINO, Alberto *et al.* (Org.) *Op.cit.* p.26)

Conforme já se viu, um problema prévio que se colocava à filosofia na América dizia respeito, justamente, à necessidade de se voltar ao estudo do passado a fim de averiguar *o que fomos*, mas, principalmente, *o que poderíamos ser*. Em tal linhagem filosófica havia, em particular, o empenho premente desses intelectuais para viabilizar a inserção de suas nações na modernidade. O envolvimento dispendido estava, em suma, preso às discussões sobre a formação de tais países, bem como sobre as possibilidades de desenvolvimento do Estado Moderno em todo o território ibero-americano.

Herdeiros de experiências sociais comuns, a principal questão a ser debatida naquele momento dizia respeito às possibilidades de construção da nação moderna e, conforme atesta Abelardo Villegas, o positivismo parecia o caminho natural para a realização de tal projeto, ao se transformar numa espécie de ferramenta político-pedagógica por meio da qual nossos países poderiam adentrar à modernidade.²⁰⁹

O modo, enfim, como esses intelectuais compreenderam a “Filosofia” e definiram o *métier* do “filósofo”, colocando ambos a serviço de uma reflexão voltada para o contexto específico da América Latina, aos poucos levava o grupo, obviamente, a um processo de reflexão ancorado na sua própria realidade histórica, com o propósito de apreendê-la e de dar solução aos seus problemas concretos.

Parece-me que, em parte, foi por isso que Cruz Costa defendera uma visão de filosofia muito singular intramuros na universidade, para não dizer polêmica. Tal como Zea, a ele interessava discutir o *caráter*, bem como o modo de uma atividade intelectual milenar e, de raiz europeia, se realizar em solo tão diverso. Em outras palavras, lhe interessava matizar as tensões, bem como as ambiguidades *da experiência filosófica brasileira* procurando compreender, principalmente, o modo como as ideias nos chegavam e se adaptavam em ambientes feito os chamados “povos novos das

²⁰⁹ “[...] El positivismo constituyó, para los hombres de nuestra América, un instrumental teórico para hacer de sus respectivos países naciones semejantes a las del mundo moderno. Este afán había surgido con el propio movimiento de independencia, y la aparición del liberalismo había tenido idéntico resorte. La idea de una transformación política que convirtiera las antiguas colonias españolas en repúblicas democráticas, satisfacía la inquisición teórica de aquellos que se habían empeñado en la reconstrucción posterior a las guerras de independencia. [...] Posiblemente ninguna filosofía ha sido acogida tan unánimemente por los ibero-americanos como el positivismo; el motivo ya lo hemos examinado: constituía una herramienta intelectual, política y pedagógica, por medio de la cual nuestros países advendrían a la modernidad”. (Cf. VILLEGAS, A. *Panorama de la filosofía ibero-americana actual*. Buenos Aires: EUDEBA, 1963. pp.10-20)

Américas”. Eis a herança, também aqui, do modernismo a emoldurar sua produção. Fantasmas, enfim, da tradição.

Interessado na história da imigração das ideias europeias no Brasil, assim como nos nossos problemas de *formação*, Cruz Costa procurou viabilizar estudos que dialogassem com a realidade brasileira, defendendo uma visão bastante peculiar do exercício filosófico, ou seja, que tivesse como guia as condições históricas de nossa sociedade e que destacasse, sobretudo, a importância da ascensão do positivismo no Brasil - por se tratar, segundo ele, de um fenômeno relacionado ao “momento de maior transformação da história brasileira”²¹⁰. Talvez por isso tenha publicado tantos artigos sobre o assunto, além de dois livros inteiramente dedicados ao tema.²¹¹ Ademais, seu interesse pela *evolução* das ideias no Brasil ou, segundo ele próprio denominaria, pela *evolução histórica nacional* – é, no mínimo, curioso e suscita debates. Não só por abarcar um esforço de análise e de interpretação em voga nas décadas de 40 e 50, mas também por salientar as fontes de interpretação caras ao autor. Fontes essas que, sem dúvida, o aproximavam do grupo de intelectuais aqui em questão.

Penso, assim, ser oportuno recuperar as afirmações feitas pelo intelectual brasileiro no prefácio de *Contribuição à história das ideias no Brasil*, sobretudo o trecho já destacado na introdução. Ora, por que retomá-lo? Justamente porque à luz agora dessa sociabilidade tecida com os latino-americanos, suas assertivas talvez ganhem novo sentido. Escreve ele:

[...] que somos nós, povos das Américas? Somos, em grande parte, descendentes de gente humilde que sofria na Europa. Vimos, quase todos, da aventura que a levou a procurar, no Novo Mundo, uma vida nova. Derivamos da Renascença, de uma consciência nova da Humanidade. *A nossa origem, as condições da nossa formação, a nossa experiência histórica nos afastam do acantilado das metafísicas e nos impelem para a meditação de realidades concretas e vivas, convidando-nos a refletir sobre as interessantes e contraditórias aventuras do nosso devir.*

²¹⁰ COSTA, J.C. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Op.cit. p.138

²¹¹ Refiro-me às seguintes obras: *Augusto Comte e as origens do positivismo*; e *Positivismo na República*. (Cf. Bibliografia)

Na verdade, Cruz Costa recupera neste parágrafo ideias que foram mais ferrenha e explicitamente defendidas em ocasiões anteriores, sobretudo nos ensaios reunidos em *A filosofia no Brasil*. A obra citada reúne artigos de sua autoria veiculados em jornais como *O Estado de S. Paulo*, a *Folha da Manhã*, assim como nos boletins da própria faculdade em fins de 1930 e princípios dos anos 40, além de uma e outra conferência proferida no mesmo período no ambiente universitário do qual fazia parte. E, conforme disse em outro momento, não há dúvida de que a tese *cruzcostiana* suscita debates. A começar pela sua visão particular de *cultura*, acompanhada que está de um juízo de valor, no caso, muito controverso - a ideia do *pensamento útil e eficiente* - e que o leva, enfim, a estabelecer comparações entre legados culturais diversos e elencá-los segundo essa discutível categoria de análise. Veja-se, por exemplo, o apelo feito em um destes seus referidos ensaios:

[...] Reflitamos na nossa experiência colonial. Meditemos no significado libertador das lutas dos povos americanos. Façamos [...] um esforço para construir uma América Nova. Mas que ela não se assemelhe a um mosaico de museus, a uma coleção de relíquias europeias de segunda ordem. Untemos as velhíssimas e enferrujadíssimas tradições que herdaram os americanos para que assim mais maleáveis, elas nos possam esclarecer sobre o verdadeiro sentido da História que é, precisamente, o de libertar o homem do passado e dirigi-lo para as transformações que a vida impõe.²¹²

O apelo *cruzcostiano*, se pouco compreendido nas instâncias acadêmicas uspianas, estava, por outro lado, em pleno diálogo com as premissas de Leopoldo Zea acerca do que deveria ser a filosofia e sua *práxis*. É, pois, valioso reconhecer as influências, assim como o intercâmbio de ideias ocorrido entre um e outro, dada sua inserção no referido grupo, não obstante outras filiações que seu pensamento também apresenta. A despeito da importância que, indubitavelmente, autores ligados ao movimento modernista brasileiro tiveram para a produção intelectual *cruzcostiana*, a mesma encontrou eco familiar e foi rapidamente incorporada pelo movimento latino-americano ora em questão. Parece-me, assim, que a trajetória de Cruz Costa remonta também a essas tentativas de criação de filosofias nacionalistas em solo americano. No

²¹² COSTA, João Cruz. "Os fantasmas da tradição". In: *A filosofia no Brasil*. POA: Livraria do Globo, 1945.pp.69-70

fundo, ele permanecia preocupado com o mesmo problema, a saber: o da construção da nação. Contudo, o impacto, bem como as controvérsias em torno dessas filosofias nacionalistas, do ponto de vista de uma sociologia da vida intelectual, encontra-se ainda muito pouco estudados, principalmente se considerados à luz do processo de formação, bem como de *institucionalização* desse campo em particular não somente no Brasil, mas também nos demais países da América Latina.

Há para eles, certamente, uma ambivalência que explica a importância, bem como o tamanho da dedicação e do investimento em torno da possibilidade ou não de se construir filosofias de caráter “autóctone” e que, portanto, pautou todo o debate em torno da formação do Estado moderno no território americano. Dilema, em suma, que se aloja no problema da construção da “Nação” para países que partilhavam de uma mesma condição: a de ex-colônia. Tal questão – é importante dizer - foi vivida por Zea e por Romero de forma bastante visceral, num grau de seriedade como talvez nenhum outro filósofo de sua geração tenha experimentado. E o problema da língua se lhes apresentou de forma dramática.

Embora o assunto não seja aqui literatura, mas, sim, a atividade filosófica realizada nesses países de língua espanhola, penso que a tese de Pascale Casanova, também neste caso, dá o que pensar. Escreve a socióloga que,

é em seu confronto com a questão da língua que os escritores dos espaços excêntricos têm a oportunidade de desdobrar o universo completo das estratégias pelas quais as diferenças literárias se afirmam. A língua é o principal embate das lutas e das rivalidades distintivas: é o recurso específico com ou contra o qual se inventarão as soluções à dominação literária, o único material verdadeiro de criação dos escritores que permite as inovações mais específicas: as revoltas e revoluções literárias encarnam-se as formas criadas pelo trabalho sobre a língua. [...] Em outras palavras, as “escolhas” dos escritores em matéria linguística, [...] embora amplamente dependentes das políticas linguísticas nacionais, não se reduzem, como nas grandes nações literárias, à submissão dócil a uma norma nacional. O dilema da língua é para eles bem mais complexo, e as soluções que trazem adquirem formas mais singulares.²¹³

²¹³

CASANOVA, P. *A República Mundial das Letras*. SP: Estação Liberdade, 2002. p.309-311.

Mutatis Mutandis, na elaboração dos projetos em torno das chamadas filosofias latino-americanistas, muitos filósofos tiveram de enfrentar a mesma questão. A reivindicação da filosofia em língua espanhola lhes seria algo, enfim, crucial; e a corroborar não somente uma espécie de “filosofia da realidade nacional”, bem como, ainda, a instilar a necessidade de formação de um público leitor.

*

Penso ser interessante fechar este pequeno ensaio retomando alguns pontos que considero centrais e sobre os quais, futuramente, gostaria de seguir refletindo: grosso modo, ensaiei apresentar o programa de uma rede intelectual latino-americana que se formara e se consolidara devido à atuação, em grande parte, de Leopoldo Zea. Procurei, assim, destacar as formas pelas quais a mesma se fez conhecida e foi ganhando adeptos em praticamente todo o continente, chamando a atenção do leitor para o processo de institucionalização de tal movimento e buscando mapear (ainda que sem esgotá-los) os meios através dos quais o grupo liderado pelo renomado filósofo divulgou suas pesquisas e projetos.

Tendo em vista o cenário cultural paulista sobre o qual me debrucei nos últimos anos, parece-me que as relações de todo esse movimento com o Brasil, através da atuação exclusiva de João Cruz Costa, está carregado de consequências, uma vez que tais “diálogos” causaram em seu círculo de sociabilidade, intramuros na Universidade de São Paulo, certo desconforto que, no meu entender, reforçaram ainda mais a sua condição de *outsider*. Afinal, não se pode menosprezar quão decisivo esse intercâmbio de ideias foi para a trajetória *cruzcostiana*, sendo certamente um dos pontos nevrálgicos para a compreensão real de seu itinerário intelectual, já que não somente orientou seus temas, tal qual se pôde ver, como também lhe rendeu certa projeção internacional – permitindo-lhe colher alguns frutos, dentre os quais sobressaem-se o capital social e político por ele acumulado. A inserção no grupo coordenado por Zea permitiu que ele circulasse, à época, para além do provincianismo intelectual de São Paulo, a ponto de alguns de seus ensaios ganharem tradução não somente para a língua espanhola, como também para o inglês e o alemão. Através dessa rede latino-americana, Cruz Costa também chegou a ser membro do Comitê de História das Ideias do Instituto Pan-

americano de Geografia e História (IPGH) e conselheiro da *Congress Library* (Washington), por indicação do diretor da *Hispanic Foundation* e do secretário da *Sociedade Americana de Filosofia*, em 1948.

Por outro lado, esta ligação de Cruz Costa com Zea, somada à valorização que ambos faziam do legado positivista, soa um tanto anacrônica se vista do ângulo brasileiro. Não só porque o positivismo assumira, aqui, contornos diversos daqueles desenhados em solo ibero-americano; mas também porque, sendo brasileiro, Cruz Costa ocupava uma posição tanto mais complexa em relação aos demais. Como latino-americano, fora convidado a se integrar ao projeto de Leopoldo Zea envolvendo, pois, a formação de filosofias nacionalistas. Porém, o Brasil estava longe de “pertencer” ao movimento tal como os países hispânicos: não somente os “fantasmas” da colonização eram outros e deles nos separavam, assim como – e principalmente – a língua estava a nos impedir uma participação significativa. De modo que, ao folhear os livros publicados por esses “historiadores da filosofia na América”, não chego a me surpreender com o quase completo desconhecimento de tais intelectuais a respeito das circunstâncias históricas brasileiras. Cruz Costa funcionava, indubitavelmente, como uma espécie de “fonte” de onde a maioria dos autores extraíam algumas poucas informações a nosso respeito. Talvez fosse este o sentido real de sua participação.

CONTRAPONTO PORTENHO

Por vezes fico a imaginar se a universidade, em nossos países, não será um corpo estranho, talvez uma excrescência... desde cedo ela lutou para expressar valores necessários e universais, mas nunca chegou a traduzir esses valores de uma maneira adequada, que fosse sua, talvez pelo fato de não refletir exata e adequadamente as situações criadas pela nossa experiência. Foi Alberdi quem disse: 'temos já uma vontade própria, falta-nos uma inteligência própria'.

(João Cruz Costa. "A Universidade Latino-Americana: suas possibilidades")

Folheio o livro de Alejandro Korn, *Influencias Filosóficas en la evolución nacional*²¹⁴, e me surpreendo com a sensação de *dèjà vu*. O livro traz à baila as mesmas questões, quando não as mesmas inquietações, nutridas por Cruz Costa em *Contribuições à história das ideias no Brasil*. Além da mesma disposição gráfica, abarcando ambos os livros títulos e conteúdos semelhantes, Korn parecia cultivar uma visão da filosofia também cara ao autor brasileiro.²¹⁵

Inquieto-me com tamanha coincidência. Ademais, as semelhanças teimavam em não se esgotar: tal como Cruz Costa, Alejandro Korn era médico (especializado em psiquiatria) e professor de filosofia interessado nos mesmos assuntos aos quais se dedicava o brasileiro. São muitos os pontos em comum para considerá-los mero acaso, afinal, certos temas parecem indicar, muitas vezes, os grandes debates que orientaram e organizaram o pensamento de uma época, transformando-se em verdadeiras pistas dos

²¹⁴ Buenos Aires: Claridad, 1936.

²¹⁵ Apenas para ilustrar, note-se o seguinte parágrafo escrito por Alejandro Korn na introdução de seu ensaio: "Hemos sido colonia y no hemos dejado de serlo, a pesar de la emancipación política. En distintas esferas de nuestra actividad aún dependemos de energías extrañas y la vida intelectual, sobre todo, obedece, con docilidad, ahora como antaño, al influjo de la mentalidad europea. El genio nacional rara vez ha encontrado una expresión genuina e independiente; sólo en la selección de los elementos que asimila, se manifiestan sus inclinaciones nativas. El pensamiento de nuestro pueblo ha debido seguir, desde luego, una evolución paralela a las ideas directrices de la cultura occidental y a investigar cómo se reflejan en nuestro ambiente, se encamina este ensayo". (KORN, A. *Op.cit.* p.22)

discursos e da programação intelectual “mais frequentes nos diferentes países e em épocas diversas”²¹⁶.

Tal como Cruz Costa, Korn também se ocupara com a questão da herança ibérica, mas algumas décadas antes que o autor brasileiro. Nascido em São Vicente em 1860, província de Buenos Aires, Alejandro Korn era filho de um médico alemão que, por razões políticas, saíra fugido de seu país de origem. Como o pai, graduou-se e doutorou-se em Medicina aos vinte e dois anos de idade, de posse de uma tese intitulada « Loucura e Crime » - tese esta baseada nas ideias do famoso criminólogo italiano Cesare Lombroso.²¹⁷ Tendo se radicado na cidade de La Plata, em fins do XIX, para exercer a profissão na condição de médico da polícia local, começara também a lecionar anatomia no colégio da universidade e, pouco tempo depois, estrearia na docência universitária na famosa *Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires* (UBA), como professor de História da Filosofia. A partir de então, passou a ser colaborador de José Ingenieros, famoso intelectual positivista e não menos importante no cenário intelectual portenho, sobretudo para o desenvolvimento do curso de Filosofia da referida universidade.

Ingenieros (1877-1925), italiano de origem, fora o grande responsável pela propagação, bem como sedimentação do positivismo na Argentina, corrente contra a qual, vale adiantar, posteriormente as gerações seguintes se levantariam. Como Alejandro Korn e muitos outros intelectuais do período, também era médico, tendo se graduado e obtido o diploma de bacharel em Medicina depois de apresentar uma tese sobre a “Simulação da Loucura” (1900) e, em seguida, se dedicar por completo à

²¹⁶ BOURDIEU, P. “Sistemas de Ensino e Sistema de Pensamento”. In: *A economia das trocas simbólicas*. 5ª. ed. SP: Perspectiva, 1999. pp.203-229

²¹⁷ Formado em Medicina e Cirurgia por universidades italianas, Cesare Lombroso (1835 – 1909) foi um famoso cientista de seu país. Tendo nascido numa abastada família de Verona, logo após de formado partiu para Viena a fim de aperfeiçoar seus estudos, fortemente marcados pelas teses positivistas do momento. Interessado, desde a juventude, no tema da loucura, seus estudos voltaram-se também para a antropologia, além da psiquiatria. Dedidou-se, assim, a investigações sobre as possíveis influências do ambiente sobre a mente, chegando inclusive a ser diretor do manicômio de Pádua (1871-1876), bem como professor de Higiene e Medicina Legal da Universidade de Turim. Em 1876, publicou *O Homem Delinquente*, seu primeiro livro sobre criminologia.

Considerada vasta, sua obra ficou conhecida sob a pecha de “antropologia criminal”, uma vez que pretendia abarcar estudos sobre filosofia, psicologia, medicina, criminologia, entre outros.

psiquiatria. Na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, chegou a ser chefe da seção clínica de “enfermidades nervosas”, bem como livre-docente de neuropatologia. Também foi professor titular de psicologia experimental, a partir de 1904, na Faculdade de Filosofia e Letras da universidade supracitada. Em 1905, participou do V Congresso Internacional de Psicologia, como representante da Argentina. Conhecido por seus ensaios publicados na coleção “Arquivos de criminologia”, da qual era diretor, José Ingenieros foi o fundador, em 1907, do chamado Instituto de Criminologia de Buenos Aires e, dois anos depois, foi eleito presidente da Sociedade Médica Argentina e da Sociedade de Psicologia. De 1911 a 1914, período em que vivera na Europa, envolveu-se com problemas epistemológicos caros, sobretudo, às ciências naturais e, aos poucos, se viu mergulhado também em questões de fundo ético e filosófico. Ao regressar, fundou uma das mais importantes revistas do período, a *Revista de Filosofía* – a qual publicou até falecer e cujo propósito era contribuir com o debate de temas filosóficos clássicos e que abrangiam áreas do saber como ética, estética, lógica, entre outras.²¹⁸

Em 1918, já bastante conhecido e famoso, Ingenieros redigiu a obra *Proposiciones relativas al porvenir de la filosofía*. Por essa época, como observa Adolfo Vázquez, a revolução russa de 1917, bem como a reforma universitária que havia se iniciado em Córdoba em 1918, de grandes projeções na América espanhola, teriam nele reavivado a militância política de juventude e reacendido seus ideais esquerdistas e revolucionários, de modo que muitos de seus trabalhos escritos no período estariam, agora, marcados por polêmicas em torno de temas históricos, sociais e políticos. É desta “safra” seu famoso livro *A evolução das ideias argentinas*.

Em 1925, por exemplo, Ingenieros voltou à Europa a convite do governo francês para participar do centenário de Jean-Martin Charcot e acabou por organizar, em conjunto com Miguel de Unamuno, José Vasconcelos e Haya de la Torre, uma assembleia anti-imperialista. Ao tornar-se titular da cátedra de Psicologia Experimental no ano de 1904 na Faculdade de Filosofia da Universidade de Buenos Aires, Ingenieros

²¹⁸

Sobre a importância da *Revista de Filosofía* à intelectualidade portenha do período, consultar: ROSSI, Luis Alejandro. “Los proyectos intelectuales de José Ingenieros desde 1915 a 1925: la crisis del positivismo y la filosofía en la Argentina”. In: *Revista de Filosofía*. 1915 -1929. Quilmes, Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes. pp.13-85

abriu espaço para que outras correntes filosóficas, além do positivismo, pudessem se infiltrar e se destacar na referida faculdade (i.e. Kant e Renouvier), contando sobremaneira com a contribuição de Korn, mas também de Guillermo Keiper, que ensinara História da Filosofia antes de Alejandro Korn assumir o posto. Também Félix Krueger, que havia sido aluno de Dilthey, Wildelband, Wundt, entre outros conhecidos e importantes filósofos alemães da época, contribuiu para a renovação do quadro. Krueger, vale dizer, deu aulas de “Psicologia” na Faculdade de Filosofia da UBA entre 1906 e 1907, ao mesmo tempo em que organizava o departamento de Filosofia do *Instituto Nacional del Profesorado Secundario*.²¹⁹

A despeito dos esforços de tal grupo, realizados em prol de uma renovação intelectual nesse específico ambiente acadêmico, o positivismo seguiu fortemente instalado tanto no espaço universitário como fora dele. Foi somente a partir de 1920, com a chegada de Coriolano Alberini à faculdade, como professor responsável pela cátedra de “Introdução à Filosofia”, que o positivismo começou a perder força. Mas, cabe adiantar, é apenas com a presença de Francisco Romero que toda esta geração se sentirá livre da voga positivista.

Alberini (1886 – 1960), também de origem italiana, veio para a Argentina poucos meses depois de nascer. Aos três anos de idade se tornou paraplégico de ambas as pernas e nunca mais pôde andar. Estudou no famoso *Colegio Nacional de Buenos Aires*, frequentado à época pela elite portenha. Em 1906, começou seus estudos de Filosofia e de Direito na UBA, mas acabou se formando apenas em Filosofia, tornando-se logo mais professor adjunto de Psicologia, em 1918. Dois anos depois, como já mencionado, se tornou professor titular de “Introdução à Filosofia”, inaugurando, assim, uma cátedra de grande importância à constituição acadêmica da filosofia portenha. Em 1923, começou a dar aulas de Metafísica e cursos introdutórios à linguagem filosófica também na Universidade de La Plata. Alguns anos depois, representou a Argentina no *Congresso Internacional de Filosofia*, ocorrido em Boston, no ano de 1926. Foi, ainda, diretor da *Revista de la Universidad de Buenos Aires* e chegou a ministrar diversas conferências em universidades alemãs, tais como as de Berlim, Leipzig e Hamburgo.

²¹⁹ Cf. VÁZQUEZ, Juan Adolfo. *Antología filosófica argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Eudeba, 1965.

Coriolano Alberini é, pois, considerado um importante intelectual para o desenvolvimento da atividade filosófica em Buenos Aires, em um sentido já diverso daquele praticado até então, isto é, por ter incitado e renovado a filosofia universitária, bem como por ter promovido os estudos filosóficos como disciplina acadêmica conforme os padrões europeus. Juntamente com Alejandro Korn, Alberini fora um dos responsáveis pela fundação do *Colegio Novecentista* (1918), cuja intenção era declaradamente combater o positivismo liderado por Ingenieros, agora qualificado de “materialismo vergonhoso”.

Ao defender a necessidade de uma volta ao kantismo, tal geração pretendia restaurar o espírito filosófico argentino mediante uma espécie de idealismo ético de base personalista e que fazia lembrar, comumente, as lições de Ortega y Gasset proferidas neste país, que atingiram grande sucesso de público, diga-se de passagem. Como é possível perceber, na Argentina de princípios do XX houve, enfim, um crescente interesse pela filosofia alemã, associada ao movimento da reforma universitária de caráter fortemente anti-positivista, de grandes projeções neste ambiente. E a chegada do filósofo espanhol iria acelerar ainda mais tal processo.

Segundo Tzvi Medin, não foi somente na Argentina que Ortega teria provocado *frisson*, pois seu impacto seria de ordem continental.²²⁰ Para os latino-americanos, o filósofo espanhol teria se transformado num interessante “filão intelectual”, a partir do qual “se podían descubrir las teorías e ideas necesarias para conceptualizar teóricamente sus propios problemas y elevar los intereses de grupos (universitarios, intelectuales, sociales y políticos) al nivel teórico de ideales respetables y legitimados intelectualmente”.²²¹ Do ponto de vista filosófico, o chamado *perspectivismo* de Ortega, assim como também seu *raciovitalismo*, influenciariam, portanto, os círculos

²²⁰ Filho e neto de periodistas, pertencente a uma família burguesa e liberal da Espanha, Ortega y Gasset recebeu na infância uma formação católica e jesuítica, mas também cheia de literatura e política – as quais, juntamente com o periodismo, eram as modalidades da atividade intelectual da família. Estudou Filosofia e Letras primeiramente na Espanha e depois na Alemanha. Também polemizou com Unamuno sobre a situação particular da Espanha em relação à Europa e, em 1916, veio para a Argentina pela primeira vez – viagem a partir da qual estreita relações com os meios intelectuais latino-americanos. Para maiores detalhes, consultar MEDIN, T. *Ortega y Gasset en la cultura hispano-americana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994. p.35

²²¹ IDEM. p.39

profissionais da periferia de duas maneiras: por um lado, no que se refere à problemática mesma filosófica e, portanto, ao debate sobre a natureza da Filosofia e da Verdade; por outro, no que se refere à realidade ou, se se preferir, às “circunstâncias” de tais países.²²²

Na Argentina, o auge de Ortega seria enorme entre 1920 e 1930 – onde publicaria inúmeros artigos na famosa revista *Sur*, editada por Victoria Ocampo, bem como no jornal *La Nación*. A presença ativa de Ortega nesse país culminou, aliás, numa forte influência e assimilação, por parte dos intelectuais portenhos, da filosofia contemporânea alemã, sobretudo Husserl, Scheler, Hartmann e Heidegger²²³ – autores que viriam substituir a hegemonia até então exercida pelos positivistas em terrenos como a Ética e a Estética.

Também é preciso ressaltar a importância da famosa *Revista de Occidente* – periódico que fora, enfim, extremamente revelador para os intelectuais latino-americanos do período, pois dela emanava todo um estilo, foco de difusão cultural que existia, até então, no mundo de língua espanhola, sem contar as traduções de obras alemãs que começaram a ser operadas e nela veiculadas, chegando *avant-garde* nas mãos da elite portenha.

A *Revista* tinha como objetivo apresentar ao leitor um panorama de todos os ramos e assuntos culturais do momento, nas áreas de literatura, filosofia, psicologia, sociologia, entre outras. No que concerne às atividades filosóficas, as principais correntes de pensamento presentes nos ensaios e artigos do periódico iam desde o tal

²²² MEDIN, T. *Op.cit.* p.57

²²³ O interesse de Ortega pelos filósofos alemães não é de se estranhar, já que havia estudado na Alemanha entre os anos de 1905 e 1908, onde obteve aulas com os neokantianos Herman Cohen e Paul Natorp. A Alemanha fora, pois, a fonte filosófica por excelência na qual se inspirara o jovem Ortega, mas não a ponto de fazê-lo ignorar suas raízes de origem e o conduzindo, de certo modo, aos matizes do conceito de *circunstância*. No final das contas, isto queria dizer que, sua filosofia, a princípio de pretensões “universais”, ocupava-se das particularidades concretas do espanhol. Segundo escreve Medin, “muy pronto Ortega se abocó a la búsqueda de la verdad de España y el sentido de lo español, aspirando a contribuir así a la salvación de su circunstancia nacional, lo que consideraba como vital, a su vez, para su salvación personal. [...] En este circunstancialismo orteguiano ya se hallaban también presentes las ideas fundamentales de una nueva filosofía que ortogaba su sello, su imperativo y su legitimización a la meditación filosófica sobre la realidad nacional. No sólo la española, sino toda realidad nacional, incluída la de los países hispano-americanos.” (MEDIN, T. *Op.cit.* p.16)

“raciovitalismo” e perspectivismo orteguianos, à fenomenologia de Max Scheler e até mesmo ao neopositivismo de Reichenbach e Whitehead – sempre girando em torno da problemática do binômio ciência e sociedade, mas alinhados a problemas ontológicos e aos chamados estudos sobre o “Ser”. Bertrand Russell e Oswald Splenger também chegaram a publicar textos na revista, inclusive capítulos de livros como ocorreu, por exemplo, com *A decadência do Ocidente*.

Mas, disso tudo, o que importa observar é o fato de boa parte de seu público leitor encontrar-se, justamente, na Argentina e no México, de modo que cerca de três mil exemplares eram destinados à América Latina.²²⁴ Destarte,

para América Latina la *Revista de Occidente* significó un ponerse a la altura de los tempos europeos. De pronto se encontraban a su inmediato alcance lo mejor de la creación cultural europea y en español. Ya no era necesario esperar las traducciones al italiano o al francés, y en ámbito cultural en el que se dominaban muy poco las lenguas extranjeras, Ortega se convirtió en un moderno Moisés que abría de par en par las aguas del Atlántico y del Mediterráneo y permitía llegar fácilmente a Splenger, Freud, Simmel, Scheler, Russell, y mucho más.²²⁵

²²⁴ Segundo observa CAMPILLO, o primeiro número da revista é de abril de 1924; e ela segue sendo publicada (mas não de forma homogênea) até 1936, interrompida que fora pela Guerra Civil Espanhola. Depois inicia nova fase, mais homogênea e progressiva (15 títulos por ano) até 1950. O periódico durou treze anos e teve cerca de 300 colaboradores; sempre perseguindo uma perspectiva universalista, apolítica e cultural. Tinha como público estudantes e professores universitários, mais alguns outros grupos liberais de cientistas e literatos que buscavam, sobretudo, um modo de reforçar seus conhecimentos e compensar a tendência à especialização do ensino universitário. (Cf. CAMPILLO, Evelyne López. *La Revista de Occidente y la formación de minorías (1923-1936)*. Madrid: Ed. Taurus, 1972)

²²⁵ MEDIN, T. *Op.cit.* p.33-4. No México, o filósofo Samuel Ramos chegou a afirmar que Ortega y Gasset veio possibilitar à filosofia mexicana a “justificação epistemológica” de uma filosofia nacional. Conforme esclarece Medin à página 60: “Ramos señala que la Revolución mexicana había provocado un profundo cambio espiritual descubriendo al México verdadero y que entonces se desarrolló un movimiento nacionalista que se fue extendiendo paulatinamente a la cultura mexicana, en la poesía y en la novela. Pero ese proceso de especificación nacionalista no se extendió a la filosofía debido precisamente al carácter universal de la misma. Y entonces, recuerda el filósofo mexicano, llegó *El tema de nuestro tiempo* que junto con otras ideas de *Meditaciones del Quijote*, posibilitó ‘la justificación epistemológica de una filosofía nacional.’” (IDEM. p.60)

Apesar das afirmações corretas de Samuel Ramos, Tzvi Medin esclarece que elas o são não para as décadas de 20 e 30, mas sim para os anos 40 e 50 somente, já que a “filosofia nacional” à qual ele faz alusão só se desenvolveria posteriormente. Medin explica que, para o período dos 20 e 30, a influência de Ortega na conformação de um pensamento nacional é relevante apenas para o projeto pessoal de Ramos: “[...] cuando Ramos habla de la influencia de Ortega en la posibilidad del desarrollo de una filosofía nacional, se refiere obviamente a su famoso libro, publicado en 1934, *El perfil del hombre y la cultura en México*. Esta obra, según el testimonio del mismo Ramos, fue escrita bajo la influencia del

É curioso observar, enfim, a conjunção de fatores que permitiu a estas novas correntes filosóficas se consolidarem na Faculdade de Filosofia da Universidade de Buenos Aires, dentre os quais está, conforme se pôde atestar, a vinda de José Ortega y Gasset ao país. Não se pode menosprezar, aliás, o peso que este tivera para a elite cultural portenha, nem mesmo ignorar o contexto particular que países como Argentina, Chile e Uruguai apresentavam em princípios do século XX. Diferentemente do Brasil, nos países do chamado Cone Sul vivia-se de modo efervescente um fortalecimento progressivo dos partidos políticos, com apoio popular do proletariado e de uma classe média surgida com a industrialização. Portanto, quando o filósofo espanhol chega ao território sul-americano por volta de 1915 e 1916, a problemática social era, para tais países, algo central.

Ortega y Gasset chegou pela primeira vez na Argentina em 1916, para um ciclo de palestras que seriam proferidas em várias cidades, durante um período de seis meses. O filósofo daria conferências em Buenos Aires, La Plata, Córdoba, Tucumán e Santa Fé. Tinha então trinta e três anos e era professor de Filosofia na Universidad de Madrid. Além de variados artigos, tinha já publicado *Meditaciones del Quijote* (1914), bem como *Personas, obras, cosas* (1916), mas pisa na América do Sul praticamente como um desconhecido, convidado por uma instituição espanhola com sede em Buenos Aires. Segundo escreve MEDIN, havia aceitado o convite para proferir palestras acerca de temas caros à filosofia contemporânea, bem como promover um ciclo de leituras da *Crítica da Razão Pura*, de Immanuel Kant.²²⁶ Suas conferências na Argentina atingiram enorme êxito e causaram grande entusiasmo nos jovens estudantes de Filosofia da UBA, bem como em alguns velhos professores. Fortemente influenciado pela filosofia alemã, conforme já se viu, Ortega ainda teria ensinado Husserl, Max Scheler, entre outros filósofos até então desconhecidos à intelectualidade portenha. Sua presença gerou uma nova ambientação cultural, fermentando associações, assim como centros de estudos, tal qual o *Colegio Novecentista*, já citado.

circunstancialismo orteguiano, considerado a éste como una norma que podía aplicarse a un México cuya realidad y cuyos problemas eran completamente desconocidos para la filosofía.” (IDEM. *Ibidem.*)

²²⁶ MEDIN, T. *Op.cit.*

Eis o clima cultural de que se embebia, pois, a elite portenha em princípios do decênio de 1920. Como se pôde atestar, a Argentina, muito precoce e intensamente assimilou a filosofia alemã considerada de vanguarda, tendo dela extraído o que havia de mais efervescente e contemporâneo. Nenhum outro país logrou, por essa época, tal façanha. De modo que quando Alejandro Korn assumira a cátedra de “Gnoseologia e Metafísica” na Universidade de Buenos Aires, em 1923, não precisou de muito esforço para alçá-la a uma posição de prestígio e destaque. Ao se aposentar, Korn deixaria a referida cadeira em mãos de Francisco Romero - quem, enfim, haveria de consolidar o movimento contra a liderança até então exercida pelo positivismo, tornando-se um dos responsáveis por expurgá-lo de vez da ambiência universitária e acadêmica.

Penso que as trajetórias aqui esboçadas, extrapolam o domínio estritamente biográfico de tais intelectuais ao desnudar dimensões relevantes da vida social argentina no período compreendido entre fins do XIX e princípios do século XX. Haja vista, por exemplo, a forma através da qual a vida cultural e intelectual se difundira a partir da consolidação do sistema de cátedras no ensino superior desse país.²²⁷

Não obstante a complexidade da história política e social latino-americana, há algo de singular no caso da Argentina que merece ser destacado: o fato de ser um país marcado em demasiado pelas imigrações – o que traz peculiaridades do ponto de vista sociológico, obviamente. Em 1890, por exemplo, a então capital federal da república argentina possuía 530.000 habitantes, dos quais 300.000 eram estrangeiros. Mesmo nas demais províncias do país, os números eram vultosos: em Santa Fé, de um total de 230.000 habitantes, 110.000 eram italianos e, como se sabe, uma fração muito grande desses imigrantes logrou ascender socialmente e, portanto, logo ocuparam os setores médios da sociedade, sobretudo na província de Buenos Aires e, em muitos casos, mediante a obtenção de títulos universitários.²²⁸ Assim, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, 38% da população argentina não só compunha parte da pequena-burguesia da nação, como vivia em centros urbanos.

²²⁷ Criada em 1895, a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires constituiu-se devido à presença de agentes oriundos dos setores médios e provenientes das carreiras liberais, tais como Horacio Piñero (também médico e professor de Psicologia Experimental) e José Nicolás Matienzo, advogado que dava aulas de Lógica baseando-se nas ideias de Spencer. Era esse o cenário quando da chegada de José Ingenieros para substituí-los. Para maiores detalhes, consultar VÁZQUEZ, J. A. *Op.cit.*

²²⁸ VÁZQUEZ, Juan Adolfo. *Antología filosófica argentina del siglo XX*. Buenos Aires: EUDEBA, 1965.

O impacto disso na estrutura social é grande e não pode ser menosprezado para se compreender os contornos que, posteriormente, a linguagem filosófica ganharia em território argentino. Considerando-se uma vez mais a massa de imigrantes, uma das primeiras questões impostas à intelectualidade local dizia respeito, justamente, ao problema da inserção e assimilação dos mesmos nas camadas sociais. Sob diferentes perspectivas, os argentinos tiveram de encarar estes “forasteiros”, bem como tiveram que refletir – como de praxe ocorre às nações de caráter híbrido - sobre a sua identidade: até que ponto seria legítimo pensar na constituição de uma prática intelectual - a filosófica, no caso - que pudesse ser considerada de fato “autêntica” e “nacional”? Tendo em vista a peculiaridade de sua história, assim como da estrutura social que aí se formou, parecia complexo afirmar e/ou sustentar a existência de uma filosofia propriamente argentina.²²⁹ Marcada sobremaneira (e como talvez não ocorrera a nenhum outro país do continente latino-americano) pelas imigrações, como já se disse, a cultura europeia era, enfim, a forma por excelência de difusão e integração da cultura argentina.

O “Husserl” de Martínez?

Espanhol de origem, natural de Sevilla, Francisco Romero (1891 – 1962) chegou à Argentina com três anos de idade. Principal discípulo de Alejandro Korn, o substituiu na cátedra de “*Gnoseología y metafísica*” da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Juntos fundaram a chamada *Sociedade Kantiana de Buenos Aires*, em julho de 1929. Em 1930, Romero foi membro fundador do *Colegio Libre de Estudios Superiores*. Também chegou a lecionar na Universidade de La Plata e no *Instituto del Profesorado Secundario de Buenos Aires*. Em 1946, por motivos políticos, renunciou às suas cátedras universitárias, voltando a elas apenas em 1955 e nas quais ficaria até seu falecimento, em 7/10/1962. Além da docência, exerceu grande

²²⁹

Nesse sentido, Juan Adolfo Vázquez pondera: “[...]cuando queremos interpretar el pensamiento argentino en función de las categorías históricas labradas en el siglo XIX, nos encontramos sin apoyo para comprender la mayor parte de los fenómenos históricos [del siglo XX]. Ni siquiera las mejores mentes del siglo XIX previeron el surgimiento de esta nueva realidad heterogénea, que iba cobrando creciente peso político al par que la conducción real del país escapaba de las manos tanto a las antiguas familias terratenientes como a los pensadores y estadistas representantes del conservadurismo liberal que de una manera u otra trataron de orientar la vida y la educación argentina entre 1860 y 1910. (Cf. VÁZQUEZ, J. A. *Op.cit.* p.16-17)

destaque como publicista: em 1937, por exemplo, fundou e dirigiu a “Biblioteca Filosófica” da *Editorial Losada*, de grande importância no cenário argentino e, de 1947 a 1949, dirigiu a revista *Realidad*. Também manteve ativa correspondência com muitos intelectuais e centros de estudo de toda América. E seu nome e sua obra foram conhecidos e respeitados nos principais círculos universitários do continente.

Romero foi, portanto, um intelectual de sucesso num meio que, vale lembrar, não era de todo propício ao cultivo da filosofia. Importantíssimo diretor da chamada “Biblioteca Filosófica de la Editorial Losada”, como disse, e criador da cátedra Alejandro Korn do *Colegio Libre de Estudios Superiores*, foi um agente dos mais decisivos para fazer “progredir” a filosofia não somente portenha, mas também latino-americana. Segundo Miró Quesada, Romero teria sido o primeiro, inclusive, a adquirir consciência do projeto e a ele se dedicar com vistas a possibilitar as primeiras práticas da filosofia à europeia “y a poseer la luminosa convicción de que sólo recorriendo el camino de la historia, únicamente mediante un largo y animoso camino recuperativo sería posible alcanzar la meta”,²³⁰ e de maneira que sua ação ultrapassasse o próprio meio em que estava. Não se tratava, pois, de construir tão somente a “filosofia argentina”. No fundo, a questão da nacionalidade não tivera para ele a mesma importância que lhe atribuíam os demais. Segundo Romero, tratava-se, antes, de pensar e construir as bases de uma prática filosófica latino-americana de fôlego e conforme sucedia à Europa.

Fortemente influenciado pela fenomenologia de Husserl e Nicolai Hartmann e, portanto, pela ideia de um *psiquismo intencional*, Romero desde sempre se mostrou a favor de estudos na área da história da filosofia para analisar a “marcha” do espírito humano. E, nesse andamento, o exame da história da filosofia seria de dupla necessidade. Em primeiro lugar, ofereceria um incentivo filosófico ao mostrar os perigos que a metafísica carregaria consigo. Contudo, em vez de gerar qualquer espécie de ceticismo em relação a ela, o filósofo, ao examinar a história de sua própria

²³⁰ MIRÓ QUESADA, F. In: *Homenaje a Francisco Romero*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires; Facultad de Filosofía y Letras, 1964. p.16

atividade, num segundo momento chegaria à conclusão de que se tratava, pois, de uma “exigência humana irrenunciável”.²³¹

Em outros termos, Romero professava uma ontologia fenomenológica que permitisse, em última instância, descobrir a “constituição última da realidade”.²³² A História, neste sentido, serviria de alerta ao filósofo, à medida em que lhe permitiria preservar o senso crítico e evitar ingenuidades.

Por outro lado, a questão da filosofia na América, conforme já se adiantou, também teria sido parte de suas motivações profissionais. Para alguns de seus intérpretes, aliás, Francisco Romero estaria, como filósofo e cultor desta atividade, completamente situado no plano do latinoamericanismo.²³³

Entretanto, é de se notar a imagem que, na contramão, Cruz Costa forma do amigo. A impressão que o “grande filósofo da América” lhe causa caminha, assim, em sentido inverso àquela sustentada pelo historiador equatoriano Francisco Miró Quesada, esboçada acima. Para Cruz Costa, Romero, além de muito encantado com a produção metafísica contemporânea, dedicou-se muito pouco ao exame do desenrolar da filosofia na América. Não obstante a importância que tiver e a despeito do alcance de sua atuação por todo o continente, talvez fosse otimista demais em afirmar que já tínhamos “produzido” filósofos dignos de tal nome. No ensaio que lhe escreve em forma de homenagem, devido ao cumprimento de seus 70 anos, Cruz Costa parece pôr em questão o *sentido* efetivo que a obra de Romero teria para o contexto latino-americano, bem como parece lamentar o caminho temático por ele escolhido:

[..] é curioso [que] este pensador, tão arraigado em seu solo portenho, apenas tratou, de passagem, embora com frequência, do tema da filosofia americana. Dedicou, é certo, todo um livro – o seu *Sobre la filosofía en América* – publicado em 1952 a esse tema. No entanto, como ele próprio ali

²³¹ ROMERO, F. *Filósofos y problemas*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1956.

²³² IDEM. *Ibidem*.

²³³ Para Miró Quesada, “En todas sus manifestaciones como filósofo, Romero se ha situado en plan de latinoamericano. La existencia, la unidad, la exigencia de la filosofía latinoamericana han sido para él la razón y la sustancia de su trayectoria” (MIRÓ QUESADA, F. *Op.cit.* p.17)

afirma, não atribui aos escritos que naquela obra se encontram enfeixados, “ninguna significación fundamental”, redatados que foram apenas “con un designio informativo”.²³⁴

Romero, embora “dinâmico animador dos estudos de filosofia na América” e dono de uma posição ímpar em tal cenário, dada a sua habilidade em “orquestrar” entendimentos entre todos os pesquisadores dedicados ao assunto, pouco se ocupara com o tema da filosofia americana, não obstante dele falasse com frequência, lamenta o autor brasileiro.

Ora, vale lembrar que João Cruz Costa sempre mantivera certo distanciamento da filosofia compreendida e valorizada a partir dos “cimos da metafísica”.²³⁵ Destarte, muitas correntes filosóficas, tais como o idealismo alemão e/ou a fenomenologia contemporânea, embora valorizadas pela tradição, a seus olhos não passavam de teorias meio inúteis por se afastarem em demasiado da realidade. Os filósofos, insistia ele, “não [saíam] da terra como cogumelos”.²³⁶

Penso ser esta a razão de seu incômodo, bem como de seu estranhamento em relação à concepção de filosofia valorizada pelo colega portenho. Afinal, Romero seguiria caminho contrário àquele trilhado por Cruz Costa. Basta notar, por exemplo, quão repletos de temas caros à filosofia de vanguarda seus ensaios estavam – fato que, por si só, demonstra quão aberto às tendências plurais do pensamento contemporâneo ele se encontrava. Para Torchia Estrada, conhecido historiador da filosofia argentina, Romero guardava até mesmo semelhanças com Max Scheler.²³⁷ Assim sendo, o filósofo

²³⁴ COSTA, J.C. “Un filósofo de América”. In: *Homenaje a Francisco Romero. Op.cit.* p.102

²³⁵ COSTA, J.C. “Clóvis Bevilacqua”. In: *A filosofia no Brasil. Op.cit.*

²³⁶ “Un filósofo de América”. *Op.cit.* p.108

²³⁷ “[...] Las conexiones, coincidencias y diferencias de Romero con los principales filósofos contemporáneos que influyeron en el mundo de habla española en el presente siglo son un elemento esencial en la interpretación del filósofo argentino. [...] Romero se ha incorporado – y con ello ha incorporado al pensamiento latinoamericano, quizá por primera vez – con una posición propia a una de las principales tendencias o corrientes de la filosofía europea en lo que va del siglo. En su caso, según nuestra hipótesis, ya no se trata sólo del eco, la difusión y la influencia de una escuela o corriente filosófica europea, sino que se ha dado una aportación original, en medio, naturalmente, de generales coincidencias y de un clima común”. (TORCHIA ESTRADA, E. *Homenaje a Francisco Romero.* p.58. Grifos meus.)

de origem espanhola, mas naturalizado argentino, não teria se limitado a repetir ideias alheias, antes, teria repensado a tradição filosófica de modo criador e original. Para um de seus sucessores, Eugenio Pucciarelli, Romero não teria se entregado a uma reflexão privada, reservada somente intramuros na universidade, pois teria logrado estabelecer uma ponte com a elite portenha, publicando com frequência artigos em revistas prestigiadas como, por exemplo, *Nosotros*, *Sur*, *Cursos y Conferencias*, entre outras. Teria, ainda, fundado a revista *Realidad* e dirigido a coleção de textos filosóficos da importantíssima “Editorial Losada”. Por isso, teria mantido forte e variada correspondência com jovens estudantes, bem como com antigos professores e filósofos internacionais, na tentativa de conscientizar a todos sobre a necessidade de “normalizar” a prática filosófica latino-americana.

Havia em Romero, sem dúvida, a ideia de formar uma espécie de “comunidade” filosófica de maneira a rotinizar tal atividade na América. Preocupado com o futuro da filosofia neste continente, procurou pensá-la, também, a partir da realidade histórica vivida pelos países de colonização ibérica - sem, porém, desconsiderar a tradição europeia e deixar de usá-la como fonte e material.

Como é fácil de atestar, Romero obteve posição destacada no ambiente argentino, assim como também nos demais países de origem hispânica, tornando-se, certamente, um dos autores argentinos mais lidos dentro e fora do país - e transformando-se, é preciso dizer, no que havia de melhor e mais expressivo no pensamento filosófico latino-americano de meados do XX.

Ao decidir dedicar-se exclusivamente à filosofia, Romero adotou o ensaio como forma de expressá-la, impondo-se como tarefa contribuir com o espírito de renovação que então já havia sido iniciado pela geração anterior. Tal renovação, antes de representar puro e simples rechaço à liderança positivista, significava o desejo premente de dedicar-se por completo à filosofia contemporânea praticada na Europa. Com Romero, ela certamente começava a encontrar aqui os primeiros ecos:

Los ensayos del joven filósofo eran ávidamente leídos y comentados por un público lector cada vez más amplio y entusiasta. En cada uno de ellos, la nueva filosofía, hábilmente expuesta por Romero, planteaba problemas cuyo interés de genuina actualidad despertaba en lectores

argentinos y ya no sólo argentinos sino de todos los países de América, algo así como la emoción de asistir idealmente al drama del pensamiento protagonista de la época empeñado en la lucha de hallar nuevas respuestas a las eternas interrogaciones.²³⁸

No entanto, há uma tensão no ensaísmo praticado pelo filósofo portenho. Ora, como se sabe, a forma ensaio permite ao intelectual falar em nome próprio. Mas não só, uma vez que lhe permite, ainda, uma exposição de ideias que não necessariamente desembocará em uma argumentação à cartesiana, ou seja, de caráter mais impessoal e tão cara, enfim, aos positivistas. Conforme ressalta o historiador portenho Hugo Rodríguez Alcalá, no caso de Romero *renovar* era, antes de tudo, *informar*; ou seja, enriquecer a intelectualidade argentina com as últimas novidades da filosofia europeia. Nessa empreitada, não tivera rival, nem mesmo alguém à altura do que ensinou fazer:

El ensayo en que Romero verterá su información incitadora debía reflejar ante todo una actitud normativa ante la ocupación filosófica misma. El nuevo filosofar en la Argentina postulaba un lenguaje y un tono que marcara de por sí la superación de un retoricismo plagado de viejos tópicos observable en la prosa de ideas de algunos contemporáneos de ideología anacrónica. *Filosofar, por tanto, debía ser ahora obedecer a un imperativo de máxima sobriedad y de "objetividad". El escritor filosófico evitaría en sus escritos toda resonancia literaria que no fuera la grave y asordinada del sereno fluir del pensamiento. De aquí que la prosa filosófica tuviera que hacer un esfuerzo continuo de austeridad, y, desdeñando todo ornamento inesencial, sólo pedir prestadas a la literatura las técnicas más rigurosas de la claridad y de la concisión. [...] La austeridad del lenguaje arraigaba, pues, en la austeridad de la postura o actitud normativa del filósofo opuesto a todo vano retoricismo.*²³⁹

Em suma, na produção intelectual de Romero, chama a atenção certo sacrifício poético por ele operado na forma de se expressar. Sacrifício este que parece ter sido perseguido pelo autor em nome do ideal didático que, indubitavelmente, animava seu trabalho. Romero realiza, a bem dizer, uma *despersonalização* do ensaio, reagindo

²³⁸ RODRÍGUEZ ALCALÁ, Hugo. "Francisco Romero y el ensayo filosófico". In: *Homenaje a Francisco Romero. Op.cit.* p.184

²³⁹ IDEM. p.186

contra a chamada tradição hispano-americana. No entender deste autor, o discurso filosófico deveria se dar de maneira extremamente técnica e sem qualquer “rasgo” pessoal, não cabendo mais os usos de confidências, anedotas e/ou caprichos literários a comprometer a clareza dos textos, bem como a coesão dos argumentos: “*el ensayo debía ser un cuerpo ideológico todo hueso y músculo conceptuales*”, salienta Rodríguez Alcalá.²⁴⁰

Ora, o fato de Francisco Romero ter de se dirigir a um público carente de tradição filosófica “viva” e que, destarte, necessitava primeiramente ser “iniciado” à linguagem e às práticas específicas da Filosofia, talvez expliquem a marca formal perseguida em seus trabalhos. Novamente, o problema, aqui, é a formação de um público leitor que estivesse familiarizado com esta linguagem em particular. Daí, em suma, a importância da “profilaxia” visada: era imprescindível que seus textos fossem inteligíveis e que estivessem estruturados de maneira clara, coesa; sem, contudo, afastarem-se da própria tradição da história da filosofia.

Em outras palavras, fazia-se necessário condensar, na própria forma, um nível de rigor, ou melhor, uma economia estilística combinada a uma ordem e à uma sistematicidade notáveis, “a cuya altura ni el especialista podía sentirse defraudado ni el profano excluido o ‘dejado abajo’:

Antes bien: ambos se encontraban en presencia de la filosofía; el uno, excitado a orientarse hacia nuevas metas; y el otro, atraído y como adentrado ya en un mundo para él ahora accesible en que a la inteligencia esperaban insospechadas aventuras. [...] Cada ensayo, por consiguiente, debía elucidar un tema sin sobreentender nada normalmente sobreentendible en una publicación destinada a especialistas o iniciados.[...] Era menester que el ensayo no fuera tan sólo desarrollo de un tema sino también ‘biografía’ de este tema.²⁴¹

Na Argentina de meados do XX, Romero soube, de fato, fazer uma filosofia extremamente didática, a fim de criar a “normalidade filosófica” tão desejada ou, se se

²⁴⁰ IDEM. *Ibidem*.

²⁴¹ IDEM. p.187/8

preferir, a rotinização de sua prática. Para alcançá-la, sabia que era necessário o cultivo de certo ascetismo, sobretudo linguístico. O afã didático de Romero teria, em suma, dado o tom ao tipo de ensaio a ser praticado pelo mesmo. Eis aí a importância da vinculação entre *filosofia* e *história*: a filosofia somente poderia se realizar se considerada à luz de sua própria história.

Ora, impossível não lembrar, aqui, da máxima kantiana pregada por Maugüé em São Paulo no mesmo período. Tal como o normalista francês, Romero chegaria a afirmar que o “acercamiento” da filosofia com a sua história é algo fundamental.²⁴² A relação entre filosofia e história soava como algo crucial ao projeto didático que o “filósofo da América” tinha em mente:

En los ensayos de Romero, esa relación entre la filosofía y su historia debía aparecer de manera mucho más evidente que la normal por la razón arriba apuntada. [...] *De modo que el ensayista renovador del pensamiento filosófico se vio obligado a convertirse en historiador de ese pensamiento en forma mucho más estricta que la usualmente exigida por la índole misma de la actividad filosófica.*

Ser abanderado de la nueva filosofía *in partibus infidelium* representaba así una tensión especialísima: pugnar por que cada uno de sus breves escritos llegara a un nivel normativamente elevado y sin compromisos con nada ‘elemental’ incompatible con aquel nivel. Y en este empeño Romero triunfó merced a su extraordinaria maestría de ensayista.²⁴³

Como é possível perceber, os ensaios de Romero explicitam a tensão por ele vivida no momento, derivada da dificuldade em construir, ao mesmo tempo, o campo profissional da filosofia em uma universidade marcada, sobremaneira, pela tradição literária e ensaística que era, enfim, apanágio da cultura portenha. O projeto de Romero é, neste sentido, extemporâneo ao contexto, dado o caráter misto de sua obra. Também penso ser fundamental ter em mente quão marcada pelo caráter engajado da reflexão a tradição intelectual latino-americana estava. Daí, portanto, a consolidação do *ensaio*:

²⁴² ROMERO, F. *El hombre y la cultura*.

²⁴³ RODRÍGUEZ ALCALÁ, H. *Op.cit.* p.188. Grifos meus.

como muito bem sustentado por Adorno²⁴⁴, eis a forma que melhor oferece condições à tomada de posição do autor.

Ora, se o ensaísmo crítico é, pois, a forma mais adequada à expressão de pontos de vista, destarte, ao discurso construído a partir do nome próprio, ele é, também, o gênero mais coerente e próximo à cultura literária. A meu ver, tais questões não estão apartadas da ambiência da Universidade de São Paulo no momento em que Cruz Costa atua. Afinal, quanto mais próximo do modernismo se situa um autor, mais o ensaísmo se impõe como forma expressiva.

É, justamente, esta realidade que será alterada com as gerações futuras, quer na Argentina, quer no Brasil.

²⁴⁴ Cf. ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma”. In: *Notas de literatura I*. Col. Espírito Crítico. Trad. Jorge de Almeida. SP: Duas Cidades, 2008.

DESDOBRAMENTOS FINAIS

A CHEGADA DOS “JOVENS TURCOS”

O intelectual à antiga, escrevendo um livro ou um ensaio, pode estar tão deslocado quanto um cavalo e uma carroça.

(Russell Jacoby)

Nunca fui um filósofo, mas apenas um filosofante, preocupado com a História. O que escrevi fica a cavaleiro entre a Filosofia e a História.

(João Cruz Costa, Panorama da Filosofia no Brasil)

Da esquerda p/ direita: Lucien Febvre, Emile Léonard e João Cruz Costa. Forte de Bertioga/SP, 1949.

A coleção chamava-se “Corpo e Alma do Brasil”, da qual, como muitos talvez saibam, Fernando Henrique Cardoso era diretor. O livro, *Brasil em perspectiva*, fruto do empenho de alguns jovens historiadores e sociólogos que, no ano de 1968, decidiram fazer um balanço da história do país a ver se atingiam, entre outras coisas, um público para além dos muros da universidade. Para prefaciá-lo, nada mais justo do que fazer “as

honras da casa” e convidar, enfim, um dos professores que tanto se ocupara do tema: João Cruz Costa.

Contudo, a apresentação feita pelo antigo professor de filosofia talvez tenha surpreendido a todos, tamanho era seu desconforto diante da incumbência. Havia algo naquele presente que já não estava. Havia, ainda, um sentimento de incompletude, como se alguma coisa não tivesse sido concretizada e/ou tivesse sido interrompida, deixando transparecer ao leitor um estado de derrota meio desconcertante:

Os jovens historiadores e sociólogos que colaboram nesta obra, e seu editor, meu amigo Paul Monteil, pedem-me que a apresente. No meu entender, a nota introdutória do Licenciado Carlos Guilherme Mota já seria suficiente para esse fim. Além disso, *deveria caber, creio, a um moço adestrado nas modernas técnicas da pesquisa e da erudição históricas a tarefa que me reservaram. Todavia, já agora, só me resta agradecer-lhes pela atenção que me dispensaram e pela honra que me fazem, permitindo-me de assim participar na companhia destes jovens estudiosos de assuntos brasileiros.*

Será bom talvez que eu explique mais um aspecto da razão do convite que me foi feito: *a certa altura de minha vida, há quase trinta anos, embora eu houvesse sempre dedicado grande interesse a nossa história, este interesse era um hobby, pois o meu campo de trabalho limitava-se ao estudo e ao ensino da filosofia. Deu-se então uma ligeira mudança no meu destino. O que até aí havia sido apenas um hobby, transformou-se em quase angustiada e justificada preocupação.* Foi a essa altura que comecei a tentar examinar as curiosas vicissitudes das ideias no Brasil.²⁴⁵

²⁴⁵ Prefácio de João Cruz Costa ao livro *Brasil em perspectiva*. SP: Difusão Europeia do Livro, 1968. p.7. Grifos meus. Em outra ocasião, semelhante a esta, Cruz Costa mantém a mesma postura. Quando alunos da recém-fundada Faculdade de Filosofia de Assis decidem entrevistá-lo, tendo em vista a contribuição do mesmo ao desenvolvimento da atividade filosófica no país, Cruz Costa então lhes diz:

“Não creio que a Filosofia, como disciplina acadêmica, ensine muito. Todavia, como escrevia o dominicano Maydieu, embora a ‘aquisição do filósofo pareça pobre, ela, no entanto, permite coordenar muitas riquezas’. Eu achei que valia a pena dar atenção à *riqueza* [sic] da nossa realidade. Daí o meu trabalho desde então. Considero, porém, a minha posição uma posição envelhecida, superada. Hoje há uma visão mais universal dos problemas humanos. Felizmente, Mário de Andrade dizia, em carta a Manuel Bandeira, que nós nos abramos na medida em que nos universalizamos. Se a filosofia especulativa e a prática nos conduzirem a isso, elas prestarão os serviços que podemos esperar delas.” (Cf. COSTA, J.C. “Sobre o Trabalho Teórico”. *Op.cit.* p.89)

Em certo sentido, o prefácio de Cruz Costa faz lembrar as confissões que, por carta, ele dirigira ao amigo Arthur Versiani Velloso, já pelos idos de 60, trazendo à baila novamente os sentimentos do intelectual que, não sem amargura, passou fortemente a destoar dos demais e que, portanto, não se sentia de todo à vontade com a nova ambiência universitária - agora carregada pelas novas formas de competição acadêmica e divisão do trabalho. O desconcerto *cruzcostiano* é, pois, apanágio dos novos tempos, a deslocar as esferas científicas e políticas para outros lugares.

Momentos antes de se desligar das atividades na Faculdade de Filosofia, em setembro de 1964, Cruz Costa revelara ao amigo as acusações que teria, enfim, recebido por “três berda-merdas [sic] catedratizados”. Inconformado com o pré-julgamento de ser um “subversivo” e reclamando não ter sido ouvido por ninguém, confessa desejar como nunca a aposentadoria, assim como a considerar interessante a possibilidade de uma demissão diante de situação tamanha:

Meu caro Velloso,

[...] Estive, há dias, para lhe escrever, mas ando de tal maneira derreado com tudo que vai por aqui, que não me sobra vontade para agarrar na máquina ou na pena. V. teve notícias do que houve. Grave não é o negócio dos militares. O que é grave é o comportamento da Universidade. Uma vergonha que se agrava cada dia mais. Até amigos meus, como o Simões, recusam-se a assinar certos documentos para assinarem outros, bem diversos do que podia esperar uma amizade de quase 30 anos! Nessas condições, meu velho, a Universidade que vá à merda e com ela os tais universitários. Um total desencanto de tudo e de todos por aqui, salvo outros, como o Fernando, que é amigo da hora incerta. O mais, debandou...

Fala-se, por aí, que 4 pagarão pelos males que não fizeram [...], o que é simplesmente uma vergonha. Eu não posso deixar isso aqui, mas vontade não me falta. Dizem, como eu escrevia, que alguns pagarão e entre eles, este seu amigo. Eu estou perto da aposentadoria. Em maio tencionava sair. Se sair agora, demitido ou aposentado, para mim, dá na mesma, pois estou com náuseas da tal Universidade de São Paulo. Chega, chega! Fui acusado de altamente subversivo e isso, Velloso, sem ser ouvido por ninguém! [sic] Que raio de peste deu nesta gente? Nem se ouve mais o acusado. Indica-se o sujeito ao IPM e lá vai ele com um pré-julgamento feito por três berda-merdas [sic] catedratizados! [...] Não sei, pois, se daqui até maio (quando se realizarão as tais livre-docências) eu estarei na banca. Será bom que V. venha. Também não abri as teses que me foram enviadas. Se não sirvo para professor, menos ainda para examinador... V. sabe o que propunha a tal douta comissão da USP? Simplesmente a cassação dos meus direitos políticos (isso parece que não pode ser mais) e o meu expurgo da USP..

Quando, de fato, estoura o golpe militar, Cruz Costa, desiludido com os rumos políticos que o país tomava, decide finalmente se aposentar e se afastar por completo das atividades até então exercidas na Universidade de São Paulo. Tendo sido um dos cinco professores denunciados pela lista que a reitoria entregara aos militares em 1964, o autor, já bastante deprimido, resolveu por fim sair de cena para que os “jovens turcos”, a quem ironicamente chamava José Arthur Giannotti, Bento Prado Jr., Ruy Fausto e Oswaldo Porchat, assumissem o posto.

A metáfora é, aliás, muito reveladora do que se passava na Filosofia àquela altura. Cruz Costa estabeleceu, na verdade, um paralelo astuto entre estes moços e o grupo de jovens que, em fins do XIX, liderou na Turquia um movimento com o ensejo de reformar o governo e a administração do Império Otomano. Iniciado por “jovens turcos” provenientes dos setores militares, o movimento instilou uma profunda transformação social e política naquele país, culminando na chamada “Segunda Era Constitucional” da história da Turquia. Como é possível perceber, a expressão utilizada por Cruz Costa dá o que pensar. Afinal, estes quatro jovens, que viriam suceder à chamada geração “between” da filosofia uspiana (i.e. Laerte Ramos de Carvalho e Roque Spencer Maciel de Barros), carregando consigo uma cultura de escola, aos olhos do diletante Cruz Costa assemelhavam-se, de certa forma, àqueles bárbaros instruídos e desejosos, em última instância, de grandes mudanças e inovações – insatisfeitos que se mostravam com o antigo regime. Não obstante a broma que lhes fora dirigida pelo mestre, o termo, no entanto, mostrava a que vinha, dada sua enorme carga pejorativa.

A esta altura, a filosofia já havia deixado de lado seu aspecto mais artesanal, bem como estava prestes a galgar uma posição de destaque em território nacional e a transformar-se em peça-chave na formação e consolidação das letras filosóficas no Brasil e na solidificação de um estilo de trabalho intelectual significativo para o país, *embora não exclusivo*. Melhor dizendo, ocorre uma redefinição da atividade filosófica até então exercida com a chegada desses jovens. Em poucas décadas, o modo de se praticar filosofia no Brasil foi completamente alterado devido à imposição de novas regras direcionadas a esta linguagem, então em flanco processo de institucionalizar-se. Tal mudança implicou, obviamente, uma revisão completa da compreensão que se tinha

da própria filosofia em tal ambiente. O discurso, agora, recairia muito mais sobre um método, levando em alta conta a estrutura dos textos e suas diferentes linguagens. E, segundo muito bem observa Daniela Ferreira, para que esses novos profissionais se impusessem sobre os “filosofantes” amadores, era crucial “provar a necessidade de uma técnica codificada em um corpo de regras”, inacessível sem uma longa e morosa formação especializada:

A formação específica em filosofia passou a ser reivindicada pelos novos profissionais como condição essencial de apreensão e transmissão dos novos métodos e modelos filosóficos, sobretudo quando a presença dos mestres franceses passou a se dar de forma contínua e intensa, como parece ter sido o caso do professor Gilles Gaston Granger, responsável pela formação de turmas inteiras de estudantes de filosofia. Essa presença francesa, como bem observou Marcos Nobre, foi o que possibilitou a consolidação do que viria a ser o Curso de Filosofia na USP, ao menos para os anos cinquenta e sessenta, período em que o exercício da filosofia adotou a exegese dos textos clássicos da história da filosofia sobre investigações concretas em torno das tendências recentes da matemática e da física.²⁴⁶

Tendo sido um dos responsáveis, nos anos 50 e 60, pela vinda ao Brasil de filósofos, justamente, como Granger, Martial Guérault, Michel Debrun, entre outros, bem como por enviar para a França, estudantes que se tornariam estrelas da casa, assim alcançariam projeção nacional, Cruz Costa foi de um tempo, todavia, cuja formação intelectual se dava na ausência de fronteiras disciplinares rígidas.

A virada nos hábitos intelectuais cultivados na FFCL/USP ocorre, sobretudo, quando da chegada, justamente, da terceira geração - a qual marca, seguramente, uma inflexão: é com ela que surgirá uma prática filosófica de maneira autonomizada e que mais tarde culminaria na chamada “nova força produtiva” do departamento.

Tendo vivido em meio às conturbadas transformações institucionais que começavam a se desenhar, Cruz Costa sentiu-se muitas vezes constrangido a seguir as novas regras do jogo, por não se identificar com o *habitus* dessa figura emergente que

²⁴⁶ FERREIRA, Daniela. *Conversão e reconversão: a circulação internacional dos filósofos de origem católica*. Tese de doutorado em Sociologia. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 2007.

faz jus ao chamado “filósofo profissional” ou, se se preferir, dos denominados “leitores técnicos da história da filosofia”.

Tal fato, como se pôde ver, não deixaria de trazer consequências à sua carreira na universidade, uma vez que, na tentativa de elaborar uma filosofia amarrada à ação e sustentada pelo ensaísmo diletante da geração de trinta, Cruz Costa se aproximara de outras vertentes filosóficas e parecia desdenhar, por mais paradoxal que possa parecer, a concepção de filosofia que, paulatinamente, tornar-se-ia marca registrada da produção filosófica uspiana.

Em síntese, o que se percebe neste ambiente em particular com a chegada dos “jovens turcos”, corresponde ao surgimento de novas modalidades temáticas urdidas em novas e frementes formas de apreensão e exposição das ideias. Daí, enfim, o estranhamento da linguagem de verve ensaística, expressão que era de outra tradição cultural, distante das regras do jogo da ciência e de seu pretense discurso universal e milimetricamente organizado. Curiosamente, é somente com a aposentadoria de Cruz Costa, a partir de 1965, que essas novas modalidades iriam florescer plenamente:

[...] quando o Granger foi embora, eu, no 4º ano, comecei a dar aula! Porque o Granger tinha dito: *“só o Giannotti pode segurar essa barra!”* Então eu comecei a dar aula e foi um momento, inclusive, que o Bento foi meu aluno! E nós éramos todos assistentes não remunerados: dava aula e não ganhava nada! *[mas]* naquela época dar aula na Faculdade era uma enorme “hooonra”.... era um *status* importante! Mas eu precisava ganhar dinheiro, então... todos nós precisávamos ganhar dinheiro! Então, o Cruz Costa diz: *“façam o concurso da sociologia, depois eu trato de um comissionamento pra estarem na universidade”*. *[E]* nós fizemos isso, tá certo! O primeiro lugar foi uma moça que agora eu não lembro o nome... e depois todos nós. O Florestan, que estava na banca, ficou puto! *[e dizia]: “eu não tô aqui pra formar filósofo!!”* Então eu fui pra Ibatinga.

O espaço livre deixado pela chamada “geração between” da Filosofia permitiu, de fato, à terceira geração a ascensão rápida nos quadros da universidade – fato, aliás, reconhecido pelo próprio Giannotti:

a transição, a meu ver, se faz por dois elementos fundamentais: primeiro porque a geração “between” vai embora. O Laerte Ramos de

Carvalho e o Roque. Como abre uma vaga de educação, eles vão para a educação e deixam um vácuo enorme na filosofia! [é aí] que nós ascendemos. [...] Segundo, foi o Granger. Que tinha vindo um ano anterior a 50, quando eu cheguei e que o Roque e o Laerte escanteavam! Porque era uma filosofia da lógica, entendeu...era aquele racionalismo francês, mas Bachelard, enfim, muito mais ligado à ciência e assim por diante.

[...] Foi ideia da minha geração fazer uma filosofia de saber mais técnico. Você tem a geração “between”, que não tem caráter, como dizia o Florestan, e depois tem a nossa... que é muito mais técnica! Nós descobrimos o Granger, tá certo! A minha turma ficou com o Granger o 1º, 2º e 3º ano! [*e mais*] com os cursos extras! Aí você tem os 3 anos com o Granger. O Granger vai embora pra Rennes, tá certo, aí eu peço uma bolsa e ganho uma bolsa e vou pra Rennes. Depois foi o Porchat e depois a Marilena. A Marilena acho que foi Rennes ou Clermont-ferrant, não sei, [*mas*] lá que a gente encontrou o Goldschmidt... que dá continuidade ao tipo de filosofia que o Guérout estava fazendo no Brasil. O Guérout veio várias vezes! Como professor visitante, tá certo, não como professor “*en mission*”. Então, você tem dois elementos na transição... e aí, entendeu, a gente começa a se interessar pela fenomenologia. E que o Cruz Costa, entendeu, não.... [*aceitava de jeito nenhum*]. A fenomenologia entendida como...como coisa do Heidegger, tá certo, ou o Husserl....Bem, você conhece a brincadeira, né! O Cruz Costa me olhava [*e dizia*]: “*olha o Husserl da Aclimação!*” [*risos*] E, no entanto, ele me deu as *Investigações Lógicas*.... que eu tinha e me roubaram e ele [*também*] tinha, mas não havia lido! [*no livro dele*] tinha umas anotações: “*besteira*”, “*besteira*”, “*besteira*”...”²⁴⁷

Conciliando a formação francesa da exegese de textos clássicos da história da filosofia com as tendências prementes das chamadas “ciências duras” (i.e. matemática e da física), Granger teria, assim, incentivado seus alunos a adquirir conhecimentos sólidos pelo menos em uma disciplina científica canônica. E Giannotti, o “Husserl da Aclimação” – como, ironicamente, Cruz Costa gostava de lhe chamar - foi pioneiro não somente na propaganda do método, bem como também na sua aplicação, estabelecendo uma ponte entre a linguagem filosófica e os problemas concretos da ciência, segundo os rígidos padrões de leitura estruturais. Contudo, penso que, a despeito do espírito de liderança conquistado, bem como da “filosofia combativa” praticada por Giannotti, o mesmo somente pôde teve êxito nesta façanha devido à amizade e proximidade mantidas com o mestre diletante.

Penso que o testemunho de Ruy Fausto a respeito desse período, considerado por ele “o olho do ciclone”, é bastante significativo do ponto de vista da importância que a chegada dos estruturalistas franceses representou a esses quatro jovens:

²⁴⁷

Depoimento concedido em entrevista por mim realizada em novembro de 2009.

[...] eu fiz cedo [a graduação em Filosofia], terminei em 1956. Mas foi uma graduação muito ruim, porque os franceses já tinham ido embora e não havia gente para substituí-los, de modo que eu peguei o “olho do ciclone”. [...] Havia o Lívio Teixeira, que preparava cuidadosamente as aulas; o Cruz Costa, com as suas qualidades, mas não se aprendia muito com ele. E alguns mais.²⁴⁸

Os franceses a quem Ruy se refere eram já os estruturalistas, sobretudo Granger e Guérout, conforme já se viu. Também dizia respeito à presença, mesmo à distância, de Victor Goldschmidt – quem, sem nunca ter saído de Rennes, exerceria enorme influência sobre esta e as demais gerações, principalmente sobre Giannotti e Porchat. Grosso modo, Goldschmidt defendia a tese de que era preciso “estudar a ‘estrutura do comportamento’ da obra e referir cada asserção a seu movimento produtor”²⁴⁹. Nesse sentido, a principal tarefa do intérprete seria a de “restituir a unidade indissolúvel do pensamento que inventa teses praticando um método.”²⁵⁰

De certo modo, quando Oswaldo Porchat retorna ao Brasil, em princípios de 1960, convencido de trazer à baila o famoso texto através do qual o estruturalista francês formalizava e legitimava “a instauração e exigência de procedimentos propedêuticos necessários” à nova concepção da atividade filosófica, sem os quais não se poderia reivindicar o rigor e a elevada qualidade de trabalho, da “alta voltagem” intelectual, equiparável a qualquer departamento mundial de Filosofia”²⁵¹, as regras do jogo haveriam de mudar e, com elas, novos códigos de sociabilidade a emergir, deixando agora na sombra a primeira geração de professores de filosofia. Cruz Costa, então conhecido e marcado por sua “desoladora inapetência especulativa”²⁵², logo

²⁴⁸ Entrevista de Ruy Fausto concedida a Marcos Nobre no ano de 1999. In: *Conversas com filósofos brasileiros. Op.cit.*

²⁴⁹ Idem. *Ibidem.*

²⁵⁰ “Tout historien est capable de comprendre n’importe quel philosophie. – Toute doctrine philosophique est réductible à un nombre restreint de thèses. – Ces thèses sont homogènes et commensurables par rapport à celles d’une doctrine. – L’ensemble de ces thèses permet à l’historien de construire, selon le cas, une série progressive ou décandente, dont les termes sont fournis par les systèmes philosophiques. (In: Cordeiro, D. *Op.cit.* p.155)

²⁵¹ IDEM. *Ibidem.*

²⁵² ARANTES, P. *Op.cit.* p.14

deixaria “de comover o zelo científico dos mais jovens”²⁵³; e juntamente com o único colega de cátedra, Lívio Teixeira, por essa época retirou-se “para um discreto segundo plano”.²⁵⁴

*

Na adolescência, Oswaldo Porchat desejava ser professor secundário de latim. Porém, depois de terminado o colegial, ficara indeciso entre a Faculdade de Direito e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.²⁵⁵ Influenciado pela família, acabou então desistindo de ser professor para, no ano de 1952, tornar-se aluno do Direito. Entretanto, por influência de Eduardo de Oliveira França (que era amigo de seu pai e, segundo Porchat, sabia de seu interesse pela língua latina), acabou também se matriculando, em segunda época do vestibular, no curso de Letras Clássicas:

Eu estava em minha casa, posto em ledos sossego, quando o telefone tocou. Era a esposa do Prof. França, D. Ulda, que eu também conhecia. Ela me disse: “Oswaldo (assim me chamavam a família e os amigos), o Eduardo (o prof. França) pediu-me que eu lhe telefonasse para dizer que vai haver segunda época do vestibular para o Curso de Letras Clássicas, pois nem todas as vagas foram preenchidas. Como V. gosta de latim e falava em ser professor de latim, o Eduardo acha que V. pode aproveitar a oportunidade e fazer também o curso de Letras.” [...] Eu agradeci a D. Ulda e na hora respondi que sim, que eu ia fazer o vestibular de Letras. De fato, assim procedi e fiz simultaneamente os dois cursos. O telefonema da parte de Eduardo Oliveira França mudou minha vida. Pois a balança logo veio a pender para o lado do magistério.²⁵⁶

Sem dúvida, a trajetória intelectual de Oswaldo Porchat seguiu trilhas muito distantes daquelas tracejadas e desejadas em tempos de inocência juvenil e afãs típicos de adolescente. A magistratura sumiria por completo do horizonte, de modo que daí em

²⁵³ IDEM. *Ibidem*.

²⁵⁴ IDEM. p.15

²⁵⁵ Cf. Michael B. Wrigley e Plínio J. Smith (Orgs.) *O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*. Campinas: UNICAMP, CLE, 2003. p.20-1

²⁵⁶ IDEM. *Ibidem*.

diante o filósofo passaria a perseguir o antigo sonho de se tornar “apenas” [sic] um professor de latim. Nesse sentido, ainda estudante, prestara um concurso para se tornar catedrático no magistério estadual e, assim, lograr um cargo como tal no Ginásio Estadual de São Caetano do Sul. Foi então que, quando cursava o quarto ano do curso de Letras Clássicas da FFCL/USP, conhecera Lívio Teixeira, por ocasião do curso sobre Platão que este estava dando em 1956. Lívio, ao notar o talento, bem como o domínio que Porchat possuía do grego e do latim, o convidou, assim, para lecionar “Filosofia Antiga” naquela seção da Faculdade. Ocorre que, por essa mesma época, Oswaldo Porchat ganhou uma bolsa de estudos para a França (Rennes) – para onde foi em 1957 e ficaria até o ano de 1961. Uma vez em Rennes, reencontrou o amigo de longa data, José Arthur Giannotti que, já com planos para sua volta ao Brasil, lhe convencera então a cursar Filosofia com Gilles Gaston Granger e Victor Goldschmidt. De forma repentina, eis que o jovem estudante de Letras Clássicas não só começou a frequentar aulas com figuras importantes do estruturalismo francês, bem como foi aceito e passou a ser residente, como aluno estrangeiro, da consagrada *École Normale* do país. Ainda na França, começaria um doutoramento sobre a dialética de Aristóteles e, ao demonstrar querer retornar ao Brasil em princípios de 60, Lívio lhe escrevera dizendo que “tinha acertado com o professor João Cruz Costa”²⁵⁷ sua nomeação para o Departamento de Filosofia, de tal forma que, assim que chegasse, já daria aulas na específica área até então carente de professores qualificados para tal.

Oswaldo Porchat ficaria na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo lecionando filosofia antiga (grega), lógica e teoria do conhecimento de 1961 a 1975. Contudo, dela se desligou para fundar, em 1977, o chamado Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) na Unicamp. O CLE, conforme ressalta Daniela Ferreira, serviria de modelo para a criação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), ocorrida em 1983 – associação esta que, para a socióloga, teria garantido autonomia profissional aos filósofos no Brasil. Também para Marcos Nobre, a criação do Centro de Lógica teria sido “a primeira tentativa sistemática e de envergadura para introduzir a filosofia analítica no país”²⁵⁸.

²⁵⁷

IDEM. *Ibidem*.

²⁵⁸

NOBRE, M. (1999) Apud FERREIRA, D. *Op.cit.*: “[Segundo Nobre], tal posição retomava parte da linha de pesquisa de seu departamento de origem, o Departamento da Filosofia da USP, instaurado por

Ora, estando estas técnicas e métodos agora no centro da nova prática filosófica, haveria, obviamente, a necessidade de novos instrumentos de trabalho. Bem se sabe que há, aqui, um entrecruzamento que não pode ser ignorado: a intrínseca relação entre a produção/legitimação de uma concepção da filosofia e as condições objetivas de possibilidade de sua existência. Nesse sentido, a chegada dos jovens turcos surtiu uma mudança das mais importantes para viabilizar projetos decisivos – tais como, por exemplo, a tradução de obras de referência à literatura filosófica. Dito de outra forma: à esta geração, era premente a criação de uma literatura filosófica disponível em língua portuguesa, ou seja, era preciso traduzir e publicar autores clássicos e contemporâneos da filosofia.

Servindo-se de um depoimento de Giannotti concedido a um estudante da Escola de Comunicações e Arte da USP, Daniela Ferreira observa, com razão, a importância que algumas traduções adquiriam no novo cenário.²⁵⁹ Tal depoimento é, aliás, bastante interessante se considerado e comparado à luz da trajetória intelectual *cruzcostiana*, uma vez que Giannotti faria questão em evidenciar, naqueles anos, sua ruptura com o mestre:

*Portugal nunca teve filosofia, aliás, quando teve filosofia, na época dos Coimbrões do século XVI, XVII, a língua era latina, portanto nunca houve filosofia em português. Nós tínhamos que criar uma língua e por isso nós fizemos um trabalho sistemático de traduções.*²⁶⁰

Granger, na medida em que reunia pesquisadores oriundos de várias ciências naturais, com vistas a um trabalho conjunto em que a filosofia tinha um papel central na discussão de problemas de fundamentação de disciplinas como a física, a matemática e a lógica. [...] Nesta perspectiva, tanto a formação quanto a nova maneira de conceber o exercício filosófico transformaram-se num jogo decisivo para todo candidato à carreira de filósofo. A partir da década de oitenta, as revistas especializadas ganham espaço, bem como a criação de grupos de pesquisas e associações, e a organização de colóquios e congressos. A participação nessas atividades científicas passa então a ser adotada como critério para o reconhecimento da profissão de filósofo.” (FERREIRA, D. *Op.cit.*)

²⁵⁹ IDEM. *Ibidem*.

²⁶⁰ Cf. MENDES, 2001, p.55 Apud FERREIRA, D. *Op.cit.*

Nele, Giannotti não deixa de reconhecer as inúmeras falhas presentes na tradução que fizera, à época, ao famoso *Tractatus lógico-philosophicus* de Wittgenstein, por conter alguns “vícios de origem”: tal como o próprio Giannotti esclarece, ainda estava muito preso à linguagem fenomenológica e, ademais, faltava-lhe familiaridade com o pensamento do filósofo citado:

Foi a primeira edição em português e se eu não me engano, foi a segunda tradução no mundo. Porque ela era anterior à tradução francesa, anterior à tradução espanhola e por isso, obviamente, ela sofre de enormes defeitos; mas tanto assim, que a segunda tradução, que foi feita em português, agora por José Henrique Santos, que foi meu aluno, no início nós íamos trabalhar conjuntamente, ela é a meu ver, ela adquire, enfim, um refinamento que naquele momento nós não tínhamos. Nós não tínhamos aquele refinamento porque nós não conhecíamos o Wittgenstein que nós conhecemos hoje. Nós não conhecíamos todo o panorama em que o Wittgenstein estava inserido. Eu em particular tinha um viés fenomenológico, que muitas vezes levou a traduções incorretas; por exemplo, a tradução meinen, eu pus "mentar", que é [tipicamente] husserliana - mas que não tem outro sentido em português, não pode ter outro sentido do que querer dizer, é isso. Então houve aí, enfim... mas o importante era que nós estávamos trabalhando Wittgenstein como objeto de curso, nós precisávamos de texto em português.²⁶¹

Em outras palavras, o que se percebe em jogo nesse universo intelectual em formação, sobretudo após a chegada de filósofos franceses como os que aqui foram citados e, ainda, após a ascensão dos “jovens turcos”, é o início de um processo de autonomização cujo impulso inicial visava empregar a História da Filosofia como “etapa essencial” de um novo *habitus* a funcionar nesse campo acadêmico em particular. Neste sentido, parece válida também para a filosofia uspiana a provocação lançada por Bourdieu aos filósofos franceses dele contemporâneos:

[...] sendo hoje o filósofo quase sempre um *homo academicus*, seu ‘espírito filosófico’ é moldado pelo e para um campo universitário, impregnado pela tradição filosófica particular aí veiculada e inculcada: autores e textos canônicos sutilmente hierarquizados que fornecem ao pensamento mais ‘puro’ suas referências e suas luzes (tanto nesse como em outros domínios, os programas nacionais, escritos ou não, produzem

²⁶¹

MENDES, 2001. p.55

cérebros nacionalmente ‘programados’); problemas surgidos de debates historicamente constituídos e eternizados pela reprodução escolar.²⁶²

Como se sabe, os professores franceses sempre foram presença forte e constante, senão a única, para os estudantes de Filosofia da Universidade de São Paulo, tanto aqui como além-mar²⁶³, mas talvez seja pertinente pontuar como, por volta de 1950, havia uma tendência intelectual a provocar certo distanciamento, bem como a bloquear o diálogo entre linguagens afins (i.e. filosofia, literatura, história) também em outros lugares. Há indícios de que estas áreas encontravam-se “redefinindo suas funções intelectuais por vias que enfraqueciam as suas correlações sociais”²⁶⁴ – fazendo sobressair uma tendência à elaboração de análises de cunho “atemporal, internalista e formal”, que, enfim, eram já as tintas do discurso pretensamente autônomo e politicamente emancipado:

[...] os estudos nos anos 1950 estavam se afastando da história como base de compreensão. [...] Assim, por exemplo, os Novos Críticos na literatura, quando chegaram ao poder na academia, substituíram os praticantes do historicismo [sic] literário, que predominavam nos departamentos ingleses antes da Segunda Guerra Mundial, por especialistas voltados para uma análise atemporal, interna e formal. [...] Em economia, os teóricos de orientação matemática ampliaram seu domínio em detrimento dos institucionalistas mais antigos, de orientação social, e keynesianos de orientação política. Mesmo num campo como a música, uma nova cerebralidade, inspirada por Schönberg e Schenker, começou a destruir as preocupações históricas da musicologia. *Sobretudo em filosofia, disciplina outrora marcada por uma grande consciência do seu caráter e continuidade históricos*, a escola analítica contestou a validade das questões tradicionais que, desde a antiguidade, tinham interessado aos filósofos. *Com vistas a uma operação mais pura e restrita nas áreas da linguagem e lógica, a nova filosofia rompeu os laços com a história em geral e o passado específico da disciplina.*

Assim, nos vários campos acadêmicos profissionais, a linha diacrônica, o fio da consciência que ligara as buscas atuais às preocupações

²⁶²

BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas*. p.41

²⁶³

Note-se, uma vez mais, a influência que Victor Goldschmidt exercera em antigos alunos e futuros docentes como Oswaldo Porchat, Ruy Fausto e José Arthur Giannotti quando de suas temporadas na Universidade de Rennes. Para maiores detalhes, consultar: CORDEIRO, Denilson. *Op.cit.*; NOBRE, Marcos *et al.* (Org.) *Conversas com filósofos brasileiros*. SP: Ed. 34, 2000.

²⁶⁴

SCHORSKE, Carl. *Viena fin-de-siècle: cultura e política*. Trad. Denise Bottmann. SP: Cia das Letras, 1989. p.15

passadas de cada campo, ou fora cortada ou estava se desfazendo. Longe de fornecerem quaisquer premissas unificadoras ou princípios de coesão que abarcassem a multiplicidade da cultura contemporânea, as disciplinas autônomas reforçaram o pluralismo cultural com a especialização acadêmica, seu paralelo analítico.²⁶⁵

*

Cruz Costa foi professor catedrático de 1954 a 1965 – fato que, certamente, denuncia o poder que tivera, bem como evidencia sua capacidade em estabelecer alianças e acumular certo tipo de capital no interior da Faculdade. Contudo, o posto não o conduziu a uma posição de prestígio intelectual, não obstante tivesse conquistado grande reconhecimento político na universidade. Penso que a aproximação defendida por Cruz Costa do exercício filosófico da denominada *cultura nacional* deslocara o autor a uma espécie de “ostracismo intelectual” no que diz respeito aos seus pares, ao menos do ponto de vista do (não) reconhecimento de sua produção e, portanto, de seu legado - não obstante as diversas e relevantes funções político-administrativas ocupadas e acumuladas no interior da Faculdade durante os vinte anos em que ali permaneceu.

Ora, devido a um tímido (e às vezes nenhum) reconhecimento intelectual, sua importância para a Faculdade pode, de fato, parecer contraditória à primeira vista. Por outro lado, bem se sabe que sem o prestígio político de agentes como Cruz Costa o corpo docente da FFCL/USP jamais teria se constituído de maneira como o conhecemos. Os detentores desse tipo de capital eram, justamente, os chamados “bem nascidos”, que vinham de outras carreiras e, por isso mesmo, ecoavam em suas práticas certo diletantismo intelectual, mas que não necessariamente lhes impossibilitava de reconhecer os limites (históricos) de suas possibilidades reais de trabalho e pesquisa.

Aliás, é sobretudo devido a esse prestígio institucional que se pode explicar a sua centralidade, a princípio paradoxal, para a *formação e consolidação do campo*. Em outros termos, por ter sido capaz de estabelecer uma rede de relações com personagens de grande capital dentro e fora do universo acadêmico, criando laços de amizade e de

²⁶⁵

IDEM. p.15-6. Grifos meus.

convivência com diretores e ex-diretores da Faculdade e com políticos de destaque na cena paulista no período estudado.²⁶⁶

Cruz Costa era, sem dúvida, um humanista e entusiasta do realismo filosófico. Se historiador ou filósofo, se nenhuma das duas coisas, não importava. Para sua geração, isso não estava posto em questão. O que não se pode negar, porém, era seu desprezo e até mesmo seu deboche para com a metafísica, bem como seu namoro com o ceticismo, sobretudo com aquele do XVI que pode ser encontrado na obra de Michel de Montaigne e Francisco Sanchez – autores que, enfim, lhe eram muito caros.

Parece-me que a trajetória de João Cruz Costa é, pois, paradigmática em dois sentidos: em primeiro lugar, revela-se interessantíssima para se entender a mudança crucial ocorrida na Universidade de São Paulo como um todo em meados do século XX; em segundo, e num registro mais restrito, ilumina o momento a partir do qual a prática filosófica uspiana tornou-se profissional. Nesse sentido, seu itinerário é, pois, apanágio dos constrangimentos institucionais que então surgiam e tomavam conta de todo o cenário.

O período que compreende essas duas décadas constitui, na realidade, um momento privilegiado para a análise e compreensão de um processo a partir do qual “ocorreram mudanças, coexistência de padrões de sociabilidade, contradições e mesmo rupturas”²⁶⁷ no interior da Faculdade de Filosofia, “onde os postos docentes, depois da saída dos professores estrangeiros, foram aos poucos sendo ocupados pelos primeiros alunos”²⁶⁸ numa ocasião em que a estrutura organizacional era ainda incipiente, com muitos postos disponíveis e sem tanta concorrência. Ora, inserida nesse contexto, por que haveria de ser diferente com a Filosofia?

De todo modo, o que importa salientar aqui é que fora, enfim, peça-chave para se compreender a autonomia que nossos “aspirantes a filósofos” acabaram conquistando

²⁶⁶ Basta lembrar, aliás, que sua principal obra é dedicada à memória de Armando Salles Oliveira que, como se sabe, fora governador do Estado de São Paulo e um dos responsáveis pelo projeto, bem como pela consolidação da USP na década de 30.

²⁶⁷ TRIGO, M. H. B. *Op.cit.* p.88

²⁶⁸ IDEM. p.83

por volta de meados do XX em solo brasileiro e, em menor grau, também em território ibero-americano.

Desnecessário afirmar que as representações do mundo social são sempre interessadas, muito embora sejam profanadas como sendo “universais” e ditadas pela Razão. Para evitar cair nesta armadilha é que busquei relacionar os discursos com a posição de quem os utiliza, de maneira a enxergar como tais representações - “colocadas num campo de concorrências e competições”²⁶⁹ – estão, na verdade, assentadas comumente em relações de poder.

Ora, como bem notou Pierre Bourdieu, é compreensível que métodos e técnicas sejam componentes do ensino, mas, nesse caso, o assim chamado “método estrutural” - escondendo-se através dessa pretensa “universalidade” do discurso filosófico - corrobora a “dissimetria radical que a filosofia institui [...] na sua relação com as ciências do homem”²⁷⁰, de modo a excluir demais discursos que “não caberiam” à instituição filosófica, tratando-se, em suma, de um “fetichismo do texto autônomo”, de um “culto da técnica tratada como fim em si”.²⁷¹ Sob tal perspectiva, a suposta marginalidade do pensamento *cruzcostiano* no interior do espaço filosófico uspiano pode se explicar, em parte, devido às mudanças nele ocorridas, afinal,

a lógica dos campos eruditos em processo de constituição (qual seja a da concorrência interna viabilizada pela ruptura social com o universo da economia e o mundo da prática) levou-os a criar as regras e as regularidades específicas de microcosmos regidos por uma lógica social favorável à sistematização e à racionalização, fazendo progredir as diferentes formas (jurídica, científica, artística, etc.) de racionalidade e de universalidade. [...] O recalque das determinações materiais das práticas simbólicas é

²⁶⁹ “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe [...] sua concepção do mundo social. [...] Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social, [...] muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais”. (CHARTIER, R. *Apud* FREITAS, M. C. *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*. SP: Cortez; USF-IFAN, 1998. p.22)

²⁷⁰ BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 5ª. ed. RJ: Bertrand Brasil, 2002. p. 281

²⁷¹ IDEM. *Ibidem*. p.265

particularmente visível nos primeiros momentos do processo de autonomização do campo.²⁷²

Se na extensa bibliografia acerca da história da FFCL podemos encontrar tácita concordância no fato de que teria havido uma clivagem entre o projeto inicial de criação da USP e o que foi sucedendo depois com a fixação desse novo padrão acadêmico, fazendo, enfim, com que a Faculdade de Filosofia fosse “rapidamente assumindo feições muito diferentes das imaginadas”²⁷³, o fato é que o referido processo deixou na sombra um grupo de intelectuais cujos capitais herdados não permitiram que obtivessem, de todo, o reconhecimento de seus pares após o surgimento desses novos códigos de sociabilidade dentro do ambiente em questão. Penso, aliás, que tal grupo experimentara e configurara modos de relações que, embora deitassem raízes no movimento modernista da cidade - e, portanto, tivesse muito que ver com a atmosfera cultural de São Paulo - não pode ser plenamente compreendido se considerado à luz somente de tais experiências, pois no momento em que atuaram o modernismo já havia perdido sua aura de importância.

Até por isso, intelectuais como Cruz Costa, cujo itinerário guia-se pelo caldo modernista, ficam aquém das propostas diretamente profissionais que se definiam pela afirmação de um universo próprio e específico às disciplinas. O “difuso tecnicismo”, para acompanhar a expressão de Bento Prado Jr., era manifestação flagrante da institucionalização do pensamento filosófico na Universidade de São Paulo – cujo movimento foi, em parte, tributário da incorporação do método proposto por Goldshmidt. É a leitura técnica do texto, o método por excelência do “filosofar”. A mudança resultante da institucionalização e da qual, diga-se de passagem, Cruz Costa foi um agente central, assim como Eurípedes Simões de Paula na História, ultrapassou-os, tornando os estilos inadequados aos tempos das novas gerações. Ainda que ambos tenham sido êmulos na formação dos respectivos campos acadêmicos, o processo que iniciaram terminou por superá-los.

²⁷² BOURDIEU, P. *Meditações pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. RJ: Bertrand Brasil, 2001. p.32

²⁷³ LIMONGI, F. *Op.cit.* p.106

Não por casualidade, a correspondência entre Cruz Costa e Eurípedes Simões de Paula – reproduzida no anexo – é pautada pelos assuntos e problemas da Faculdade de Filosofia, pelas questões do cotidiano e da política paroquial. A correspondência elucida, destarte, a elaboração das estratégias na construção das carreiras, as alianças, mesmo os expedientes utilizados. Havia uma espécie de solidariedade entre pares e iguais socialmente, pacto que só se rompe quando Cruz Costa decepciona-se com as posições “neutras” do amigo em relação às perseguições políticas na universidade e que, como se viu, atingira o mestre da filosofia.

Naturalmente, não há como desconsiderar o papel central jogado pelas origens sociais na formação das concepções a respeito do *métier*. Se a institucionalização pode respaldar o desenvolvimento de uma cultura acadêmica, que paulatinamente se complexificava e se diferenciava, a adesão a determinados princípios não é, contudo, independente das origens sociais. Em outros termos, se a Faculdade de Filosofia congregou nos seus quadros frações decadentes e ascendentes, é possível perceber como, e de que maneira, a pertinência social se desdobrou nas crenças, nas escolhas intelectuais, nas obras, finalmente.

Por ter sido um intelectual à antiga, Cruz Costa viveu este drama de modo paradigmático. Seu estilo, proveniente das camadas abastadas e, portanto, preso à tradição cultural letrada, não o impediu de exercer, ao mesmo tempo, papel decisivo na construção institucional. A geração dos “jovens turcos”, por sua vez, congregou filhos de estrangeiros às frações declinantes e, não por acaso, foram José Arthur Giannotti e Ruy Fausto, de origem imigrante justamente, os mais veementes defensores do “lugar próprio” da filosofia, expurgando as linguagens tidas como “espúrias”. Enquanto Fausto e Giannotti operavam no mesmo campo – daí as dissensões - Porchat e Bento Prado podiam palmilhar caminhos mais abertos. Nessa seara de disputas e alianças, a sociabilidade acadêmica se constituiu. Porém, levou a direções não necessariamente previstas, nem sequer desejadas, pela primeira geração de professores da Filosofia. O mesmo ocorreu em todas as disciplinas humanas e sociais da FFCL. Na Sociologia, especialmente, a trajetória de Florestan Fernandes foi o exímio defensor, bem como representante da sociologia compreendida como “ciência” – domínio, enfim, por ele compreendido apartado da história e do ensaísmo como gênero. Já o grupo *Clima*

expressava, em contrapartida, esse “destino misto” ²⁷⁴, concomitantemente de crítica cultural especializada e ensaio como forma dominante. Os representantes da filosofia portenha – de quem Cruz Costa fora parceiro – viveram drama diverso, ainda que tenham pontos comuns, conforme se viu.

Não há dúvida de que a autonomização da linguagem filosófica uspiana encontrava-se em formação e, como tal, ia aos poucos se distanciando dos rastros meio diletantes e ensaísticos deixados pela primeira geração de professores. Porém, não é menos verdade que, em fins da década de 40 e princípios dos anos 50, ainda não havia encontrado toda a força da nova linguagem, de caráter mais técnico e pautado pelo discurso autonomizado, como já se disse. Em suma, entre os decênios de 1940 e 1950 a filosofia uspiana não havia ainda estabelecido e sedimentado os “critérios de cientificidade que mudariam e imporiam condições institucionais à produção do conhecimento” ²⁷⁵ e iriam transformar radicalmente a sua história.

Considero que a trajetória de João Cruz Costa denuncia, acima de tudo, esse momento de transição no qual toda uma geração encontrava-se mergulhada. Reveladora, em última instância, dos ajustamentos que muitas vezes a mesma se viu constrangida a operar “entre os sinais de uma nova cultura e a herança recebida” ²⁷⁶ – sem, contudo, esconder as dificuldades e muitas vezes o insucesso na incorporação das novas regras que passaram a vigorar nesse microcosmo social. ²⁷⁷ É, pois, nessa chave que leio o estranhamento da verve ensaística *cruzcostiana* dentro do espaço uspiano, assim como certo anacronismo de ideias em sua trajetória devido à valorização meio exacerbada de um racionalismo francês à antiga que, lá pelos idos de 60, era impossível não soar ultrapassado e *démodé*.

²⁷⁴ Cf. PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos*. *Op.cit.*

²⁷⁵ ARRUDA, Maria A. *Op. cit.* p.204

²⁷⁶ TRIGO, M. H. B. *Op.cit.* p.12

²⁷⁷ Vale notar, por exemplo, as observações de Paulo Arantes nesse sentido. Ao tecer alguns comentários sobre a trajetória desajustada de Cruz Costa, Arantes pondera: “Cruz Costa conseguia exasperar todo mundo: era universitário e, no entanto, convidava os futuros filósofos a seguirem o exemplo de Euclides da Cunha, era de esquerda, mas apreciava os argumentos antimetafísicos de um prócer local como Clóvis Bevilacqua e, para completar, juntava-se ao Pe. Leonel Franca na caçada dos filósofos nacionais”. (ARANTES, P. *O fio da meada: uma conversa e quatro entrevistas sobre filosofia e vida nacional*. RJ: Paz e Terra, 1996. p.269)

FONTES CONSULTADAS

a) Entrevistas, depoimentos e memórias

Candido, Antonio. “Depoimento sobre João Cruz Costa”, concedido à autora em março de 2009.

Giannotti, José Arthur Giannotti. “Entrevista”, concedida à autora em novembro de 2009.

Fausto, Ruy. “Reminiscências e depoimentos sobre João Cruz Costa”, concedidos à autora entre outubro de 2011 a março de 2012.

Porchat, Oswaldo. “Depoimento sobre Cruz Costa”, a mim concedido em novembro de 2011.

b) Sítios visitados

<http://www.graduacao.fflch.usp.br/node/19>

<http://www.fafich.ufmg.br/dos/departamento/p.h.p>

http://www.pucsp.br/cedic/colecoes/geraldo_pinheiro_machado.html

<http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess0395-2649> 1948 num 3 4 2390 (Consulté le 14 juin 2011)

c) Arquivos consultados

João Cruz Costa. *Correspondências*. Pastas: 1927-1945; 1955; 1962;1964. (Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH/USP).

Eurípedes Simões de Paula. *Projeto Memória da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Série Correspondência Recebida/ Documentação Profissional/Atividades do Titular como Oficial da Reserva do Exército Brasileiro/ caixa 23*.

(Centro de Apoio à Pesquisa em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – CAPH/USP)

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma”. In: *Notas de literatura I*. Col. Espírito Crítico. Trad. Jorge de Almeida. SP: Duas Cidades, 2008.

ANDRADE, Mário de. *A Lição do amigo*. 2ª. ed. RJ: Record, 1988.

ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS – USP, 1934/5.

ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS – USP, 1936.

ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS – USP, 1937/8.

ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS – USP, 1939/49.

ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS – USP, 1952.

ARANTES, Otília *et al.* *Sentido da Formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*. RJ: Paz e Terra, 1997.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*. RJ: Paz e Terra, 1994.

_____. *O fio da meada: uma conversa e quatro entrevistas sobre filosofia e vida nacional*. RJ: Paz e Terra, 1996.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

_____. “Modernismo e Regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição”. *Tempo Social*, v. 23, 2011. pp.191-212

_____. “Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação”. *Tempo Social*. vol.16, nº 1. SP, jun.2004. pp.107-118

BAPTISTA, Abel Barros. “O cânone como formação: a teoria literária de Antonio Candido”. In: *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas/SP: Edunicamp, 2005.

BARBATO Jr., R. *Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo*. SP: Annablume; FAPESP, 2004.

BASTOS, Elide Rugai. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BLAY, Eva *et al.* (Org.) *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*. SP: FFLCH/USP; Ed. Humanitas, 2004.

BOMENY, Helena. *Guardiões da razão: modernistas mineiros*. RJ: Ed. UFRJ; Tempo Brasileiro, 1994.

BOTELHO, André e Lilia M. Schwarcz (Org.) *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. SP: Cia das Letras, 2009.

BONTEMPI Jr., Bruno. “As sessões solenes da Faculdade de Filosofia: rituais da comunidade intelectual uspiana”. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XXXIV, nº.2

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. 2ª.ed. SP: Cia das Letras, 2005.

_____. “Campo intelectual e projeto criador”. In: POUILLON, J. *et al.* *Problemas do estruturalismo*. RJ: Zahar, 1968.

_____. *Esboço de auto-análise*. Trad. Sergio Miceli. SP: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Homo academicus*. Paris: Minuit, 1984.

_____. “Les conditions de la circulation international des idées”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris: Seuil, no.145. dez., 2002.

_____. *Meditações pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. RJ: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *O poder simbólico*. 5ª. ed. RJ: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad. Denice Catani. SP: Ed. UNESP, 2004.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3ª. ed. SP: Ática, 2000.

_____. *Recortes*. 3ªed. RJ: Ouro sobre azul, 2004.

_____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. SP: Duas Cidades; Ed.34, 2002.

CARDOSO, Irene. *A universidade da comunhão paulista*. SP: Autores Associados; Cortez, 1982.

CARVALHO, Eugenio Rezende de. “O movimento latino-americano de história das ideias”. In: *Anais eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Campinas, SP, 2006.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. SP: Estação Liberdade, 2002.

CORDEIRO, Denilson Soares. *A formação do discernimento: Jean Maugué e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

COSTA, Hebe C. Boa Viagem. “Resgatando a memória dos pioneiros: João Cruz Costa, Patrono da Cadeira nº. 32”. In: *Boletim Academia Paulista de Psicologia*. Vol.XXVIII, nº.2, pp.149-157.

CRUZ COSTA, João. *A filosofia de Augusto Comte e as origens do positivismo*. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 1959.

_____. *A filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1945.

_____. “A Universidade Latino-Americana: suas possibilidades. Contribuição Brasileira ao Estudo do Problema”. In: Separata da *Revista de História*, nº. 46, 1961, p.387.

_____. *Contribuição à história das ideias no Brasil: o desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional*. RJ: José Olympio, 1956.

_____. *Ensaio sobre a vida e a obra do filósofo Francisco Sanchez*. SP: Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/ USP; nº. 1, 1942.

_____. *Panorama da Filosofia no Brasil*. SP: Cultrix, 1960.

_____. *Pequena História da República*. Prefácio de Antonio Candido. 3ª. ed. SP : Brasiliense, 1989.

_____. Philosophies et philosophes en Amérique Latine. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 3è. année, nº. 4, 1948. pp.571-572. Extraído de:

<http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess0395-2649> 1948 num 3 4 2390 (Consulté le 14 juin 2011)

_____. “Sobre o trabalho teórico”. In: *Revista Transformação*. SP: Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, 1974.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. SP: Hucitec, 1977.

FÁVERO, Maria de Lourdes A. (Coord.) *Faculdade Nacional de Filosofia: projeto ou trama universitária?* RJ: Ed. UFRJ, 1989.

FERREIRA, Daniela. *Conversão e reconversão: a circulação internacional dos filósofos de origem católica*. Tese de Doutorado em Sociologia. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 2007.

FREITAS, Marcos C. *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*. SP: Cortez; USF-IFAN, 1998.

GIANNOTTI, José Arthur. “João Cruz Costa”. In: *Discurso*. Revista do Departamento de Filosofia. SP: FFLCH/USP, nº. 9, nov.1978.

GOMES, Celso de Barros (Org.). *Geologia USP 50 anos*. SP: EDUSP, 2007.

GONÇALVES, Tânia. *João Cruz Costa educador: contribuições ao debate sobre a filosofia como formação cultural*. Dissertação de mestrado. SP: FE/USP, 2004.

HOLANDA, Sergio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26^a.ed. SP: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. *A ideia de Brasil Moderno*. SP: Ed. Brasiliense, 1992.

_____. “Tendências do pensamento brasileiro”. *Tempo Social*. SP: USP, nov. 2000, pp.55-73

JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: os parceiros do rio bonito e a sociologia de Antonio Candido*. BH; SP: UFMG; FAPESP, 2002.

KANTOR, Igor *et al.* (Org.) *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. SP: Escuta, 2001.

LEFEBVRE, Jean-Paul. “Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944)”. In: *Cahiers du Brésil Contemporain*, 1990, n°. 12.

LEITE, Dante M. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 4^a. ed. SP: Pioneira, 1983.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. “Memória da Faculdade de Filosofia (1934-1994)”. In: *Revista de Estudos Avançados* 8(22), 1994. pp.167-177

LIMONGI, Fernando. “Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo”. In: MICELI, Sergio. (Org.) *História das ciências sociais no Brasil*. Vol.1. SP: Vértice; IDESP, pp.111-187

LOUREIRO, Maria Dulcinéia da Silva. *A institucionalização e profissionalização da formação em filosofia em universidades do nordeste*. Tese de doutorado. FE/USP, 2008.

MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. *A escola francesa de historiografia da filosofia: elementos de formação*. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 1996.

MARTINS, Heloisa de Souza. (Coord.) *Horizontes das ciências sociais no Brasil: sociologia*. SP: ANPOCS, 2010.

MATTOS, Odilon Nogueira. “Em memória de Lívio Teixeira. Do púlpito à cátedra.” In: *Revista de História*, ano XXVII, vol. LIII, abril – junho, 1976, n°.106

MAUGÜÉ, Jean. *Les dents agacées*. Paris: Buchet Chastel, 1982.

M. B. Wrigley e P. J. Smith (Orgs.) *O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*. Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 2003.

MELLO E SOUZA, Gilda. *Exercícios de leitura*. SP: Duas Cidades, 1980.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. SP: Cia das Letras, 2001.

_____. *Nacional estrangeiro*. SP: Cia das Letras, 2003.

_____. “Por uma sociologia das ciências sociais”. In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol.1. SP: Vértice; IDESP, 1989.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo*. Coleção “Corpo e Alma do Brasil”. SP: Companhia Europeia do Livro, 1970.

NOBRE, Marcos *et al.* (Org.) *Conversas com filósofos brasileiros*. SP: Ed.34, 2000.

NOGUEIRA, Antonio G. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de inventário*. Tese de doutorado. PUC/SP, 2002.

OLIVEIRA, Francini Venâncio de. *Sejamos todos musicais: modernismo, música e política na crônica musical de Mário de Andrade (1938-1940)*. Dissertação de Mestrado. SP: FFLCH/USP, 2005.

PÁDUA, Elisabeth Matallo Marchesini de. *Ideologia e filosofia no Brasil: o Instituto Brasileiro de Filosofia e a Revista Brasileira de Filosofia*. Tese de doutorado. SP: FE/USP, 1998.

PAULA MONTERO e FLÁVIO MOURA (Orgs.) *Retrato de grupo: 40 anos do Cebrap*. SP: Cosac Naify, 2009.

PETITJEAN, Patrick. “As missões universitárias francesas na criação da USP”. In: HAMBURGUER, Amélia *et al.* (Orgs.) *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. SP: EDUSP, 1996.

PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos*. SP: Cia das Letras, 1999.

PEIXOTO, Fernanda. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. SP: EDUSP, 2000.

_____. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 1991.

_____. “Mário e os primeiros tempos da USP”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. nº. 30, 2002.

PRADO JR., Bento. “Cruz Costa e a história das ideias no Brasil”. In: MORAIS, R. *Inteligência brasileira*. SP: Brasiliense, 1986.

_____. “Em memória de Lívio Teixeira”. In: *Revista de Estudos Avançados*, nº. 22, 1994.

_____. “O problema da filosofia no Brasil”. In: *Alguns ensaios*. SP: Ciência da Abelha, 1985. p.173-194

RAFFAINI, Patrícia. *Esculpindo a cultura na forma Brasil: o Departamento de Cultura de SP*. SP: Humanitas, 2001.

REALE, Miguel. “Minhas memórias da USP”. In: *Revista Estudos Avançados: 60 anos da USP*. vol.8, nº.22, 1994.

RODRIGUES, Lidianne Soares. *Mestres, discípulos e um seminário em São Paulo (1958-1978)*. Tese de doutorado em história social. São Paulo: FFLCH/USP, 2011.

SANDRONI, C. *Mário contra macunaíma*. SP; RJ: Vértice; IUPERJ, 1988.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. (Org.) *Maria Antônia: uma rua na contramão*. SP: Nobel, 1988.

SCHORSKE, Carl. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. Trad. Pedro Maia Soares. SP: Cia das Letras, 2000.

_____. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Trad. Denise Bottmann. 2ª.ed. SP: Cia das Letras, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. SP: Cia das Letras, 1999.

SUPPO, Hugo. “A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias”. In: *Revista de História*, nº. 142, 2009.

TEIXEIRA, Lívio. “Discurso de Paraninfo”, turma de 1948. In: ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS, 1939-49.

_____. *Ensaio sobre a moral de Descartes*. 2ª. ed. Apresentação de Bento Prado Jr. SP: Brasiliense, 1990.

_____. “Quelques considérations sur la philosophie et l’étude de l’histoire de la philosophie au Brésil”. In: *Études sur l’histoire de la philosophie en homage a Martial Guérault*. Paris: Fischbacher, 1964.

TRIGO, Maria Helena Bueno. *Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)*. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1997.

VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. 2ª. ed. Prefácio de Maria Alice Rezende de Carvalho. RJ: Revan, 2004.

Bibliografia consultada na Argentina

ACHÁVAL, Guillermo de. “La filosofía de Ingenieros”. In: *Revista de Filosofía*. Buenos Aires, vol.XXVI, 2º.sem. 1927, pp.194-207.

ALBERINI, Coriolano. *Problemas de la historia de las ideas filosóficas en la Argentina*. La Plata; Instituto de estudios sociales y del pensamiento argentino, 1966.

ARDAO, Arturo. *La filosofía en el Uruguay en el siglo XX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

BARREIRO, José P. “La interpretación histórica y sociológica de José Ingenieros”. In: *Cursos y Conferencias*. Buenos Aires, año XX, nº. 229-231, 1951. pp.51-75

BERMANN, Gregorio. “La filosofía de Ingenieros”. In: *Revista de Filosofía*. Buenos Aires, vol.XXIII, 1º. sem.1926, pp.178-231

BURGO, N. "Ezequiel Martínez Estrada y Leopoldo Zea: dos pensadores de América". In: SALADINO, Alberto *et al.* (Org.) *Visión de América Latina: homenaje a Leopoldo Zea*. México: F.C.E., 2003.

CAMPILLO, Evelyne López. *La Revista de Occidente y la formación de minorías (1923 -1936)*. Madrid: Ed. Taurus, 1972.

CATURELLI, Alberto. *La filosofía en Argentina actual*. Córdoba, Universidad de Córdoba, 1962.

INGENIEROS, José. "La evolución de las ideas argentinas". In: Obras completas de José Ingenieros revisadas y anotadas por Aníbal Ponce, vol.XIV. Buenos Aires: Elmer Editor, 1957.

_____. *Las direcciones filosóficas en la cultura argentina*. Buenos Aires: Eudeba, 1963.

_____. *La filosofía científica en la organización de las universidades*. Washington, D.C.: Columbia Printing Co. The Second Pan-American Scientific Congress, dec.1915-jan.1916.

KORN, Alejandro. *Ensayos críticos sobre filosofía, ciências y letras*. Buenos Aires: Ed. Claridad, 1937.

_____. *Influencias filosóficas en la evolución nacional*. Buenos Aires: Claridad, 1936.

_____. *Obras completas*. Pref. Francisco Romero. Buenos Aires: Claridad, 1949.

_____. *El pensamiento argentino*. Buenos Aires, Ed. Nova, 1961.

MEDIN, Tzvi. *Ortega y Gasset en la cultura hispanoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

MYERS, Jorge. "Gênese 'ateneísta' da história cultural latino-americana". In: *Tempo Social*. Vol.17, no.1. SP, jan.2005.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Hugo. "Alejandro Korn y la idea de una 'filosofía argentina'". In: *Estudios sobre Alejandro Korn*. Universidad Nacional de La Plata; Buenos Aires: Peuser, 1963. pp.171-194

_____. "Alejandro Korn y el problema de la cultura nacional". La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1960.

ROIG, Arturo Andrés. "La filosofía en la Argentina. In: *Los fundadores en la filosofía de América Latina*. Washington, D.C., 1970.

ROMERO, Francisco. *Filósofos y problemas*. 2ª. Ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1956.

_____. *Sobre la filosofía en América*. Buenos Aires: Ed. Raigal, 1952.

ROSSI, Luis Alejandro. "Los proyectos intelectuales de José Ingenieros desde 1915 a 1925: la crisis del positivismo y la filosofía en la Argentina". In: *Revista de Filosofía*. 1915 -1929. Quilmes, Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes. pp.13-85

SOLER, Ricaurte. *El positivismo argentino*. Panamá: Imprenta Nacional, Universidad de Panamá, 1959.

TERÁN, Oscar. *José Ingenieros: pensar la nación*. Madrid; Buenos Aires: Alianza Editorial, 1986.

_____. *Historia de las ideas en Argentina: diez lecciones iniciales, 1810-1980*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010.

TORCHIA ESTRADA, Juan Carlos. *La filosofía en la Argentina*. Washington; Union Panamericana, 1961.

_____. "Tres pensadores en la vida intelectual argentina: Ingenieros, Korn, Romero". *Journal of Inter-American Studies*. Gainesville: Universidad de Florida, vol.IX, nº. 2, 1967. pp.248-272

VÁSQUEZ, Juan Adolfo. *Antología filosófica argentina del siglo XX*. Buenos Aires, Ed. Eudeba, 1965.

VILLEGAS, Abelardo. *Panorama de la filosofía iberoamericana actual*. Buenos Aires: Eudeba, 1963.

ZEA, Leopoldo. *Dos etapas del pensamiento en Hispanoamérica: del romanticismo al positivismo*. México: El Colegio de México, 1949.

ANEXO 1

CORRESPONDÊNCIA DE JOÃO CRUZ COSTA COM EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

Cartas de Eurípedes Simões de Paula enviadas a Cruz Costa (1944)

CORRESPONDÊNCIA ATIVA

(de JCC para ESP)

Carta de 14/08/1944

Carta de 15/08/1944

Carta de 28/08/1944

Carta de 03/10/1944

Carta de 10/10/1944

Carta de 27/10/1944

Carta de 16/11/1944

Carta de 22/11/1944

Carta de 01/12/1944

Carta de 05/12/1944

Carta de 09/01/1945

Carta de 20/01/1945

Carta de 28/01/1945

Carta de 10/02/1945

Carta de 25/02/1945

Carta de 09/03/1945

Carta de 15/03/1945

Carta de 19/03/1945

Carta de 15/04/1945

Carta de 28/04/1945

Carta de 04/05/1945

Carta de 07/05/1945

S. Paulo, 14 agosto, 1944 ²⁷⁸

Simões amigo:

Recebi hoje – um dia lindo de agosto que até parece um daqueles dias nossos de setembro - a tua carta da Itália. Fiquei muito tempo a relembrar, naqueles corredores nossos conhecidos da Faculdade, a tua figura amiga e bondosa, da bata branca, carregado de mapas e de livros e aquela estantezinha do curso que sempre te acompanhava com o Álvaro. E tu estás agora aí, não mais a ensinar história, mas a viver história, história de uma etapa nova da nossa terra, do mundo, da humanidade. O meu amigão das horas boas e más, o meu patrício [sic] que foi defender esta terra que é nossa, dos nossos filhos, desta terra batida de sol e de liberdade, que há de ser sempre livre, acolhedora para aqueles que sofrem – e que há de ser sempre grande e boa, este nosso querido e jovem Brasil que todos amamos. Li e reli a carta, leram-na e releram-na alguns dos nossos amigos que estavam lá. Amanhã levá-la-ei a teu Pai. Hão de lê-la os teus. Voltará depois à Faculdade para que outros amigos a leiam e darei conta dela à Congregação. O nosso professor de história que está além-mar nos dá notícias suas. É uma honra para nós. É um estímulo. É uma prova da mais alta camaradagem e da mais delicada amizade. De minha parte, Simões, muito obrigado. Por todos da nossa Faculdade: obrigado. E que a estrela da felicidade, representada aqui na nossa Bandeira do Expedicionário, te siga sempre com o nosso pensamento e o nosso coração, a desejar a todos e a ti, a Vitória da Liberdade, condição essencial para a nossa vida.

Tu és sempre o historiador! Velho Simões interessado em templos, gregos e romanos, preferindo porém ver de perto o Marraquech da tese. Mas o que tu não sabes é que daqui a pouco serás catedrático. Talvez, seria melhor dizer. Talvez, pois, a reforma do Ensino Superior ainda não foi publicada. Vai se criar a carreira. Só será professor aquele que fizer carreira e nós já fizemos algumas das etapas mais importantes. Fala-se

²⁷⁸ Todas as cartas coletadas para esta primeira parte do anexo, isto é, que integram a chamada “correspondência ativa” de João Cruz Costa com Eurípedes Simões de Paula, encontram-se originalmente arquivadas e disponíveis para consulta no Centro de Apoio à Pesquisa em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (CAPH/FFLCH – USP) e fazem parte do *Projeto Memória da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* da USP. Cf. Arquivo Eurípedes Simões de Paula. Série Correspondência Recebida/Documentação Profissional/Atividades do Titular como Oficial da Reserva do Exército Brasileiro/ caixa de número 23.

até em efetivação. Em todo caso, estão fora de possibilidade os tais paraquedistas. Só quem fizer carreira. É cousa muito boa. Logo que eu tenha notícia das minúcias da nova reforma, hei de te escrever contando tudo. E estou aqui firme. Se eu for catedrático, tu também hás de ir. Aliás, todos estão firmes na vigilância. Podes estar inteiramente sossegado. E isto eu digo a um homem que partiu para defender o futuro dos meus filhos, aliás, do meu Zé Francisco. Aliás, todos te respeitam muito e tudo isto deu muito mais seriedade à nossa vida. Já não somos mais aquelas crianças que os outros julgavam.

Simões: aqui pouca novidade. O teu cubículo mudou para uma sala ao lado, maior e com placa na porta. Progresso. Na diretoria há uma bandeira com 3 estrelas: Simões, Saldanha e Cícero. Todos vão vem. O Gagé sarou de todo. O Maugüé parte amanhã do Rio. Vai servir o De Gaulle. Eu estive lá e foi por isso que soube das novidades acima descritas. A nossa vida vai naquela forma do costume. Poucos doutoramentos. Em história nenhum, isto é, anuncia-se – parece – um de D. Olga e um mais longínquo do Pedro Moacir. Poucas novidades.

Mas sim, Snr! E os “macarrões”? Como é, comeste alguma macarronada mesmo da napolitana? E que tal as cidades? Como a gente tem saudade desta terra quando se acha longe, hein! Ah, é verdade: o Antonio Candido pede-me que se vires o cabo Roberto Antonio de Mello e Souza, do 6º. R.I., lhe fales e lhe dês notícias. É irmão dele. Não sei se estará aí contigo. Se estiver, vela pelo jovem. Se é como o irmão, é boa pessoa.

Andei lendo aqui que ao chegarem os brasileiros, os italianos pediam-lhes café. É verdade? E que os nossos davam-lhes cigarros e rebuçados. Eu tenho uma pena imensa das crianças. Coitadinhas, devem ter sofrido muito as pobrezinhas. E nada há que mais aflija a gente do que o sofrimento dessa pequena humanidade. Esses pobrezinhos não têm culpa de nada.

Um pouco tarde, cumprimento-te pelo Claudio e espero que breve possas estar de volta para ver o teu trio e mais D. Isabel. Com teu Pai conversei hoje longamente pelo telefone. Todos os teus estão bons. Aliás, para saber o telefone de teu Pai, telefonei para a casa do Dr. João, pois nunca achava o nome de teu Pai na lista. Muita e muita vez quis ter notícias tuas e dava com essa dificuldade. Mas hoje, para dar notícias da tua carta,

resolvi telefonar para a casa do Dr. João e falei com a Snra. Tua Tia. Como disse, passarei por tua casa amanhã e levarei a tua carta. Depois, trarei de volta para que 4ª. feira, dia 16, possam lê-la outros amigos da nossa escola.

Simões: estou escrevendo assim cerrado para poder contar uma porção de cousas em pouco papel. E reparo que o mesmo já vai acabando. De minha casa, de casa de minha Mãe, a tua ex-aluna Maria, o meu sogro, todos te enviam muitas lembranças e muitos, muitíssimos votos de felicidade. Eu, meu velho, que mais posso desejar do que abraçar-te o mais depressa possível? Aqui vai um grande abraço com muitas saudades, do amigo de sempre,

Cruz Costa.

S. Paulo, 15 agosto, 1944

Meu caro Simões,

Ontem enviei para o correio uma carta e jornais. A carta foi mas os jornais voltaram. E hoje estive em tua casa e vi teus Pais, D. Isabel e as crianças, não quero deixar de juntar à carta de ontem mais as impressões de hoje. Vi o Claudio que dormia; o Sergio que dizia que “o papai tinha ido fazer “pum” na Itália e D^a. Iracema que já está uma mocinha. Estão todos bons. D. Isabel também [a vi?] com a Sr^a. Simões e o “velho” Simões, que por sinal é bem moço. Lá estivemos, eu e o Astrogildo a conversar.

Em falta de jornais, aqui vão as notícias que por certo já conheces: a França foi invadida hoje pelo Sul, o que aqui causou bastante alegria, pois, assim a guerra há de acabar mais cedo e os nossos estarão logo de volta aos lares. Aqui, como ontem já disse, tudo corre bem. Nada de novo. Eu já ontem te contei que estive no Rio e que fui dizer adeus ao Maugüé que partiu. Amanhã teremos uma reunião da Congregação que pretende ser tumultuosa, pois o nosso amigo Dreyfus andou dando uns passos em falso, bestamente em falso e os componentes da Faculdade estão furiosos com ele. Francamente, não sei por quê há de esta gente de andar a fazer asneira tão consecutiva e incessantemente. Mas enfim, como cá se diz: “eles são brancos e se entendem.” Nós vamos assistindo. Nisto tudo, homem, não entra nada que [não?] possa prejudicar.

Mais um grande abraço do amigo,

Cruz Costa.

S. Paulo, 28 agosto, 1944

Meu caro Eurípedes,

Estive hoje com seu Pai que me mostrou as suas duas cartas. Ficamos todos muito contentes em saber que V. vai bem apesar do calor da pobre Itália. Aqui, com bastante calor para o mês, vamos indo.

A tal Reforma do Estado ainda não saiu e nada há ainda quanto aquela história dos interinos que contei a V. na minha última carta. Mas, esteja tranquilo, pois estamos vigilantes no que se relaciona com a sua cadeira.

O diretor convidou-me para fazer concurso em setembro de 45. Naturalmente aceitei, pois não podia dar parte de fraco. Não quero bancar o corajoso, mas creio que hei de ter grandes dificuldades e que talvez chegue mesmo a dizer adeus aos meus amigos. V. sabe, filosofia cá na terra ainda é cousa de padre. Enfim, irei até ver em que dão as cousas. Se não der certo, far-se-á outra cousa. O Brasil é grande. Depois, até setembro de 45, muita água ainda há de correr nos diversos rios deste e de outros continentes. Convidaram ainda o Astrogildo, o Aroldo de Azevedo, o Mario de Souza Lima e quem mais mesmo?... Mais uma das cadeiras que eu não sei qual seja neste momento. Este ano irão a concurso as do Schenberg e do Catunda. (A outra cadeira é a do Lourival, agora me lembro).

Eu ainda não tenho nem sequer um assunto. Prefiro cousa cá da terra e talvez estude o Positivismo [sic], assunto que me interessa muito pelas ressonâncias que apresenta. É uma “gaita” perder um lugar, mas que fazer? Bancas de fora, etc., etc. Enfim: *alea jacta est*.

Como vão as antiguidades? Pelo que li, V. anda entusiasmado com elas. Quanta cousa velha hein, Sr. Dr.! V. não acha que isso esmorecia o povo? Afinal, se a gente se volta para a direita, para o norte, oeste e sul e só vê velharia, começa a pensar que afinal tudo passa e que não vale muito fazer muita força. Mas os diabos, apesar de tudo, andaram a querer se fazer de besta com a gente. “Vote” - como diz o nosso caipira. Esses fascistas, esses fascismos! Parece que estão no fim. Que Deus me ouça.

Hoje à noite vêm cá os franceses comemorar a tomada de Paris. É pena que o Mangué não esteja aqui. Já deve estar em Argel com o exército do De Gaulle.

Bem: hoje chega. Agora sou um homem em transe de concurso. Os seus estão bons e todos, todos, mandam muitas lembranças ao nosso tenente. Abraços, do de sempre Cruz Costa.

S. Paulo, 03 de out.44

Meu caro Simões,

Recebi hoje a sua carta de setembro findo. Estou espantado, pois, pelo jeito V. não recebeu as minhas três cartas anteriores. Hum... vou mudar de “estilo” e engulir uma porção de sílabas menos “tônicas” e dar expansão simplesmente à minha “vida interior”. Vou fazer como aqueles grandes filósofos inúteis, aqueles que vivem a pensar no umbigo. Acho mais razoável...

Pois, Dr. Tenente: cá continuamos na lida. Eu, como já disse na carta anterior, que aí não chegou, estou de concurso marcado para setembro de 45. Causa gozada: concurso, coisinhas de cartolas, enquanto VV. estão aí fazendo um outro concurso, muito mais sério. Eu achava que os concursos só deveriam ser feitos depois da guerra. Mas, que fazer! Já estão catedráticos o Schenberg e o Catunda. Depois serão mais ou menos catedratizáveis o Souza Lima, o Aroldo, este teu criado (que por certo vai diretamente ao pau [sic]), o Astro e outras quimeras do mesmo gênero. Ideias do Dreyfus. Essas tripeças têm cada ideia! Quanto àquela história de efetivação, creio que foi boato falso. Enfim, a nossa Fac. Fez 10 anos e já está quase fora do jardim da infância. Vai já fazendo as primeiras operações. Dentro de um século, será um colosso. É o que se quer: nós ficaremos a planar, como espíritos, a ver que ainda há muita gente que crê na instrução. Antes isso.

Eu estive, sim, em sua casa. Vi a gurizada: tudo bom e bem. Depois estive mais uma vez com o Snr. Jacyntho. Depois... depois foi o *fervet opus*²⁷⁹ da Fac. Foram recursos ao C, N. de Educação [sic] (puseram em dúvida a nossa idoneidade e “identidade” como Congregação) e foi mais isto e mais aquilo que me impediu de ir dar uma prosinha com seu Pai, ali na antiga Casa Lebre. (Êta, escada, Prof.! Bigorna [sic] uma outra.) (V. já a estas horas está – ou deve estar – um fera no italiano)

Que mais novidades? Ah! Desconfio que vi V. numa fotografia, aliás em 2. Uma de bordo é quase certo. Saiu na “Gazeta”. Eu guardei. Que cara de soldado russo! E outra, a bordo do vapor X. (O X todo mundo sabe que é o “Windhuk” – que gente de sorte. Viajar num navio daqueles). Uma coisa importantíssima, Simões: vão talvez

²⁷⁹ Nota do próprio Cruz Costa sobre: latim do bom. Tipo professor interino (n.r)

calçar a minha rua. Outra, menos importante: não chove quase há um ano. Esta não tem talvez: é no duro. V. pode ir dizendo à italianada que o “Parmera” talvez ganhe o campeonato. Me disseram, por que mesmo eu não sei. É isso: muita novidade interessante. Veja V.!

Todos se recomendam muito (os de casa e os da Fac.) e aí vai um grande abraço do amigo, colega e companheiro Cruz Costa.

.....

S. Paulo, 10 de Out.44

Meu caro Eurípedes

Cá recebi mais uma carta sua, de 19 de set. Como costumo sempre fazer, mandei-a a seu pai, que a lê e que a mostra à família e que depois, ao devolvê-la, dá uma prosinha comigo. Sacudidão, o velho. E disposto. Os meninos e a Iracema, assim como todos, vão bem. A minha gente também vai indo. Eu, nas “torturas de um homem que vai fazer concurso”. Que coisa besta, essa de concurso. Mas, enfim, que fazer...bispo Lacerda. (V. conhece esta história do bispo Lacerda, do Rio de Janeiro, do tempo do Império? O bispo era contra a prostituição, etc.etc. Um poeta escreveu uns versinhos onde havia isto:

–Que fazer Bispo Lacerda?

–Tirar carta de fanchona e mandar as p.... à merda!) Desculpe a pouca vergonha, mas era para explicar o mote. Depois, esta sujeirada é perfeitamente compatível com a literatura contemporânea. “Vide” os escritores modernos! E, creio que a linguagem não ofende. É história, Dr.! É história, com textos e tudo.

Pois eu estava aqui a me lembrar de V, da sua vastíssima pasta, carregadíssima de livros, dos seus óculos antigos e do seu olhar amigo e bom. Bateu uma bruta saudade, Dr.! Mande os alemães àquela parte. Raio de gente besta; inventa cada “fuzué” louco. Talvez o Voltaire tivesse razão. Mas cá ficamos à espera. V. há de voltar, mais animado do que nunca e os “Waldemar” estão sendo necessários. Bem bom que venham o mais cedo possível. Aí havemos de querer todos peru e frango, ali no duro, diariamente. Com o feijão, o arroz e a nossa tradicionalíssima, gostosíssima farinha de mandioca.

Na ilustre Faculdade a que damos o nosso trabalho, as cousas vão indo. Schenberg, Catunda já catedráticos e outros, como já contei a V. “em transe de sê-lo”. Dreyfuzinho sempre amável. Cheio de nove horas mas, no fundo (salvo seja!) não é mau sujeito. Que diabo, nem tanto assim. Nós, infelizmente, continuamos a ser considerados uns espoletas. Que diabo, também a culpa é nossa. O P. A. corretíssimo. O Fernando corretão. O Roldão, camaradão. O Pinto Silva, na reitoria. D. Ismênia é agora a Secretária. O Carlos, cada vez mais mandão: considera-se a “reliquia” da Faculdade. [...] Ah! – grande novidade! A sua sala, agora é a do lado, - é maior e tem uma placa de

metal, brilhantíssima: “Gabinete de História da Civilização”. Lá estão os de sempre. Mas falta o principal: você. Abraços do amigo Cruz Costa.

S. Paulo, 27 de outubro, 1944

Meu caro Simões,

Acabo de escrever uma carta ao Saldanha. Soube ontem que ele havia partido e que se encontrava aí com vocês. Olhe que o melhor que havia a fazer era mandarem toda a Universidade para aí. A gente aqui se aborrece. Tudo isto deixa de ter sentido diante do que VV fazem aí: baterem-se pela Liberdade, pela Democracia, enfim, por uma vida humana livre, justa, melhor do que a que tivemos até hoje. Mas, apesar de fazermos muito pouco, nós procuramos aqui não desmerecer do esforço que VV aí estão dispendendo.

Simões, recebi a sua carta e mandei ao Snr. Jacyntho. Todas as vezes que tenho carta sua, envio-a para seu Pai. Acho que é uma obrigação minha.

Mas, diga-me uma cousa: como arranja V. tempo para, no meio dessa “Trágica Comédia”, ler a “Divina Comédia”? Como deve V., gravar bem os versos do poeta! A “Divina Comédia” ficará gravada para o resto de sua vida. V. é capaz até de virar positivista...Velho Simões, aqui a coisa vai como sempre. Começa agora o calor. Já estamos de exames (por sinal que os meus alunos, este ano, são muito fraquinhos...). Logo serão as férias e eu vou me meter, a fundo, no positivismo, pois será esse o meu assunto de tese. Afinal, porque [sic] foi que o Brasil teve aquela fase histórica de positivismo? E que gente honesta, Dr. Tenente! Os positivistas são muitíssimo simpáticos. Gente de caráter é sempre simpática. O que não presta mesmo é a falta de caráter. Esperamos que no mundo novo que VV estão a abrir os alicerces, o ter caráter seja coisa ponderável. Ter caráter é ser fiel à Verdade, à Liberdade, à Liberação Humana. É ser sensível à dor, à miséria. É enfim, ser humano. E é disso que o mundo andava necessitado. Mas nós confiamos em VV. E o mundo há de melhorar.

Na Fac. – nada de novo. Umas pequenas encrencas entre congregação e diretor, reitor, etc. Mas cousa sem importância. Vai tudo em ordem e eu continuo firme aguentando a mão. Fique descansado.

Por hoje, só isto. Recomendações de todos os meus e um grande abraço do Cruz Costa.

.....

S. Paulo, 16 de Nov, 1944

Meu caro amigo Simões,

Recebi ontem, dia da Proclamação da nossa República, uma carta sua com um retrato e um exemplar do jornal que VV aí editam “... *E a cobra fumou*”. Muito obrigado, principalmente pelo retrato. V. está mais magro. Também isso aí não é estação de engorda e, pelo que aqui se sabe, os italianos não estão neste momento em situação de proporcionar a VV. Aquelas macarronadas tradicionais. Fiquei muito sensibilizado com a sua lembrança. De quando em quando, em sendo possível, mande para cá um retrato. Quem não vai gostar da coisa é D. Izabel. V. está ao lado de um marmanjo, mas, lá do lado, do retrato, está uma Venus, segurando umas roupinhas leves... “Seu” Simões... mas seis são certas. Vejo que V. não está ainda a par do meu concurso. Ué, aí há coisa. Há tempo tentei mandar jornais e disseram-me que não recebiam. Vou agora renovar o envio. Logo que receber diga-me como recebeu e se quer que continue a fazer remessas. V. sabe que o Saldanha também está aí com o 2º. Contingente? Vimos aqui uma citação do irmão do Antonio Candido. Você me pergunta como vai a Faculdade. Vai bem, graças a Deus, obrigado. Fraquinha, mas vai indo. O seu gabinete ostenta uma vastíssima placa “Gabinete de História da Civilização”. É ao lado do antigo, mais espaçoso e lá estão todas as Histórias e felizmente não tem havido histórias. Todos lá se encontram em boa paz. Gagé, Ellis, Odilon, Astrô, Olga, etc. Só falta o Prof. Dr. E. Simões de Paula, meu velho amigo e estopim das atitudes fortes (caso do doutoramento). Concursos vai haver: Aroldo [de Azevedo, talvez], Souza Lima, este seu criado (setembro) e Lourival, para a cadeira de política. Tese houve uma, da, da... Como é que ela se chama, mesmo? Aquela moça que estudou letras e que estava trabalhando com o Plínio Airoso. Maria não sei do quê. Houve um pequeno turumbamba na Congregação, por via de ter o diretor dissolvido [sic] o direito desta de contratar professores. Ficava ele com essa prerrogativa. Mas houve recurso e nós, 16 professores, ganhamos no Conselho e o parecer foi dado pelo Porchazão. O ministro, muito justa e diretamente, homologou o parecer do antigo reitor, do antigo professor da Faculdade de Direito. Foi um sucesso. Depois, então falou-se nos concursos... Estou com um pouco de receio. O Catunda e o Schenberg [sic] já são catedráticos. Houve concurso e saíram-se muito bem, segundo dizem os entendidos. Eu só estive lá um momento: não pescava patavina (dê lembrança aos patavinos), não pescava patavina do que ele dizia lá na

pedra. Cada coisa esquisita! Havia gente que até se babava com aqueles mistérios matemáticos. Que gente gozada!

A Reforma do Ensino não saiu. Há quem diga que ainda sairá até janeiro. Há outros que dizem que foi adiada. Eu achava melhor que saísse. Havia lá aquela história de carreira e eu sempre achei que nosso setor, essa história de carreira é ainda o que há de melhor. Se sair, contarei a V. o principal, naquilo que nos interessa. A história da efetivação é que foi por água abaixo. No Rio, abriram vários concursos. Está aberto também concurso para a cadeira de História Antiga e Medieval. Mas isso é no Rio de Janeiro. Estou indagando (ainda não consegui saber ao certo) quais são os candidatos. Creio que é coisa que interessa a V. Se escrever ao Dr. Mesian, peça-lhe para indagar, pois para ele é mais fácil. O que eu souber, escreverei. Mas, já sei que o concurso está aberto até maio de 1945. É coisa que vai, pois, demorar. Depois do fechamento da inscrição, é coisa que leva ainda mais tempo. A novidade da coisa, no Rio, é esta: os atuais professores, são inscritos “*ex-officio*”. Isso é bom. Aqui já conhecíamos a história da cobra que fuma. Os jornais falam nisso e não é, creio, proibido.

Tenho estado sempre com seu Pai. Estão todos bons em sua casa e seu Pai, firme. O Diretor mandou mimiografar sua carta e distribuiu-a pelos professores. Eu dei a minha a seu Pai, que queria ficar com ela. Soube ontem pelo rádio que VV estão agora conhecendo a neve. Que coisa bonita, não Eurípedes? Cai feito algodão. Mas que faz um brutaço de um frio.

No mais, tudo continua como antes. O calor já começa a apontar; os exames orais serão para logo e as férias aí vêm. Depois será o trabalho da tese, que pretendo levar a efeito. Creio que vou estudar o positivismo. Aqui no Brasil. Não sei bem ainda como vou tratar o problema. Tenho cá umas ideias mas ainda estão verdes. Talvez nem cheguem a amadurecer.

Simões, eu pretendo escrever antes do Natal. Mas agora é capaz de haver muita correspondência. BOM NATAL. QUE 1945 NOS TRAGA A VITÓRIA E COM ELA O RETORNO DOS NOSSOS IRMÃOS QUE AÍ SE BATEM POR UM MUNDO MELHOR E ONDE O HOMEM VIVA COM LIBERDADE E JUSTIÇA. Que possamos todos, no Natal de 45, abraçá-los aqui, que todos aqui estejam com suas famílias e novamente entregues à vida pacífica e feliz. Abração, do Cruz Costa.

S.P. 22 Nov.44

Meu caro Simões,

Outro dia mandei a V. uma longa carta, cheia de informações. Esqueci de indagar se na Faculdade havia novidades. Houve. D. Olga é doutora. Defendeu tese e estudou, na mesma, uma história qualquer de comércio da Inglaterra com a América Espanhola no século não sei bem quanto. Não assisti aos exames: é que prefiro ficar em casa a ler, e não enfiar muito o nariz por lá. Anda um pouco fedorento aquilo. Soube mais que meteram a lenha na tese: o Ellis e o Astrô. Não sei se têm ou não razão. Como já disse, não assisti e sem ser de corpo presente, não afirmo nada. Há os que são pró e os que são contra. Eu banco o cético: “*sustine et abstinence*” (se isto não é latim, é coisa parecida).

Soube que uma turma boa (Souza Lima, Canuto e Silveira) – que trio! – meteram a pua [*sic*] no pobre do Cerqueira Leite. Aqui, parece, a “sujeira” foi grossa. Desmontaram o homem do doutoramento e de maneira muito pouco elegante, segundo ouvi dizer. Coitado do Cerqueira! De desgosto vai agora para o interior. É certo que o Cerqueira tem um quê de amalucado, mas, francamente, isso não é cousa que se faça a um moço. Enfim, aquilo, lá do lado das letras [*sic*], parece mesmo um saco de gatos.

Junto envio a V. um recorte do jornal de hoje. Parece que isso foi o contra golpe no recurso que alguns profs. da Fac. [*sic*] apresentaram (entre eles, eu) contra certa prepotência do Diretor, que cavou no Conselho um meio de ele nomear os profs. Mas, se não me engano, já contei a V. essa história. Mais novidades: vão a concurso as cadeiras de Zoologia, Geografia do Brasil, Filosofia (eu), Química Orgânica e Biologia, Hist. da Civ. Americana. É essa a ordem e eu devo estar concurseando (se até lá chegar) lá por set.45. Espero que V. já esteja então por cá. No mais, Dr. , corre tudo como antes. Vai indo. Estamos de exames orais neste momento. Cada aluno burro! Nossa Senhora dos Agudos! Dos batutas que vão chegar, um é geneticista, outro matemático (Zariski), outro não sei o quê. Estatístico. O Klinneberg é psicólogo e o Carone canadense é “político”, vai por riba do Lourival. Eu vou pedir que me mandem os espíritos de Aristóteles, de Platão e de alguns outros legumes históricos.

Hoje estive com o Ellis e com o Pedro Moacir. Este anda fardado. Teria sido convocado ou é estágio? Vai escrever a V. Conversei ontem com seu Pai. Vão todos

bem. Aqui da casa, todos se recomendam. E diga-me uma cousa: que significa “quebrar o galho” e segurar a tocha [*sic*], do jornalzinho? Por hoje, um grande abraço do Cruz Costa.²⁸⁰

²⁸⁰ Após o término da carta, com letra corrida e não mais datilografada, Cruz Costa escreve à margem esquerda da folha: “À Olga deram as seg. notas /Ellis – 7 / Monbeig – 9 / Astrô – 7,5 / Suvann – 9 / Gagé – 10 / honestamente está ficando coisa brava! Tá fumando, como VV. dizem.”

Também lhe envia, junto a essa, o seguinte recorte de jornal:

“Autorizado o governo paulista a contratar professores para a Faculdade de Filosofia”

“Rio, 22 – (Da nossa sucursal – pelo telefone) – A Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais opinou pela concessão da autorização solicitada pela interventoria federal em São Paulo para contratar os professores Kenneth E. Caster, Oscar Zariski e Williams G. Madov, norte-americanos, e Otto Klinneberg e padre Arthur Caron, canadenses, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde realizarão cursos de sua especialidade.”

São Paulo, 1º. de dezembro de 1944

Meu caro Simões,

Recebi hoje a sua carta de 11 de novembro e estimo que esta, provavelmente a última que escreverei a V. em 1944, vá encontrá-lo aí em perfeito estado de saúde física e moral, apesar do frio que, como V. me conta, já aí apontara.

Como esta é, como já disse, a última carta deste ano, eu não quero deixar passar a ocasião para desejar a V. e a todos os nossos que aí estão, um excelente Natal e que o ano novo possa nos trazer de volta, a esta nossa terra, todos os nossos patrícios e amigos que aí foram lutar pela liberdade. Assim, pois, Simão, boas festas e feliz ano novo. Diga também ao irmão do Antonio Candido que um amigo do irmão, que sou eu, lhe envia a mesma cousa.

*

Na outra carta, V. me perguntava pelos concursos e doutoramentos na Faculdade. Pois eu não é que não sabia que a Pauta – pois do que houve e do que está havendo, é cousa para a gente ficar duvidosa.

*

Simões – ando publicista agora! Deu-me essa cócega! Veja só! Se continuar assim acabo na Academia! Ao menos do lado de fora, como o Machado de Assis, que, por via das dúvidas, está lá sentadinho na porta, assim como quem diz: Ô moço – não entre não. Fique aqui. Olhe o meu exemplo...

V. viu o Saldanha. Quando o encontrar, dê-lhe lembranças minhas. O Saldanha aí e aqui o Barão de Fiore a meter, pelos jornais, a “pua” nos professores brasileiros. Anda a escrever no “Diário de S. Paulo”, uns artigos o Josué e o Lucian Jacques de Moraes. V. lembra-se da “ceia dos Cardeais”? Pois é: “como é diferente o amor em Portugal”. Pois é isso.

O mais vai tudo bem. V. terá o seu retrato, fardado, no quadro de formatura. O França é que devia ficar com a cadeira. Enfim, parece que o França vai afinal fazer o doutoramento em março. Depois será o Pedro Moacyr. A Conceição também já é doutora. Uma multidão de doutores. A muita “fê” na Faculdade tem diminuído

consideravelmente. O João Dias também terá que fazer concurso no próximo ano. Enfim, grandes movimentos concursionais e outros.

Dei o jornalzinho para que ele o visse, a Silveira Bueno, que lhe manda lembranças. A “*francezinha*” [sic] anda um pouco arredia. Não sei o que é. Eles formam 100% com o diretor e nós formamos apenas 31%... Olhe Simões: faculdade só mesmo nacional. Mas eu não quero ser ingrato. Acho isso feio. Mas que há umas verdades, há! Que diabo!? Por que será que essa gente só arranja assistentes mulheres?

Simões, meu velho, se este mundo continua egoísta depois da guerra, será mesmo, definitivamente, uma vergonha! Que diabo deste ano. Eu também lá estarei, de beca, com cara de coiô! Afinal, professor, no Brasil, só mesmo assim: coiô...

Há tanta coisa a fazer... E eu a dar, a dar na filosofia. Pra quê? [sic]

*

Os seus, nesta data vão bem. Os meus também. Acho que fabriquei mais um futuro patricio. Se for homem, mulher. Será mais um súdito²⁸¹ para o Brasil. E o que a gente precisa mesmo, é de gente.

V. quer que lhe mande o meu livro quando ele sair? Ou guardo-o aqui para a sua volta? Acho que aí v. não tem muito tempo para ler...

Bom. Fiquemos aqui.

Bom Natal e Feliz Ano Novo e um grande abraço, do de sempre,

Cruz Costa.

²⁸¹ No original, antes de escrever “súdito”, Cruz Costa escrevera “sujeito”, mas risca, com um traço, a palavra.

São Paulo, 5 de dezembro de 1944

Meu Caro Simões,

Recebi hoje mais uma carta sua, a de 14 do mês passado. E, embora já tenha mandado votos de Bom Natal, aqui os reenvio. E mais: ajunto que desejo a V. um felicíssimo ano novo.

Pois não é que eu ando há tempo para indagar uma cousa de V. e sempre me esqueço. Como é, V. soube notícias de alguns dos professores italianos que estiveram aqui. Disseram-me que o Sr. Tales Sefales escreveu para cá, que estava na Itália e em Nápoles. E os outros, que será feito daqueles pobres professores. Mas que lição, hein!

V. me pergunta do concurso. Vou ver se alinho algumas cousas sobre “filosofia” *[sic]* nacional. Já ando farto de estrangeirices. Vamos agora à prata da casa. As bancas são constituídas pelo Conselho Universitário e a gente não põe nelas quem quer. Isso é o diabo. Mas vamos ver no que pára os nossos. Ou vai ou racha.

Van Becker e Pe. Nery são, naturalmente, candidatos. Há ainda o Ferraz Alvim, e surgirão outros. Mas, ao menos, em Setembro do ano que vem (se eu ainda for vivo) pretendo estar livre dessas gaitas de complicação. Agradeço, comovido, o seu apoio.

Simões – vou hoje escrever a seu cunhado! Quero que ele se informe, até maio de 45 (fim do prazo da inscrição), no Rio, disto: dos nomes e “caras” que vão se inscrever na Cadeira de Hist. Antiga e Medieval. Acho que isso é útil p/ V. e aqui guardarei a lista dos Tais *[sic]*. Continuo – mas não digo a ninguém – que acho inoportuna a realização de concursos neste momento. Mas, [**?... ilegível no original**], como diz a Bidú [Sayão] na ópera.

Grandes *thanks-thanks* *[sic]* por tudo e abraços do Cruz Costa.

São Paulo, 9 de janeiro de 1945

Meu Caro Simões,

Recebi hoje a sua carta de 11 do mês passado e estimo muito saber que V. vai muito bem. Faço votos para que a guerra termine logo para que V. volte para o seio da sua família e para a Faculdade que V. tanto estima. Não há de ser em vão que VV. estão se batendo pela Liberdade [sic]. É essa uma palavra de uso e o seu conceito – nem sempre bem definido – é uma das mais belas forças da Humanidade. Lutemos, pois, pela libertação do homem. E até o fim, para que os nossos filhos possam viver num mundo mais justo e melhor.

Foram contratados alguns pequenos [sic] estrangeiros para a Faculdade. A sua cadeira, porém, está livre e não corre perigo nenhum. Esteja, pois, tranquilo.

*

Simões, vou ser operado depois de amanhã por seu tio, o Dr. João. É um diabo de quisto que me aborrece há anos e que só mesmo à faca é que sairá. Creio que é coisa muito simples. Mas vai, em todo caso, ser um “cravo” para o concurso, pois é coisa que me impede estar sentado e trabalhar. Vou falar hoje com o Dreyfus para prorrogar o tal concurso.

*

Fala-se aqui, também, na fundação de uma universidade católica. É bom: ao menos, a “padraçada” deixará a gente tranquila. E – afinal – na liberdade, há – pelo que parece – o direito de [?... segue trecho ilegível] que eles, católicos...

Em todo caso, meu velho, ando muito duvidoso e hesito do meu concurso. “Que fazer, bispo Lacerda!”

Por hoje, é só. Abraços e votos para que 1945 nos traga a Paz e V. de volta.

Do de sempre, Cruz Costa.

PS. – Já contei a V. que a Pantaleão já é doutora, não contei?

S.P. 28 janº. 45

Meu Caro Simões,

Acabo de receber a sua carta de 30/12/44. Muito obrigado. Creio que V. já recebeu os meus votos de feliz natal, de feliz ano novo, mas – em todo caso – aqui os reenvio. Esperamos todos que este ano seja o ano da vitória. Que ela venha para VV. retornarem à nossa terra.

V. não compreendeu bem a história. Não -, o Gagé não saiu. Está na Faculdade e lá permanecerá ainda por longo tempo, pois tem nosso contrato de 3 anos. E é bom. O que houve foi uma história no doutoramento da Olga. Ellis e Astrogildo “encrencaram” com ela. Só soube disso. Naturalmente, nós todos preferimos que a futura vaga do Gagé seja preenchida pelo França. É homem, é amigo. Isso de catedráticos com catedráticos femininos não me parece coisa séria. Salvo para as exceções e – aqui entre nós – a Olga nada tem de excepcional. Foi isso que eu quis contar a V.

Simões: acabo de tomar parte no Iº. Congresso Brasileiro de Escritores, como delegado de S. Paulo. Enviamos uma moção a VV. Dirigida ao General Mascarenhas e contra aos [sic] correspondentes de guerra, Joel Silveira e Rubem Braga. Fizemos uma homenagem, de pé, a VV. Compreenderão, por certo, o que desejamos e o que VV. significam para os que, como nós, estamos na retaguarda. O Barão – parece – foi neutralizado. O Sr. Barão de Fiore é, simplesmente, um sujo e o Saldanha fará bem de fazer a carreira daquele indecente.

Já contei a V. que o Dr. João Montenegro operou-me. Correu tudo bem e estou agora cicatrizando. Perdi um mês para a tese, mas creio que o Dreyfus há de compreender isso e me dará o mês perdido. Mas era preciso operar. Tenho estado constantemente com o Dr. João e falamos de V.

Hei de mandar o meu livreco para aí.

Vou começar – ou recomençar agora, em fevereiro, o trabalho da tese. Espero fazer esse diabo de concurso para liquidar, de vez, com essa espinha. A padrecada movimenta-se naturalmente... Pois assim mesmo vou resolver o caso: vou ficar na Faculdade ou então, antes que seja tarde demais, trato de outra vida. Já ando chateado

com isto tudo. Tricas e retricas. Aquele corredor da Faculdade é uma lata de lixo, Dr. Simões. Mas por hoje, só isto: um abraço do Cruz Costa. (grifos meus)

Ps: Quanto aos seus interesses na Fac. eles continuam sem perigo. Esteja completamente tranqüilo. Eu estou vigilante e tomarei as medidas que se impuserem se houver alguma coisa. Abraços do Cruz Costa. A todos VV. da FEB – um Bom Ano Novo com Retorno ao Brasil.

São Paulo, 20 de janº. 45

Meu caro Simões,

Cá estou eu, de novo, a dar notícias da sua terra! Fui operado pelo Dr. João Montenegro. Tirou-me um rosário de quistos de pêlo que eram o meu entrave! Aqui estou, sentado de lado, pois ainda não me é possível escrever sentado da maneira normal. E, a diaba da tese está ficando no Anteiro [sic]. Espero, porém, que o Dreyfus compreenda a minha situação e me dê um pouco mais de tempo para o concurso. Veremos...

Esse negócio de concurso com o Conselho Universitário também é outra encrenca. Se na banca nós tivéssemos gente da Faculdade era bem melhor. Não ali um espírito novo, diferente e isso é importante para a exata compreensão do sentido do nosso trabalho. Enfim, o que for, será.

V. que me conta de suas gélidas e belicosas paragens! Acho que a pancadaria terminará talvez este ano. Os russos têm andado muito depressa nestes últimos dias. Saímos batutas.

Aqui, “a vida continua”. Tudo velho. Um pouco de rame-rame do costume também não é mau. **Creio que V. deve ter saudades do nosso marasmo. Até disso a gente é capaz de sentir saudades, quando é o “nosso marasmo”, este nosso marasmão brasileiro, tão significativo e – paradoxalmente – tão gostoso.**

Simões, - recebi a [? ilegível no original]. Obrigado. Há muito [? segue novamente trecho ilegível]. Mas só picada, sem remorso. Há outros já mais bem venenosos...

Por hoje é só. Abraços, do de sempre Cruz Costa.

São Paulo, 10 de Fev. 1945.

Meu caro Simões.

Recebi ontem carta, digo, os jornais que V. teve a gentileza de me mandar. Há tempo, também, recebi um cartão de boas festas. Por tudo isso, muitíssimo obrigado.

Creio, assim, que V. vai bem e é isso que se quer. De outro lado, pelo que se lê aqui acerca da ofensiva russa, a cousa deve estar agora para terminar e, em breve, cá estará V., de novo, às voltas com aqueles bicharacos terríveis da Antiguidade, os Nabucodonozores e outros legumes semelhantes.

Da nossa terra, poucas novidades. Anda aí anunciada a institucionalização. Parece que teremos eleições. Mas... só vendo... Dizem que haverá formação de partidos nacionais. É bom. Ao menos faremos ponto final naquela história de partidecos estaduais que mais pareciam brigas de proprietários de casas de comércio. Limpeza naquela história antiga de PRP e PCs cujo sentido era simplesmente o da dominação para distribuição de cargos e sinecuras. Teremos, parece, partidos com ideias e não meras capelas de parentes agregados e amigos. Já era tempo de haver ideologia. Mas talvez, tudo isso, seja simples ilusão minha...

A Faculdade deve ir bem. Já lá não vou há muito. Estou aqui a ver se recupero, para a tese, o tempo que não pude trabalhar devido à operação a que me submeteu, com pleno êxito, o Dr. João Montenegro. Que cousa “pau” [sic] essa tese! Uff!

Enfim, a nossa medievalíssima Faculdade assim o exige! Mas quase tenho certeza de que o meu lugar será do Pe. Castro Nery. Preciso cuidar de arranjar emprego, Simões.

Adeus fantasias de Faculdade. Enfim: veremos.

Por hoje, aqui fico, com um abraço,

Cruz Costa.

S. Paulo, 25 Fevº. 1945

Meu Caro Simões: - Seu Pai e o Dr. Mesian estiveram ontem à noite aqui em minha casa dando uma prosa. Estavam outros amigos, entre eles o Caio Prado e estivemos ouvindo o relato do Dr. Mesian sobre aquelas aventuras de viagem que ele fez, há anos ao “Saldanha da Gama”. Estávamos nessa prosa quando o rádio – Hora do Brasil – anunciou que íamos ter grandes mudanças na vida política do país. O Ministro Marcondes anunciara modificações na carta de 1937; abolição do plebiscito, uma série de outras cousas que, no fim querem dizer: eleições para breve.

Já não era sem tempo. Afinal VV. Estão a se bater aí pela “democracia” (conceito bem vago, é certo...) e nós aqui...sem Congresso!...Era esquisito. Ninguém dizia nada porque – como v. Sabia – havia a censura... Enfim – parece – as cousas vão mudar. Que seja para bem porque isto [**? trecho ilegível**] bem precisar de juízo.

V. conhece as minhas ideias. Não mudei. Estou muito cético com tudo isto, com a “falação” que já hoje saiu nos jornais. Fala-se, fala-se mas o pobre jeca e o juca pato com nós vão ficando na mesma. P.R.P. P.C. “P. isto” é “P. Aquilo”... E depois?... Afinal o necessário é melhorar a vida desta gente toda; é dar-lhes mais segurança, mais higiene, mais educação, mais consciência dos problemas reais desta terra. Com um pouco de discussão, isso é bom. Com muita, vira bacalhau... E – é capaz ainda de voltar muita cousa que não deveria voltar. Não sei agora como vão fazer os galinhas verdes. Mas devem andar muito por baixo depois que o fascismo, em certos lugares, entrou em baixa.

Outra novidade: estive cá o Stettimicos [sic]. Muito rapidamente, mas muito proveitosamente.

Na Faculdade logo estaremos de trabalho. Eu de tese atrasada. Em todo caso: toca-se a vida. Diga-me, logo que receba esta, que acha disso tudo. Agora, por hoje, apenas um abraço, do Cruz Costa.

P.S. Seu pai disse-me que V. Não tem recebido cartas. Ué! Tenho mandado quase semanalmente uma!

S. Paulo, 9 de março de 1945

Meu caro Tenente:

Poucas palavras. O momento é de poucas palavras e estas devem ser ditas com “poucas letras”. De acordo com o tempo e ocasião!

V. vai bem? Estimo.

Eu, - assim, assim.

Aqui vai tudo otimamente. Nem podia ser melhor. Uma beleza de clima e atmosfera. Esperamos que voltem breve. Queremos ver o que VV nos contam. Deve ser muito mais interessante do que o que nós temos para contar... abraços do Cruz Costa.

P.S. - Não recebo há muito cartas suas. Apenas jornais. Será a censura?

S. Paulo, 15 de março de 1945.

Meu caro Simões,

Estou quase certo de que agora teremos que trocar poucas cartas. Esta grande história da guerra parece estar no fim. Logo V. aqui estará de volta e às voltas com aqueles bicharocos esquisitos como o Nabucodonosor, Massinissa (com ss ou com ç), Teognis do Ponto e outros de semelhante calibre. Uf! Até que afinal isto parece que vai acabar. Já foi preso o von Papen, o tal que levou o bigodinho ao poder. É sinal que estamos para dar o último tiro. Depois será a volta da FEB.

Quero crer que é por isso que não recebo mais cartas suas. V. deve andar atarefado e com trabalho. Veja em todo caso, antes de voltar, se sabe notícias do Braudel e do Coornaert, pois, até hoje não recebi respostas às cartas que enviei às duas famílias. Nem o Maugüé, de quem sou procurador aqui me escreve. É que a cousa aí deve andar muito interessante e eles (assim como V) se esquecem cá dos companheiros civis. E têm razão ou parte de razão.

Fiquei muito contente ao ver no “Cruzeiro do Sul” notícias sobre o Congresso dos Escritores, onde estive como delegado de S. Paulo. Foi um bonito trabalho e espero que a ABDE continue a fazer sempre cousas desse naipe. Desse modo, os escritores e intelectuais merecerão sempre a estima do seu povo.

Da escola, poucas novidades. Vestiram-me de candidato e fui eleito presidente (V. bem sabe que contra a minha vontade) da Associação dos Antigos Alunos. Com uma volta de alguns anos, sucedo ao velho Tenente Simões, lá naquela história que andamos fundando, V. se lembra? Continuo a preparar muito lentamente a minha tese. Tropeços a toda a hora. Infelizmente minha Mãe está adoentada agora e eu pouco trabalho. Mas, vai indo assim mesmo. Há muita politicagem na Congregação e, às vezes, uma turma quer lançar contra a outra os pobres professores contratados como nós. Isso é terrivelmente cacete e eu não ando nada satisfeito com aquelas histórias. Afinal, se querem brigar, que briguem os catedráticos. Nós, nem brigar podemos...Mas a Faculdade vai indo. Lá estão todos, inclusive os franceses desfalcados apenas do Maugüé que foi para a guerra e do Bastidão que passou para o serviço de imprensa da Embaixada.

Cá da vida política, como V. deve saber, grandes modificações. Está tudo contra o Estado Novo. Ferve a politicagem e nessa fervura nota-se pouca substância, infelizmente. Andei ligado ao movimento da anistia, como representante da ABDE e de um agrupamento político que recebeu o nome de Coligação Democrática Radical a que pertencemos, eu, o Roldão e o Mario Wagner e mais uns ex- alunos da Faculdade. Mas, de política eu pouco entendo e nada quero. A minha adesão ao partido da CDR é simplesmente por causa do programa que me pareceu ser bom e condizente com o meu modo de pensar. Mas... o principal, por ora, são VV e a anistia. Como V. vê, vive-se e faz-se alguma coisa. Agora é voltar, Dr. e tomar rumo e dar rumo novo à rapaziada nova. É esse o nosso dever. Aqui fico, com um forte abraço, Cruz Costa.

S. Paulo, 18 de março de 1945

Meu caro Simões. - Vai aqui uma curta carta muito rápida só para saber onde param as suas cartas que já não aparecem aqui há um mês.

Eu, como sempre, escrevo quase semanalmente!

Seu Pai também não tem recebido notícias suas.

Aqui, - como V. já sabe – grandes novidades. Constitucionalização, partidos, candidatos e jornais a falarem, a falarem.

Continuo muito cético. Talvez V.V. possam dar um grande exemplo. Mas para que falar disso. A Faculdade em ordem. Nada de novo. Em havendo, escrevo. Mas também aí não há nem haverá nada. Corre tudo em ordem.

Tenho recebido o “Cruzeiro do Sul” e a “Cuba”.

Bem – preciso [avançar pá ?]. À dar a 1ª.aula neste ano. Até breve e um abraço, do

Cruz Costa.

S. Paulo, 19 de março, 45

Meu caro Simões,

Recebi hoje à tarde, ao voltar da 1ª. aula deste ano, uma carta sua. Já há muito que não chegava nada de carta. Só jornal. Então está bem: V. está bem e é isso que se quer. Vou avisar seu Pai de que recebi carta de 18 de fevereiro, pois ele me disse que a última que tinha era de 16 do mesmo mês.

A Faculdade vai bem de saúde, graças a Deus. Encrências poucas. Trabalho, demais. Eu não sei como me vou arranjar para o tal concurso. Estou muito atarantado. Mas a vida há de continuar. O que é preciso é que VV não permitam – assim como nós – que os intregalistas se refaçam. Eles já andam querendo formar partidos. Feitos parasitas dos outros. É aquela mesma peste. É preciso ter cuidado. Já andam cheirando, os safados. Conte ao Joel e ao Rubem Braga e diga que estamos atentos aqui. Mas conte.

V. pensa voltar logo, Simões. A coisa parece que está no fim. Ouvi o rádio alemão e, segundo eles mesmos dizem, andam-se matando uns aos outros por não quererem “se” atribuir o fracasso inevitável que os esperava. Triste aquela mania deles! Deviam ler um pouco de Spinoza e saberem pensar melhor a própria realidade. Enfim, cada um com as suas manias. Mas “vote” [sic] [?] quando ela vem por cima de nós.

Bem: fiquemos hoje por aqui. Já hoje à hora do almoço deitei [sic] uma carta para V. Diga-me se recebeu esta, logo que ela vá ter às suas mãos. E com um grande abraço, cá fico à espera do febiano [sic] amigo,

Recomendações de todos e mais um abraço, do Cruz Costa.

S. Paulo, 15 abril 1945.

Meu caro Simões. - Ainda hoje mandei para o correio uma carta para V. Pois agora à tarde aqui recebi de volta da Faculdade vários jornais e a carta do dia 2 de março do presente ano e mais a sua fotografia na neve.

Estimei saber que V. vai bem. É o que se quer. E que aí as cousas vão com cara de acabar. Também é esse o nosso desejo.

Reproduzo aqui a carta que o Dr. Achilles Messian enviara a seu Pai sobre o negócio dos concursos no Rio, lá na Faculdade de Filosofia.

*

“Rio 11.4.45

Prezado Sr. Jacintho.

Fui hoje à Faculdade de Filosofia colher as informações relativas a concurso de História Antiga por que o Cruz Costa se interessa. Tive a satisfação de conhecer o diretor que além de meu conterrâneo é filho de um distinto professor e amigo meu. Este cidadão me disse que até agora não se apresentou nenhum candidato. Certamente, porém, se candidatará o professor interino que é o Sr. Eremildo Luis Vianna. Nem esse candidato até agora apresentou tese o que naturalmente deverá fazer na última hora. Assim sendo, a única coisa que o diretor me pode oferecer foram as instruções desse concurso que envio justo apresente. Este. Este (a) Achilles.”

O resto da carta não tem interesse para V. As instruções também não interessam. Taí os requisitos: títulos etc.etc. Ficam guardados com o Seu Jacintho a quem vou devolvê-los.

É que no momento o estado da questão dos concursos [trecho ilegível]. Em maio fecha a inscrição e eu darei mais notícias. V. por sua vez escreva ao Dr. Messian para que em 10 de Maio verifique de novo a fim de me mandar contar alguma coisa.

Estou fazendo isso porque sei que é assunto do seu interesse. Sempre é bom estar a par das coisas.

Bem, Dr. Simões – por hoje é só. Até breve e um grande abraço do Cruz Costa.

São Paulo, 28 de abril de 1945.

Meu caro Simões. Cá recebi hoje o teu retrato de “romano moderno”. Oba! Dr. – Estás com uma caraça enérgica. É bom. Precisamos cá deste lado é de gente enérgica. Eta FEB boa. Vai ajudar o Brasil – e o Brasil é uma porção de coisas – a endireitar. O Paulo Prado tinha razão naquele velho livro que é a “Paulística”.

Gostei de saber que andaste a ver as antiguidades...de perto. É sempre melhor do que vê-las nos livros. Assim, a guerra ajudou ainda, por [ricochete?], a tua cultura histórica. Agora é aproveitar, antes de retornar ao Brasil. É ver cousas e comprar material para as aulas.

Aqui Simões – vai uma atmosfera bem mais arejada. O Luis Carlos Prestes deu ontem uma excelente entrevista, em que demonstra, claramente, que é sensato, patriota e um pensador sério. Pela primeira vez, ouvi, de político, cousa verdadeiramente séria. Eu sempre tive confiança no capitão Prestes. É um grande homem, uma grande alma e uma forte inteligência.

Estamos, pois, satisfeitiíssimos, apesar de umas pequenas coisinhas sem maior importância.

Eu aqui vou tratando de fundar uma Universidade Popular [sic] cuja finalidade é elevar o nível do nosso povo. Espero que, por ocasião da tua volta, dês umas conferências sobre o que viste e viveste aí. A cousa está indo. Eu confio no povo brasileiro, de onde tem saído os nossos “waldemares”. Tu confirmas em tuas cartas essa confiança.

É, pois, tocar para diante.

Hoje falei com teu pai. Todos vão bem em tua casa. Pedi a teu pai que pedisse notícias sobre o concurso do Rio ao Dr. Messiano. No mais, tudo tranquilo. Agora é voltar, Dr. e pegar na picareta da Escola. Ali também há terras a conquistar.

Recados [?] dos meus e abraços deste amigo velho que é o Cruz Costa

PS: Não tenho mandado jornais porque o Seu Jacinto disse-me que manda todas as semanas. - Gagé está bom e contente com a situação. Voltou a ser o mesmo. Bom sujeito aquele. A Escola vai bem.

São Paulo, 4 de Maio de 1945

Meu caro Simões.

Uff! Afinal! Abraços. A cousa está terminada ou no fim. Eu não posso deixar de mandar a V. - extenso a todos os patrícios – um grande abraço de satisfação.

Noticiaram os jornais hoje que, dentro em breve VV. Serão repatriados. Isso é que se quer. Venham logo para receberem os nossos abraços.

Por conta, vai um deles.

Do amigo:

Cruz Costa.

S.P. 7 de maio, 1945 (nº. 1864, cx. 23)

Caro Simões,

Recebi hoje, de volta da Volta Redonda, onde fui ver aquilo, a tua carta de 9 do mês passado. Às 9 da manhã tivemos a notícia da capitulação da Alemanha. Já tinha havido, no dia 29, um rebate que pareceu falso mas que já era, diante da situação, sintomático. Enfim, acabou mesmo a coisa e eu estou satisfeito porque saíste dessa história sem arranhão. É voltar aos penates (?) e aproveitar para construir agora, para o futuro, uma vida de paz, para os teus e para todos.

Não queria, porém, deixar passar esta data sem mandar para aí, o meu abraço com esta última carta, pois, agora, segundo aqui se diz, a FEB logo estará de volta. É o que todos desejamos.

Receba, pois, um grande abraço, do amigo de sempre,

Cruz Costa.

CORRESPONDÊNCIA PASSIVA

(de ESP para JCC)

Carta de 14/11/1944

Carta de 11/12/1944

Carta de 30/12/1944

Carta de 02/01/1945

Carta de 21/01/1945

Carta de 18/02/1945

Carta de 02/03/1945

Carta de 02/04/1945

Carta de 09/04/1945

Carta de 26/05/1945

Itália, 14 de novembro de 1944.

Caro Cruz Costa.

Recebi dia 12 a tua carta de 10 de outubro. Como sempre tuas cartas me causam imenso prazer, pois além de serem do Brasil, são dum amigo certo e seguro.

Aqui, meu velho, o frio está cada vez mais intenso. O termômetro já está -2,30. A água já está começando a gelar. As montanhas mais altas já estão brancas de neve. É um espetáculo inédito para mim, como para a maioria dos brasileiros. Mas graças aos agasalhos, creio que continuaremos a combater tão bem, como no tempo quente.

Recebi também uma carta do prof. Gagé de 20 de julho deste ano, dirigida para o Rio. Só agora que chegou às minhas mãos. Apesar de velha deu-me imenso prazer, porque ele sempre se preocupa com este seu discípulo. Respondi-a hoje, juntamente com a tua.

Já escolheste o assunto para tua tese? Qual é? Coragem, meu velho, concurso não é “bicho de sete cabeças”, tens grande tirocínio e a Congregação do teu lado. Meta o Roldão e o Fernando na banca, que sem dúvida te auxiliarão bastante. Se estiver por aí, por essa ocasião, conte comigo em “todos os terrenos”, até para por a “cobra para fumar”, isto é, dar uns “quebras” nos “cartolas” que te importunarem, porque a “45” que possuo fala direitinho e tirarei o “calo” d’algum “galego”. Desculpe a gíria militar, meu velho, pois o teu colega professor é agora “milica” 100%.

Que é que há com o Astrogildo que não me escreve? Quer pedir à Alice para me mandar uns bilhetes de vez em quando?

Como vão o herdeiro e sua senhora? Tens escrito alguma cousa.

Sem mais, meu velho, aqui me despeço.

Aceite um “quebra-costelas” do Simões.

Itália, 11 de dezembro de 1944.

Caro Cruz Costa.

Recebi ontem duas cartas tuas datadas respectivamente de 7 e 16 pp. as quais me encheram de satisfação, aliás como acontece todas as vezes que me escreves.

É uma mão amiga que envia-me notícias da minha Pátria e de nossa Faculdade, cousas que com a Família são a razão de estar aqui lutando pela liberdade tão postergada pelo nazi-fascismo.

Sim, já me encontrei com o Saldanha, mas só uma vez. Sei que está bem e que continua sempre bem disposto.

De fato, no retrato que te mandei tinha uma estátua no fundo. Mas aquelas roupas que notastes eram da garotinha de casa. Aquele edifício era uma mansão do século XVIII, cercado por uma floresta de pinheiros. É uma bela casa. Está cheia de obras de arte muito interessante e possui uma bela biblioteca. Imagine, passei uma vez 5 dias dentro duma biblioteca dum Seminário...Instalei ali minha cama de campanha e li muita coisa interessante sobre História Medieval. Mas, “seu” Cruz Costa essas “xepas” são raríssimas. Enfim, já topei com 3 bibliotecas pela Itália, durante a minha peregrinação. Posso dizer que a conheço, não as cidades mas o campo, o homem que trabalha no campo e o operário das pequenas oficinas. Conheço a planície e principalmente a vida montanhosa. Quanta coisa interessante. Imagine, vivi um mês num bosque de castanheiras, era só apanhar e cozer. Uma delícia. Às vezes se arranjava um vizinhosinho. Como vês, a guerra é coisa feia, mas às vezes tem seus bocados divertidos.

Esse negócio do Dreyfus mimiografar minha carta deu-me um susto. Se por acaso foi algum “gato” de português, será o diabo. Mas, enfim, seja o que Deus quiser. Não havia tempo e foi “a olho”.

De fato a neve está aparecendo. Ontem e hoje amanheceu aqui tudo gelado. A terra estava dura. Dura até a lama. A neve não caiu ainda na minha montanha, mas nas que estão mais altas já existe uma bela camada. Felizmente parece que esse tal de inverno este ano será benigno. Felizmente tenho um verdadeiro “arsenal” de agasalhos. Mande fazer um “scarpone”, um sapato ferrado próprio para andar na neve e usar “ski”.

Arranjei umas meias de “Lana de pecore”. Lã de carneiro tecida a mão e fiada também a mão. Esses velhos hábitos existem ainda nas montanhas e todas as velhas fazem meia e fiam aqui. Voltamos ao Brasil colonial sob esse aspecto. Até roca já apareceu por aqui.

Ficamos aqui também muito satisfeitos com a reeleição de Roosevelt. Isso significa o fim da guerra para breve. Já estou até com vontade de fazer concurso...sonho que só... quem sabe estarei aí por ocasião do teu. Conte comigo, até se for para dar uns tiros nos salafrários dos teus concorrentes.

Sem mais, Bom Natal e Feliz Ano Novo. Aceite um “quebra costela” do Simões.

Ps: li num jornal aqui que vão ser contratados professores canadenses e americanos para a nossa Faculdade. A minha cadeira corre algum perigo?

Itália, 30 de dezembro de 1944.

Caro Cruz Costa.

Amanhã é o último dia deste ano tão movimentado e sangrento. Que o próximo seja melhor! Será, sem dúvida, o ano da Vitória, como este o foi de vitórias! Que possamos estar todos reunidos na Faculdade, numa daquelas famosas reuniões da Congregação, em que os “bigs” faziam todo o movimento e nós votávamos à nossa vontade, contrariando, às vezes, os desejos do nosso diretor Fernando, Plínio e outros.

Aqui já tivemos neve. Foi antes do Natal, e nem se compreenderia tal festa sem esse acompanhamento. Os oficiais reuniram, onde puderam, seus soldados e fizeram uma festa familiar. Houve até quem arranjasse barbas brancas para “bancar o Papai Noel”. Era um pouco diferente, porque tinha uniforme verde oliva e botinas enlameadas, mas era mesmo o “tal”. A Legião Brasileira de Assistência mandou os presentes. De manhã tivemos macarronada com peru e doces. À tarde, reuni o meu povo numa só mesa, menos os que estavam de guarda, e jantamos todos em conjunto. Arranjamos uma sanfona e cantamos em coro as nossas canções. Que bruta saudade !!! Que nostalgia do nosso Brasil !!! Como gostaríamos de ver outra vez a Guanabara !!! Isso até deu mais “raiva”. Que o “tedesco” se precavenha, porque é por causa dele que aqui estamos. O moral é ótimo, é soberbo!! Dá satisfação em ver a harmonia e a obediência consciente dos meus soldados. Assim vale a pena lutar. É que a causa é justa e boa.

Com a neve, houve brincadeiras incríveis. Os soldados e até os oficiais viraram crianças. Foi uma batalha de bolas de neves, tombos, deslizamentos morro a baixo e até um boneco surgiu. Isso serve para passar o tempo.

Hoje está começando a nevar. Parece papel de seda picado. E até que não é fria. Faz frio quando sopra o “te amontano” [sic]. Então temos 10 abaixo de grau, mas os agasalhos resolvem. Basta dizer que temos até aquecedores de trincheira, imagine só!! Os “Waldemar” [sic] se adaptaram perfeitamente, usam tudo como sempre o tivessem usado.

Recebi duas cartas tuas respectivamente de 27 de outubro e 1º. de dezembro. Fiquei muito satisfeito com as notícias que me destes, pois a vida aí continua normal. É o que mais desejo.

Não compreendi bem o caso da Olga, que é que houve? O Gagé saiu e ela ficou com a cadeira? E achastes que deveria ser o França?

Não recebo cartas do Gagé há muito tempo. Aliás, só recebi uma e estava ainda no Rio, mas ela chegou aqui muito tempo depois.

O Barão de Fiori ainda fazendo sujeira por aí. A tua notícia veio confirmar o que me disse o Saldanha. Este aqui entretando fará a “caveira” do dito cujo com o atual governo italiano. Podem estar tranqüilos, que quando o Saldanha se mete, a coisa vai mesmo.

Se não fosse incômodo queria receber teu livro aqui. Mas em todo caso, guarde um outro para mim aí, porque não sei [se] o que me enviardes chegará inteiro por aqui, pois os pacotes chegam muito amassados.

Não repare na letra e nem no estilo. Estou escrevendo depressa e em cima dum caixote. Vai a “olho”, como dissemos aqui.

Bom, meu velho, mais uma vez desejo-te um Feliz Ano Novo, assim como para os teus.

Aceite um “quebra-costelas” do Simões.

Itália, 2 de janeiro de 1945.

Caro Cruz Costa.

Feliz Ano Novo! Recebi tua carta de 22 de novembro, ontem. Fiquei satisfeito e me tranquilizei um pouco, porque o Saldanha me havia dito que professores estrangeiros tinham sido contratados. Como não sabia se minha cadeira estava no “embrulho” andava apreensivo. Com a tua carta fiquei mais tranquilo.

Senti muito aquilo que aconteceu ao Cerqueira. Penso como ti, que de fato ele é pouco amadurecido [?], mas não deixa de ser inteligente. Deve ter sido política da Seção de Letras.

Sobre minha cadeira não se fala nada?

E o Gagé, continua firme na Faculdade? Tava lá de novo com a missão francesa?

Sem mais, meu velho, desculpe o tamanho do bilhete.

Aceite um abraço do Simões.

Itália, 21 de janeiro de 1945.

Caro Cruz Costa.

Recebi ontem tua carta de 5 do mês passado e como sempre fiquei muito satisfeito, não somente pelas boas novas nela contida, mas também por ser dum velho amigo.

Notei, entretanto, um tom um pouco pessimista na tua carta quanto à realização dos concursos. Eu gostaria imensamente de estar aí contigo para realizar o meu também. O “diabo” (neste caso os teus hipotéticos concorrentes) não é tão feio assim! Faça uma boa tese. O diretor e o representante da Congregação no Conselho Universitário, sem dúvida, serão os que indicarão os nomes dos prováveis examinadores. Nada mais fácil a ti que arranjar uma lista de pessoas entendidas na matéria e fornecê-la aos nossos colegas. Se for possível arranje que o concurso da tua cadeira seja simultâneo com outro da tua seção: assim dividirás os candidatos. É um caso a conversar com outros companheiros nossos, que sem dúvida “toparão” o ajuste. Além disso, dê jeito que o mesmo seja contemporâneo com o do Rio. É um pouco de estratégia [sic]... meu caro! “Meta os peitos”!!!

Aqui entre nós, e não quero que mostre esta carta a ninguém da Faculdade [sic], é o que pretendo fazer quando chegar aí. E se algum salafrário se meter comigo faço “a cobra fumar”. Estou tão prático... a “45” funcionará, darei um tiro num calo dos concorrentes...

Quanto aos professores italianos, quem sabe da cousa é o Saldanha. Parece que ele encontrou-se com o Onorato. Ouvi dizer que o De Faleo [Falco?] encontrara-se com oficiais nossos em Nápoles e disse estar com muitas saudades do Brasil e da Faculdade. Tenho pena deles, mas foram os italianos que quiseram a guerra conosco, que aguentem agora. Posso parecer “duro”, mas é a vida meu caro que nos ensina isso e principalmente esta guerra. Quem for fraco morre e o Brasil não é fraco e tornar-se-á cada vez mais forte. Gente boa ele tem bastante. Aqui é que vimos isso. O brasileiro é muito melhor que todos nós pensávamos. Esta guerra abriu os nossos olhos e nos tornaram conhecidos. Ganhamos pelo menos isso.

Gostaria também de saber quando será realizado o concurso de História Antiga no Rio. É precisamente nessa época que pretendo fazer o meu em São Paulo. Como já tenho tese pronta (a-pesar [sic] dela não ser grande cousa) canto de “galo”.

Peço-te encarecidamente me manteres sempre ao par das novidades da Faculdade, pois assim que retornar, quero voltar imediatamente para minha Cadeira e conto com todos da Faculdade para me ajudarem nesse sentido. Recomendações aos teus.

Sem mais, aceite um “quebra-costelas” do Simões.

Itália, 18 de fevereiro de 1945.

Caro Cruz Costa.

Recebi ontem tua carta de 28 de janeiro p.p. Muito obrigado pelas notícias que me destes da Faculdade. Tuas cartas sempre me reconfortam e me fazem esperar dias melhores para nós dois aí na nossa escola.

Eu felizmente vou bem de saúde e continuo como sempre [disfoito?]

O inverno aqui está no fim. A neve acabou, ou pelo menos só está nos picos mais altos. Agora temos é muita lama com o degelo, mas com ela já estávamos acostumados aí no Brasil.

Fiquei imensamente satisfeito com a notícia de que o Gagé tem um novo contrato de 3 anos. Assim ele fará parte da minha banca. Mas não é só por isso. É que de fato tenho por ele grande estima, e com o exemplo do Maugüé, pensei que ele também voltasse para a França.

Soubemos aqui do 1º. Congresso Brasileiro de Escritores e fiquei satisfeito por saber que tomastes parte nele. É mais um título para teu concurso.

A notícia que me destes do Barão também me encheu de satisfação. Esse “liga não vale a ração que come”, como dizemos aqui. O Saldanha fez a “caveira” dele aqui na Universidade de Roma.

Fostes operado de quê? Não recebi cartas tuas do mês de janeiro inteiro, a não ser esta última. Elas não vieram de avião e devem romper por aí a qualquer momento. Por isso não entendi esse trecho da tua carta.

Tens recebido os jornais que tenho te enviado semanalmente? Como és jornalista, penso que eles te interessarão. Além disso, refletem o nosso pensamento aqui, coisa que há de te interessar, como professor de Filosofia que és.

Tenho um monte de cartas para responder, por isso fico por aqui. Logo escreverei-te-ei outra carta.

Aceite um “quebra-costelas” do Simões. Até breve por aí!!

Itália, 2 de março de 1945.

Caro Cruz Costa

Recebi hoje duas cartas atrasadas tuas, datadas respectivamente de 9 e 20 de janeiro pp. A-pesar- de [sic] retardadas causaram-me, como sempre, grande prazer. Ter notícias tuas e da Faculdade é para mim de grande importância.

Tens recebido os jornais “*A cobra fumou*” e “*Cruzeiro do Sul*” que tenho enviado? Já que és escritor e representante de São Paulo no 1º. Congresso de Escritores Brasileiros, penso que eles têm algum interesse para ti, pelo menos podem mostrar aquilo que pensamos, como vivemos e também como estamos interessadíssimos por tudo que se está passando aí na nossa ausência.

Janeiro foi um mês bem duro para nós: tivemos muita neve e muito frio. Felizmente tínhamos agasalhos suficientes. Fevereiro foi o mês do degelo e da lama. Neste mês de março já começamos ter muita poeira e muito vento. O frio diminuiu muito, mas as manhãs, tardes e noites são ainda bem “fresquinhas”. Praticamente o inverno já passou, nos campos começam a brotar o capim e o trigo e nas árvores os brotos já estão aparecendo.

Fiquei muito satisfeito com a notícia que me destes da Fundação da Universidade Católica. Assim pelo menos eles – os de São Bento e Des Oiseaux – nos deixarão trabalhar em paz e não perturbarão o nosso concurso. Não debes desanimar ante o concurso. “Meta os peitos” e leve tudo de “roldão”. A coisa não é tão feia assim. Tens bastante títulos e a experiência dum concurso “puxado à sustância”. O Conselho Universitário sem dúvida ouvirá os nossos representantes e estes poderão indicar pessoas que de fato entendam de tua matéria.

Nós aqui também acreditamos na proximidade do fim da guerra e da nossa parte tudo fazemos para abreviá-la. Brigamos com neve e lama, e agora com a poeira iremos mais longe ainda. Os “Waldemar” estão sempre brilhando. Não são “alpinistas” e nem “montanhese”, mas lutamos tanto na planície como no morro. Ainda bem que temos bastante “cariocas” e “mineiros” conosco... Enfim, meu velho, vamos “navegando” e “metendo os peitos”, os “Fritz” que aguentem.

Sem mais, meu Cruz Costa, aceite um “quebra costela” do Simões.

Itália, 2 de abril de 1945.

Caro Cruz Costa.

Eu, que gostava tanto do estudo da pré-história, estou [me] transformando agora num verdadeiro troglodita. Ou melhor ainda, estou pior que ele, pois esses meus “amigos” tinham cavernas para habitar, ao passo que este seu criado tem apenas um “buraco” aberto nas fraldas numa montanha, onde ainda há uma semana existia neve. Minha “boca” é “grã-fina”: é forrada de ferro e tem por cobertura grossos troncos de pinheiros, cobertos de terra. Assim é que vive este professor de História Antiga. Vida igual a de todos, ou quase todos, os “Waldemares”. Nas horas de lazer, leio alguma velha revista – quando se consegue – ou o [*“Star and Stifes”*?], excelente jornal do Exército Americano. Às vezes jogo uma “partidinha” de damas com meus “pracinhas”, ou escrevo algumas cartas. Estas é que são mais difíceis. Nem podes imaginar como é difícil escrever alguma coisa. Perdi o hábito. Quando voltar precisarei de algum tempo para readaptar-me novamente à vida universitária.

Estive em Roma alguns dias – enfim chegou minha vez – e aproveitei bastante a minha estadia. Assisti duas ótimas óperas, digo “peças”: “O barbeiro de Sevilha” e o “Trovador”. A companhia era excelente. O italiano só dá mesmo para a arte... Visitei o Vaticano e o seu admirável museu. Estive no Palatino, no Capitólio, no Fórum Romano, Coliseu. Passei pelas catacumbas de São Calixto, igrejas de São Pedro e São Paulo, São João [Lateão?], Castelo de Santo Angelo e percorri diversas galerias de arte. Que coisa formidável, velho Cruz Costa... Só isso valeu o sacrifício de toda esta guerra para mim. É verdade que vim para a luta para defender as nossas ideias democráticas, mas sempre aproveitei, - como professor de História – umas “beiradinhas” de arte da velha Itália. Sem dúvida alguma, o horizonte intelectual deste teu criado se aclarou um pouquinho. Roma está quase intacta. Só algumas fábricas é que foram destruídas, e essas mesmo estão fora da cidade. A Vila Eterna (veja o “galicismo”), continua como sempre. Só que a vida está caríssima e a depravação tanto moral, como corporal, intensa. Coisas incríveis presenciei nesta Itália. Mas o pior foi ainda em Nápoles. Feliz país é o Brasil, Cruz Costa!!!...

Há dias enviei-te alguns retratos meus, como recordação. Um foi tirado na neve em janeiro e o maior em Roma, no mês passado. Seguiu também mais um número da “*A cobra está fumando*”.

Na minha volta de Roma encontrei três cartas tuas datadas de 10 de fevereiro pp., 9 e 23 de março pp. às quais passo a responder agora.

Não desanime, Cruz Costa. “Meta os peitos” no concurso, que sem dúvida vencerás. Devias era arranjar para que a cadeira que o Maugüé deixou também entrasse em concurso, pois assim dividias os candidatos.

De fato, tenho escrito pouco, mas em compensação tenho “lavorado” bastante. O “Zé Tedesco” é quem pode dizer. Sempre que puder te enviarei algumas linhas.

Perguntas que penso da situação política com apenas isso: se a F.E.B. com o sacrifício feito, contribuiu para dar um governo democrático ao Brasil, todos nós nos consideramos [fartos?] com as canseiras e lutas que tivemos. Que a nossa terra vá para frente é o que todos desejamos.

Sem mais, velho amigo, aceite um “quebra costelas” do Simões.

Itália, 9 de abril de 1945.

Caro Cruz Costa,

Recebi dia 5 duas cartas tuas, datadas respectivamente de 18 de março e 19 de fevereiro respectivamente. Esta última veio mutilada pela censura, porque não sei. Mas não faz mal, como sempre causaram imensa satisfação.

Se me visses agora não me reconhecerias, estou com um cavanhaque incrível, só por desfastio. Desci o morro e estou agora num posto (não desci com o apito, como o Laurindo do samba carioca). Coisas da guerra.

As notícias da guerra são ótimas. Aí sabem mais do que aqui, pois podem ler jornais diariamente. Só conhecemos primeiro aqui aquelas por nós próprias feitas. Tudo indica o começo do fim do “Zé Tedesco”. E isso significa para mim o retorno e o reinício das minhas atividades na Faculdade.

De fato, tens razão de queixa, deixei de te escrever por algum tempo, mas sempre recebestes os jornais que te enviei. Isso significava pelo menos que ia bem. Os motivos foram vários, como deves compreender. Quando tiver um tempinho livre sempre escreverei.

E o Astrogildo por que não escreve? Está doente? E o França também? O único que me tem escrito é o Pedro Moacir. O dr. Plínio também me escreveu, por sinal que foi uma carta gentilíssima, que muito me sensibilizou. Tu sempre fostes o elo entre mim e a nossa Faculdade, que pode ter defeitos, mas que representa muito na nossa vida.

Bem, vou terminar aqui. Tenho uma porção de cartas para responder. Aceite um “quebra-costelas” do Simões.

Itália, 26 de maio de 1945.

Caro Cruz Costa.

Um valente abraço! Recebi três cartas tuas datadas respectivamente de 28 de abril, 4 e 7 de maio. Muitíssimo obrigado.

Tenho adquirido muitos livros. Estou com uma “mochila” incrível. Quando for a hora do transporte é que quero ver como me arranjaréi. Há de se dar um jeito...

Não sabemos ainda quando voltaremos. Tudo depende das possibilidades de transporte. Creio (palpite pessoal), que lá pelos meados de julho devemos estar por aí. Não sei quando poderei dar um “pulinho” [em São Paulo]. Mas quando puder, irei dar um abraço aí na turma.

O Saldanha está bem. Mas não o vejo há meses. Ele é o chefe do Serviço Especial, encarregado do bem-estar e divertimento dos nossos homens e eu um “troupiér”, um simples “pé de poeira”. Dificilmente nos encontramos. Mas é “boa praça” e trabalhou bastante nesta guerra. Devemos muita coisa à sua habilidade e energia.

Quando voltar peço evitar aquelas coisas horríveis de jantares e homenagens. Quero sossego, velho Cruz Costa, quero repouso, para poder lecionar novamente o mais breve possível. Evidentemente que vou conversar com os amigos e contar a nossa “odisseia”. Fiz um diário de guerra, sucinto, mas que contém observações muito curiosas. Depois te mostrarei. Vais rir muito.

Sem mais, aceite um “quebra-costelas” do velho Simões.